Nora Roberts

escrevendo como

J.D. ROBB



Julgamento MORTAL

BERTRAND BRASIL

Série Mortal

1 - Nudez Mortal
2 - Glória Mortal
3 - Eternidade Mortal
4 - Êxtase Mortal
5 - Cerimônia Mortal
6 - Vingança Mortal
7 - Natal Mortal
7,1 - Meia-noite Mortal
8 - Conspiração Mortal
9 - Lealdade Mortal
10 - Testemunha Mortal
11 - Julgamento Mortal
12 - Traição Mortal
12,1 - Interlúdio Mortal
13 - Sedução Mortal
14 - Reencontro Mortal
15 - Pureza Mortal
16 - Retrato Mortal
17 - Imitação Mortal
17,1 - Naquele Tempo
18 - Dilema Mortal
19 - Visão Mortal
20 - Sobrevivência Mortal
21 - Origem Mortal
22 - Recordação Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. Robb

Julgamento MORTAL

Tradução

Renato Motta

BERTRAND BRASIL

Copyright© 2000 *by* Nora Roberts
Título original: *Judgment in Death*
Capa: Leonardo Carvalho
Editoração: DFL

2009

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros - RJ

R545j Robb, J. D., 1950-
Julgamento mortal/Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;
tradução Renato Motta. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
434p.

Tradução de: Judgment in death
ISBN 978-85-286-1373-5

1. Romance americano. I. Motta, Renato. II. Título.
CDD-813
09-0066 CDU-821.111 (73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 - 1°. andar - São Cristóvão
20921-380 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (0XX21) 2585-2070 - Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.
Atendemos pelo Reembolso Postal.

Os vícios do poder são basicamente quatro:
a demora, a corrupção, a irregularidade e as facilidades.
— FRANCIS BACON

Um casamento é mais do que quatro
pernas nuas sobre uma cama.
— JOHN HEYWOOD

Capítulo Um

Ela estava em pé junto do bar da boate Purgatório e analisava a morte. O sangue em grandes poças, a ferocidade do seu júbilo. A morte chegara ali como a pirraça de uma criança, cheia de calor, paixão e descuidada brutalidade.

Assassinato quase nunca era assunto limpo. Não importa se ardilosamente calculado ou selvagem e impulsivo, ele costumava deixar uma sujeira imensa para outros limparem.

O trabalho dela era avançar por entre os destroços do crime, recolher os pedaços e descobrir onde eles se encaixavam, a fim de remontar a imagem da vida que tinha sido roubada e, por meio dessa imagem, chegar ao rosto do assassino.

Naquele momento, as primeiras horas em um dia da hesitante primavera de 2059, suas botas esmagavam um mar de vidro quebrado. Os olhos dela, castanhos e objetivos, analisavam toda a cena: vidros estilhaçados, garrafas quebradas, pedaços de madeira lascada. As paredes foram atingidas, as cabines para privacidade dos sócios tinham sido destruídas ou depredadas. O couro caríssimo e o tecido nobre que revestiam os bancos altos do bar, bem como os sofisticados grupos estofados, tinham sido rasgados até se transformarem em trapos coloridos.

O que antes fora um sofisticado clube de striptease virara uma pilha indistinta de lixo caro.

O que antes fora um homem estava caído atrás do balcão em curva. Agora era uma vítima empapada no próprio sangue.

A tenente Eve Dallas se agachou ao lado do cadáver. Ela era policial e a partir daquele instante a vítima lhe pertencia.

— Homem. Negro. Trinta e poucos anos. Traumatismo maciço em todo o corpo, cabeça e membros. Fraturas múltiplas — declarou ela para um gravador. Pegando um medidor de temperatura no kit de serviço, mediu o nível de calor do corpo e a temperatura da sala. — Parece que a fratura do crânio foi a causa da morte, mas a destruição não parou por aí.

— Ele foi cruelmente massacrado.

Eve concordou com sua assistente, dando um grunhido. Analisava o que havia sobrado de um homem corpulento no auge da forma física, com um metro e noventa de altura e pouco mais de cem quilos de músculos bem cuidados.

— O que você vê nesta cena, Peabody?

Na mesma hora, Peabody mudou de posição, esticou as costas e se concentrou em tudo à sua volta.

— A vítima... bem... a mim, parece que este homem foi atacado pelas costas.

O primeiro golpe provavelmente o derrubou ou, pelo menos, o deixou tonto. O assassino foi em frente, golpeando sem parar. Pelo padrão dos respingos de sangue e massa cefálica espalhados pelo local, a vítima foi derrubada pelos golpes na cabeça e a seguir continuou a ser agredida, já caída, provavelmente inconsciente. Alguns ferimentos foram certamente causados depois da morte. O taco de metal, provavelmente a arma do crime, foi usado por alguém de força considerável, possivelmente sob o efeito de drogas pesadas, já que a cena indica um tipo de violência exacerbada, muito comum em usuários de Zeus.

— A hora da morte foi quatro da manhã — declarou Eve, levantando a cabeça em seguida, a fim de olhar para Peabody.

Sua auxiliar se apresentava impecável, com o uniforme imaculadamente limpo, a blusa sem uma única prega e o quepe colocado com precisão sobre os cabelos escuros cortados à altura do pescoço. E, apesar da violência em estado puro que retirara um pouco do brilho de seus olhos, ela agüentava firme.

— Motivo? — perguntou Eve.

— Aparentemente foi roubo, tenente.

— Por quê?

— A caixa registradora do estabelecimento está aberta e vazia. A máquina de fichas de crédito foi quebrada.

— Hum-hum. Um lugar sofisticado como este deve receber a maior parte do dinheiro em fichas de crédito, mas eles teriam pouco dinheiro vivo.

— Viciados em Zeus são capazes de matar por uns trocados.

— Bem lembrado. Mas o que a nossa vítima estaria fazendo sozinha depois do expediente em um clube fechado e em companhia de um viciado? Por que ele deixaria alguém doidão, com a cabeça cheia de Zeus, passar para o lado de trás do balcão? E também... — Com os dedos cobertos pelo spray selante, Eve pegou uma pequena moeda de prata quase submersa em sangue. — Por que o nosso viciado deixaria essas moedas para trás? Há um monte delas espalhadas pelo chão em torno do corpo.

— Talvez ele as tenha deixado cair na hora de fugir — sugeriu Peabody, começando a desconfiar que deixara escapar algo que não passara despercebido a Eve.

— É... Talvez.

Eve contou as moedas. Eram trinta ao todo. Guardou-as em um saco plástico para recolher provas, lacrou-o e o entregou a Peabody. Em seguida, pegou o taco. Estava coberto de sangue e massa cefálica. Pareceu-lhe ter sessenta centímetros de comprimento e o peso certo para fazer estragos.

F*azer estragos de verdade.*

— Isso aqui é de boa qualidade e foi feito de metal nobre, nada que um viciado encontraria em um prédio abandonado. Provavelmente vamos descobrir que essa peça pertencia ao bar e ficava atrás do balcão. Vamos descobrir também, Peabody, que nossa vítima conhecia o seu assassino. Talvez estivesse tomando um drinque depois de o clube fechar.

Os olhos de Eve se estreitaram à medida que ela visualizava a cena.

— Talvez eles tenham discutido — continuou ela. — Provavelmente o nosso assassino já estava com alguma bronca da vítima ao chegar. Sabia onde ficava o taco. Foi para trás do balcão. Algo que já fizera antes, pois o nosso amigo deitado no chão não ligou para o fato. Ele não se mostrou preocupado nem se importou de virar as costas para o agressor.

Ao dizer isso, Eve assumiu a posição que descrevia, medindo a posição do corpo e os respingos de sangue.

— O primeiro golpe fez com que ele fosse lançado de cara contra um espelho da parede atrás do balcão. Observe os cortes em seu rosto. Não são arranhões superficiais feitos por vidro que veio voando. São longos e muito profundos. O morto conseguiu se virar para trás, e foi aí que o assassino lhe aplicou o segundo golpe aqui, perto da mandíbula. Isso o fez girar mais uma vez. Ele agarrou as prateleiras, fazendo-as despencar. Garrafas se quebraram. Foi aí que ele recebeu o golpe mortal. O golpe que rachou seu crânio como um ovo.

Ela tornou a se agachar, colocando-se de cócoras.

— Depois disso o assassino o atacou sem dó nem piedade, e em seguida destruiu o local. Talvez com raiva ou, quem sabe, para encobrir seus motivos. Só que demonstrou controle bastante para voltar ao balcão mais uma vez e apreciar a sua obra antes de sair. Só largou o taco quando tudo acabou.

— Será que ele queria que a cena se parecesse com a de um roubo e forjou um assassinato exagerado, típico de quem ingeriu drogas ilegais pesadas?

— Sim. Ou nossa vítima era um idiota completo ou estamos dando muito crédito ao assassino. Você filmou o corpo e a cena do crime? Por todos os ângulos?

— Sim, senhora.

— Vamos virá-lo de barriga para cima.

Os ossos quebrados estalaram como um saco cheio de cacos de louça quando Eve virou o corpo.

— Droga! Puxa, que droga!

Ela esticou o braço para recolher a identidade manchada da poça de sangue quase coagulado. Com o dedo coberto de selante, limpou a foto e o distintivo.

— Ele estava de serviço.

— Era um policial? — Peabody deu um passo à frente, percebendo o silêncio

que caiu. Todos os técnicos e peritos que trabalhavam do outro lado do balcão pararam de falar e ficaram imóveis.

Todos os rostos se viraram na direção de Eve, esperando a resposta.

— Detetive Taj Kohli. — O rosto de Eve estava sombrio no instante em que ela se levantou. — A vítima era um de nós.

Peabody atravessou o chão coberto de detritos e foi até onde Eve estava em pé, olhando os restos do detetive Taj Kohli que iam sendo ensacados para, em seguida, serem transferidos para o necrotério.

— Acessei seus dados principais, Dallas. Ele estava lotado na 128º DP e lidava com drogas ilegais. Estava na polícia há oito anos. Antes disso serviu no exército. Trinta e sete anos. Casado. Dois filhos.

— Algo estranho em seu registro?

— Nada. Ficha limpa.

— Vamos descobrir se ele investigava algo sob disfarce ou se o seu emprego aqui era apenas um bico. Elliott! Quero todos os discos de segurança.

— Não há disco algum, tenente. — Um rapaz da equipe de peritos foi na direção de Eve. Seu rosto parecia zangado. — Limparam tudo. Levaram todos os discos. Este lugar tinha um excelente serviço de vigilância, com câmeras em toda parte, mas o filho-da-mãe recolheu todos os discos e nos deixou de mãos vazias.

— Sem pistas. — Com as mãos nos quadris, Eve girou o corpo e olhou o ambiente. O clube tinha três andares, um palco para shows no térreo e pistas de dança no primeiro e segundo andares. Cabines privativas formavam um círculo em todo o segundo andar. Para controle total, Eve imaginou que ali devia haver doze câmeras, talvez mais. Recolher todos os discos gravados da sala de segurança deve ter levado algum tempo e demonstrava cuidado.

— Ele conhecia o local — decidiu Eve. — Ou então era um técnico na área de segurança. Fachada — murmurou. — Toda essa destruição foi só fachada. Ele sabia o que fazia. Tinha controle. Peabody, descubra quem é o dono deste clube e quem é o gerente. Quero o nome de todo mundo que trabalha aqui. E também a planta completa do lugar.

— Tenente? — Um perito com ar nervoso foi abrindo caminho em meio ao caos. — Há um civil lá fora.

— Eu sei. E deve haver um monte de curiosos na porta. Mantenha-os longe daqui.

— Sim, senhora. Mas é que um deles insiste em falar com a senhora. Diz que é o dono desse local. E também, ahn...

— "E também..." o que?

— Diz que a senhora é esposa dele.

— Divisão de Entretenimento das Empresas Roarke — anunciou Peabody lendo os dados do clube privê no computador de mão antes de lançar um olhar cauteloso para Eve. — Adivinhe quem é o dono da boate Purgatório?

— Eu devia ter imaginado. — Resignada, Eve seguiu rumo à entrada a passos largos.

* * *

Ele estava com a mesma cara de duas horas antes, quando eles haviam se separado, indo cada qual para o seu trabalho. Era um homem elegante e vistoso. O sobretudo de tecido leve que usava sobre o terno preto balançava de leve à brisa da manhã. A mesma brisa que lhe embaraçava suavemente os cabelos muito pretos que emolduravam um rosto poeticamente pecaminoso. Os óculos escuros que usava para se proteger do sol acrescentavam mais charme ao seu porte elegante.

Ao tirá-los, assim que a viu sair, o azul brilhante dos olhos dele se encontrou com o castanho dos dela. Ele enfiou os óculos no bolso do paletó e ergueu uma sobrancelha.

— Bom-dia, tenente.

— Tive um mau pressentimento assim que coloquei os pés aqui dentro. Esse lugar tem mesmo a sua cara, não é? Por que você precisa ser dono de todos os lugares do mundo?

— Foi meu sonho, desde menino. — Sua voz tinha um lindo sotaque irlandês, leve e musical. Olhou para trás de Eve, onde já haviam colocado uma faixa amarela com o lacre da polícia. — Parece que perturbaram a nossa manhã.

— Por que você disse ao perito que eu sou sua esposa?

— Porque você é minha esposa, mesmo — explicou ele com ar jovial, desviando os olhos para fitá-la. — Aliás, esse é um fato que diariamente me enche de prazer. —Ele tomou-lhe a mão e esfregou a aliança dela com o polegar, antes que ela tivesse a chance de recolhê-la.

— Não toque em mim — avisou ela, entre dentes, e isso o fez sorrir.

— Não foi bem isso o que você me disse há algumas horas. Aliás, pelo que eu me lembro...

— Cale a boca, Roarke! — Eve olhou em torno, embora nenhum dos guardas presentes à cena do crime estivesse fora da boate ou perto o bastante para ouvi-los. — Essa é uma investigação policial.

— Já me contaram.

— Quem lhe contou?

— O chefe da equipe de limpeza foi a pessoa que encontrou o corpo. Ele ligou para a polícia primeiro — apressou-se a informar. — Mas é natural que logo em seguida me avisasse. O que aconteceu?

Não adiantava ficar irritada pelo fato de os negócios deles se entrelaçarem com os dela. Mais uma vez. Eve tentou se consolar com o fato de que aquilo lhe pouparia um bocado de pesquisas e papelada.

— Você tinha um barman chamado Kohli? Taj Kohli?

— Não faço a menor idéia, mas posso descobrir rapidinho. — Ele pegou uma agenda eletrônica muito fina no bolso do paletó e digitou algo no pequeno teclado. — Ele está morto?

— Mortinho da silva.

— Sim, era empregado meu — confirmou Roarke, e o sotaque irlandês pareceu mais frio. — Conseguiu esse emprego há três meses. Meio expediente, quatro noites por semana. Tinha mulher e filhos.

— Sim, eu sei. — Coisas assim sempre o perturbavam e isso comovia Eve. — Além de barman, a vítima era policial — informou ela. Ao ouvir isso, as sobrancelhas dele se ergueram. — Esse detalhe você não tinha em seu banquinho de dados, não é?

— Não. Pelo visto o meu diretor de contratação foi descuidado. Isso será resolvido. Tenho permissão para entrar no local?

— Sim, mas quero saber mais algumas coisinhas. Há quanto tempo você é dono x boate?

— Quatro anos, mais ou menos.

— E tem quantos empregados trabalhando aqui, em horário integral e em meio expediente?

— Vou levantar todos os dados, tenente, e responder a todas as perguntas. — Um ar de irritação brilhou em seus olhos quando ele esticou a mão para abrir a porta da boate. — Agora, por favor, eu gostaria de olhar a minha propriedade.

Ele entrou, observou a destruição e reparou no saco grosso e preto que estava sendo fechado pelos técnicos, enquanto atendentes chegavam com uma maca.

— Como ele foi morto?

— De forma violenta — disse Eve, suspirando ao ver que Roarke se virou e olhou para ela. — A coisa foi feia, certo? Um taco de metal. — Roarke olhou na direção do balcão e reparou na explosão de sangue que se espalhava pelo espelho como uma pintura incompreensível. — Depois dos primeiros golpes ele não sentiu mais nada.

— Você já foi golpeado por um taco de beisebol? Pois eu fui — informou

Roarke, antes de Eve ter a chance de responder. — Não é nada agradável. E me parece ilógico achar que isso foi motivado por roubo, mesmo que a coisa tenha escapado ao controle do ladrão.

— Por que diz isso?

— Havia muita bebida de alta classe à mão, o suficiente para deixar qualquer ladrão numa boa por muito tempo. Por que quebrar as garrafas quando se pode vendê-las lá fora? Quando alguém assalta um lugar como esse não é pela merreca em dinheiro vivo que possa estar no caixa, mas sim pelo estoque e talvez para roubar algum equipamento.

— Essa é a voz da experiência?

A provocação arrancou um sorriso dele.

— Naturalmente — concordou Roarke. — A voz da minha experiência, ou seja, a de um cidadão cumpridor das leis que possui uma boate.

— Certo.

— Onde estão os discos de segurança com gravações do lugar?

— Sumiram. O assassino levou tudo.

— Isso confirma o fato de que ele planejou o ataque com antecedência.

— Eram quantas câmeras?

Mais uma vez Roarke consultou sua agenda eletrônica.

— Dezoito. Nove no térreo, seis no segundo andar e as outras três no último, com visão panorâmica. Antes que você pergunte, a boate fecha às três da manhã e os funcionários ficam aqui mais meia hora depois do expediente. A última apresentação ao vivo acaba às duas. Os músicos e as artistas...

— Dançarinas de striptease.

— Como quiser — disse ele, sem expressão. — Elas vão embora logo depois. Vou providenciar todos os nomes e horários de trabalho dos funcionários em menos de uma hora.

— Obrigada. Por que esse nome... Purgatório?

— Por quê? — A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios. — Gosto dele. Os padres ensinam que o purgatório é um lugar de reparação, de reabilitação, talvez. Uma espécie de prisão. Eu sempre encarei o purgatório como a última chance de ser apenas humano — explicou ele —, antes de lhe prenderem as asinhas e a auréola ou lançarem você no fogo eterno.

— Qual você escolheria? — especulou Eve. — As asinhas ou o fogo?

— Aí é que está o problema, entende? Eu prefiro continuar humano. — Quando a maca foi embora, ele passou a mão pelos cabelos castanhos dela, cortados muito curtos. — Sinto muito por tudo isso, Eve.

— Eu também. Existe algum motivo para um detetive da polícia de Nova York

estar trabalhando sob disfarce aqui?

— Não sei dizer. Certamente que alguns clientes da boate Purgatório têm interesse em áreas não exatamente aprovadas pela polícia de Nova York, mas não fui informado de nada que esteja rolando abertamente neste lugar. Pode ser que algumas drogas ilegais troquem de mãos nas cabines privativas ou por baixo das mesas, mas não existe tráfico aqui. Eu saberia. Por falar nisso, as strippers não saem com clientes, a não ser as que também são acompanhantes autorizadas, e há poucas no elenco. Nenhum menor de idade é admitido no local — nem como cliente nem como empregado. Sigo alguns padrões, tenente, como você bem sabe.

— Não estou reclamando de nada. É que eu preciso ter uma visão geral.

— Mas está pau da vida por eu estar aqui, para começo de conversa.

Eve entrou e esperou na porta alguns instantes, com os cabelos em desalinho devido à louca dança da brisa matinal lá de fora. Assim que os rapazes do necrotério abriram a porta da boate com o corpo de Kohli, os sons da rua invadiram o salão.

O tráfego já estava mais pesado. Os carros se comprimiam buzinando, com os motoristas irritados, e os veículos aéreos enchiam o céu. Eve ouviu o grito assustado do primeiro vendedor de cachorros-quentes da área, que avistou os peritos e perguntou: "Que diabos aconteceu aqui?"

— Tudo bem, eu realmente estou pau da vida por você estar aqui — confessou ela —, mas vou superar. Quando foi a sua última visita a esse local, Roarke?

— Faz meses. O negócio corre bem sem precisar da minha atenção.

— Quem é o gerente?

— Rue MacLean. Vou lhe passar todas as informações sobre ela.

— Quanto antes melhor. Quer dar uma olhada no lugar com mais calma?

— Não adianta nada, pelo menos até eu conseguir me lembrar de como o ambiente era. Mas vou querer entrar assim que o local for liberado.

— Vou cuidar disso. O que foi, Peabody? — perguntou Eve, girando o corpo na direção da auxiliar que se aproximava pigarreando.

— Desculpe-me, senhora, mas devo informá-la de que entramos em contato com o oficial superior da vítima. Ele mandou alguém da unidade, acompanhado por um conselheiro, a fim de informar a família da vítima. Querem saber se devem esperar pela senhora, antes de visitar a esposa.

— Peça-lhes para me esperar, sim. Estamos encerrando aqui e eu me encontro com eles. Preciso ir agora — disse a Roarke.

— Não invejo o seu trabalho, tenente. — Como precisava de contato físico, ele a tomou pela mão e enlaçou os dedos com os dela. — Vou deixá-la trabalhar e

enviarei as informações de que você precisa o mais rápido que puder.

— Roarke? — chamou ela, ao vê-lo ir em direção à porta. — Sinto muito pelos danos à sua propriedade.

— É só vidro e madeira. Tem muito mais de onde eles vieram — replicou ele, olhando para ela por sobre os ombros.

— Ele não está falando sério — murmurou Eve, ao vê-lo fechar a porta.

— Como disse, senhora?

— Mexeram com Roarke e ele não vai deixar barato. — Eve suspirou com força. — Vamos lá, Peabody, vamos visitar a viúva e resolver logo esse inferno.

Os Kohli moravam em um prédio de classe média no East Side. O tipo de lugar, refletiu Eve, onde era normal encontrar famílias jovens e casais de idosos aposentados. Não era um edifício suficientemente descolado para empolgar solteiros nem barato demais a ponto de atrair quem ganhava pouco.

Era um prédio simples, agradável sem ser elegante, com uma arquitetura típica da reurbanização pós-Guerras Urbanas.

A segurança da portaria consistia em uma senha simples.

Eve avistou os policiais antes mesmo de estacionar em fila dupla e acionar a luz indicadora de "policial em serviço".

A mulher estava muito bem vestida e exibia cabelos com pontas alouradas que se voltavam para fora à altura do queixo. Usava óculos escuros e um discreto tailleur azulmarinho. Pelos sapatos de sola fina, Eve percebeu que ela não trabalhava na rua.

Tinha alta patente, disso Eve sabia.

O homem tinha ombros largos e uma barriguinha de chope. Deixara o cabelo abundante ficar grisalho e os fios brancos dançavam na brisa em volta de um rosto calmo e sério. Ele usava sapatos de tira, com solado grosso e tão bem engraxados que pareciam de verniz. O paletó do terno estava apertado e os punhos muito gastos começavam a desfiar nas pontas.

Um veterano, julgou Eve, daqueles que passaram a vida em plantões e trabalho de rua até chegar às salas refrigeradas.

— Tenente Dallas. — A mulher se adiantou, mas não ofereceu a mão para um cumprimento formal. — Eu a reconheci. A senhora aparece muito na mídia. — A frase não foi em tom de censura, mas havia um certo ar de ressentimento nela. — Sou a capitã Roth, da 128º DP. Este é o sargento Clooney, que também trabalha conosco. Ele veio aqui como conselheiro.

— Obrigada por me esperarem. Esta é minha auxiliar, policial Peabody.

— Qual a posição do caso, tenente?

— O corpo do detetive Kohli foi removido para o necrotério e terá prioridade Meu relatório será apresentado assim que notificarmos o falecimento do colega à sua esposa.

Eve parou de falar para não precisar gritar, pois um maxiônibus freou na curva a meio quarteirão dali, com muito estardalhaço.

— Nesse momento, capitã Roth — continuou Eve —, tenho um policial morto, vítima de um brutal espancamento ocorrido nas primeiras horas da manhã de hoje em uma boate, depois do horário de encerramento. Uma boate onde ele trabalhava como barman, em regime de meio expediente, quatro noites por semana.

— Um caso de roubo, talvez?

— Pouco provável.

— Então qual é o motivo do crime, na sua opinião?

Uma semente de ressentimento se plantou no espírito de Eve e ia crescer muito se ela não fosse cautelosa.

— Ainda não tenho opinião formada a respeito dos motivos do crime. Capitã, a senhora quer que fiquemos aqui em pé no meio da rua? Não prefere ler meu relatório depois que eu o apresentar?

Roth abriu a boca, mas reprimiu seu pensamento sem expressá-lo.

— Tem razão, tenente — disse apenas. — O detetive Kohli trabalhou sob minhas ordens durante cinco anos. Vou ser direta com a senhora. No fundo, eu gostaria que essa investigação fosse efetuada por nós mesmos.

— Agradeço a sua gentileza e respeito seus sentimentos, capitã Roth. Posso apenas lhe assegurar que, enquanto eu permanecer como investigadora principal deste caso, a morte do detetive Kohli receberá minha completa atenção.

T*ire essa droga de óculos escuros,* pensou Eve. *Quero ver seus olhos.*

— A senhora pode solicitar a transferência do caso para a sua jurisdição, se desejar, capitã — continuou Eve —, mas, para ser franca, não pretendo abrir mão dele com facilidade. Examinei o corpo do detetive agora há pouco e vi o que fizeram com ele. Garanto-lhe que a senhora não deseja encontrar o assassino mais do que eu.

— Capitã... — Clooney deu um passo em frente, colocando a mão de leve sobre o braço de Roth, à altura do cotovelo. Havia pequenas rugas em torno dos seus olhos azul-claros e elas o faziam parecer cansado e, por algum motivo, confiável. — Tenente... As emoções parecem ter tomado conta de todos nós no momento. Só que temos uma tarefa a cumprir aqui e agora. — Ele olhou para cima, fitando uma janela do quarto andar. — O que quer que sintamos não vai chegar perto da dor que haverá lá em cima.

— Tem razão. Tem toda razão, Art — concordou a capita. — Vamos logo fazer o que deve ser feito.

Roth se virou para o portão do prédio, digitou um código e passou seu cartão mestre.

— Tenente? — Clooney se voltou para Eve. — Sei que a senhora precisa interrogar Patsy, esposa de Taj. Peço-lhe apenas que vá com calma, no início. Conheço muito bem a dor pela qual ela vai passar. Perdi um filho no cumprimento do dever, alguns meses atrás. Isso abre um rombo na alma da gente.

— Não pretendo maltratá-la, Clooney. — Eve passou pelo portão de forma impetuosa, mas se segurou, parou e olhou para trás. — Eu não o conhecia, sargento — explicou, com a voz mais calma —, mas ele foi assassinado e era um policial. Isso me basta, certo?

— Sim, sim. Está certo.

— Nossa, como eu odeio isso — continuou Eve, a caminho do elevador. — Como você consegue fazer esse trabalho? — perguntou a Clooney. — Oferecer apoio psicológico. Como agüenta?

— Para ser franco, eles me colocaram nesse cargo porque tenho um jeito especial para manter a calma. Já trabalhei como mediador — acrescentou ele, com um sorriso curto. — Aceitei o lugar de conselheiro, resolvi experimentar e descobri que consigo bons resultados. Conheço de perto o que as pessoas sentem... já vi e passei por tudo isso.

Ele apertou os lábios ao entrar no elevador. O sorriso desaparecera por completo.

— A gente agüenta por saber que pode ajudar — continuou ele. — Pelo menos um pouco. Faz diferença quando o conselheiro é policial. Nos últimos meses, descobri que a diferença é ainda maior se o conselheiro for alguém que teve uma perda muito grande. A senhora já perdeu algum ente querido ou alguém da família, tenente?

Eve teve uma visão relâmpago de um quarto caindo aos pedaços, o cadáver ensangüentado de um homem e a menininha que ela fora, encolhida em um canto com o braço quebrado.

— Não tenho família, sargento.

— Então... — Foi tudo o que Clooney disse, ao saltar no quarto andar.

Ela ia descobrir assim que os visse, e todos sabiam disso. A esposa de um policial saberia no instante em que atendesse a porta. O modo como as palavras eram ditas variavam um pouco, mas não modificava as coisas. No instante em que a porta se abrisse, várias vidas iriam mudar para sempre e de forma irrevogável.

Eles nem ao menos tiveram a chance de bater na porta.

Patsy Kohli era uma linda mulher com a pele cor de ébano e cabelos muito pretos e curtos. Estava vestida para sair e trazia um bebê preso junto ao peito. O menino ao lado segurava-lhe a mão com força e agitava-se, frenético, sem sair do lugar.

— Quero ir no balanço! Quero ir no balanço!

Sua mãe, porém, pareceu petrificada e o sorriso estampado em seus lábios foi morrendo lentamente. Levantou a mão e apertou o bebê no colo, aconchegando-o ao coração.

— Taj!

Roth tinha tirado os óculos escuros. Seus olhos tinham um tom frio de azul e se mantinham rigidamente sem expressão.

— Patsy. Precisamos entrar.

— Taj. — Patsy permaneceu exatamente onde estava, balançando a cabeça lentamente para os lados. — Taj!

— Por favor, Patsy. — Clooney tomou a dianteira e passou a mão em torno dos ombros dela. — Por que não sentamos?

— Não. Não... Não!

O garotinho começou a chorar, gritando ao mesmo tempo em que puxava a mãe pela manga da roupa, sem resposta. Tanto Roth quanto Eve olharam para o menino com ar de puro pânico.

Peabody se espremeu entre elas e se agachou até o nível do menino.

— Oi, amigão.

— Quero ir no balanço! — disse ele com ar de lamento, e grossas lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rostinho rechonchudo.

—Tá legal! Tenente, que tal se eu levar o menino lá para fora?

— Boa idéia! Bem pensado, Peabody. — Eve sentiu fisgadas de dor no estômago diante dos soluços do menino, que aumentavam. — Sra. Kohli, com a sua permissão, a minha auxiliar vai levar seu filho para fora por alguns minutos. Acho que é o melhor a fazer.

— Chad. — Patsy olhou para baixo como se voltasse de um sonho. — Nós estávamos indo ao parquinho. Fica a dois quarteirões daqui. Lá tem alguns balanços.

— Pode deixar que eu o levo até lá, Sra. Kohli. Estaremos bem. — Com uma facilidade que fez Eve franzir o cenho de espanto, Peabody pegou o menino no colo e o colocou apoiado no quadril. — E aí, Chad? Você gosta de cachorro-quente de soja?

— Patsy, por que não me dá o seu bebê? — Com todo o cuidado, Clooney desafivelou a correia e soltou o bebê. Em seguida, para choque de Eve, entregou o

pequeno embrulho para ela segurar.

— Ahn, escute, eu não sei...

Mas Clooney já encaminhava Patsy para o sofá, e Eve ficou para trás segurando o pacote. Pelo menos era assim que ela o via. Franzindo a testa, olhou para baixo e, ao ver duas jabuticabas imensas olhando para ela com curiosidade, as palmas de suas mãos ficaram suadas.

Quando o bebê fez *guhh*, ela sentiu a boca ficar completamente seca.

Olhou em torno da sala, buscando ajuda. Clooney e a capitã Roth já estavam com Patsy, um de cada lado, e a voz de Clooney era pouco mais que um murmúrio. A sala era pequena e tinha muitas coisas espalhadas, especialmente brinquedos pelo tapete, além de um aroma — desconhecido para Eve — que parecia uma mistura de talco, giz de cera e açúcar. Cheiro de criança.

Eve avistou uma cesta de roupa limpa e recém-dobrada no chão, ao lado de uma cadeira. Perfeito, decidiu. Com o cuidado de quem lida com uma bomba caseira, colocou o bebê dentro da cesta.

— Fique aí — sussurrou ela, dando tapinhas desajeitados na cabecinha morena e penugenta.

E conseguiu respirar de novo.

Virou-se para a sala e viu a mulher no sofá tentando se recompor, balançando-se para a frente com as mãos agarradas às de Clooney. Não emitia som algum, mas as lágrimas desciam-lhe pelo rosto como se ela estivesse debaixo de chuva.

Eve se manteve fora de cena, observando o trabalho de Clooney e apreciando a unidade de apoio que se postara nos dois lados da viúva. *Aquilo*, pensou Eve, *era família. Por causa disso as coisas valiam a pena e, em momentos como esse, era tudo com o que se podia contar.*

O pesar desceu sobre a sala como uma névoa. Pelo visto, refletiu Eve, levaria muito tempo para aquele manto pesado se dissipar.

— Foi culpa minha. Foi tudo culpa minha. — Essas foram as primeiras palavras de Patsy desde que sentara no sofá.

— Não! — Clooney apertou-lhe a mão até obrigá-la a erguer a cabeça. As vítimas precisavam encarar o policial olho no olho, conforme Eve bem sabia. Para acreditar em você e receber o conforto oferecido, elas precisavam ver a mensagem nos olhos de quem consolava. — É claro que a culpa não foi sua, Patsy.

— Ele não estaria trabalhando naquele lugar se não fosse por mim. Eu não quis voltar a trabalhar depois que Jill nasceu. Preferi ficar em casa. Só que o salário de mãe profissional oferecido pelo governo era muito menor que do...

— Patsy, Taj sentia-se feliz por você estar em casa cuidando das crianças.

Tinha muito orgulho de você e deles.

— Não posso contar a Chad. — Ela recolheu as mãos e colocou-as sobre o rosto. — Como poderei contar-lhe? Como poderemos viver sem Taj? Onde ele está? — Baixando as mãos ela olhou em volta, com a visão opaca. — Preciso vê-lo. Talvez seja um engano.

Eve sabia que aquele era o momento de entrar na conversa.

— Sinto muito, Sra. Kohli, mas não foi engano. Sou a tenente Dallas responsável pela investigação.

— A senhora viu Taj? — Patsy se levantou, quase sem equilíbrio.

— Sim. Sinto muito, sinto de verdade pela sua perda. A senhora pode conversar um pouco comigo, Sra. Kohli? Pode me ajudar a descobrir a pessoa que fez isso?

— Tenente Dallas — disse Roth em tom de censura, mas Patsy balançou a cabeça.

— Não, pode deixar. Eu quero falar. Taj iria querer que eu falasse. Ele iria querer que eu... Onde está Jilly? Onde está minha filhinha?

— Eu, ahn... — Sentindo o suor frio voltar, Eve apontou para a cesta no chão.

— Oh. — Patsy enxugou o rosto e sorriu. — Ela é tão boazinha. Um amor. Quase não chora. Preciso colocá-la no berço.

— Pode deixar que faço isso para você, Patsy — ofereceu-se Clooney, levantando-se. — Fique aqui e converse com a tenente. — Lançou um olhar expressivo para Eve, cheio de dor e compreensão. — Tem razão, é isso que Taj gostaria que você fizesse, Patsy. Quer que liguemos para alguém? Sua irmã, talvez?

— Sim. — Patsy respirou fundo. — Quero sim. Por favor, ligue para Carla, em meu nome.

— A capitã Roth fará isso, não é, capitã? Enquanto isso, eu coloco o bebê no berço.

Roth sentiu um conflito interno e rangeu os dentes. Eve não se surpreendeu ao notar o ar de irritação em seu rosto. Clooney, basicamente, tomara conta da situação, e a capitã não era uma mulher acostumada a receber ordens de seu sargento.

— Sim, é claro — assentiu ela. Por fim, lançando um último olhar para Eve, foi para a sala ao lado.

— A senhora faz parte da divisão de Taj, tenente?

— Não, não faço.

— Ah, é claro. — Patsy esfregou a testa. — A senhora deve ser da Divisão de Homicídios. — Ela começava a se desmontar e as palavras saíam de seus lábios como um murmúrio. Então Eve percebeu, admirada, o momento em que ela

endireitou o corpo. — O que quer saber, tenente?

— Seu marido não voltou para casa hoje de manhã. A senhora não ficou preocupada?

— Não. — Ela deu um passo para trás, agarrou o braço do sofá com força e se obrigou a sentar. — Ele me disse que provavelmente iria direto para a delegacia depois que saísse da boate. Ele às vezes fazia isso. Comentou que ia se encontrar com alguém, depois do trabalho.

— Quem?

— Não mencionou o nome, disse apenas que alguém ia lá depois da boate fechar.

— Alguém odiava o seu marido, Sra. Kohli?

— Taj era policial — afirmou ela, com simplicidade. — A senhora conhece alguém que a odeie, tenente?

B*oa pergunta*, pensou Eve, concordando com a cabeça.

— Havia alguém em especial? Alguém que ele tenha mencionado em conversas com a senhora?

— Não. Taj não trazia problemas do trabalho para casa. Creio que isso era uma questão de princípios para ele. Não queria que nada atingisse a sua família. Eu nem sabia em que casos ele trabalhava. Ele não gostava de comentar nada. Mas sei que andava preocupado.

Ela entrelaçou as mãos com firmeza no colo, baixou a cabeça e olhou com atenção para a aliança de ouro em seu dedo. Eve notou.

— Sei que ele estava preocupado com algo, tenente. Perguntei-lhe a respeito, mas ele garantiu que não era nada. Taj sempre fazia isso — acrescentou ela, com um sorriso trêmulo. — Ele era... bem, algumas pessoas diriam que é típico dos homens tentar manter o controle da situação, mas esse era o jeito de Taj. Ele era antiquado a respeito de certas coisas. Era um homem bom. Um pai maravilhoso. E amava o seu trabalho.

Ela pressionou os lábios com força, antes de continuar:

— Taj ficaria orgulhoso por morrer em serviço, mas não assim. Não desse jeito. Quem o matou arrancou isso dele. E o arrancou de mim e dos filhos. Por que as coisas acontecem desse modo, tenente? Por que são assim?

Não havia resposta para isso. O único caminho para Eve era fazer mais perguntas.

Capítulo Dois

— Essa foi barra pesada.

— Foi mesmo. — Eve saiu com o carro da vaga e tentou se livrar do peso — que trouxera sobre os ombros ao deixar o apartamento da família Kohli. — Mas ela vai agüentar firme por causa dos filhos. Aquela mulher tem fibra.

— As crianças são fantásticas. O garoto é uma gracinha. Conseguiu me convencer a lhe comprar um cachorro-quente de soja, três barras de chocolate e um pedaço de bolo com creme.

— Aposto que ele nem precisou forçar a barra.

Peabody abriu um sorriso doce.

— Tenho um sobrinho da idade dele, Dallas.

— Você tem sobrinhos de todas as idades.

— Mais ou menos.

— Então me explique uma coisa, já que você tem experiência com relações de família. Temos aqui um marido e uma esposa que parecem muito próximos, têm um casamento bom, sólido e com lindos filhos. Como é que pode a mulher, que parece ter coragem e cérebro, não saber quase nada a respeito do trabalho do marido, nem de seus negócios ou de sua rotina diária?

— Talvez ele preferisse deixar o trabalho lá fora antes de voltar para casa.

— Isso não me convence — murmurou Eve. — Quando você mora com alguém, acaba sabendo o que a pessoa faz, o que pensa e no que está se metendo. Ela me disse que ele estava preocupado com algo, mas não sabia o que e eu não quis pressionar.

Eve balançou a cabeça, franziu o cenho enquanto costurava pelo trânsito rumo ao centro e completou:

— Não entendo isso!

— Você e Roarke formam um casal com dinâmica diferente.

— Que diabos você quer dizer com isso?

— Bem... — Peabody olhou com o rabo do olho para o perfil de Eve. — Foi um jeito delicado de dizer que vocês dois não admitem que o outro guarde problema algum para si. Quando algo está errado com um de vocês, o outro fareja a encrenca no ar e martela a cabeça do encrencado até ele colocar tudo pra fora. Ambos são xeretas e não admitem que o outro saia pela tangente sem se abrir. Vou lhe contar da minha tia Miriam.

— É necessário?

— O que estou querendo explicar é o seguinte: tia Miriam e tio Jim são

casados há quarenta anos. Ele sai para o trabalho todo dia cedo e só volta à noite. Eles têm quatro filhos, oito netos... Não, acho que são nove... E uma vida superfeliz Tia Miriam nem sabe quanto meu tio ganha. Ele simplesmente dá uma mesada para ela e...

— Uma o quê?! — Eve quase entrou na traseira de um táxi.

— Pois é, eu disse que você tem uma dinâmica diferente no casamento. Como eu dizia, ele entrega a grana para a minha tia para as despesas da casa, essas coisas. Ela lhe pergunta como foi o dia no escritório, ele diz que foi tudo bem e isso é o fim do assunto trabalho. — Peabody encolheu os ombros. — É assim que a coisa funciona com eles. Em compensação, a minha prima Freida...

— Já saquei, Peabody — interrompeu Eve, pegando o *tele-link* do carro para falar com o legista. Sua ligação foi transferida para o telefone de Morse, o chefe dos legistas.

— Ainda estou trabalhando com Taj, Dallas. — Morse apareceu na tela com o rosto estranhamente sombrio. — Ele ficou em um estado lamentável.

— Eu sei. Já terminou o relatório toxicológico?

— Foi a primeira coisa que eu pesquisei. Não havia nenhuma droga ilegal em seu organismo. Ele só tomou duas cervejas e comeu uns pretzels antes de morrer. Creio que tomava cerveja no instante em que foi atingido. A última refeição dele ocorreu seis horas antes; sanduíche de frango em pão integral e salada de macarrão. Depois tomou café. No momento posso apenas assegurar que a vítima gozava de boa saúde e estava em excelente forma física, até que algum filho-da-puta o reduziu a pedacinhos.

— Entendo. A fratura do crânio foi o golpe fatal?

— Eu não lhe disse que ainda estou averiguando? — A voz de Morse pareceu mais áspera e ligeiramente irritada. Antes mesmo de Eve responder ele se desculpou, erguendo a mão coberta de spray selante e exibindo manchas de sangue que iam até o pulso. — Desculpe. Desculpe, Dallas. Dá para ter uma idéia, sim. O agressor chegou por trás. O primeiro golpe atingiu-lhe a parte de trás da cabeça. Os cortes profundos no rosto mostram que a vítima caiu de cara no espelho. O segundo golpe, dado no maxilar, o derrubou no chão. Em seguida, o canalha rachou-lhe o crânio como se fosse uma casca de amendoim. Ele morreu antes mesmo de sentir dor. Todos os outros golpes foram *post-mortem*. Ainda não tenho um relatório final de todos os ferimentos.

— Já consegui o de que precisava, Morse. Desculpe a pressão.

— Tudo bem, o problema é comigo. — Morse encheu de ar as bochechas, com força. — Eu o conhecia, Dallas, então a coisa é meio pessoal. Taj era um cara legal que gostava de exibir hologramas dos filhos. Não há muitos rostos felizes aqui

embaixo, onde eu trabalho. — Os olhos dele se estreitaram. — Fico feliz por você ter assumido o caso, Dallas. Isso me anima um pouco. Mando-lhe o relatório completo ainda hoje.

Morse desligou e a deixou olhando para a tela vazia.

— Ele era muito querido por todo mundo — comentou Eve. — Quem poderia ter tanta bronca de um cara decente, pai orgulhoso e marido carinhoso? Quem está disposto a transformar um tira em purê de tomate sabendo que seus colegas vão se unir para acabar com o assassino? Só pode ser alguém que odiava tremendamente o nosso bom rapaz. Odiava de verdade.

— Alguém que ele colocou atrás das grades?

Não dava para pensar em cada bandido que um tira prendia, refletiu Eve. Mesmo assim, sempre era bom se lembrar deles.

— Se um tira toma um drinque na companhia de alguém que ele próprio mandou para o xadrez e vira as costas para o safado, está pedindo para ser atacado. Vamos agitar o resto dos dados, Peabody. Quero descobrir que tipo de tira era Taj Kohli.

Eve entrou na Central e já ia para a sua sala quando uma mulher à espera, sentada em um banco no corredor, se levantou e se dirigiu a ela:

— Tenente Dallas?

— Isso mesmo.

— Sou Rue MacLean. Acabei de saber de Taj. Eu... — Ela ergueu as mãos. - Roarke me disse que a senhora precisava conversar comigo, e então achei melhor vir direto para cá. Quero ajudar.

— Obrigada. Só um instantinho, por favor. Peabody. — Ela se afastou de lado a fim de conversar com a assistente: — Corra atrás dos técnicos para apressar a investigação sobre Kohli e em seguida pesquise suas finanças.

— Como, senhora? As suas finanças?

— Exato. Se pintar alguma barreira nessa área, ligue para Feeney, da Divisão de Detecção Eletrônica. Cave o mais fundo que puder. Descubra com quem ele se enturmava no trabalho. Já que não conversava sobre isso com a mulher, talvez ele se abrisse com algum colega. Pesquise se ele tinha algum hobby e quais os seus interesses. Quero saber também os casos nos quais ele estava trabalhando ou ia começar a trabalhar. Quero a vida completa dele sobre a minha mesa antes do fim do turno.

— Sim, senhora.

— Srta. MacLean? Por favor. Gostaria que a senhorita me acompanhasse at

uma das salas de interrogatório. Desculpe, mas a minha sala está meio entulhada.

— Como quiser, tenente; não acredito que isso tenha acontecido. Simplesmente não consigo entender como *pôde* acontecer.

— Vamos falar disso. — *Oficialmente,* pensou Eve, enquanto levava Rue pela sala de ocorrências da Central de Polícia até a área de interrogatório. — Gostaria de gravar nossa conversa — disse ela, indicando à visitante uma salinha que mal dava para uma mesa e duas cadeiras.

— Claro. Desejo ajudar.

— Sente-se. — Eve ligou o gravador. — Aqui é a tenente Eve Dallas, em entrevista com a srta. Rue MacLean. A depoente se ofereceu voluntariamente para prestar informações sobre o assassinato de Taj Kohli. Agradecemos que tenha vindo, srta. MacLean.

— Não sei o que eu posso lhe contar que sirva de ajuda.

— A senhorita é gerente da boate onde Taj Kohli trabalhava como barman, em meio expediente?

Esse era o tipo de mulher que Roarke escolheria para o cargo, analisou Eve. Esperta, elegante, simpática. Olhos violeta-escuros, muito preocupados, que cintilavam como jóias em contraste com a pele muito bem cuidada.

Tinha feições delicadas, quase aristocráticas, com um leve ar de determinação no queixo firme. Com um corpo bem torneado e delicado, ela vestia uma saia justa cor de ameixa que deixava de fora suas lindas pernas.

Seus cabelos eram dourados e se apresentavam presos com firmeza em um coque que exigia muita confiança no próprio rosto e nas maçãs salientes.

— A boate Purgatório. Sim, sou gerente de lá há quatro anos.

— E antes de ir trabalhar lá...?

— Era recepcionista em um clube privê no centro. Antes disso era bailarina. Stripper — acrescentou, com um leve sorriso. — Decidi sair de cima do palco e trabalhar onde pudesse permanecer vestida. Foi Roarke quem me deu essa oportunidade. Primeiro, como recepcionista do Trends, e depois, como gerente da boate Purgatório. Seu marido aprecia gente ambiciosa, tenente.

Um assunto que era melhor deixar de fora, pensou Eve.

— Faz parte das suas funções de gerente contratar empregados para a boate?

— Sim, e eu contratei Taj. Ele procurava um emprego de meio expediente. Sua mulher acabara de ter um bebê e optou por virar mãe profissional, bancada pelo governo. Ele precisava de um dinheiro extra para complementar o orçamento e se mostrou disposto a trabalhar no último horário. Além disso, como era bem casado, não ficaria de gracinha em cima das meninas.

— Essas são as únicas qualificações necessárias para um emprego no

Purgatório?

— Não, mas são importantes. — Rue levantou os dedos. Usava um anel simples, feito com três fios de ouro entrelaçados como serpentes e pedras incrustadas na mesma cor de seus olhos. — Ele sabia como preparar drinques e como servi-los. Tinha ótimo olho para clientes-problema. Eu nem sabia que era policial. Sua ficha admissional dizia que ele trabalhava como segurança, e eu confirmei a informação.

— Qual a empresa?

— Lenux. Entrei em contato com o escritório, conversei com o seu supervisor, pelo menos achei que fosse, e recebi seu histórico na firma. Eram dados confiáveis. Contratei-o por duas semanas, como experiência, e ele se saiu tão bem que continuou no emprego.

— A senhorita tem o nome da pessoa com quem conversou na Lenux?

— Sim. — Rue expirou com força. — Já tentei ligar para lá, mas uma gravação me informou que o número foi desligado.

— Gostaria de tê-lo, mesmo assim, para averiguação.

— Claro. — Rue procurou na bolsa e pegou uma agenda. — Não sei por que ele não me contou que era tira — comentou, enquanto transferia o número para a agenda eletrônica de Eve. — Talvez tivesse receio de que eu não o contratasse. Agora veja a ironia... a boate pertence a alguém ligado à polícia.

— Eu não sou a dona da boate.

— Não, mas... — Ela encolheu os ombros e devolveu a agenda a Eve.

— Taj ficou lá depois do expediente. Isso é normal?

— Não, mas também não é estranho. Geralmente o barman da noite e um dos rapazes da segurança ficam até o fim para fechar a boate. Taj estava no bar aquela noite e, pelos meus registros, era Nester Vine que estava com ele. Ainda não consegui encontrá-lo.

— A senhorita comparece à boate todas as noites?

— Cinco vezes por semana. Domingos e segundas são minhas noites de folga. Estive lá ontem à noite até duas e meia da manhã. A boate já estava quase vazia e uma das garotas teve problemas com o namorado. Eu a levei para casa, ouvi seus desabafos por algum tempo e em seguida fui embora.

— A que horas foi isso?

— Quando eu fui embora? — Rue piscou por um momento, pensando. — Umas três e meia, quinze para as quatro. Eu acho.

— Qual o nome da mulher com quem a senhorita ficou até essa hora?

— Mitzi. — Rue sugou o ar com força. — Mitzi Treacher. Tenente, a última vez que eu vi Taj ele estava vivo, servindo no balcão.

— Quero apenas deixar os fatos registrados, srta. MacLean. Tem idéia de como estava a cabeça do detetive Kohli na última vez que o viu?

— Ele me pareceu bem. Não conversamos muito na noite passada. Parei no bar para tomar água mineral umas duas vezes. Perguntei como iam as coisas, comentamos sobre o movimento da casa, esse tipo de coisa. Por Deus! — Ela fechou os olhos com força. — Ele era um bom sujeito. Calado, sossegado. Sempre ligava para a mulher no primeiro intervalo do turno para saber como estavam as coisas em casa.

— Usava o telefone do bar?

— Não. Proibimos ligações pessoais, com exceção de casos de emergência. Ele costumava usar o *tele-link* de mão.

— Taj ligou para casa ontem?

— Não sei, mas sempre ligava. Ontem eu não prestei atenção. Mas... espere — Dessa vez ela fechou os olhos mais lentamente, tentando lembrar. — Ele estava comendo um sanduíche na sala de descanso, nos fundos da boate. Lembro que eu passei pelo corredor e a porta estava aberta. Ele estava fazendo sons engraçados. Falava com o bebê — disse ela, tornando a abrir os olhos. — Eu me lembrei disso agora porque me pareceu algo tolo e comovente ao mesmo tempo, um cara grandalhão daqueles imitando criança pequena no *tele-link*. Isso é importante?

— Estou apenas tentando formar uma imagem. — Não havia nenhum *tele-link* no bolso dele, nem perto do corpo, lembrou Eve. — A senhorita reparou se alguém diferente apareceu ontem ou em alguma outra noite? Alguém que tenha ficado de papo com ele no bar?

— Não. Alguns freqüentadores estão sempre por lá, é claro. Tem gente que aparece várias vezes por semana. Taj já sabia até os drinques prediletos de cada cliente, e eles gostavam disso.

— Ele mantinha amizade com alguém da boate?

— Não em especial. Como eu lhe disse, era um cara sossegado. Muito simpático, mas não se relacionava com ninguém em especial. Fazia o seu trabalho, observava tudo, ouvia.

— Vocês mantinham um taco de metal atrás do balcão?

— Sim, mas isso está dentro da lei — explicou Rue depressa, e então ficou pálida. — Foi essa a arma usada para...

— Alguma vez Taj teve motivo para usar o taco ou ameaçou alguém?

— Não, nunca o usou. — Ela esfregou o peito algumas vezes usando a palma da mão com força. — Taj pegou o bastão uma ou duas vezes e o colocou sobre o balcão apenas para intimidar. Geralmente isso é o bastante, especialmente em se tratando de um sujeito daquele tamanho. A clientela da boate é refinada.

Raramente temos problemas desse tipo. Eu dirijo um lugar de alto nível, tenente Roarke não tolera baixaria.

O relatório preliminar foi objetivo, mas, para Eve, pouco satisfatório. Os fatos estavam ali. Um tira assassinado, massacrado implacavelmente mesmo depois de morto, uma destruição selvagem do lugar que apontava para alguém movido a Zeus ou a alguma terrível combinação de drogas proibidas, uma tentativa patética para fazer tudo parecer um roubo, um *tele-link* desaparecido e trinta moedas de prata espalhadas em volta do corpo.

A vítima trabalhava até altas horas para complementar a renda familiar, não tinha manchas nem elogios em sua ficha de serviço, era muito querido pelos colegas e amado pela família. Não exibia um padrão de vida acima de suas posses, pelo menos até onde Eve pesquisara, nem estava envolvido em casos extraconjugais ou em algum caso perigoso que pudesse tê-lo levado à morte.

Analisando por alto, parecia apenas falta de sorte. Mas é claro que Eve não engolia isso.

Colocou a foto de Taj Kohli na tela e o analisou. Ele era um cara corpulento com uma expressão orgulhosa no olhar. Queixo firme, ombros largos.

— Alguém queria te apagar, Kohli. Quem você deixou tão revoltado a esse ponto?

Ela andou um pouco pela sala e tornou a sentar.

— Computador, rode o programa de probabilidades. Analisando a pasta do caso atual, a *causa mortis* e o exame preliminar do legista, compare os dados. Qual a probabilidade de a vítima Taj Kohli ter conhecido previamente o seu agressor?

Processando... A probabilidade de a vítima Kohli conhecer seu assassino, considerando os dados apresentados é de 93 , 4%.

— É... Para mim é grande. — Ela se inclinou para a frente e passou os dedos pelos cabelos. — Qual o tipo de gente que os tiras conhecem? Outros tiras, informantes, bandidos, familiares. Vizinhos. Quem os atendentes de bar conhecem? — Eve soltou uma risada forçada. — Eles conhecem todo mundo! Qual o uniforme que você usou nesse encontro misterioso, detetive? O de tira ou o de barman?

— Tenente? — Peabody enfiou a cabeça pela fresta da porta. — Descobri em que caso Kohli trabalhava no momento. Não há registro de ele ter solicitado nenhum arquivo para ajudar na investigação. Fui olhar seus dados financeiros.

Títulos, imóveis, contas bancárias, tudo era em conjunto com a esposa. Precisamos de um mandado ou a permissão dela para xeretar os detalhes.

— Deixe que eu cuido disso. E o histórico dele na polícia?

— Está na mão. Nada de especial me chamou atenção. Ele fez parte de uma grande operação há uns seis meses. Um traficante chamado Ricker foi investigado.

— Max Ricker?

— Isso mesmo. Kohli era peixe miúdo, fez basicamente investigações de rua e cuidou da papelada, mas não ganhou os louros, que foram para o tenente Mills e a detetive Martinez. Eles descobriram a ligação entre a rede de traficantes e Ricker. Conseguiram indiciá-lo, mas ele acabou escapando. Mesmo assim, outros seis figurões do cartel foram presos.

— Ricker não é do tipo que estraga as unhas com manchas de sangue, mas aposto que ele não hesitaria em contratar um assassino de aluguel ou até um tira para fazer o serviço.

Essa idéia lhe provocou uma fisgada de empolgação.

— Descubra se Kohli prestou testemunho na operação, Peabody. Pelo jeito, o caso passou pelos juízes antes de os mandados de prisão serem emitidos. Veja qual foi a participação de Kohli nessa história. Peça todos os dados à capitã Roth e, se ela reclamar, passe-a para mim. Vou ver o comandante.

O comandante Whitney permaneceu junto à janela ouvindo Eve relatar os detalhes da investigação. Manteve suas mãos grandes cruzadas atrás das costas enquanto observava o tráfego aéreo.

Um carro com escapamento aberto apareceu soltando fumaça e passou tão junto da janela que o comandante conseguiu ver a cor dos olhos do jovem piloto que violava abertamente as leis municipais.

Corajoso, pensou Whitney, distraído. E *burro* também, acrescentou mentalmente ao ouvir o som agudo da sirene de uma patrulhinha que saiu em seu encalço.

Ele será agarrado, imaginou o comandante. Devia ser sempre assim tão fácil manter a lei.

Quando Eve ficou em silêncio às suas costas, Whitney girou o corpo. Seu rosto era moreno e largo. Seu corte de cabelo em estilo militar, muito curto, já exibia alguns fios brancos. Era um homem musculoso, com olhos frios, mas serenos, que passara metade da carreira nas ruas. Embora estivesse atrás de uma mesa agora, não esqueceu o que significava trabalhar com uma arma no coldre.

— Antes de comentar sobre o relatório, tenente, devo informá-la de que

recebi um pedido especial da capitã Roth, da 128ª DP. Ela requisitou a transferência do homicídio de Kohli para lá, a fim de o crime ser investigado por sua equipe.

— Sim, senhor. Ela me deu a entender que faria isso.

— Qual a sua opinião a respeito?

— Eu a compreendo. É um pedido movido pela emoção.

— Concordo. — O comandante esperou um instante e inclinou a cabeça. — Você não me perguntou se eu vou atender ao pedido da capitã Roth.

— Não existem razões táticas para atendê-la, e se o senhor tivesse decidido transferir a investigação para a capitã Roth teria me dito assim que entrei aqui.

Whitney apertou os lábios, satisfeito, e tornou a se virar para a janela.

— Suas conclusões são acertadas. A investigação permanecerá com você. O caso *é* realmente movido pela emoção, tenente. Não apenas para a equipe da capitã Roth, mas também para todos os policiais de Nova York. É difícil ver um de nós tombar, mesmo conhecendo os riscos que corremos. A questão é que a natureza desse assassinato nos leva a outro nível. Pelo excesso de violência, não me parece ter sido obra de um profissional.

— Não, mas eu não descartei essa possibilidade. Se Ricker estiver envolvido, a pessoa que contratou pode ter sido instruída a fazer um estrago grande. Ainda não sei o tipo de policial que Kohli era, comandante. Não sei se ele era tolo ou arrogante o bastante para se deixar em posição vulnerável diante de um dos capangas de Ricker. Peabody está correndo atrás de seus relatórios e do caso no qual estava trabalhando. Preciso descobrir de quem ele era amigo, os nomes de seus informantes, até que ponto ele se envolveu com a investigação de Ricker e com o julgamento.

— Não é a primeira vez que Ricker é suspeito de contratar a morte de um tira. Só que geralmente ele é mais sutil.

— Existe algo em nível pessoal nessa morte, comandante. Se o problema é o distintivo ou o próprio Kohli, eu ainda não sei. Só sei que foi pessoal. Roarke é o dono da boate — acrescentou ela.

— Sim, foi o que ouvi dizer. — O comandante se virou, analisou o rosto de Eve e foi até a sua mesa. — Vai ser realmente pessoal, certo, tenente?

— Certamente será mais fácil e mais rápido obter os dados sobre a boate, tanto com os funcionários quanto com a clientela. A gerente já apareceu voluntariamente para uma entrevista. O fato de Kohli esconder que pertencia à polícia me faz imaginar se ele não investigava algo por conta própria. Ele mentiu sobre sua profissão e se deu ao trabalho de conseguir referências falsas de um ex-patrão. Não há indícios de que estivesse trabalhando à paisana para sua divisão, e isso mostra que era algo extra-oficial.

— Também não tenho conhecimento de nenhuma investigação, oficial ou não, que exigisse o detetive Kohli trabalhando no Purgatório sob disfarce. Mesmo assim, vou confirmar tudo com a capitã Roth. — Ele ergueu a mão antes de Eve ter chance de reclamar. — Vai ser mais tranqüilo se isso for verificado por mim em vez de você, Dallas. Vamos manter as coisas calmas.

— Sim, senhor. — Mas isso a incomodou. — Quero um mandado para investigar as finanças de Kohli, comandante. Todas as aplicações dele são em conjunto com a esposa. Prefiro não pedir carta branca à Sra. Kohli para xeretar isso.

— Nem deve alertá-la de que haverá uma investigação — completou ele, espalmando as mãos na mesa. — Você acha que ele estava com problemas de grana?

— Gostaria de eliminar esse ângulo, senhor.

— Pois então faça isso — ordenou ele. — Sem alarde. Eu lhe envio o mandado. Descubra quem é esse assassino de tira.

Eve gastou o resto do dia passando um pente-fino no histórico de Kohli, familiarizandose com o caso em que ele atuava e tentando montar um perfil do homem. E do policial.

Viu que ele era um policial comum, de carreira, que desempenhava suas funções de forma segura, ainda que abaixo do seu potencial. Quase nunca faltava ao trabalho e raramente ficava na delegacia depois do horário.

Nunca usara sua arma cm força máxima e, portanto, nunca precisou encarar a terrível bateria de testes psicológicos que se seguia.

Mesmo assim ele encerrara ou ajudara a encerrar um bom número de casos; seus relatórios sobre os casos fechados e os ainda em curso eram precisos, bem escritos e completos.

Um homem, avaliou Eve, que seguia as regras, fazia as tarefas que lhe eram designadas e deixava o trabalho para trás ao ir para casa à noite.

Como...?, especulou consigo mesma. *Como é que alguém conseguia fazer isso?*

Seu histórico militar era semelhante. Nenhum problema, nenhum momento brilhante. Ele se alistara aos vinte e dois anos e servira durante os seis anos que se seguiram, os dois últimos na polícia militar.

Tudo certinho, todas as peças estavam no lugar. Kohli levava uma vida absolutamente normal e perfeita. Talvez perfeita demais.

A ligação para Nester Vine, segurança da boate Purgatório, colocou Eve frente a frente com a esposa mal-humorada dele na tela. Ela informou que Vine chegara do trabalho mais cedo naquela madrugada, passando mal do estômago e

vomitando muito. Ela acabara de chegar do hospital para onde levara o marido às três da manhã, e ele acabou sendo operado de apendicite.

Em questão de álibi, esse era perfeito. A única dica que Eve recebeu da Sra Vine foi que ela devia entrar em contato com uma stripper chamada Nancie, que ficou na boate depois que Kohli aconselhou Nester a ir para casa.

Para garantir, Eve falou com o hospital e confirmou que eles realmente tinham removido o apêndice de Nester Vine no setor de emergência, naquela madrugada.

Vou riscar o nome de Nester da lista de pessoas a interrogar, pensou Eve, *e substituí-lo pelo da stripper.*

O tenente Mills e a detetive Martinez não deram retorno das ligações. Um estava fazendo trabalho de rua e a outra não foi localizada. Eve deixou uma mensagem para cada um, reuniu as pastas do caso e se preparou para ir embora.

Ia analisar com todo cuidado as finanças de Kohli assim que chegasse em casa.

Encontrou Peabody em sua baia na sala de ocorrências, lidando com a papelada.

— Deixe o resto para amanhã e vá para casa.

— Posso ir? — O rosto de Peabody se acendeu ao olhar para o relógio de pulso. — Já está quase na hora mesmo. Vou jantar com Charles às oito. Mal vou conseguir tempo para me arrumar.

Ao ver que a reação de Eve foi um grunhido, Peabody sorriu.

— Sabe qual é o problema em namorar dois caras ao mesmo tempo?

— Você considera McNab seu namorado?

— Sim. Às vezes ele é um ótimo contraste para Charles. De qualquer modo sabe qual é o problema de namorar os dois?

— Não, Peabody, qual é o problema de namorar os dois?

— Nenhum problema!

Dando uma gargalhada ruidosa, Peabody pegou a bolsa e saiu de sua baia como um foguete.

— A gente se vê amanhã, tenente.

Eve balançou a cabeça. Um cara só já era problema demais para a sua cabeça. E se ela saísse naquele momento da central, talvez conseguisse chegar em casa antes de Roarke, para variar.

A caminho, ela tentou se desligar do caso que tinha em mãos. O tráfego estava terrível e isso serviu para distraí-la, além dos anúncios luminosos que

piscavam à sua volta vendendo tudo, desde a recente coleção de primavera até o mais novo carro esportivo.

Ao ver um rosto familiar surgir em um gigantesco luminoso em animação digital, Eve quase bateu em uma carroça de churrasquinho.

Mavis Freestone, com os cabelos em mil pontas flamejantes, girou sobre a pista cm plena rua 34. Ela riu e deu várias voltas com o corpo. Usava uma roupa ousada, composta de alguns pedaços de pano azul cintilante estrategicamente colocados sobre o corpo. A cada giro os seus cabelos mudavam de vermelho para dourado e depois para verde.

Isso, pensou Eve, com um sorriso tolo pregado no rosto, era a cara de Mavis.

— Puxa, Mavis, veja só que coisa! Isso é que é virada, hein?

Uma virada memorável. A amiga mais antiga de Eve percorrera um longo caminho. Da golpista de rua que Eve prendera há muito tempo ela tinha virado cantora em boates de terceira categoria e agora se tornara uma estrela da música, e estrela de primeira grandeza.

O que ela fazia era música, pensou Eve, *em um sentido bem amplo da palavra.*

Ela pegou o *tele-link* a fim de ligar para Mavis na mesma hora e lhe contar que estava diante de sua versão gigantesca, mas levou um susto quando o aparelho tocou em sua mão.

— Alô! — atendeu Eve, sem conseguir tirar os olhos do luminoso, apesar das buzinadas insistentes atrás dela. — Aqui é a tenente Dallas.

— Oi, Dallas!

— Webster. — Na mesma hora os ombros de Eve ficaram tensos. Ela conhecia Don Webster há muito tempo, em nível pessoal, mas nenhum tira gostava de receber uma ligação direta da corregedoria, a Divisão de Assuntos Internos da polícia. — Por que você ligou para o meu número particular, Webster? A corregedoria exige o uso dos canais oficiais.

— Estava com esperança de falarmos a sós. Você tem alguns minutos?

— Você já está falando a sós comigo.

— Cara a cara.

— Por quê?

— Por favor, Dallas. Dez minutinhos só.

— Estou indo para casa. Procure-me amanhã.

— Dez minutos — ele repetiu. — Encontro você no parque em frente à sua casa.

— Isso tem a ver com a Divisão de Assuntos Internos?

— Pode ser. — Ele lhe lançou um sorriso amplo que só serviu para aumentar as suspeitas dela. — Vejo você no parque, Eve. Estou bem atrás do seu carro.

Ela estreitou os olhos, olhou pelo retrovisor e viu que era verdade. Sem dizer mais nada, desligou.

Eve não parou diante do portão da sua residência e seguiu por mais um quarteirão e meio, por uma questão de princípios, até ter certeza de que havia apenas uma vaga disponível, onde então estacionou o carro.

Não demonstrou surpresa ao ver que Webster simplesmente parou em fila dupla, ignorando os olhares esnobes lançados por um casal elegante que passeava pela rua levando pela coleira um igualmente elegante casal de afghans. Ele ligou a luz de "policial em serviço" do carro e juntou-se a Eve na calçada.

O sorriso de Webster sempre fora uma arma útil e ele a usava naquele momento, mantendo uma expressão amigável nos olhos azul-claros. Seu rosto era alongado, quadrado e provavelmente ganharia um ar de intelectual à medida que envelhecesse. Seus cabelos castanhos balançavam ao vento e o corte lhe caía muito bem.

— Você subiu na vida, Dallas. Sua casa fica num bairro de altíssimo nível.

— É... Todo mês fechamos a rua para dar festas de arromba onde todo mundo fica doidão. O que quer de mim, Webster?

— Como vão as coisas? — perguntou ele, caminhando de um jeito casual pela calçada na direção de alguns arbustos e árvores já com a folhagem nova de primavera.

Furiosa, Eve enfiou as mãos nos bolsos e acompanhou os passos dele.

— As coisas vão bem — respondeu ela. — E com você?

— Não posso reclamar. Está uma noite linda. Adoro a primavera em Nova York.

— E como vai o seu adorado time dos Yankees? Pronto, fim do papo furado. O que você quer?

— Você nunca foi de muita conversa, certo? — Ele lembrava muito bem da primeira e única vez em que conseguira levá-la para a cama. Eles não conversaram sobre nada. — Por que não nos sentamos em um banco? Como eu disse, está uma bela noite.

— Não quero me sentar em um banco com você. Não quero um cachorro-quente nem conversar sobre o tempo. Quero ir para casa. Portanto, se você não tem nada de interessante a me dizer, é exatamente o que eu vou fazer.

Ela girou o corpo e deu três passos para ir embora.

— Você está investigando o assassinato de Kohli.

— Isso mesmo. — Ela se virou e seu alarme interno acendeu a luz vermelha — O que isso tem a ver com a Assuntos Internos?

— Não disse que as duas coisas tinham relação uma com a outra, a não ser a

pesquisa básica que fazemos quando um tira é derrubado.

— E essa pesquisa básica inclui um encontro particular, fora do turno, com a investigadora principal do caso?

— Somos amigos há muito tempo, Eve. — Ele ergueu a mão. — Puxa, nossa história rola desde os tempos de academia. Achei mais descontraído procurar você desse jeito.

Eve manteve os olhos grudados nele enquanto voltava até ficar com o rosto a um palmo do dele.

— Não me insulte, Webster. O que a Divisão de Assuntos Internos tem a ver com a minha investigação?

— Escute, eu li o relatório preliminar. Coisa pesada. Foi terrível para a polícia para a equipe dele e para a sua família.

Uma idéia surgiu na cabeça de Eve.

— Você conhecia Kohli?

— Não pessoalmente. — Webster lançou um sorriso leve com ar ligeiramente amargo. — A maioria dos detetives não gosta de se enturmar com o pessoal da corregedoria. É engraçado como todos reclamam de um tira sujo, mas ninguém gosta de colaborar com quem investiga os podres dele.

— Você está me dizendo que Taj Kohli era um tira sujo?

— Nada disso. Eu não teria autorização para discutir uma investigação interna com você, no caso de haver uma.

— Conversa mole, Webster, isso tudo é papo furado! Estou com um tira morto nas mãos e se ele estiver encrencado com alguma coisa eu devo ser informada.

— Não posso discutir assuntos internos com você. Só que eu reparei que você andou pesquisando as finanças dele.

Eve ficou parada esperando a raiva borbulhante passar.

— Não tenho autorização para discutir uma investigação de homicídio com você. Aliás, por que o meu método de trabalho chamou a atenção do seu esquadrão de ratos?

— Agora é você quem está tentando me deixar irritado. — Ele manteve a compostura e deu de ombros. — Eu só achei que seria melhor vir avisá-la, de forma extra-oficial e na base da amizade, que o departamento, como um todo, prefere que essa investigação seja resolvida bem depressa e sem alarde.

— Rolava algum lance entre Kohli e Ricker?

Dessa vez um músculo se retraiu involuntariamente no rosto de Webster, mas sua voz se manteve calma:

— Não sei do que está falando, Dallas. Só sei que revirar as finanças do

detetive Kohli é um beco sem saída e só vai servir para preocupar sua família. O cara foi morto em horário fora do turno.

— Um cara apanhou até morrer e continuou sendo espancado depois de morto. Era um tira. Uma mulher ficou viúva. Duas crianças perderam o pai. Isso deixa de ter importância só por ter acontecido fora do turno dele?

— Não! — Ele teve a gentileza ou a esperteza de parecer pouco à vontade e desviou o rosto. — Estou falando do que aconteceu, apenas isso.

— Não venha me ensinar como trabalhar, Webster. Não venha me dizer como conduzir uma investigação de assassinato. Você desistiu do trabalho de tira, mas eu não.

— Dallas. — Ele a alcançou antes de Eve chegar novamente à calçada, agarrou-a pelo braço e se preparou para o furacão que vinha quando ela se virou.

Em vez disso, porém, ela o olhou fixamente e com frieza, sem emoção no rosto.

— Tire a mão de mim, Webster. Agora!

Ele atendeu e enfiou a mão no bolso.

— Eve, estou apenas tentando lhe dizer que a Divisão de Assuntos Internos quer que o caso seja solucionado sem muito alarde.

— E o que faz você achar que eu me importo com o que a sua divisão quer? Se você tiver alguma coisa para me contar, e que esteja relacionada com a investigação sobre a morte do detetive Taj Kohli, faça isso no horário de trabalho e pelas vias normais. Não torne a me seguir, Webster. Nunca mais!

Eve entrou no carro, esperou por uma brecha no fluxo de veículos, fez uma curva fechada em U e seguiu para casa.

Ele a viu percorrer a distância e entrar pelos altos portões de ferro que a levavam ao mundo onde ela vivia agora. Respirou fundo três vezes e, ao ver que isso não adiantava, chutou violentamente o pneu traseiro do seu carro.

Ele odiava o que tinha feito. Mais que isso, odiava saber que nunca conseguiu esquecê-la.

Capítulo Três

Eve soltava fumaça pelas orelhas enquanto dirigia pela alameda que a levava à enorme casa de pedra que Roarke transformara em lar. E que virara o lar dela também.

De que adiantava, pensou, tentar deixar a profissão do lado de fora? O que uma mulher podia fazer quando o trabalho a seguia até a porta de casa? Webster estava aprontando alguma... Havia algo estranho ali e, fosse o que fosse, era interesse da corregedoria.

Agora ela precisava se acalmar e esquecer a aporrinhação de ter sido surpreendida por ele a caminho de casa. Era mais importante tentar descobrir o que ele tentou lhe dizer. Mais importante ainda era tentar imaginar o que ele teve tanto cuidado em esconder.

Eve deixou o carro no fim da alameda em vez de guardá-lo na garagem. Gostava de fazer isso para irritar Summerset, o mordomo de Roarke, que era meio sargentão e desagradável de aturar.

Pegou a bolsa com as pastas sobre o caso e já estava em meio à escadaria principal quando parou. Expirou lentamente até sentir-se mais relaxada, virou-se e simplesmente se sentou em um dos degraus.

Estava na hora de tentar algo novo, decidiu. Aquele era um bom momento para sentar e curtir a agradável noite de primavera, aproveitar a beleza das árvores e arbustos cobertos de flores que se espalhavam pelo jardim e se lançavam rumo ao céu. Eve já morava nessa casa havia mais de um ano e raramente, muito raramente, reparava na paisagem. Era hora de apreciar o que Roarke construíra ali e o estilo que colocava em tudo.

A casa em si, com suas torres imponentes, curvas suaves e cintilantes paredes com vidro do chão ao teto, era um monumento ao bom gosto, à riqueza, ao conforto e à elegância. Havia tantos aposentos que era impossível contá-los, e muitos deles exibiam obras de arte, antiguidades e todos os luxos e comodidades que alguém poderia querer para si.

O terreno em volta da casa, porém, se expandia em outro nível de percepção. Ali ela via o toque de um homem que precisava de espaço, exigia isso e comandava tudo. Ao mesmo tempo, era um homem que apreciava o encanto simples de uma flor que iria desabrochar, encantar e murchar, tudo a seu devido tempo.

Roarke decorara o jardim com essas flores, além de árvores que viveriam muito mais do que seus donos em ramagens que se espalhavam, caindo em cascatas. Tudo aquilo estava protegido por altíssimos muros de pedra, imensos

portões de ferro batido e um rígido sistema de segurança que mantinha a cidade do lado de fora.

Mesmo assim, o mundo urbano estava ali perto, farejando os limites da propriedade como um cão faminto e agitado.

Aquilo fazia parte daquele universo. Era parte da dualidade de Roarke. E, Ev reconheceu, dela também.

Roarke tinha crescido nos becos de Dublin, morando em apartamentos minúsculos, e fez tudo o que foi preciso para sobreviver. Eve não tivera infância, e os lampejos de lembranças antigas, imagens fugazes do que lhe acontecera e do que ela fizera para escapar da morte assombravam a mulher na qual ela se tornou.

As defesas de Roarke contra o passado eram o dinheiro, o poder, o controle. A defesa de Eve era um distintivo. Havia pouca coisa que ambos não tivessem feito e não estivessem dispostos a fazer para manter esse escudo em torno deles. Apesar disso, e por algum motivo, os dois eram um casal quase... normal, ela decidiu. Tinham construído um casamento e montado um lar.

Talvez por isso ela pudesse se sentar nos degraus de entrada da sua casa, ainda com os horrores do dia apertando-lhe o coração, e se deixar ficar ali, olhando as flores recém-abertas que dançavam na brisa. Enquanto esperava por ele.

Ela notou quando o carro preto e comprido aproximou-se silenciosamente da residência. Esperou Roarke sair pela porta traseira e o viu trocar algumas palavras com o motorista. Quando o carro foi embora, ele foi caminhando na direção dela com o seu jeito típico, olhando-a fixamente. Ninguém olhava para Eve do jeito que ele fazia. Era como se nada e mais ninguém existissem no mundo.

Não importava quantas vezes ela vivenciasse a cena, aquele olhar dele, longo e focado, sempre a deixava com o coração aos pulos.

Ele se sentou ao lado dela, colocou a pasta no degrau de baixo e se recostou no degrau de cima, na mesma posição dela.

— Oi — ela o saudou.

— Oi. Está uma linda noite.

— É verdade. E as flores estão muito bonitas.

— Estão mesmo. É a renovação da primavera. Um clichê, é claro, mas verdadeiro, como a maioria dos clichês. — Ele passou a mão de leve pelos cabelos dela. — O que faz sentada aqui?

— Nada.

— Exato. Essa não é uma característica sua, minha querida Eve.

— É um teste. Ela esticou as pernas e as Cruzou à altura dos tornozelos. — Estou vendo se consigo deixar o trabalho na Central de Polícia sem trazê-lo para casa.

— E está se saindo bem?

— Basicamente, fracassei. — Com a cabeça tombada para trás, olhando para o céu, ela fechou os olhos e tentou reter um pouco daquele clima. — Eu estava quase conseguindo, ao voltar para casa. Vi o imenso cartaz de Mavis.

— Ah, sim. Ficou realmente espetacular.

— Você não me contou sobre ele.

— Foi instalado hoje. Eu sabia que você iria vê-lo ao voltar para casa e imaginei que seria uma boa surpresa.

— Foi mesmo. — Lembrar isso a fez sorrir. — Quase bati numa carrocinha de lanches e fiquei ali, sorrindo embasbacada para o luminoso, pensando em ligar para Mavis, mas nesse instante o *tele-link* tocou.

— Então o trabalho se intrometeu no seu momento.

— Mais ou menos. Era Webster. — Como Eve fechara o sorriso e tinha a atenção voltada para as árvores, não percebeu a leve tensão no corpo de Roarke. — Don Webster, da corregedoria.

— Sim, eu sei de quem se trata. O que ele queria com você?

— Isso é o que estou tentando descobrir. Ele ligou para o meu*tele-link* pessoal e pediu um encontro a sós comigo.

— Ah, é? — murmurou Roarke, em um tom de voz que decepcionou Eve por ser tão suave e casual.

— Ele me seguiu com o carro desde que eu saí da Central. Acabamos indo para o parque, a um quarteirão aqui de casa, e, depois do papo inicial e da conversa fiada, ele apresentou um belo número de sapateado a respeito do caso Taj Kohli.

Só de lembrar, ela sentiu o sangue ferver, mas continuou:

— Veio com um papo de que a Divisão de Assuntos Internos quer que tudo seja resolvido de forma discreta e não gostou da idéia de eu estar xeretando as finanças de Kohli. Não me disse mais nada, não confirmou nem negou coisa alguma. Garantiu que se tratava apenas de um toque amigável da parte dele, e que era extra-oficial.

— Você acreditou nisso?

— Não. Sei que ele tentou me alertar de algo, mas não gosto dos dedos sujos da corregedoria se metendo nos meus arquivos e casos em aberto.

— Esse cara tem um interesse pessoal por você.

— Webster? — Ela olhou para Roarke, surpresa. — Não, claro que não. Pintou um clima entre nós uma vez, há muitos anos, mas não passou disso. Começou e acabou na mesma noite.

P*ara você, talvez*, pensou Roarke, mas deixou o assunto de lado.

— Foi isso... — continuou Eve. — Não consigo descobrir se o encontro foi

para falar de Kohli ou sobre a ligação de Ricker com essa história.

— Max Ricker?

— Exato. — Os olhos dela se estreitaram. — Você o conhece? Eu devia te imaginado!

— Sim, já nos vimos. Qual a ligação dele com o caso?

— Kohli trabalhou na força-tarefa que bagunçou o coreto de Ricker, uns seis meses atrás. Kohli não teve o papel principal na investigação e Ricker acabou escapando das garras da lei, mas aposto que isso lhe custou um bocado de tempo e dinheiro. Talvez ele esteja mandando apagar alguns policiais que participaram da operação, como vingança.

— O que eu vi hoje no Purgatório não era o estilo de Ricker.

— Ele certamente não quer as impressões digitais dele naquele caos.

— Já entendi. — Roarke ficou calado por alguns instantes. — Você quer saber se alguma vez eu fiz negócios com ele.

— Não perguntei nada disso.

— Perguntou sim. — Ele pegou-a pela mão, beijou-a de leve e se levantou. — Vamos dar uma voltinha.

— Viu só? Eu acabei trazendo o trabalho para casa comigo. — Ela se deixou puxar por ele e sorriu. — O teste já era! Eu devia ter adivinhado.

— Você vai trabalhar melhor se esclarecermos esse ponto. — Ele manteve as mãos dadas com ela e começaram a passear pelo jardim.

A brisa arrancara algumas pétalas das flores nas árvores e elas cobriam o gramado como neve em um manto amarelo e cor-de-rosa. Muitas árvores floridas se exibiam em volta deles e Eve não conhecia o nome de quase nenhuma. O jardim transbordava de canteiros; havia muitas florzinhas azuis e brancas que balançavam alegremente. A luz da tarde quase desaparecera por completo, suavizando o ar. Eve sentiu um perfume frágil e doce de floresdo-campo.

Roarke se abaixou, colheu uma tulipa de copa perfeita, como se fosse esculpida, e a entregou a Eve.

— Não tenho contato nem assuntos com Max Ricker há muitos anos, mas houve um tempo em que tínhamos uma espécie de sociedade.

Eve levantou a tulipa e ouviu a cidade fazendo ruídos e farejando os portões.

— Que tipo de sociedade? — ela quis saber.

Ele parou e virou o rosto dela na sua direção, para que seus olhos se encontrassem. E viu, com tristeza, que os olhos de Eve estavam preocupados.

— Antes de mais nada, quero lhe assegurar que mesmo um homem como eu, que possui, digamos, um gosto eclético para negócios, não tem estômago para certas atividades. Assassinato por aluguel é uma delas. Nunca matei por ele, Eve

Aliás, nunca matei por ninguém, exceto por mim mesmo e em legítima defesa.

Ela concordou com a cabeça.

— Não vamos falar desse assunto, por agora.

— Tudo bem.

Só que eles tinham ido longe demais para voltar atrás. Ela continuou acompanhando o passo dele e quis saber:

— Vocês negociavam algo ilegal?

— Bem, houve uma época, no início de minha carreira de empresário, em que eu não sabia... Não, na verdade não foi bem assim — ele se corrigiu, reconhecendo que honestidade era vital naquele instante. — Para ser franco, eu não era muito seletivo quanto aos produtos com os quais lidava. Sim, eu negociava coisas ilegais de tempos em tempos, e alguns desses negócios envolviam Ricker e sua organização. A última vez em que trabalhamos juntos foi... puxa, deve ter mais de dez anos. Eu não gostava dos métodos de trabalho dele e alcancei um patamar em que não precisava mais negociar com quem não me agradasse.

— Certo.

— Eve... — Ele manteve a mão no rosto dela e a olhou fixamente. — Quando eu conheci você, quase todos os meus negócios já estavam legalizados. Eu tinha feito essa escolha há muito tempo, porque era melhor para mim. Depois de você entrar na minha vida eu me livrei ou legalizei as poucas sociedades ainda questionáveis. E fiz isso porque sabia que era o melhor para você.

— Não precisa me contar o que eu já sei.

— Preciso sim, pelo menos nesse instante. Eu faria quase tudo por você, mas uma das coisas que não faria, nem poderia fazer, é modificar o meu passado e as coisas que me trouxeram até onde estou.

Ela olhou para a tulipa, perfeita e pura, e em seguida para Roarke. Ele não era puro, mas, para ela, era perfeito.

— Não quero que você modifique nada. — Ela colocou as mãos nos ombros dele. — Estamos bem assim.

Mais tarde, depois de jantarem juntos, ambos tiveram o cuidado de não conversar sobre assuntos de trabalho, dele ou dela. Ela foi para o seu escritório e começou a analisar os dados financeiros de Patsy e Taj Kohli.

Eve estudou tudo por vários ângulos, bebeu três xícaras de café, chegou a algumas conclusões e, por fim, se levantou. Bateu de leve na porta que separava o escritório dela do de Roarke e entrou.

Ele estava em seu console de trabalho e ela percebeu que conversava com

alguém em Tóquio. Ele ergueu a mão de leve na direção dela, fora do alcance da câmera, pedindo alguns instantes.

— Sinto muito, mas essas projeções de lucro não me interessam no momento, Fumi-san.

— Esses números são preliminares e podem ser revistos. — A voz que vinha do *tele-link* de Roarke pareceu direta e fria, avaliou Eve, mas não tão fria quanto a de seu marido que, apesar disso, exibia uma expressão educada e calma.

— Talvez possamos conversar novamente sobre o assunto quando seus números forem definitivos — afirmou Roarke.

— Ficaríamos honrados em discutir essa questão mais profundamente com Roarke-san em pessoa. Meus sócios acreditam que uma negociação delicada como esta deveria ser efetuada com a presença física dos envolvidos. Tóquio é linda na primavera. O senhor não gostaria de visitar essa maravilhosa cidade, por nossa conta, em breve?

— Infelizmente tal viagem, embora muitíssimo atraente, será impossível, devido à minha agenda lotada. Entretanto, eu ficaria feliz de encontrar o senhor e seus sócios aqui em Nova York. Se isso lhes for possível, basta entrar em contato com a minha assistente. Ela ficará feliz em organizar a viagem para todos.

Houve uma pequena pausa e então a voz respondeu:

— Obrigado por seu maravilhoso convite, Roarke-san. Vou consultar meus sócios e entrarei em contato com sua assistente o mais rápido possível.

— Estarei à sua disposição. *Domo*, Fumi-san. — Ele desligou.

— O que está comprando agora? — perguntou Eve.

— Ainda falta acertar o contrato final, mas o que você acha de ser dona de um time de beisebol japonês?

— Eu gosto de beisebol — disse Eve, depois de pensar um pouco.

— Que ótimo! Em que posso ajudá-la, tenente?

— Se você estiver muito ocupado comprando times de beisebol eu posso esperar um pouco.

— Não estou comprando nada, pelo menos até as negociações estarem acertadas. — Um ar de lobo surgiu em seus olhos. — ... E no meu território.

— Então vamos lá. Primeira pergunta: se eu me recusasse a conversar sobre o meu trabalho com você ou sobre a minha atividade profissional como um todo, o que você faria?

— Ia lhe dar uma surra, é claro. — Ele se levantou da cadeira, satisfeito, quando ela caiu na gargalhada. — Creio que podemos evitar esse lamentável incidente, já que a sua pergunta não se aplica a nós dois. Por que quer saber isso?

— Deixe-me colocar as coisas de outro modo, já que eu morro de medo de

levar uma surra. É possível duas pessoas estarem casadas, vivendo sob o mesmo teto e uma delas não ter a menor idéia das atividades externas da outra?

Quando ele simplesmente ergueu as sobrancelhas, ela praguejou.

— Você não se aplica a esse caso, Roarke. Ninguém conseguiria saber de todas as suas atividades externas, mesmo. Se bem que eu sei muito bem tudo o que você faz. Você compra qualquer coisa que lhe cai nas mãos, fabrica e vende praticamente todos os produtos conhecidos pela humanidade e hoje, por exemplo, está pensando em comprar um time de beisebol japonês. Viu só?

— Puxa, a minha vida é um livro aberto! — Roarke deu a volta em torno da mesa. — Voltando à sua pergunta, a resposta é sim. Acho que é possível duas pessoas morarem juntas sem imaginar a pressão ou, pelo menos, as complicações do trabalho um do outro, ou suas atividades externas. E se eu gostar de pescar, por exemplo?

— Pescar?

— Estou dando um exemplo. Vamos imaginar, hipoteticamente, que pescar é uma das minhas paixões, e às vezes eu desapareço por alguns dias e vou pescar às margens de um rio em Montana. Você prestaria atenção às minhas descrições de cada peixe que eu peguei ou perdi?

— Pescar? — ela repetiu, fazendo-o rir.

— Viu só? É o que estou dizendo. Portanto, a resposta à sua pergunta inicial é sim. Agora me conte o porquê de tudo isso.

— Estou apenas tentando formar uma imagem. De qualquer modo, já que você pode sentir vontade de me dar uma surra, e nesse caso eu vou ser obrigada a colocá-lo a nocaute, estou disposta a compartilhar alguns dados do meu trabalho com você. Que tal dar uma olhadinha em uma coisa?

— Posso olhar, mas quanto a você me nocautear...? É ruim, viu?

— Não só posso como já fiz isso.

— Você só ganha de mim quando luta de forma desleal — garantiu ele, e a seguiu até o escritório dela, ao lado.

Eve deixara os dados financeiros abertos no telão. Roarke se encostou na quina da mesa com ar descontraído, virou a cabeça meio de lado e começou a analisar tudo.

Lidar com números, conforme ambos sabiam, era tão simples para ele quanto respirar. Roarke se sentiu imediatamente à vontade.

— Gastos normais para uma família de classe média — comentou ele. — O valor do aluguel é razoável e sempre pago em dia. As despesas com custos, manutenção de veículos e vagas de garagem estão um pouco elevadas. Eles deviam ir ao shopping com mais freqüência. Os custos de impostos, roupas, comida e lazer

estão meio baixos. Pelo jeito, eles não saem muito de casa. O fluxo de entrada de dinheiro duas vezes por mês é constante, mas o dia bate com o pagamento dos salários de ambos. Certamente ninguém acusaria essa família de gastar mais do que ganha.

— Não, também acho que não. O que me pareceu estranho foram as despesas com veículos, já que Kohli usava um automóvel fornecido pela polícia e nem ele nem a mulher tinham carros particulares.

— Ah, é? — Franzindo a testa, Roarke reavaliou esse item. — Então tem alguma coisa aqui, mas, com um valor abaixo de quatro mil dólares por mês, certamente não é nenhum grande golpe.

— Qualquer detalhe é importante — murmurou Eve. — Dê só uma olhada nisso aqui. Contas de investimentos. Fundos para pagar a universidade dos filhos, fundos para aposentadoria, poupança. — Ela foi passando as telas até ouvir Roarke exclamar, baixinho:

— Ahhh! Eles pensavam no futuro. Meio milhão de dólares empregados só nos últimos cinco meses, e com bons rendimentos. Apesar disso, eu aconselharia um pouco mais de diversidade nas áreas relacionadas ao crescimento da economia, se o objetivo for realmente financiar a universidade dos filhos.

— Ele não precisa mais de um consultor financeiro. Olhe, um policial não acumula meio milhão de dólares em pouco tempo economizando migalhas. Só consegue isso fazendo algum trabalho sujo. — Com a raiva quase transbordando, Eve se sentou e continuou a falar: — Ele estava levando grana por fora. As perguntas são "de quem" e "para que". Os depósitos e as contas de investimento estão meio escondidos no meio dos extratos, mas não muito. Não estão encriptados para serem descobertos só com pesquisa eletrônica completa. O cara era arrogante ainda por cima.

Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Muito arrogante! — repetiu. — E eu não acho que ele fosse burro. Acho que tinha muita confiança no lance e certeza de que seu traseiro estava protegido.

— Se ele não tivesse sido assassinado, ninguém iria investigar suas finanças — lembrou Roarke. — Seu estilo de vida não era chamativo e ele vivia dentro de seu padrão de salário.

— É, ele fazia o seu trabalho, mas apenas o feijão com arroz, nem mais, nem menos. Voltava para casa à noite e se juntava à sua linda esposa e seus lindos filhos. Então levantava da cama no dia seguinte e repetia tudo o que fizera na véspera. Sem ostentação. Era o tipo de tira em quem ninguém presta muita atenção e do qual todo mundo gosta. Um cara na dele, sossegado. Mas a corregedoria estava de olho nele.

Eve parou diante da tela e continuou a pensar em voz alta.

— A Divisão de Assuntos Internos estava na cola dele e sabia que ele estava levando grana de alguém, mas eles não querem que o assunto venha à tona. Pelo que eu sei, a corregedoria não tem coração, e isso então não pode ser consideração pela viúva enlutada. Só queria saber quem está acobertando quem.

— Talvez estejam apenas defendendo a investigação deles. Se Kohli estava sendo investigado, eles querem receber os louros pela solução desse caso interno.

— Pode ser, mas não quero deixar a coisa de lado. — Essa história não lhe descia bem. — Tira sujo ou não, ele está morto e virou assunto meu. — Eve acenou com a cabeça para a tela. — Quero falar com Max Ricker.

— Tenente — Roarke se colocou por trás dela e começou a massagear-lhe os ombros —, eu tenho plena confiança nas suas habilidades, no seu cérebro e nos seus instintos, mas Ricker é um homem perigoso com gostinho especial por coisas desagradáveis. Especialmente se houver alguma mulher envolvida. Você vai atraí-lo em vários níveis, e um deles é a sua ligação comigo.

— É mesmo? — ela murmurou, girando o corpo.

— Nós não terminamos a sociedade de forma amigável.

— Ótimo, posso usar essa arma, então. Se ele morder a isca, vai ser mais fácil procurar seus advogados e marcar um encontro.

— Deixe que eu faço isso.

— Não.

— Pare e pense. Eu consigo chegar nele de forma mais rápida e direta.

— Não dessa vez, e não desse jeito. Você não pode mudar o seu passado e Ricker faz parte dele — disse Eve —, mas ele não tem nada a ver com o que você é hoje.

— Mas tem a ver com você.

— Isso mesmo, e pretendo manter as coisas assim, separadas. Ou, pelo menos, correndo em paralelo. Se ele fizer parte do esquema, você provavelmente vai descobrir antes mesmo de mim, pois sei que não vai deixar o assunto quieto. Porém, não importa o tipo de tira que Kohli era, sou eu que estou investigando e quero marcar o encontro no momento certo.

— Pelo menos deixe-me dar uma pesquisada no assunto, para você ter mais cartas na mão quando for procurá-lo. — E ele ter mais tempo de fazer o necessário para mantê-la longe de Ricker.

— Então vamos lá... — sugeriu ela, tendo o cuidado de não concordar de todo. — Digame o que você sabe dele. Coloque-me por dentro do lance.

Preocupado, Roarke se afastou dela e foi se servir de um conhaque.

— Ele é muito gentil, educado e sabe ser charmoso quando lhe interessa. É

extremamente vaidoso e adora a companhia de belas mulheres. Quando elas o agradam, é muito generoso. Quando o desagradam... — Roarke se virou, girando o conhaque dentro do cálice — ele sabe usar de brutalidade, sem hesitação. Trata os empregados e sócios do mesmo modo. Uma vez eu o vi cortar a garganta de um criado por ele ter quebrado uma taça de vinho.

— É difícil conseguir bons empregados hoje em dia.

— E como! Sua principal fonte de renda é a fabricação e distribuição de drogas ilegais em grande escala, mas ele também atua na área de armas, assassinatos e sexo. Tem vários policiais importantes no bolso, e isso o mantém protegido. Se você entrar em contato com ele, em menos de uma hora ele vai descobrir tudo a seu respeito. Vai descobrir, Eve, coisas que você preferiria que ninguém soubesse.

O estômago dela se apertou, mas ela concordou com a cabeça.

— Consigo lidar com isso. Ele tem família?

— Tinha um irmão. Dizem que Ricker o eliminou em uma disputa familiar. Só sei que o corpo nunca foi encontrado. Ele tem um filho mais ou menos da minha idade, talvez alguns anos mais novo. Alex. Eu nunca o vi, pois ele morava na Alemanha no tempo em que eu tinha negócios com Ricker, e todos falavam que ele mantinha o filho afastado dos negócios.

— Fraquezas?

— Vaidade, presunção e ganância. Até aqui ele tem conseguido mantê-las com relativa impunidade. Porém, do ano passado para cá começaram a surgir boatos discretos e cautelosos, dando conta de que sua saúde mental está diminuindo e, devido a isso, alguns dos seus negócios estão negligenciados. Essa é uma das vias que eu escolheria para investigar.

— Se ele estiver envolvido com a morte de Kohli, sua impunidade vai acabar. E mesmo que esteja com problemas mentais, isso não vai mantê-lo fora das grades. Você acha que ele concordaria em me ver se eu marcasse um encontro?

— Sim, porque ficará curioso. Mas, se você derrotá-lo, ele nunca vai perdoar isso. Ricker é frio, Eve. É paciente também. Se for preciso esperar um ano ou dez anos para se vingar, ele esperará.

— Então, se eu o derrotar, tenho que fazer com que seja por uma boa causa.

M*ais que isso,* pensou Roarke enquanto terminava o conhaque. *Se Eve fosse atrás de Ricker, Ricker teria que morrer.*

Roarke também sabia ser frio. E paciente.

Ela se aconchegou mais para junto dele no meio da noite. Eve raramente fazia

isso, exceto quando tinha pesadelos. Quando dormia bem, o sono era profundo e desprotegido. Talvez ela sentisse o quanto precisava dele, talvez precisasse se sentir envolvida por ele na escuridão; a intimidade daquele momento descrevia melhor que palavras o que eles haviam se tornado um para o outro.

A boca de Eve encontrou a dele, ofereceu-se, e suas mãos errantes subiram-lhe pelas costas musculosas e tornaram a descer até os quadris.

Eles se enroscaram na cama larga, em uma confusão de membros, carne morna e respiração que acelerava a cada toque.

O sabor dela — lábios, garganta e seios — o satisfazia, como sempre, mas seu apetite começou a aumentar. As batidas do coração dela martelaram contra a mão dele e contra sua boca, e os primeiros sinais de prazer lhe escaparam sob a forma de um gemido baixo.

Ela arqueou as costas com força na direção dele, rendendo-se. Abriu-se em convite e procura.

Ele deslizou para dentro dela — que estava quente e úmida — à espera, e foi ele que gemeu quando a sentiu se apertando em torno dele. Sombras na noite, seus corpos levantavam e baixavam juntos, em um ritmo lento e delicado que cavalgava a noite.

Dando prazer a ela e a si mesmo, ele colocou as mãos sob os quadris dela e a levantou ligeiramente, indo mais fundo.

Ela se apertou ainda mais em volta dele, quase no limite. E quando se sentiu caindo balbuciou o seu nome.

Ele ergueu a cabeça e viu o brilho nos olhos dela que, bem abertos, fitavam-no.

— Eve! — exclamou ele, deixando-se transbordar junto com ela.

Durante a noite, no escuro, ele ficou colado nela, ouvindo-a respirar. Conhecia os muitos e diferentes motivos para um homem matar outro, e sabia que nenhum era mais feroz nem vital do que defender quem ele ama.

Capítulo Quatro

O tenente Alan Mills entrou em contato com Eve pelo comunicador no momento em que ela tomava a segunda xícara de café do dia. A primeira coisa que Eve pensou ao vê-lo na tela foi que ele precisava urgentemente de uma boa dose de cafeína.

Os olhos do policial pareciam sonolentos e irritados, e tinham um tom aquoso e pálido de cinza.

— Olá, Dallas. Sou o tenente Mills. Você está à minha procura?

— Estou. Sou a investigadora principal do homicídio de Taj Kohli.

— Um filho-da-puta esse assassino — reagiu Mills, bufando. — Queria colocar as mãos no safado que matou Kohli. O que conseguiu até agora?

— Uma coisa aqui, outra ali. — Eve não estava disposta a fornecer dados da sua investigação a um homem que parecia ter acabado de levantar da cama e provavelmente dormira com ajuda de algum psicotrópico não aprovado pelo Departamento de Polícia. — Você e a detetive Martinez trabalharam com Kohli no ano passado em uma força-tarefa. O caso Max Ricker.

— Sim, isso mesmo! — Mills esfregou o rosto. Eve conseguiu ouvir o barulho áspero da palma de sua mão sobre a barba por fazer. — Trabalhei com ele e mais uns doze tiras. Mesmo assim, o safado do Ricker conseguiu escorregar pelas frestas da lei. Você acha que ele tem relação com a morte de Kohli?

— Estou averiguando todos os ângulos. Preciso de uma descrição de Kohli, e talvez assim eu consiga uma descrição do seu assassino Tem algum tempo livre hoje, Mills? Você e a detetive Martinez poderiam me encontrar na cena do crime? Eu agradeceria qualquer ajuda que vocês possam me oferecer.

— Ouvi dizer que o caso vai ser transferido para a nossa divisão.

— Pois ouviu errado.

Mills pareceu digerir mal essa informação e não gostou muito da história.

— Kohli trabalhava conosco — argumentou ele.

— Mas agora o caso é meu. Estou precisando de auxílio. Vocês vão me ajudar ou não?

— Eu quero dar uma olhada no lugar onde ele foi morto. Quando?

— Agora seria ótimo. Estarei no Purgatório em vinte minutos.

— Vou acordar Martinez. Ela deve estar fazendo a sesta. É mexicana.

Ele desligou e Eve ficou olhando para o comunicador com ar pensativo, antes de enfiar a mão no bolso da calça.

— Puxa, Mills! Ninguém me avisou que você era um tremendo idiota. Por que

será?

— Esse babaca vai querer provar que é mais macho que você — avisou Roarke. Ele tinha interrompido a análise das bolsas de valores em todo o mundo para observá-la conversando com o colega.

— É... já deu pra perceber.

Eve pegou o coldre e o pendurou sob o braço. Com o mesmo cuidado. avaliou Roarke, com que as outras mulheres colocavam um brinco. Ele se levantou da cadeira e passou o dedo pela covinha do queixo dela.

— Ele vai descobrir logo, logo o quanto está errado. Ninguém é mais macho do que você, tenente.

— Isso é um elogio ou um insulto? — quis saber ela, prendendo a arma no coldre.

— Uma observação apenas. Eu também quero ir dar mais uma olhadinha na cena do crime, para resolver umas questões relacionadas com o seguro.

Q*uestões de seguro, uma ova*, pensou Eve.

— Hoje não, meu chapa. Pode ser que amanhã eu libere a sua entrada lá.

— Sou proprietário do lugar e tenho o direito de verificar os danos contra o meu patrimônio.

— E eu sou investigadora de um homicídio. Tenho o direito de lacrar o local e preservar a cena do crime até me convencer de que todas as possíveis provas foram recolhidas.

— Os técnicos terminaram o trabalho ontem à tarde e a cena já foi gravada. — Ele pegou um disco que estava sobre a mesa da sala de estar que ficava no canto do quarto. — Nesse ponto da investigação o proprietário tem direito a entrar no local do crime em companhia de alguém da polícia e de seu corretor de seguros, a fim de estimar o custo dos reparos. Aqui está o memorando do meu advogado a respeito do assunto, tenente.

Ela pegou o disco que ele lhe estendeu.

— Quem está sendo machão agora? — resmungou ela, fazendo-o sorrir. — Não vou poder lhe dar atenção nenhuma.

Ele foi até o closet e rapidamente escolheu um terno sóbrio entre as incontáveis peças de roupa do seu vestuário. Eve nunca entendera como é que ele conseguia descobrir qual roupa combinava com o quê quando havia tantas peças disponíveis.

— É melhor arranjar um tempinho para mim, pois vou no seu carro, querida. Já acertei tudo para alguém me pegar lá, depois de acabarmos.

— Isso prova que você já tinha planejado tudo antes mesmo de chegar em casa ontem à noite.

— Hummm. — Ele foi até o closet dela e achou uma blusa de lã cinza que combinava com as calças que ela vestira. Se Eve resolvesse escolher a roupa por conta própria, teria levado mais de uma hora indecisa, para no fim vestir a peça errada. — Está um pouco frio hoje— avisou ele, enquanto lhe entregava o suéter.

— Você se acha muito esperto, não é?

— Acho, sim. — Ele se inclinou para beijá-la e habilmente abotoou-lhe a blusa. — Está pronta?

— Não converse com os outros tiras que estarão no local — avisou Eve, enquanto eles se aproximavam da boate.

— Mas o que eu teria a dizer para eles? — Roarke continuou a ler e responder aos e-mails que recebera durante a noite no computador de mão enquanto Eve procurava uma vaga.

— Não circule por lá sem estar acompanhado por mim, por Peabody ou por um policial designado para isso — continuou ela. — E não pegue nada, nadinha mesmo da cena do crime.

— Você estaria interessada em um chalé de verão em Juno, no Alasca? — Roarke olhou para Eve e notou que ela estreitara os olhos. — Não, estou vendo que não. Acho que eu também não estou interessado. Olha só! Já chegamos. — Ele guardou no bolso o computador de mão. — Parece que fomos os primeiros a chegar.

— Roarke, nada de gracinhas.

— Não há perigo. Deixei meu nariz de palhaço no escritório. — Ele saltou do carro. — Quer que eu abra a boate para você, querida? — ofereceu.

— Não me provoque! — Lutando para não entrar na pilha dele, Eve parou diante da porta e digitou um código para liberar o lacre eletrônico. — Se você me aprontar alguma, juro que chamo dois guardas grandalhões para expulsar você daqui.

— Mas, querida, é muito mais excitante quando a brutalidade policial vem de você.

— Pois continue assim, engraçadinho, e você vai ver o que é bom. — Ela empurrou a porta com força. A luz mal entrava pelas janelas estreitas. Ainda dava para sentir o cheiro desagradável de bebida entornada e sangue coagulado misturados com o fedor das substâncias químicas usadas pelos peritos.

— Ligar luzes! — ordenou ela, em voz alta. — Aumentar a intensidade na área do bar.

As lâmpadas que ainda funcionavam se acenderam e lançaram uma luz fria

sobre a destruição.

— Não parece nem um pouco melhor do que ontem — murmurou Roarke, analisando o local e sentindo-se irritado.

— Feche a porta — Eve pediu isso baixinho, respirou fundo e deu início ao que sabia fazer melhor do que ninguém: visualizar-se no centro da cena do crime.

— Ele entrou depois de a boate fechar. Já tinha estado aqui antes. Conhecia o lugar, os detalhes, o sistema de segurança. Talvez trabalhasse aqui, mas, se esse era o caso, foi embora com todo mundo quando a boate fechou. Não queria que ninguém se lembrasse de vê-lo sozinho com Kohli.

Eve se movimentou por entre os escombros na direção do bar.

— Ele se sentou aqui e pediu um drinque — continuou ela. — Mostrou descontração e um jeito casual. Havia negócios a discutir, coisas sobre o que conversar, e eles precisavam de privacidade.

— Por que ele não pediu a Kohli que desativasse as câmeras? — quis saber Roarke.

— Porque não estava preocupado com elas. Pretendia cuidar delas depois. Naquele instante, o lance era apenas um drinque depois do expediente e um bate-papo. Nada que despertasse o instinto policial de Kohli. Se é que ele tinha algum. Kohli se serve de uma cerveja e fica atrás do balcão. Está à vontade. Come uns amendoins. Conhece o cara que está com ele. Provavelmente já tomaram um drinque juntos, em outro dia.

Ela levantou os olhos e observou a localização das câmeras.

— Kohli também não liga para as câmeras. Portanto, eles não estão falando nada comprometedor ou então ele já as desligou antes. Enquanto isso, o cara está sentado bem aqui, pensando em como vai atacar. Vai para trás do balcão e ele mesmo se serve de um drinque.

Eve foi para trás do bar, vendo toda a cena em sua cabeça. Kohli, um cara grande, forte e ágil, vestindo o uniforme da boate. Camisa preta, paletó preto. Bebe cerveja tranqüilamente e de vez em quando se serve de um amendoim.

— O sangue parece latejar na cabeça do assassino e seu coração pula loucamente, mas ele não demonstra. Talvez conte uma piada ou peça a Kohli para pegar alguma coisa, só para fazê-lo virar de costas por um instante. Tempo bastante para pegar o taco e erguê-lo.

Um segundo apenas, pensou ela. Não precisava mais que isso para colocar as mãos em volta do taco com firmeza e girá-lo no ar.

— O primeiro golpe reverberou pelos músculos do seu braço, subindo até os ombros. O sangue espirra para todo lado e o rosto de Kohli é lançado de encontro ao espelho. Garrafas se quebram ruidosamente, como em uma explosão.

"Uma explosão", repetiu ela, com os olhos quase fechados e sem expressão. "O barulho fica ecoando na cabeça dele e faz seu sangue acelerar e ser bombeado mais rápido, por causa da adrenalina. Agora não tem mais volta. Ele balança o taco uma segunda vez e atinge Kohli no rosto. É bom ver o rosto dele, a dor e o choque quando ele cai. O terceiro golpe termina o serviço e abre a sua cabeça. Massa cefálica e sangue espirram por todo lado, mas ainda não é o bastante."

Ela levantou as mãos com os braços esticados e as cruzou como se fosse um batedor de beisebol.

— Ele quer destruir tudo. Golpeia e golpeia sem parar, e o som dos ossos estalando e se quebrando parece música aos seus ouvidos. A raiva passa por dentro dele. Ele sente o gosto do sangue, e sua respiração está ofegante. Quando consegue parar, faz uma pausa para voltar a raciocinar. Pega o distintivo de Kohli em seu bolso e o joga na poça de sangue. Há um significado especial nesse sangue sobre o distintivo no chão, e ele rola o corpo sem vida sobre ele.

Eve parou um instante, pensando.

— Ele está coberto de sangue. Suas mãos, suas roupas e sapatos estão imundos, mas não há sinal disso em parte alguma da boate. Ele trocou de roupa. Teve o cuidado de limpar tudo antes. Os peritos encontraram traços do sangue de Kohli e também pele e massa cefálica no cano da pia do balcão.

Ela girou o corpo e olhou para a cuba da pia sob o balcão, que os peritos tinham deixado coberta de pó, em busca de digitais.

— Ele se lavou aqui, com o corpo caído atrás dele. É um assassino frio, muito frio. Depois de cuidar da limpeza, saiu quebrando tudo. Fez uma festa. Uma celebração. Mas não perdeu a cabeça. Jogou o taco sobre o corpo de Kohli, atrás do balcão. Fez questão de deixar claro o que fizera e como. Em seguida recolheu os discos do sistema de segurança e foi embora.

— Sabe o que é preciso para formar todas essa imagens na cabeça, tenente? Coragem. Um nível espantoso de coragem.

— Faço apenas o que tem de ser feito.

— Não. — Roarke colocou a mão sobre a dela, que lhe pareceu gelada. — Você faz muito mais do que isso.

— Não desvie a minha atenção. — Ela puxou a mão porque estava com frio e se sentiu levemente sem graça. — De qualquer modo, tudo isso é apenas uma teoria.

— Muito boa por sinal. Você me fez enxergar tudo o que aconteceu. Sangue no distintivo. Se você estiver certa sobre a importância desse detalhe, ele provavelmente foi morto por ser tira.

— É, eu sempre acabo voltando a esse ponto.

Ela olhou para trás ao ouvir a porta se abrir. Reconheceu Mills logo de cara embora ele fosse maior do que lhe pareceu na tela. A maior parte da sua massa corporal tinha virado gordura.

Pelo visto, ele não usufruía do programa de condicionamento físico oferecido pela polícia, pensou Eve, nem do tempo livre que os policiais podiam tirar para fazer musculação.

A mulher atrás dele era pequena, magra e parecia pronta para ação. Sua pele tinha o tom azeitonado que sempre fazia Eve pensar em países banhados por muito sol. Seus cabelos eram pretos, brilhantes e vinham presos em um rabo-de-cavalo comprido e elegante. Seus olhos eram quase tão pretos quanto os cabelos e se mostravam alertas e vibrantes.

Ao lado dela, Mills parecia um cão vira-lata sujo e gordo.

— Ouvi dizer que a coisa tinha sido feia. — A voz de Martinez era forte e tinha um leve sotaque. — Mas foi pior ainda. — Seus olhos passaram por Roarke pousaram nele por um instante e então se fixaram em Eve. — Você deve ser a tenente Dallas.

— Isso mesmo. — Eve foi até o centro do salão. — Obrigada por virem até aqui. Este civil é o proprietário do local.

Acenando de leve com a cabeça, Mills foi lentamente até o bar. Ele se movimentava como um urso que comera demais.

— Foi aqui atrás, hein? Que jeito terrível de morrer!

— A maioria dos assassinatos é terrível. — Martinez se virou de repente na direção da porta e seus dedos voaram para a arma no coldre em uma reação rápida demais para o gosto de Eve.

— É a minha assistente — avisou Eve, quando Peabody entrou. — Policial Peabody, estes são a detetive Martinez e o tenente Mills. — Apontando discretamente para o próprio colarinho, ela moveu o corpo para o lado e se virou para seguir Martinez até o bar.

Reconhecendo o sinal, Peabody prendeu o gravador na lapela e o ligou.

— Há quanto tempo vocês conheciam Kohli? — perguntou Eve.

— Eu o conhecia há uns dois anos, quando fui transferida para a 128ª. DP, ao vir do Brooklyn. — Ela olhou para o caos que o assassino deixara atrás de si. — O tenente o conhecia há mais tempo.

— É, desde que era novato. Todo arrumadinho, brilhante e dentro do padrão. Tinha sido militar por algum tempo e trouxe a disciplina com ele. Era um cara que sempre voltava para casa rigorosamente no horário.

— Dê um tempo para o pobre rapaz, Mills — murmurou Martinez. — Estamos pisando no sangue dele.

— Ué, estou apenas sendo sincero. O cara cumpria o horário e ia para casa Era impossível conseguir um minutinho extra dele, a não ser que a ordem viesse diretamente da capitã. Mas cumpria a rotina direitinho.

— Por que ele foi escolhido para integrar a equipe que cuidou do caso Ricker?

— Martinez é que fez questão de chamá-lo. — Mills balançou a cabeça. — Puxa, eu jurava que ele seria o último tira a tombar em serviço. Seria capaz de apostar que ele ia cumprir os vinte e cinco anos na força para depois se aposentar e construir casinhas para pássaros ou algo idiota desse tipo.

— Fui eu que o escolhi para a missão — confirmou Martinez, afastando-se de Mills de um jeito que mostrou a Eve que ela queria distância do tenente. Aquilo era mau sinal. — Eu era a investigadora do caso e trabalhava sob as ordens do tenente Mills. Kohli era incrivelmente detalhista. Nada lhe escapava. Quando vigiava alguém, fornecia um relatório minucioso de tudo o que via nas quatro horas de trabalho e descrevia até o lixo que caíra na sarjeta. Tinha um olho excelente.

Ela franziu a testa ao ver as marcas de sangue espirrado.

— Se acha que Ricker mandou apagá-lo, tenente, saiba que não concordo com sua avaliação. Kohli fazia serviço de apoio, foi apenas um acessório da investigação. Estava presente na hora da prisão, mas não fez nada, a não ser gravar a cena. Fui eu que enquadrei Ricker. Aliás, fiz isso muito bem.

— Kohli então era o responsável pelos detalhes da operação — afirmou Eve. — Será que alguns desses detalhes não vazaram para Ricker e o ajudaram a escapar da cadeia?

Houve um longo período de silêncio. Eve viu os olhos de Martinez se encontrarem com os de Mills, antes de ambos olharem para ela.

— Não gosto do que está insinuando, tenente — reagiu ele.

Seu tom era uma ameaça velada, parecia metal enferrujado sendo tocado por mãos suadas. Com o canto dos olhos ela notou que Roarke se moveu e (droga!) Peabody também. Na mesma hora, Eve deu um passo à frente, como se quisesse afastar os dois cães de guarda.

— O que estou insinuando é o que qualquer um pensaria — garantiu Eve.

— Sim, desde que fosse um bundão fodido que acaba num saco plástico com a boca cheia de formiga. Essas palavras não deviam sair da boca de uma tira. Kohli tinha um distintivo tão oficial quanto o seu ou o meu. Como é que você pode dizer que ele era um tira sujo?

— Eu não disse isso.

— É claro que disse! — Mills levantou o indicador e balançou-o diante de Eve. — Se vai seguir por esse caminho, Dallas, não terá nenhuma ajuda minha. É por isso que esse caso devia estar na nossa divisão, e não nas mãos de uma perua da

Central de Polícia.

— Pois é, mas acontece que está nas mãos dessa perua aqui, Mills. Aceite o fato. — Ao dar essa resposta de forma descontraída, Eve pensou ver Martinez prendendo o riso. — Minha pergunta merece uma resposta e eu ainda não ouvi nenhuma.

— Foda-se! Essa é a sua resposta.

— Mills — murmurou Martinez. — Menos, por favor...

— Foda-se você também! — Mills se virou para a detetive com os punhos cerrados e a cara muito vermelha. — Gente que usa saia não devia nem trabalhar na polícia, pra começo de conversa! Vá em frente, entre no jogo da queridinha do comandante Whitney e você vai ver só, Martinez! Nenhum tira acusa um colega diante de mim, por mais que ele possa merecer.

Lançando um último olhar de ódio para Eve, ele foi embora. Martinez limpou a garganta e coçou a cabeça.

— O tenente Mills não gosta de trabalhar com mulheres nem com pessoas de minorias étnicas.

— Ah, é?

— É. Não leve a coisa para o lado pessoal. Escute... o caso Ricker foi responsabilidade minha. Kohli tinha um olho bom. Esse foi um dos motivos de eu tê-lo escolhido para o trabalho. Também não gostei da sua pergunta, mas ela é pertinente e tinha de ser feita. Kohli não era muito de suar a camisa, mas respeitava o distintivo. Gostava de ser tira, de defender a lei e a ordem. Não consigo imaginá-lo levando grana para passar informações, tenente. É uma peça que não encaixa no seu perfil.

Tudo dependia, pensou Eve, do perfil e da peça.

— O que Mills quis dizer com "por mais que ele possa merecer"?

— Com relação a Kohli? — Os olhos de Martinez brilharam com o que poderia ser humor ou raiva. — Ele era negro. Na opinião de Mills, um tira de verdade é sempre do sexo masculino, branco e heterossexual. Em termos de personalidade, Mills é um perfeito idiota, tenente.

Eve esperou até Martinez também ir embora.

— Gravou tudo, Peabody?

— Sim, senhora.

— Pode desligar o gravador. Copie a conversa, coloque-a na minha pasta do caso e esconda o arquivo original. Leve Roarke com você e vistorie o lugar para relatar os danos à seguradora. Vocês têm quinze minutos — avisou, olhando para Roarke. — Depois disso você cairá fora daqui e o local será lacrado até eu determinar o contrário.

— Ela é linda quando fica irritada, não é, Peabody?

— Sim, Roarke, eu sempre achei isso.

— Quatorze minutos! — avisou Eve. — E contando!

— Por que não começamos do último andar? — sugeriu Roarke, oferecendo o braço a Peabody. — Podemos trabalhar vindo de lá para o térreo.

Ao saber que não seria ouvida, Eve pegou o comunicador e ligou para Feeney na Divisão de Detecção Eletrônica.

— Preciso de um favor seu — disse ela, no instante em que o rosto cansado de Feeney surgiu na tela.

— Se isso tem ligação com o assassinato do tira, não será favor nenhum. Toda a minha equipe está disposta a fazer horas extras no que você pedir. Se o filho-da-mãe acha que pode escapar impune depois de apagar um tira daquele jeito, vai descobrir, pelo jeito mais difícil, que o buraco é mais embaixo.

Eve esperou até ele acabar de falar.

— Feeney, aperte o botão de ligação particular, por favor. Feeney estranhou o pedido, mas deixou o comunicador em *mute* e colocou o fone de ouvido.

— Qual é o lance, garota?

— Você não vai gostar do pedido. Vamos jogar limpo logo de cara para eu não ter que ouvir desaforos seus. Preciso que você investigue dois tiras para mim. Tenente Alan Mills e detetive Julianna Martinez, ambos da Divisão de Droga Ilegais, na 128ª. DP.

— Não gostei mesmo.

— Você deve ser discreto, Feeney. Não quero levantar suspeitas.

Seu rosto normalmente desolado pareceu ainda mais pesaroso.

— Estou gostando cada vez menos, Dallas.

— Desculpe por pedir. Eu mesma faria isso, mas você é mais rápido e discreto. — Eve olhou para o andar de cima, onde Peabody e Roarke circulavam. — Eu também não gosto nem um pouco, mas preciso averiguar todas as possibilidades antes de descartá-las.

Embora estivesse sozinho em sua sala, Feeney baixou o tom de voz:

— Dallas, isso é pesquisa de rotina ou você desconfia de alguma sujeira?

— Não dá para explicar tudo agora, mas há muitas ligações e eu não posso ignorar nenhuma. Pesquise para mim, Feeney, e me avise quando acabar. A gente se encontra em algum lugar e eu lhe conto tudo.

— Conheço Mills. É um babaca.

— Sim, tive o prazer de conhecê-lo agorinha mesmo.

— Mas eu não o imagino envolvido em alguma sujeira, Dallas.

— Esse é o problema, não é? Nunca queremos imaginar uma coisa dessas.

Eve guardou o comunicador, foi até um banco alto do bar e se sentou. Em um bloquinho, começou a escrever alguns nomes, colocando o de Kohli no centro, com setas que saíam na direção do nome de Ricker, conectando-o em seguida com os nomes de Mills e de Martinez. Acrescentou o nome da capitã Roth, traçou um círculo que englobava tudo e, em um canto da folha, acrescentou: "Webster — Divisão de Assuntos Internos".

Fez uma seta ligando Webster a Kohli e especulou se ainda iria conectá-lo a mais alguém antes do fim do caso.

Por fim, como era algo que devia ser feito, acrescentou o nome de Roarke, ligou-o a Kohli e Ricker e torceu para não precisar ir além.

A morte, refletiu, deixava um quadro e contava uma história, tanto pelo ponto de vista da vítima quanto pelo do assassino. A própria cena, o método, a hora e o lugar, o que foi levado e o que foi deixado para trás. Tudo fazia parte da história.

D*rogas ilegais,* pensou ela, continuando a escrever no bloquinho. *Sangue no distintivo. Exagero nos golpes fatais, mesmo depois da morte. Dançarinas de striptease. Discos de segurança desaparecidos. Vicio. Sexo? Dinheiro. Trinta moedas de prata.*

Continuou a fazer anotações e franziu o cenho ao ver Roarke e Peabody chegando da inspeção.

— Por que as moedas de prata espalhadas? — perguntou em voz alta. — Ele morreu por dinheiro? Certamente isso não foi feito para simular um roubo. Será que há outro símbolo oculto aqui? Dinheiro e sangue. Por que não trinta fichas de crédito?

— São trinta talentos de prata — explicou Roarke para Eve, que o olhou de volta sem entender. — Você freqüentou escolas públicas, tenente, não deve ter estudado o catecismo. Judas recebeu trinta moedas de prata por trair Jesus.

— Trinta moedas de prata. — A idéia parecia encaixar e ela concordou com a cabeça, ao levantar do banco. — Dá para imaginar Kohli como Judas. Mas quem é o Jesus dessa história? — Ela olhou a cena mais uma vez. — Hora de ir embora! — comunicou a Roarke. — É melhor chamar seu motorista.

— Ele já está aí fora. — Roarke abriu a porta da rua e a manteve aberta. Quando Eve passou, ele a agarrou, puxou-a para junto de si e beijou-a ardentemente. — Obrigado por sua cooperação, tenente.

— Uau! Esse cara sabe beijar! — comentou Peabody com uma voz cantarolada, enquanto Roarke caminhava sem pressa rumo à limusine que o esperava junto ao meio-fio. — Dá para sacar, só de olhar, que ele beija muito bem.

— Agora pare de imaginar que ele está beijando você.

— Não consigo! — Peabody esfregou os lábios um no outro enquanto Eve recolocava o lacre da polícia na porta. — Puxa, essa idéia vai me ajudar a passar o

dia e a noite.

— Você já tem seus próprios homens, Peabody.

— Não é a mesma coisa. — Peabody suspirou de tristeza ao ir em direção ao carro de Eve. — Eles não chegam nem perto disso. Para onde vamos, tenente?

— Visitar uma pessoa que faz striptease.

— Diga que é um homem e estarei com o dia ganho.

— Pois se prepare para ficar desapontada.

Nancie morava em um lindo prédio de apartamentos, construído antes das Guerras Urbanas, na avenida Lexington. Havia jardineiras transbordando de flores nas janelas de vários andares, e um porteiro simpático lançou um lindo sorriso quando Eve lhe exibiu o distintivo.

— Espero que não haja nenhum problema por aqui, tenente Dallas. Diga-me se há algo que eu possa fazer para ajudá-la.

— Obrigada, mas eu mesma cuido de tudo.

— Aposto que ele ganha uma grana preta só de gorjetas — comentou Peabody quando elas entraram pelo saguão sóbrio e não muito grande. — Lindo sorriso, belo traseiro. O que mais se pode querer de um porteiro?

Peabody se pôs a observar as placas discretas com os nomes dos moradores, o elevador com porta revestida em metal e o delicado arranjo de flores-do-campo sobre uma mesinha.

— Tenente, eu nunca conseguiria imaginar um lugar desses como moradia de uma dançarina de striptease. O ambiente tem mais a ver com um funcionário graduado de alguma empresa importante ou mesmo um jovem executivo. Quanto será que ela ganha por ano?

— Está pensando em mudar de profissão?

— Ah, até parece! — Peabody deu uma risada de deboche ao entrar no elevador. — Quem dera eu ter um monte de caras fazendo fila para me ver nua. Se bem que McNab...

— Não me conte, que eu não quero saber de detalhes. — Eve saltou do elevador no sexto andar e seguiu direto para o apartamento C. Viu-se aliviada quando a porta se abriu na mesma hora, cortando qualquer possibilidade de Peabody completar a frase.

— Nancie Gaynor?

— Sim.

— Sou a tenente Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. Podemo entrar para conversar com você?

— Claro! Trata-se de Taj, não é?

Nancie combinava com o prédio. Arrumada, atraente e linda como uma pérola. Era jovem, com vinte e poucos anos, pela avaliação de Eve. Era realmente muito bonita, com cabelos dourados encaracolados, lábios de boneca pintados em tom rosado e imensos olhos verdes. O colante amarelo que vestia exibia seus talentos, mas não destruía a imagem de doçura.

Ela convidou-as para entrar e seguiu na frente, descalça, deixando no ar um leve aroma de lírios.

— Estou mal só em pensar — começou. — Péssima! Rue ligou para me contar — Seus olhos se encheram de lágrimas, parecendo campos verdes muito bem irrigados. Não consigo acreditar que uma coisa dessas tenha acontecido na boate Purgatório.

Fez um gesto indefeso em direção a um sofá comprido, em curva, estofado em veludo cor-de-rosa e coberto por uma avalanche de almofadas cintilantes.

— Acho que é melhor sentarmos, tenente. Aceitariam algo para beber?

— Não, não se preocupe. Importa-se de gravarmos essa conversa, srta. Gaynor?

— Oh... puxa! Minha Nossa Senhora! — Nancie mordeu o lindo lábio inferior apertou as mãos em sinal de desespero e as pousou entre os seios espetaculares. — Claro que não me importo. A gravação é mesmo necessária?

— Só se a senhorita permitir. — *Uma dançarina de striptease que falava "minha Nossa Senhora"*, isso era tudo o que Eve conseguia pensar. *E ela achava que já tinha visto de tudo.*

— Puxa, tenente, é claro que eu permito. Quero ajudar em tudo que puder Mas podemos nos sentar, não podemos? Estou meio nervosa. Nunca me envolv em um assassinato. Fui procurada uma vez pela polícia, assim que cheguei de Utumwa, por causa da minha colega de quarto que era acompanhante licenciada e deixou a autorização de trabalho vencer, por esquecimento. Na época eu conversei com o policial da seção de licenças e tudo, mas foi muito diferente do que aconteceu agora.

— Utumwa? — Foi tudo o que Eve conseguiu perguntar, piscando depressa.

— Fica em Iowa. Eu me mudei de lá faz quatro anos. Tinha esperança de me tornar bailarina na Broadway. — Ela sorriu de leve. — Acho que um monte de garotas vem para cá o tempo todo pensando nisso. Eu danço muito bem, mas um monte delas também dança. O problema é que é muito caro morar aqui e eu arrumei um emprego em uma boate. Não era um lugar sofisticado — confessou ela, piscando os olhos imensos. — Cheguei a ficar apavorada e desanimada, e pensei em voltar para Iowa e me casar com Joey, mas ele é meio caipira, entende?

Um dia, Rue foi me assistir e me conseguiu emprego em outra boate muito melhor. Era mais limpa, pagava mais e os clientes não apalpavam as garotas. Depois, quando foi para o Purgatório, Rue levou algumas de nós com ela. Aquela sim é uma boate de classe! Sei que a senhora vai gostar de saber de uma coisa, tenente: não tem sacanagem nem rala-e-rola naquele lugar.

— Rala-e-rola — repetiu Eve, meio tonta pela enxurrada de palavras e informações.

— Pois é, eu quero ajudar. — Nancie se inclinou para a frente, abrindo ainda mais os olhos. — Rue nos disse que se alguma de nós soubesse algo deveria entrar em contato com a senhora, e disse o seu nome: tenente Eve Dallas. Avisou também que devíamos responder a todas as suas perguntas e fazer tudo o que pudéssemos, porque é a coisa certa e também porque a senhora é casada com Roarke, o dono da boate.

— É, eu também soube disso.

— Oh, puxa! É claro que eu responderia às perguntas mesmo que a senhora não fosse casada com Roarke. Isto é, esse é o meu dever cívico e tudo o mais. E Taj era realmente um cara muito legal. Respeitava a nossa privacidade, entende? Mesmo em uma boate de classe como aquela, alguns dos funcionários de vez em quando dão olhadas indiscretas quando não devem. Mas nós podíamos passar bem na frente de Taj sem um fiapo de roupa cobrindo o corpo e ele nunca olhava. Quer dizer, olhava porque estávamos na frente dele, mas nunca *olhava de verdade*, entende? Tinha mulher, filhos e era um homem de família.

Como se faz para ela calar a boca?, especulou Eve.

— Srta. Gaynor...

— Pode me chamar de Nancie.

— Então tá. Nancie... você trabalhou ontem à noite. Uma dançarina chamada Mitzie trabalhou também?

— Claro. Seguimos mais ou menos a mesma escalação. Mitzi saiu um pouco mais cedo ontem à noite. Estava triste porque seu namorado babaca — desculpe o palavreado — deu um chute na bunda dela e a trocou por uma comissária espacial. Ela passou a noite arrasada, chorando muito no camarim, porque ele era o homem da sua vida. Eles iam se casar e comprar uma casa no Queens, eu acho... Ou talvez no Brooklyn, e depois eles iam.

— Srta. Gaynor!

— Acho que isso não é importante, certo? — perguntou ela com um sorriso alegre. — Enfim, só sei que Rue a levou para casa. Rue é muito boa para cuidar das dançarinas. Ela também dançava quando era jovem. Puxa, acho que eu devia ligar para Mitzie para saber como ela está.

— Tenho certeza que ela vai gostar. — Um monte de informações embaralhadas, pensou Eve, mas o fato é que o álibi de Rue MacLean estava confirmado. — Por que não me fala da última vez em que viu Taj?

— Certo. — Nancie se recostou, ajeitou o traseiro em meio às almofadas e cruzou as mãos no colo, comportada como uma colegial. — Fiz dois shows ontem à noite; depois houve duas apresentações em grupo e mais três em particular. Foi uma noite cheia. No primeiro intervalo eu vi Taj comendo um sanduíche de frango. Eu disse: "Puxa, Taj, isso dá vontade de cair de boca!" Foi uma piada, entende? Eu falava do sanduíche.

— Ah. — Foi a reação de Eve.

— Então nós rimos um pouco e ele me contou que a sua esposa tinha preparado o lanche. Peguei um refrigerante de cereja e disse que falava com ele depois, pois precisava trocar de roupa para o número seguinte.

— Vocês conversaram sobre mais alguma coisa?

— Não, falamos só do sanduíche de frango. Fui trocar de roupa e o camarim estava uma zona. Uma das garotas, Dottie, não conseguiu achar uma peruca vermelha, e Mitzie, como eu já contei...

— Sim, você já falou de Mitzi.

— Hum-hum. Uma das meninas, acho que foi Charmaine, disse a Mitzie que ela devia mandar um "já vai tarde" para o namorado, mas isso fez Mitzie chorar ainda mais, e então Wilhimena, que era homem, mas fez operação de mudança de sexo, mandou que ela fechasse a matraca. Charmaine, não Mitzie. Todo mundo estava andando de um lado para outro, feito barata tonta, porque o número de dança em grupo já ia começar. Depois eu fiz um número solo em particular. Foi nessa hora que vi Taj e acenei para ele.

Sinos iam começar a badalar na cabeça de Eve a qualquer momento, ela sabia disso.

— Taj conversava com alguém em especial?

— Não que eu tenha reparado. Ele era rápido no bar. Os clientes eram sempre atendidos depressa e sem estresse. Então eu fui dançar em particular para um executivo de Toledo. Ele me informou que era seu aniversário, mas às vezes eles dizem isso só para a gente fazer algo mais, só que Rue não quer ninguém fazendo trabalho extra, a não ser que seja acompanhante licenciada. Mesmo assim ele me ofereceu uma gorjeta de cem dólares e eu dei umas reboladas a mais na mesa giratória. Acho que não vi Taj de novo até a hora de fechar, porque a casa estava muito cheia. No fim da noite, pedi outro refrigerante de cereja e ele me serviu. Fiquei sentada no balcão mais um pouco até a boate esvaziar. Fiquei lá porque eu precisava espairecer e relaxar um pouco, sabe?

Ela parou para pegar fôlego e Eve abriu a boca, mas Nancie foi mais rápida:

— Ah, lembrei de mais uma coisa! Fininho estava doente. Ahn... estou falando de Nester Vine. A gente o chama de Fininho porque ele é alto e magro. Ontem ele estava pálido, suando frio e indo ao banheiro toda hora, até que Taj o mandou ir para casa, a fim de se cuidar. Eu estava meio triste porque soube que Joey, o meu ex-namorado, ficou noivo de Barbie Thomas, lá na minha cidade.

— Utumwa.

— Essa mesma! Barbie o vinha caçando há muito tempo. — Nancie franziu a testa, parecendo chateada, mas logo esqueceu o assunto. —Taj foi gentil, me deu força e sugeriu que eu não esquentasse. Disse que sou muito bonita e o cara certo vai aparecer quando chegar a hora. Garantiu que quando a gente encontra a pessoa certa percebe na mesma hora, sem preocupação, e me garantiu que eu ia saber. Dava para ver que ele se referia à sua mulher, porque sempre tinha um ar sonhador quando pensava nela. Comecei a me sentir melhor ao ouvir aquilo e fiquei com ele mais um pouco. Fininho devia estar lá para fechar a boate com Taj, mas ele passou mal. Já lhe contei isso?

— Já — confirmou Eve, meio tonta. — Já contou sim.

— Pois é, ele ficou doente, como eu disse. Ninguém deve ficar sozinho até o final para fechar a boate, mas às vezes isso acontece. Taj me disse que já era tarde e eu devia ir para casa. Ele se ofereceu para chamar um táxi, mas eu preferi pegar o metrô. Ele não queria me deixar fazer isso, porque as ruas são muito perigosas à noite. Então acabei chamando um táxi e ele esperou na porta até eu embarcar. Ele era assim — disse Nancie, com os olhos cheios d'água. — Era um cara doce e sensível.

— Taj comentou alguma coisa sobre um amigo que ia aparecer mais tarde para conversar com ele?

— Acho que... — Ela parou e torceu os lábios, pensando. — Talvez. Talvez tenha dito, na hora em que eu estava chorando as mágoas por causa de Joey e com saudades dos meus amigos de casa. Acho que nessa hora ele comentou sobre os amigos que são amigos de verdade em qualquer situação. Talvez tenha dito que estava louco para ver uma pessoa amiga, mais tarde. Mas acho que ele não me contou que ia vê-la logo depois, na boate. Sei lá! — Ela suspirou e enxugou os olhos com a ponta do indicador. — Um amigo não faria uma coisa dessas com Taj. Amigos não agem assim.

I*sso depende,* pensou Eve. *Depende muito do amigo.*

Capítulo Cinco

Eve calculou que iria passar uns três dias interrogando strippers, dançarinas de mesa, clientes e freqüentadores de boates. A outra opção era se concentrar em Max Ricker.

Nenhuma das duas era uma escolha agradável, mas ambas as áreas precisavam ser cobertas.

Ela foi até a sala de ocorrências e observou os rostos. Alguns trabalhavam nos *tele-links*, outros escreviam relatórios ou analisavam dados. Uma equipe tomava o depoimento de um civil que parecia mais empolgado do que assustado. O fedor de café ruim e desodorante vencido enchia o ar.

Eve conhecia todos aqueles tiras. Alguns eram mais espertos que outros, mas todos corriam atrás. Impor a autoridade nunca fora o seu estilo e ela sabia que poderia conseguir o que precisasse deles sem precisar esculhambar ninguém.

Esperou o civil ir embora, muito corado e satisfeito, antes de falar:

— Muito bem, pessoal, peço a atenção de todos!

Um monte de rostos se virou na direção de Eve e ela notou que as expressões mudaram. Todo mundo sabia do caso que caíra em suas mãos. Assim que ela viu que as telas foram deixadas de lado e os *tele-links* desligados, soube que não ia precisar impor a autoridade para obter a atenção deles.

— Tenho seiscentas testemunhas em potencial para descartar ou interrogar, todas relacionadas com a morte do detetive Taj Kohli. Preciso de ajuda. Quem não estiver cuidando de casos prioritários e puder nos ajudar durante algumas horas por dia, me procure ou fale com Peabody.

Baxter foi o primeiro a se levantar. De vez em quando ele era um pé no saco, mas Eve sabia que ninguém poderia ser mais confiável do que ele.

— Tenho tempo disponível, tenente — anunciou ele. — Todos nós temos. — Olhou em torno da sala, como se desafiasse alguém a discordar.

— Ótimo! — Eve enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta. — Primeiro, deixem que eu faça um resumo do caso. — Nesse ponto ela precisava agir com cautela. — O detetive Kohli foi morto a porretadas. Ele trabalhava à noite como barman na sofisticada boate Purgatório. A agressão aconteceu depois do expediente e parece que Kohli conhecia seu agressor. Estou em busca de alguém que Kohli conhecesse o bastante para se permitir ficar a sós com ele e virarlhe as costas.

Alguém, ela pensou, *para quem Kohli ligara ou que ligara para Kohli pouco antes do crime, avisando que ia passar lá. Foi por isso que o assassino tirou o* tele-link *da cena do crime.*

— Até agora eu não tive informações sobre Kohli estar trabalhando em algum caso delicado ou à cata de informações. Mas é possível que o assassino seja um informante conhecido ou alguém de fora. A possibilidade de assalto não se sustenta. Foi algo pessoal acrescentou Eve, observando os rostos. — Um ataque pessoal ao distintivo que ele usava. A 128º DP, onde a vítima servia, argumenta que o caso é deles. Eu afirmo que ele deve ficar aqui, na Divisão de Homicídios.

— É claro que o caso deve permanecer aqui! — Uma detetive chamada Carmichael levantou a caneca de café, fazendo uma cara feia.

— A mídia até agora nos deixou em paz — continuou Eve. — Kohli não é uma notícia quente. A morte de um barman não eleva a audiência dos noticiários, e o fato de ele ser um tira não significa nada para os jornalistas. Nenhum deles se importa com ele.

Ela esperou um pouco, olhando para os rostos.

— Mas *nós* nos importamos — completou. — Quem quiser ajudar, informe a Peabody quantas testemunhas consegue interrogar por dia e ela fará uma lista. Todas as transcrições e relatórios deverão ser enviados a mim.

— Dallas, eu posso interrogar as dançarinas de striptease? — brincou Baxter. — Pelo menos as gostosas?

— Claro, Baxter, é uma boa oportunidade! Todos nós sabemos que você só consegue ver uma mulher pelada se pagar por isso. — Houve uma explosão de gargalhadas, uivos e zoações. — Vou trabalhar na rua quase o dia todo. Se alguém topar com algo importante, entre em contato comigo.

Ao seguir para sua sala, Eve sentiu que Peabody vinha correndo atrás dela.

— Você vai para a rua sozinha, Dallas?

— Preciso que você fique aqui coordenando as entrevistas com as testemunhas.

— Eu sei, mas...

— Peabody, até o ano passado eu fazia a maior parte do trabalho de rua sozinha. — Ao puxar a cadeira para sentar, Eve percebeu o olhar magoado que Peabody lhe lançou e quase girou os próprios olhos, com impaciência. — Isso não significa que você não é ótima em trabalho de rua, Peabody. Segure sua onda! Preciso de você aqui, cuidando de tudo e lidando com os dados que aparecerem. Você é muito melhor nessas coisas técnicas do que eu.

Essa afirmação pareceu deixar Peabody mais animada.

— Sou mesmo — admitiu ela. — Mas posso ir me encontrar com você assim que acabar o serviço aqui.

— Eu aviso, se precisar. Por que você não começa logo, aproveitando que todo mundo está no clima de pegar o assassino? — Para dispensá-la, Eve se virou para o

monitor e decretou: — Vamos agitar!

— Sim, senhora!

Eve esperou até Peabody sair e tornou a se levantar, a fim de fechar a porta. Voltando à sua mesa, solicitou os dados completos de Max Ricker.

Ela não queria surpresas de nenhum tipo.

Eve já vira a foto de Ricker antes, mas estudou o rosto que surgiu na tela com mais cuidado. Ele possuía um ar poderoso, um rosto com feições fortes, parecendo entalhadas, além de partes retas que se assemelhavam a arestas. Sua boca era severa e o bigode vasto e grisalho não a suavizava. Seus olhos pareciam cor de prata e eram opacos, impenetráveis.

A vaidade sobre a qual Roarke comentara aparecia na espessa cabeleira preta embranquecida nas pontas que lhe emolduravam as têmporas, e também no brinco de diamante que ele exibia na orelha direita, sem falar na pele lisa, suave, muito branca e sem rugas que era como seda branca esticada sobre uma estrutura de ossos proeminentes.

Nome: Max Edward Ricker; altura: l,85m; peso: 90 quilos; cor: branca; nascimento: 3 de fevereiro de 2000; naturalidade: Filadélfia, na Pensilvânia; nomes dos pais: Leon e Michelle Ricker, falecidos; um irmão, falecido.

Estudou na Universidade da Pensilvânia e se formou em Administração.

Não há registros de casamentos nem coabitações legalizadas. Teve um filho, Alex, nascido em 26 de junho de 2028; nome da mãe de Alex: Ellen Mary Morandi, falecida.

Residências registradas: Hartford em Connecticut; Sarasota, na Flórida; Florença, na Itália; Londres, na Inglaterra; Long Neck Estates, na Colônia Yost; e Hotel Rio Nilo, a estação espacial Vegas II.

Profissão declarada: empresário da área de entretenimento. Dono das seguintes empresas...

Eve se recostou, fechou os olhos e analisou a lista dos negócios de Ricker. Em outra ocasião ela pesquisara um homem que também tinha interesses em áreas variadas e possuía um monte de empresas e organizações. Um homem que, como Ricker, parecia perigoso.

Aquela pesquisa mudara a vida dela para sempre.

Eve pretendia que a pesquisa de agora mudasse a vida de Ricker.

— Computador, listar todos os registros criminais do investigado, bem como prisões e acusações.

Processando...

Ela esticou o corpo novamente ao ver os dados começando a aparecer e ergueu as sobrancelhas. Houve várias acusações ao longo dos anos, começando com um pequeno furto em 2016, passando por porte ilegal de arma, distribuição de drogas ilícitas, fraude, suborno e duas acusações de conspiração de assassinato. Nenhuma delas resultara em condenação. Ele sempre conseguira deslizar e escapar, mas sua folha corrida era longa e variada.

— Você não é tão esperto quanto Roarke, não é, meu chapa? — murmurou Eve. — Mas nunca foi condenado, e por isso é arrogante. Pelo que vejo, você não se importava de ser preso — avaliou o rosto novamente — e simplesmente curtia burlar o sistema. Isso é uma fraqueza, Ricker. Uma fraqueza grande. Computador copiar todos os dados!

Eve se virou para o *tele-link.* Estava na hora de descobrir onde é que Ricker estava naquele momento.

* * *

Eve considerou um golpe de sorte Ricker estar passando algum tempo na sua fortaleza em Connecticut. Percebeu como arrogância o fato de ele concordar em recebê-la sem criar caso em vez de tentar impedi-la através de um bando de advogados.

Ela fez o percurso até lá em um bom tempo, mas foi barrada nos portões por três guardas novatos que a passaram por um identificador de identidade, só para seguir as regras. Instruíram-na a deixar seu veículo junto dos portões e entrar em um carro pequeno e elegante.

A motorista do pequeno automóvel era uma andróide igualmente pequena e elegante. Ela levou Eve através de uma alameda cheia de curvas e cercada de árvores, até chegarem a uma mansão de três andares feita de madeira e vidro, encarapitada sobre um rochedo acima do mar agitado.

Havia uma fonte na entrada, onde uma mulher esculpida em pedra e vestindo um manto drapeado despejava água límpida de um vaso sobre um laguinho cheio de peixes vermelhos. Um jardineiro trabalhava em um canteiro de flores na ala leste da casa.

Ele usava calças folgadas em um tom de cinza, camisa, um chapéu de abas largas e uma pistola laser de duplo alcance.

Outra andróide recebeu Eve à porta, dessa vez um modelo para serviço doméstico. Ela envergava um uniforme preto impecável. Sorriu e saudou a visitante com uma voz suave e acolhedora:

— Bom-dia, tenente Dallas. O sr. Ricker a aguarda. Espero que tenha feito

uma viagem agradável. Queira me acompanhar, por favor.

Eve observou a residência enquanto caminhava através dela. Ali o dinheiro transbordava. O lugar não exibia a classe da casa de Roarke, onde a sensação também era de riqueza, mas de um jeito muito mais acolhedor, devido aos pisos de madeira encerada e cores neutras. Ricker escolhera o estilo moderno e extravagante, cercando-se de cores berrantes, tecidos em demasia e gosto duvidoso.

Tudo era pontiagudo, fabricado em prata e com detalhes prateados ou cromados. Eve concluiu que aquela era a marca registrada do dono da casa.

T*rinta moedas de prata* foi o que lhe veio à mente assim que entrou em uma sala decorada em vermelho-sangue com uma arrebatadora vista do mar na janela de vidro que ocupava uma parede inteira do ambiente. As outras paredes estavam entulhadas de obras de arte, todas em estilo moderno, surrealista ou sabe-se lá o nome, mas que não passavam de respingos de tinta sobre a tela e pinceladas nervosas sobre vidro, em cores medonhas.

O aroma de flores era mais forte ali, quase funéreo. A luz da sala parecia brilhante demais e os estofados eram modulados, com formas curvas; estavam cobertos de almofadas cintilantes e tinham pés e braços em prata.

Ricker estava sentado em uma das poltronas e tomava um drinque rosa-choque que lhe foi servido em uma taça comprida e estreita. Levantou-se com delicadeza e sorriu.

— Ah... Eve Dallas. Finalmente nos conhecemos. Bem-vinda à minha humilde morada. O que posso oferecer para refrescá-la?

— Nada.

— Pois, se mudar de idéia, basta pedir algo para beber. — Sua voz era empostada demais e tinha uma qualidade qualquer que fazia Eve se lembrar dos diálogos forçados em alguns dos filmes antigos em preto-e-branco a que Roarke gostava de assistir. — Isso é tudo por ora, Marta.

— Sim, sr. Ricker — Ela virou as costas e fechou a porta ao sair da sala.

— Eve Dallas! — repetiu ele, saboreando o nome com os olhos brilhando, enquanto oferecia uma poltrona. — Isso é simplesmente delicioso. Posso chamá-la simplesmente de Eve?

— Não.

O cintilar em seus olhos se transformou em frieza, embora ele soltasse uma gostosa gargalhada.

— Que pena! Será tenente, então. Por que não se senta? Admito que estava muito curioso para conhecer a mulher que se casou com um dos meus antigos... Eu ia dizer *protégés* — ele tornou a se sentar — mas tenho certeza que Roarke não apreciaria o termo. Sendo assim, vou me referir a ele como um ex-sócio. Esperava

que ele a acompanhasse até aqui hoje.

— Ele não tem nenhum assunto a tratar aqui, nem com o senhor.

— No momento, não. Por favor, sente-se. Quero que se sinta confortável.

Conforto não seria possível encontrar naquela poltrona horrenda, mas Eve se sentou.

— Como a senhora é atraente! — elogiou ele, enquanto seu olhar a observava dos pés à cabeça.

Homens que olhavam para uma mulher dessa maneira em geral queriam fazê-la se sentir sexualmente vulnerável e pouco à vontade fisicamente. Eve, porém, só se sentiu insultada.

— Você é atraente de um jeito competente e despretensioso — acrescentou Ricker. — Não é o tipo de mulher que eu esperaria de Roarke, é claro. Ele sempre gostou mais de mulheres estilosas e flagrantemente femininas. — Tamborilou no braço da poltrona e Eve notou que suas unhas estavam pintadas na cor que era sua marca. As pontas exibiam extremidades pontiagudas, como se fossem garras.

— Reconheço que Roarke foi muito esperto ao escolher você como esposa, uma mulher com atributos sutis e profissão interessante. Deve ser muito conveniente para ele ter uma aliada tão íntima trabalhando na força policial.

Como isso era apenas para tirá-la do sério, Eve não entrou no jogo e simplesmente tombou a cabeça meio de lado.

— Acha mesmo? — perguntou ela. — Por que acredita que isso seria conveniente para meu marido, sr. Ricker?

— Devido aos interesses dele. — Ricker tomou um gole do seu drinque. — Interesses profissionais.

— E os interesses profissionais de Roarke por acaso lhe dizem respeito, sr. Ricker?

— Só a título de informação, já que no passado tivemos ligações um com o outro. Por assim dizer.

Eve se inclinou na direção dele.

— O senhor gostaria de deixar gravadas algumas palavras a respeito dessas ligações?

— A senhora correria esse risco, tenente? — perguntou ele, com olhos estreitos como os de uma serpente.

— Roarke consegue cuidar de si mesmo. O senhor também?

— A senhora o domou, tenente? Amansou o lobo e o transformou em um cachorrinho de madame?

Dessa vez foi ela que soltou uma gargalhada, e com vontade.

— Aquele cachorrinho de madame seria capaz de voar na sua garganta sem

sequer ficar ofegante. O senhor sabe disso. Não imaginei que tivesse assim tanto medo de Roarke, sr. Ricker. Isso é interessante.

— A senhora está enganada. — Seus dedos apertaram a taça com mais força.

Eve notou que a garganta dele se movia para cima e para baixo, como se tentasse engolir algo especialmente desagradável.

— Não acredito que esteja enganada, não. De qualquer modo, Roarke não é o motivo de eu ter vindo até aqui. São os seus negócios que eu gostaria de discutir, sr. Ricker. — Eve pegou o gravador e pediu: — Com a sua permissão, é claro.

Seus lábios se curvaram, mas a linha firme que surgiu sob os pêlos prateados do bigode não se parecia nem um pouco com um sorriso.

— É claro. — Ele apertou um ponto do braço da poltrona. No outro lado da sala surgiu um gigantesco holograma. Seis homens com ternos pretos se sentavam lado a lado a uma mesa comprida, com as mãos cruzadas e os olhos atentos. — Estes são os meus advogados — explicou Ricker.

Eve colocou o gravador sobre a mesa que os separava, toda revestida em prata, leu todos os dados necessários e recitou os direitos e opções para pessoas sob interrogatório.

— A senhora é muito competente. Roarke certamente aprecia isso. Como eu também.

— Compreendeu os seus direitos e obrigações, sr. Ricker?

— Sim, compreendi.

— E vejo que resolveu exercer o seu direito de ter um advogado presente, todos os seis, no caso, a esta entrevista informal. O senhor foi preso há seis meses por... — Ela ergueu a mão e, embora soubesse as acusações de cor e salteado, pegou seu computador de mão e leu tudo com precisão. — Fabricar, estocar e distribuir substâncias ilegais, incluindo alucinógenos e diversas drogas que provocam dependência, bem como transporte internacional e interplanetário de substâncias ilegais, posse de armas banidas de nossa sociedade, operação de usinas químicas sem licença e também...

— Tenente, para poupar o meu valioso tempo e também o seu, declaro que estou ciente de todas as acusações lançadas sobre mim quando de minha lamentável prisão, no outono do ano passado. Estou certo de que a senhora tem conhecimento de que a maioria dessas acusações ridículas foi retirada logo depois; nenhuma delas resultou sequer em julgamento.

— Sei também que seus advogados e o promotor público de Nova York negociaram um acordo pelo qual várias das acusações menores foram retiradas. Em troca, os nomes de seus traficantes e fornecedores de drogas e armas ilegais foram revelados ao promotor, através de seus representantes legais. O senhor não me

parece muito leal aos seus associados, sr. Ricker.

— Pelo contrário. Sou extremamente leal a eles. Aliás, não tenho nenhum associado que seja traficante ou fornecedor de drogas e armas ilegais, tenente. Sou empresário, um homem de negócios que todos os anos faz consideráveis doações a causas políticas e de caridade.

— Sim, estou ciente das suas doações a causas políticas. O senhor forneceu muito dinheiro a uma organização terrorista denominada Cassandra.

— Sim, de fato. — Ele ergueu a mão ao ver que um dos advogados se preparava para falar. — E confesso que fiquei chocado, absolutamente chocado ao descobrir que tal organização lidava com atividades terroristas. A senhora prestou um grande serviço ao mundo, tenente, ao abrir aquelas entranhas terríveis e destruí-las. Até a história ser divulgada por completo pela mídia, eu estava iludido, acreditando que o grupo Cassandra dedicava-se a garantir a segurança e os direitos do povo norte-americano; sabia que fazia isso utilizando materiais paramilitares, mas julguei que estivesse dentro da lei.

— Foi uma pena o senhor não ter analisado o grupo Cassandra mais a fundo, como suponho que alguém com seus recursos deveria fazer antes de enterrar mais de dez milhões dos seus dólares conseguidos à custa de tão árduo trabalho.

— Sim, tenente, foi um erro do qual eu me arrependo profundamente. O empregado que não avaliou corretamente aquelas doações já foi dispensado.

— Entendo. O senhor foi enviado para julgamento sob várias acusações, e em muitas delas o promotor não teve autonomia para negociar acordo. Entretanto, algumas provas sumiram, certos detalhes da operação final, inclusive o ataque ao galpão de sua propriedade, foram prejudicados e muitos dados se perderam.

— Essa é a versão oficial para o que aconteceu? — Ele lançou a cabeça para trás, fazendo seus cabelos prateados voar soltos. — Os dados eram pífios, incompletos e inconsistentes. Foram ridiculamente manipulados pela polícia a fim de que se conseguisse uma ordem judicial para atacar o galpão, o qual, diga-se de passagem, pertencia oficialmente a mim, mas era dirigido e operado por um empresário independente.

Eve notou que os olhos dele começaram a brilhar com mais intensidade, sua voz se elevou e as unhas mortalmente afiadas imprimiram uma tatuagem instantânea no braço da poltrona.

— Todo aquele circo não passou de assédio policial, e meus advogados estão processando o Departamento de Polícia de Nova York por causa do abuso, tenente.

— Qual é a sua ligação com o detetive Taj Kohli?

— Kohli? — Ele continuava a sorrir, mantendo o brilho duro no olhar. — Receio não me lembrar desse nome. Conheço muitas pessoas que exercem a sua

profissão, tenente. Apóio incondicionalmente os homens e mulheres que se dedicam a servir. Só que esse nome em particular... Espere, espere.

Ele passou um dedo sobre os lábios, pensativo, e então, que audácia, Eve o ouviu rir baixinho.

— Kohli, sim, é claro! Soube da tragédia. Ele foi morto recentemente, estou certo?

— Kohli integrava a força-tarefa que estourou o seu galpão em Nova York, uma operação que lhe custou muitos milhões de dólares em mercadoria apreendida.

— O sr. Ricker nunca esteve legalmente ligado àquele galpão, nem aos laboratórios ou ao centro de distribuição que foram descobertos e desbaratados pelo Departamento de Polícia de Nova York. Fazemos objeção formal que uma declaração contrária aos fatos fique registrada nessa gravação.

A voz monótona de um dos advogados ecoou pela sala, mas nem Ricker nem Eve se deram ao trabalho de olhar na direção dele.

— Foi extremamente lamentável que o seu amigo, detetive Kohli, tenha sido assassinado, tenente, mas será que eu vou ser interrogado cada vez que um policial morrer de forma trágica? Isso poderia ser juridicamente interpretado como assédio policial.

— Não, não poderia, porque esta entrevista foi aceita pelo senhor sem impor condições — agora era Eve quem sorria —, e certamente o seu bando de advogados poderá verificar isso. Kohli trabalhava com detalhes, sr. Ricker. Era bom nos detalhes. Sendo um homem de negócios e uma pessoa vivida, certamente o senhor concordará que a verdade está nos detalhes, e ela sempre consegue um jeito de voltar à superfície, não importa o quão fundo esteja sepultada. Basta apenas a pessoa certa para desenterrá-la. Tenho grande apreço pela verdade e sérias objeções quanto a ter um colega de farda executado. Por tudo isso, encontrar a pessoa que matou Kohli ou que mandou matá-lo será a minha missão pessoal a partir de agora.

— Certamente eu compreendo que seja uma ofensa pessoal ter um colega brutalmente assassinado, ainda mais quando o fato aconteceu em um estabelecimento de propriedade do seu marido. — Um ar de empolgação surgiu em sua voz, que pareceu meio desafinada. — Ficou esquisito, não foi, tenente? Para vocês dois. É por isso que a senhora está me lançando acusações veladas em vez de arrastar o seu marido para a sala de interrogatório?

— Eu não disse que o assassinato foi brutal nem que aconteceu em um local que pertence a Roarke. Onde obteve essa informação, sr. Ricker?

Pela primeira vez ele pareceu confuso; seu rosto mostrou-se inexpressivo e a

boca se entreabriu. Os seis advogados começaram a falar ao mesmo tempo, provocando um zumbido que só representou desperdício de som. Isso deu tempo a Ricker para se recompor.

— Meu trabalho é saber das coisas, tenente. Esse é o meu negócio. Fu informado sobre um incidente em um local que pertence ao seu marido.

— Informado por quem?

— Por outro associado meu, se não me engano. — Abanou a mão, sem dar importância a isso, mas tornou a formar um punho cerrado ao pousá-la novamente sobre o braço da poltrona. — Não me lembro quem foi. Por acaso é contra a lei receber informações? Eu coleciono informações. É uma espécie de hobby. Recolho informações sobre pessoas que interessam a mim, como é o caso da senhora. Descobri, por exemplo, que a senhora foi criada pelo estado, depois de ter sido encontrada na rua em um estado deplorável, aos oito anos de idade.

A mão dele foi se abrindo de leve enquanto ele falava, mas seus olhos se tornaram mais brilhantes. Mais famintos, analisou Eve. Como os de um homem diante de uma refeição particularmente apetitosa.

— A senhora foi estuprada quando criança, não é verdade? E de forma violenta, segundo soube. Deve ser muito difícil arrastar um trauma desses e encarar a vida com serenidade, depois de ter a própria inocência roubada de forma tão cruel. A senhora nem mesmo conhece o seu nome real, não é verdade? Usa o que lhe foi dado por uma assistente social estressada. Eve, uma escolha muito sentimental, relembrando a primeira mulher que existiu. E Dallas, um sobrenome prático, que representa a cidade onde a senhora foi encontrada, com o braço quebrado, muito machucada, emudecida e largada em um beco imundo.

Isso funcionou. Eve sentiu vontade de recuar, sentiu o estômago enjoar e um frio que lhe atingiu os ossos. Mesmo assim ela não tirou os olhos dele. Nem piscou.

— Fazemos o nosso jogo com as cartas que recebemos. Eu também colecionc informações, especialmente de pessoas que perturbam o meu estilo. Pode desenterrar os dados que bem quiser a meu respeito, sr. Ricker. Isso servirá para lhe oferecer uma idéia boa e clara de quem o senhor tem como adversária dessa vez. O caso Kohli é meu e vou descobrir quem o matou, por que o fez e como, pode acreditar nisso. Fim da entrevista! — afirmou Eve, desligando o gravador.

No instante em que os advogados explodiram em mil avisos e objeções, Ricker desligou o holograma. Parecia ainda mais pálido do que quando Eve entrara.

— Muito cuidado, tenente. Quem me ameaça sempre acaba de forma desagradável.

— Dê mais uma olhada no meu histórico, sr. Ricker, e verá que coisas desagradáveis não me intimidam.

Ele se levantou junto com ela e deu um passo em sua direção, de um jeito que a fez se preparar para ser atacada e torcer, torcer de verdade que ele perdesse o controle por um segundo. Só um instantinho já estaria de bom tamanho.

— A senhora acha que pode me atacar desse jeito, tenente? Acha que o seu distintivo representa algum poder? — Estalou os dedos a um palmo do rosto dela. — Em um segundo uma pessoa pode ser eliminada e esquecida.

— Pois tente fazer isso e veja o que acontece!

Os músculos do seu rosto se retesaram, mas ele recuou.

— Talvez a senhora acredite, de forma equivocada, que a sua relação com Roarke poderá protegê-la. Ele é fraco, transformou-se em um sujeito mole e sentimental. Tudo por causa de uma tira, ainda por cima. Eu tive planos para ele um dia. Tenho planos diferentes agora.

— Pois eu repito: dê uma boa olhada nos dados que recolheu sobre mim, sr. Ricker, e verá que eu não preciso nem nunca precisei de ninguém para me proteger. E posso lhe adiantar mais uma coisinha: Roarke vai adorar saber o quanto o senhor tem medo dele. Vamos dar boas risadas ao conversar sobre isso, mais tarde.

Quando ela se virou para ir embora, ele a agarrou pelo braço. Seu coração pulou de expectativa e ela olhou para ele fixamente.

— Por favor, me agrida — murmurou.

Os dedos dele se enterraram no braço dela e suas unhas lhe penetraram a carne antes de ele aliviar a pressão. *Controle?*, pensou Eve. *Nada disso. Ele estava longe de se mostrar tão controlado quanto imaginava.*

— Vou levá-la até a saída.

— Conheço o caminho. É melhor começar a trabalhar, sr. Ricker, para ver se não deixou nenhuma pista descoberta. Vou revirar cada pedra sob a qual o senhor possa buscar abrigo, rastejando. E vou adorar fazer isso.

Ela partiu dali a passos largos e não se surpreendeu ao ver a criada surgir do nada sorrindo de forma amável.

— Espero que tenha apreciado a sua visita, tenente Dallas. Vou acompanhá-la até a porta.

Enquanto se afastava, Eve ouviu o inequívoco som de vidro se quebrando.

Não, pensou ela novamente. *Nem um pouco controlado.*

Ela foi levada de volta ao carro e os guardas ficaram observando-a com ar desconfiado quando ela passou pelos portões.

Dez minutos depois ela viu o primeiro veículo. Estava sendo seguida. Eles nem se deram ao trabalho de agir com sutileza. Eve deixou que ele se aproximasse. Manteve a velocidade um pouco acima do limite permitido por mais trinta

quilômetros, quando então um segundo veículo saiu em alta velocidade do acostamento e se colocou na frente do seu carro. Ela estava encurralada.

V*amos brincar um pouco*, decidiu Eve, pisando fundo no acelerador.

Ela trocou de pista subitamente e costurou pelo tráfego, mas não quis tornar a perseguição difícil para eles. Enquanto calculava a quilometragem percorrida, fez uma ligação do seu *tele-link*, de forma quase casual.

Fingindo uma cara de pânico, ela parou o carro no acostamento, logo depois de passar pela fronteira do estado de Nova York.

— Eu sabia que vocês não iam me decepcionar — murmurou, assim que os carros que a perseguiam pararam logo atrás. — São uns retardados.

Satisfeita ao ver que a estrada estava quase sem movimento, ela tornou a pisar no acelerador e saiu quase voando. Logo adiante fez um cavalo-de-pau e voltou de frente para os veículos, que vinham lado a lado pela estrada. Um deles desviou bruscamente para a direita e o outro para a esquerda, e, como vinham em uma velocidade altíssima, derraparam e saíram da estrada. Eve ligou a sirene do seu veículo nesse instante, parou e saltou do carro com a arma na mão.

— Polícia! Para fora! Todos para fora com as mãos onde eu possa vê-las! — Ao ver o passageiro do segundo carro colocar a mão no bolso do casaco, Eve atingiu o farol do veículo com uma rajada de laser.

Voaram fragmentos de vidro para todo lado e, no instante seguinte, o barulho de outras sirenes se juntou ao dela.

— Podem tirar a bunda daí de dentro, agora mesmo! — Com a mão livre ela pegou o distintivo. — Polícia de Nova York. Vocês estão presos!

Um dos motoristas saltou do carro devagar, com ar arrogante, mas manteve as mãos para o alto enquanto duas patrulhas estacionavam ao lado.

— Somos acusados de quê? — quis saber ele.

— Podemos começar com excesso de velocidade e seguir a partir daí — disse ela, erguendo o polegar. — Mãos no capô! Vocês já conhecem o procedimento.

Os policiais se multiplicaram em torno deles como abelhas.

— A senhora quer que coloquemos algemas neles, tenente?

— Sim, acho que eles estão resistindo à prisão. E olhem só isso aqui! — Ela revistou o primeiro motorista e levantou seu braço. — Uma arma escondida. Puxa, e uma arma que foi banida por lei! Agora vocês estão realmente encrencados.

Uma revista mais apurada mostrou que havia mais armas, cento e oitenta gramas de Exotica, sessenta de Zeus, um lindo conjunto de ferramentas para arrombamento e três canos de aço curtos, apropriados para espancamentos.

— Dá para vocês levarem esses manés para a Central, por favor? — Eve pediu aos guardas. — Podem fichá-los por porte de drogas, transporte ilegal de armas em

veículo particular e travessia de fronteira estadual portando armas banidas. Além de posse de mercadorias suspeitas.

Ela riu com ar feroz enquanto limpava as mãos uma na outra.

— Ah, não esqueçam do excesso de velocidade. O sr. Ricker vai ficar muito desapontado com vocês, rapazes. Muito desapontado *mesmo.*

Ela voltou ao seu carro, flexionando os ombros.

C*alma, muita calma, Ricker,* pensou ela, esfregando, distraída, as feridas que as unhas dele haviam feito em seu braço. *Nunca dê ordens em momento de instabilidade emocional.*

V*itória para mim no primeiro round.*

Capítulo Seis

Ian McNab fez tudo para exibir um ar casual ao entrar na sala de ocorrências da Central de Polícia. Só que não era fácil um homem passar despercebido quando usava uma trança que lhe descia até a cintura e vestia calças de aviador em cor laranja, mas ele bem que tentou.

Tinha uma desculpa para estar naquela área. Alguns detetives haviam feito requisições à Divisão de Detecção Eletrônica para investigação de algumas testemunhas listadas no caso Kohli. Pelo menos esse era o pretexto de McNab para estar ali e ele pretendia manter a história.

Na verdade, ele também tinha outro motivo para estar ali. Esse motivo estava alojado em um cubículo apertado no canto da sala, desempenhando funções técnicas com muita dedicação.

Ela parecia ainda mais linda desse jeito, absorta no trabalho. Ele estava de quatro por ela, certamente, mas não se sentia muito satisfeito com isso, já que seu plano inicial era arrebanhar o máximo de mulheres que lhe fosse humanamente possível. Ele simplesmente as amava.

Mas eis que de repente Peabody entrara em sua vida com seus sapatos medonhos e farda impecável e, como dizem os historiadores, foi assim que aconteceu.

Ela não cooperava muito com ele. Sim, ele finalmente havia conseguido levá-la para a cama — e também tinham estado juntos no chão da cozinha, na cabine de um elevador, em um vestiário vazio — e outros lugares que a imaginação dele inventava. Só que ela não estava muito impressionada com ele.

McNab se via forçado a admitir todos os dias, embora isso doesse, que ele estava muito longe de impressionar a policial Delia Peabody.

Ele se apertou para entrar na sua área de trabalho e acomodou o traseiro magro na quina da mesa.

— E aí, coisinha linda, qual é a boa?

— O que está fazendo tão longe da DDE, McNab? — Ela continuou trabalhando sem sequer erguer os olhos. — Escapou novamente das correntes?

— Na DDE eles não nos deixam trancados em buracos como este aqui. Como é que você consegue trabalhar nessa gaiola, Peabody?

— Como eu trabalho? De forma eficiente, é claro. Cai fora, McNab, estou atolada.

— É o caso Kohli? É só disso que todo mundo está falando. Pobre coitado.

Como sentiu pena na voz dele, Peabody olhou para cima. E percebeu que os

olhos dele, frios e verdes, não estavam apenas tristes. Estavam revoltados.

— Pois é. Mas nós vamos pegar o verme que o matou. Dallas já está trabalhando em todos os ângulos do caso.

— Ninguém melhor do que ela para esse trabalho. Alguns dos seus colegas daqui nos pediram para pesquisar uns nomes. Todo mundo na DDE, desde Feeney até o servente, está correndo atrás.

Peabody fez um ar de deboche.

— E você? Por que não está?

— Fui escolhido para dar uma passadinha e ver se pintou alguma novidade. Qual é, Peabody, nós também estamos correndo atrás. Por favor, me dê alguma informação que tenha acabado de sair do forno.

— Não tenho nada de novo. Rolou um lance, mas vai ter que ficar só entre nós — disse ela, baixando a voz e olhando pela estreita entrada da sua baia de trabalho. — Não sei exatamente o que Dallas está investigando. Ela foi fazer trabalho de rua hoje e não me levou junto. Aliás, nem me contou para onde ia. Só que alguns minutos atrás eu recebi uma ligação. Eve e uns guardas estão trazendo quatro bobalhões para o xadrez e ela mandou que eu preparasse tudo para autuá-los por vários crimes, inclusive porte de armas banidas; além disso, quer a ficha criminal deles correndo. Quer tudo *para ontem*. Estão vindo para cá.

— E o que descobriu sobre os caras?

— Todos quatro já foram hóspedes de diversas prisões, quase sempre por crimes violentos. Agressões, envolvimento em tumultos com mortes. São capangas cobradores de dívidas que geralmente trabalham para tubarões, conforme suas fichas criminais indicam. Mas veja só o que eu descobri...

Ela baixou o tom de voz ainda mais, e McNab teve de se inclinar em sua direção até sentir o perfume do xampu que ela usava.

— Todos eles têm ligação com Max Ricker.

McNab abriu a boca de espanto, mas engoliu a exclamação que ia emitir quando viu Peabody colocar o dedo sobre os lábios.

— Você acha que Ricker está por trás da morte de Kohli? — perguntou ele.

— Não sei. Só sei que Kohli fazia parte da equipe que desbaratou as operações de Ricker no ano passado, porque Dallas me mostrou a pasta do caso e a transcrição do julgamento. Dei uma olhada em tudo, mas Kohli foi só coadjuvante, nem mesmo testemunhou contra Ricker. O caso foi encerrado em menos de três dias, sem prisões, *é* claro. Mas Dallas deve ter tido algum motivo para prender quatro dos capangas dele.

— Essa história está suculenta.

— Pode espalhar por aí sobre os quatro babacas que ela está trazendo, mas

fique de bico calado a respeito da ligação deles com Ricker, pelo menos até conseguirmos mais alguma coisa.

— Tudo bem, eu faço isso, mas preciso de algum incentivo. Que tal você passar lá em casa hoje à noite?

— Não sei quais os planos de Dallas. — Ele sorria abertamente para Peabody. Por motivos que ela não conseguia identificar, achava cada vez mais difícil resistir àquele sorriso idiota. — Talvez dê para eu lhe fazer uma visita rapidinha — concordou ela.

— Falando em rapidinha, quando você chegar lá, nós bem que poderíamos... — Ele chegou junto do ouvido dela e fez uma sugestão interessante, com o intuito de deixá-la animada até o fim do turno. De repente, porém, se afastou da mesa com a velocidade de uma pedrinha ao sair do estilingue. — Caraca! Lá vem o comandante!

— Fica frio! — aconselhou Peabody e se colocou em estado de alerta.

Não era um fato inédito o comandante Whitney aparecer na sala de ocorrências, mas também não era comum.

— Caraca! Ele está vindo nessa direção, Peabody.

Ela percebeu, mas resistiu ao impulso de ajeitar o paletó da farda.

— Detetive McNab! — Whitney parou, bloqueando a entrada do cubículo onde Peabody trabalhava e lançou um olhar frio e severo para o rapaz. — Você foi transferido da DDE para cá?

— Não, senhor. Isto é, comandante! A DDE participa do esforço conjunto com a Divisão de Homicídios, no intuito de ajudar a elucidar o caso do detetive Taj Kohli. Estamos confiantes de que esse belo exemplo de cooperação interdepartamental ajude a encerrar o caso com mais rapidez e eficiência.

Ele era bom no blablablá, pensou Peabody, com admiração velada. E foi rápido como um gato.

— Então volte para o seu lugar e continue a cooperar conosco, detetive, em vez de interromper o trabalho desta colega.

Bem, pensou ela, talvez não tão rápido.

McNab quase bateu continência, mas conseguiu se segurar e sumiu dali como fumaça.

— Policial, você levantou os dados dos quatro indivíduos que estão chegando à Central, como sua tenente requisitou?

Estão chegando? Já? Puxa!

— Sim, senhor.

— Quero cópias impressas de tudo.

Peabody ordenou que a impressora começasse a trabalhar.

— Pronto, comandante, já enviei cópias para todos, inclusive para os veículos que estão chegando com os prisioneiros.

Ele simplesmente grunhiu ao notar que Eve entrava nesse exato momento.

— Tenente Dallas, quero vê-la em sua sala.

Peabody se encolheu toda ao perceber o tom de voz do comandante. Duro e frio. Reunindo coragem, saiu do seu cubículo e ficou feliz ao ver que Eve se dirigia para a sua sala, mas, antes, ela fez um sinal ordenando para que Peabody continuasse ali.

Alguma coisa estava pegando fogo, pensou Peabody, sem saber quem sairia queimado.

— Senhor. — Eve abriu a porta e a manteve aberta para que o comandante entrasse, fechando-a em seguida.

— Explique-me, tenente, por que você deixou o estado e a sua jurisdição para ir interrogar Max Ricker sem antes discutir tais intenções com seus superiores.

— Comandante, segundo o regulamento, a investigadora principal do caso não precisa de autorização superior para efetuar entrevistas relevantes para o caso. Estou igualmente autorizada a sair da minha jurisdição para fazê-lo, se a entrevista for pertinente.

— Isso inclui incomodar um civil em outro Estado? Eve sentiu uma fisgada de raiva, mas ignorou-a.

— *Incomodar*, senhor?

— Recebi uma ligação do advogado de Ricker, que também entrou em contato com o secretário de Segurança e ameaça processar você, esta divisão e a cidade de Nova York por incomodar seu cliente, além de agredir e prender quatro de seus funcionários.

— É mesmo? Puxa, ele ficou realmente apavorado — murmurou — Não pensei que o tivesse abalado tanto. Comandante, —continuou ela, forçando-se a focar a atenção no caso — entrei em contato com Ricker, solicitei uma entrevista no horário que lhe fosse mais adequado e ele concordou espontaneamente com isso.

Eve pegou um disco lacrado em uma gaveta.

— O convite feito daqui e a aceitação dele foram gravados, bem como toda a conversa com Ricker, em sua casa. Ele foi devidamente informado de seus direitos e deveres antes de dar declarações, e tudo aconteceu na presença de seis dos seus advogados, por teleconferência holográfica.

Dessa vez, ela pegou outro disco na bolsa.

— O material foi todo gravado, comandante, com conhecimento do sr. Ricker e sua anuência. Com todo o respeito, senhor, creio que ele está pau da vida com o que aconteceu.

— Ótimo, tenente. Também tive essa impressão. — Ele pegou os dois discos. — Entretanto, acusar Ricker de envolvimento no assassinato de um tira é perigoso e delicado. Você deve ter uma base sólida para se lançar nesse rumo.

— Meu trabalho é seguir todas as pistas que aparecerem. Estou fazendo isso.

— E o seu trabalho também inclui prender quatro homens em via pública e dirigir de forma perigosa, colocando em risco não só a vida dos suspeitos como também a das pessoas que passavam pelo local, além de provocar danos em dois veículos?

Seu treinamento era excelente e isso a impediu de fazer uma careta de raiva. Mas bem que teve vontade.

— Quando eu voltava de Connecticut para Nova York fui abordada e perseguida por dois veículos civis, cada um com dois indivíduos. Apesar das manobras de evasão que efetuei, os citados veículos continuaram a me perseguir, excedendo o limite de velocidade permitido para o local. Preocupada com a segurança dos outros civis que circulavam pela estrada, tomei a pista secundária, onde o tráfego era mais leve. A essa altura os carros colados à minha traseira aumentaram a velocidade, colocando-se em posição de ataque. Sem conhecer suas intenções, solicitei reforço e, pensando no risco que seria levar tal corrida alucinada para uma área populosa, liguei a sirene, executei uma curva fechada e me coloquei de frente para os agressores. O susto fez com que eles saíssem da estrada.

— Tenente...

— Senhor, gostaria de completar meu relatório verbal sobre o incidente. — Eve transbordava de raiva, mas seu tom era frio.

— Pois prossiga com o relato, tenente.

— Identifiquei-me como oficial de polícia e ordenei que saíssem dos veículos. Nesse ponto um dos indivíduos fez um movimento com a mão rumo ao que me pareceu ser uma arma oculta, suspeita confirmada posteriormente. Disparei uma rajada de advertência que, acidentalmente, danificou um farol. As radiopatrulhas do reforço solicitado chegaram em seguida e os quatro indivíduos foram presos. Durante a revista que se seguiu, e que é permitida em tais incidentes, encontramos armas banidas por lei, dois tipos de drogas ilegais, em pequenas quantidades, ferramentas suspeitas e três canos de aço em posse dos indivíduos ou escondidos nos veículos. Nesse ponto, solicitei que os policiais fardados transportassem os suspeitos para a Central, a fim de fichá-los por diversas transgressões. Entrei em contato com minha auxiliar e solicitei uma pesquisa padrão na possível ficha criminal de cada um deles, e vinha com a intenção de preparar meu relatório e interrogar os indivíduos detidos.

Sua voz permaneceu fria, sem expressão e absolutamente calma. Ela se

recusava a permitir que a raiva ou a sensação de triunfo brilhasse em seus olhos. Mais uma vez colocou a mão na bolsa e retirou ali de dentro dois discos.

— Tudo o que acabei de relatar foi oficialmente gravado; durante a perseguição, usei o sistema de gravação da minha viatura, e, durante a prisão, usei a minha câmera de lapela. Na minha opinião, as regras de procedimento para esses casos foram fielmente seguidas.

Whitney pegou os discos e se permitiu um quase imperceptível sorriso ao guardá-los.

— Bom trabalho, tenente. Excelente trabalho!

Eve tentou se acalmar e agradecer com delicadeza, mas o seu "Obrigada, senhor" saiu de sua boca com um toque de raiva.

— Está revoltada por eu ter questionado a sua conduta, tenente? — perguntou Whitney.

— Sim, senhor. Estou.

— Não posso culpá-la. — Com um jeito distraído, ele guardou os discos no bolso e foi até junto da pequena janela de Eve. — Esperava que você tivesse se precavido nessa história, mas não tinha certeza. De qualquer modo, você vai ser massacrada pelo advogado, Dallas, mesmo com tudo gravado. Eu quis ver pessoalmente e em primeira mão como você seguraria essa barra. Asseguro-lhe que você agüentou muito bem, tenente, como sempre.

— Sei lidar com advogados.

— Sem dúvida. — Whitney respirou fundo, avaliou a janela diminuta e se perguntou como ela conseguia trabalhar em um espaço pouco maior que o interior de um ovo. — Está esperando o meu pedido de desculpas, tenente?

— Não, senhor.

— Ótimo. — Ele se virou novamente para Eve e tornou a fechar a cara. — Quem está no comando raramente pede desculpas. Você cumpriu o regulamento e eu não esperava menos que isso. Entretanto, permanece o fato de que ao trazer Max Ricker para dentro deste caso você colocou o departamento em uma situação complicada.

— Um tira assassinado justifica uma situação complicada, senhor.

— Não tente me julgar por antecipação, tenente — ralhou ele. — Nem subestime meu pessoal ou meu departamento quanto à solução do assassinato do detetive Kohli. Se Ricker estiver envolvido nisso, vou querer enquadrá-lo mais do que você. Sim, mais que você — repetiu. — Agora me explique uma coisa: se ele concordou em lhe dar essa entrevista, por que mandou quatro capangas em seu encalço?

— Eu o peguei de jeito.

— Quero detalhes, tenente. — Ele olhou em volta da sala. — Onde é que as pessoas *se sentam* nesse buraco?

Sem dizer nada, Eve ofereceu ao comandante a sua cadeira decrépita e barulhenta. Ele olhou para o assento por um instante e então, de um modo que fez desaparecer a tensão remanescente como um alfinete que fura um balão, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Pensa que eu não sei que você está tentando me insultar? Se eu colocar metade do meu traseiro sobre essa cadeira patética, vou cair de bunda no chão. Pelo amor de Deus, Dallas, você possui uma patente elevada, pode requisitar uma sala para trabalhar em vez dessa toca.

— Gosto daqui. Se me derem um lugar maior, eu vou acabar recebendo um monte de cadeiras e talvez uma mesa extra. Em seguida, as pessoas vão começar a dar passadinhas aqui só para bater papo.

Whitney soprou com força por entre os dentes.

— Eu que o diga! — exclamou ele. — Podemos tomar um pouco daquele café que Roarke consegue para você?

Eve foi até o AutoChef e programou duas xícaras de café bem forte.

— Comandante, eu gostaria de conversar sobre um assunto com o senhor, extraoficialmente.

— Com esse café ao lado, podemos conversar do jeito que você quiser por uma hora. Minha nossa, que aroma!

Eve sorriu consigo mesma, lembrando a primeira vez que experimentara o café de Roarke. O verdadeiro, não o misturado com soja, nem o outro, solúvel e artificial. Ela devia ter desconfiado desde aquele instante que ele era o homem certo para ela.

E por ele representar tanto, ela se virou com o café pronto e confiou no comandante.

— Roarke teve ligações com Ricker no passado, em alguns negócios. Roarke desfez a sociedade há mais de dez anos. Ricker não esqueceu isso e nunca o perdoou. Ele adoraria atacar Roarke, se pudesse, até mesmo através de mim, se isso desse certo. Durante a minha reunião com ele, usei Roarke para provocá-lo, e funcionou. Ele perdeu a calma em alguns momentos. Continuei pressionando nesse ponto fraco e ele sempre se irritava.

— Ele quer pegar Roarke com vontade?

— Sim, está louco para isso, mas eu acho que morre de medo dele. Esse medo encoberto o incomoda mais que qualquer outra coisa. Na verdade, ele não enxerga isso como medo, e sim como ódio intenso. Ao mandar aqueles boçais atrás de mim, ele não estava raciocinando, foi pura reação. Ele é esperto demais para mandar

quatro debilóides incomodarem uma policial em serviço, ainda mais quando se pode provar a ligação dos idiotas com ele. O fato é que ele perdeu o controle e os enviou para me pegar. Queria me atingir porque eu ri dele. Sou a mulher de Roarke e ri dele.

— Você se colocou como isca nessa história. Pense nisso. Ele poderia tê-la atacado antes que você conseguisse sair da casa.

— Ele não ia querer sujar o próprio ninho. Um risco, eu sei, mas foi calculado. Se convencêssemos um dos imbecis a abrir o bico, teríamos motivos para convocar Ricker, obrigando-o a depor e colocando mais pressão sobre ele.

— Esses caras não abrem o bico tão facilmente.

— Não precisaríamos de muita coisa. Quero Ricker preso. Ele escapou impune da operação das drogas ilegais e isso não devia ter acontecido. Analisei todos os relatórios e transcrições. Era só seguir as normas, porque todos os ângulos estavam cobertos. De repente, tudo deu errado. Houve uma quebra da corrente de provas, uma das testemunhas principais desapareceu, mesmo estando sob proteção policial, um funcionário da promotoria arquivou errado um dos depoimentos. Pequenos furos foram formando grandes rombos e ele escapou numa boa.

— Concordo, Dallas, e saiba que ninguém tem mais vontade de colocar as mãos em Ricker do que eu. O problema é que a ligação de Ricker com a morte de Kohli é circunstancial e muito tênue. Não sei como você conseguiria enquadrá-lo.

— Estou trabalhando nisso. — Foi tudo o que ela disse. Pensou em Webster e nas dicas que ele dera, mas ainda não estava pronta para falar disso.

— Dallas, Ricker não pode se transformar em uma vendeta pessoal para você.

— Não é o caso. Deixe-me resolver as coisas, comandante.

— A investigação é sua, mas cuidado onde pisa. Se Ricker foi o mandante da morte de Kohli, não hesitará em fazer de você o seu próximo alvo. E pelo que você me contou aqui, ainda possui outras razões para isso.

— Se eu mantiver a pressão, ele acabará cometendo um erro, e eu não.

Eve saiu e foi falar com os advogados que haviam chegado, um para cada homem que ela prendera. Todos exibiam ternos de cinco mil dólares e conheciam todos os truques para casos como aquele. Só que iam cortar um dobrado para contornar o fato de que ela tinha tudo gravado.

— Gravações que ninguém mais viu serem feitas, além da senhora? — afirmou Canarde, o primeiro seboso, olhando de forma casual para as unhas bem cuidadas. — A senhora não tem como provar que esses discos não são montagens preparadas com o único intento de constranger meu cliente.

— Por que o seu cliente veio colado na traseira do meu carro desde

Connecticut até Nova York?

— Não é contra a lei utilizar uma estrada pública, tenente.

Eve simplesmente olhou o boletim de ocorrência e apontou um item com o dedo.

— Ele carregava armas banidas por lei.

— Meu cliente afirma que elas foram plantadas pela senhora.

Eve desviou a cabeça e olhou para o tal cliente, um sujeito de cento e vinte quilos, com mãos gigantescas e um rosto que só a mãe dele poderia amar, isso mesmo se fosse terrivelmente míope. Até aquele momento ele não abrira a boca para dizer nada.

— Puxa, eu realmente ando ocupadíssima, plantando armas em carros por aí. Quer dizer que o seu cliente, que pelo visto perdeu a língua, sugeriu que eu simplesmente dirigia por uma estrada portando quatro lasers manuais autocarregáveis e mais uns lança-chamas de longo alcance, louca para pegar algum cidadão desprevenido para poder prender? Qual foi o motivo que ele apontou para isso? Eu não ter ido com a cara dele?

— Meu cliente desconhece os seus motivos.

— Seu cliente é um monte de merda que já passou por tudo isso antes. Agressão e espancamento, porte de armas ilegais, agressão com intenção de matar, posse de armas brancas. Você não está defendendo nenhum sacristão, Canarde. Com o que já temos na mão ele entrou aqui e não sai mais. Meu palpite são vinte e cinco anos diretos, sem direito a liberdade condicional, em colônia penal fora do planeta. Você já esteve em alguma instalação prisional fora da Terra, bonitão? — Eve exibiu os dentes em um sorriso suave. — Perto delas, as cadeias daqui parecem suítes do Palace.

— A polícia incomodar e tentar intimidar um preso não é novidade — disse Canarde, com a voz calma. — Meu cliente não tem mais nada a dizer.

— Ué, quem ouve, pensa que ele falou como um papagaio, até agora. Você vai bancar o cordeiro de sacrifício para Ricker, garotão? Acha que ele está se preocupando com os vinte e cinco anos que você vai passar atrás das grades?

— Tenente Dallas! — interrompeu Canarde, mas ela fitou o preso com firmeza e notou uma leve sombra de dúvida em seus olhos.

— Não é você que eu quero, Lewis. Se quiser salvar a sua pele, pode fazer um acordo comigo. Quem mandou você atrás de mim hoje? Diga o nome e eu tiro você lá de dentro.

— Esse interrogatório acabou. — Canarde se levantou.

— Acabou, Lewis? Você quer mesmo que acabe? Quer curtir na cadeia a primeira noite dos seus próximos vinte e cinco anos? Ele lhe paga o bastante? Será

que o dinheiro vai ser suficiente? Lembre-se de que você vai ficar em um buraco vinte horas por dia durante vinte e cinco anos, tendo uma tábua como cama, sendo filmado o tempo todo enquanto usa uma privada de aço dentro da cela. Não tem moleza lá não, Lewis. Não existem mordomias em penitenciárias fora do planeta. A idéia não é "reabilitar", não importa o que os políticos digam. É punir mesmo.

— Permaneça calado, sr. Lewis. Já dei esta entrevista por encerrada, tenente, e exijo os direitos do meu cliente para uma audiência.

— É, eu sei. Ele vai conseguir a audiência dele. — Eve se levantou. — Você é um babaca, Lewis, se acha que esse bonitão bem falante está do seu lado.

— Não tenho nada a declarar para tira nenhum, muito menos pra quem tem xereca. — Lewis levantou os olhos, com desdém. Mas Eve percebeu um brilho de medo em seus olhos.

— Puxa, magoei! Agora você me ofendeu duplamente. — Eve fez sinal para o guarda. — Tire esse monte de merda daqui e leve-o para o buraco. Durma bem, Lewis. Para você não adianta desejar um bom sono, Canarde — continuou Eve, já saindo da sala. — Ouvi dizer que tubarões nunca dormem.

Ela saiu, seguiu pelo corredor e entrou na sala ao lado, onde Whitney e Peabody haviam observado a cena atrás de um vidro espelhado do outro lado.

— As audiências preliminares vão acontecer amanhã de manhã a partir das nove — comunicou Whitney. — Canarde e sua equipe pressionaram para marcar logo.

— Tudo bem. De qualquer modo os nossos rapazes vão passar a noite atrás das grades. Vou botar mais pilha em Lewis antes do interrogatório. Podemos marcá-lo para o último horário, porque quero um tempinho a sós com ele logo cedo. É Lewis quem vai ceder.

— Concordo. Alguma vez você já visitou um centro de reabilitação prisional extraplanetário, tenente?

— Não, senhor, mas ouvi dizer que lá parece esgoto.

— Pior. Lewis deve ter ouvido isso também. Bata nessa tecla, mas vá para casa, por ora — aconselhou ele. — Descanse um pouco.

— Se fosse eu lá dentro — comentou Peabody, quando se viu a sós com Eve —, teria entregado de bandeja até a minha mãe. Ele pode realmente pegar vinte e cinco anos em uma prisão fora do planeta?

— Pode sim. Nunca se meta com um tira. Os juizes pegam pesado em casos desse tipo. Lewis sabe disso muito bem e vai passar a noite pensando no assunto. Quero pegá-lo novamente logo cedo. Você pode participar, se quiser, mas tem que parecer cruel e implacável.

— Adoro fazer isso. Você vai para casa agora? — perguntou ela, sabendo que

muitas vezes a tenente dispensava sua auxiliar e continuava trabalhando sozinha na Central.

— Vou, já estou caindo fora. Depois de me atracar com aqueles caras imundos, quero uma boa ducha. Volte amanhã às seis e meia, Peabody.

— Sim, senhora.

A hora de jantar já passara e Eve não ficou nada feliz ao descobrir que o ladrão desconhecido de chocolates e barras de cereais de sua sala já descobrira o novo esconderijo das guloseimas. Ela teve de se contentar com uma maçã que alguém tolamente esquecera na unidade de refrigeração do refeitório.

Isso serviu para tapar o buraco do seu estômago e, ao chegar em casa, ela estava mais interessada em um banho quente do que em comida. Ficou levemente desapontada por Summerset não surgir no saguão para recebê-la e travarem a troca de desaforos de toda noite.

Ducha em primeiro lugar, ela decidiu, subindo as escadas como quem faz jogging. Depois do banho ela iria procurar Roarke. Durante a chuveirada ela decidiria quanto do que lhe aconteceu naquele dia ela estava disposta a contar ao marido.

Evitar o nome de Ricker lhe pareceu o melhor modo de manter a harmonia conjugai, ao menos por ora.

Assim que entrou no quarto, viu as flores. Era impossível não vê-las, pois era um arranjo com um metro e vinte de largura colocado no centro do quarto. Elas exalavam um cheiro tão doce que era capaz de provocar cáries.

Passaram-se mais alguns instantes antes de Eve perceber que as flores tinham pernas compridas e vestiam calças pretas.

Summerset. A ducha ia ter de esperar.

— Você comprou flores para mim? Puxa, Summerset, não precisava se incomodar! Aliás, tente controlar essa paixão avassaladora, senão Roarke vai dar um chute no seu traseiro magro e despedi-lo só para tornar minha felicidade completa.

— Seu senso de humor — disseram as flores em um tom seco e leve sotaque eslavo — me desconcerta, como sempre, tenente. Este arranjo repulsivo e exagerado acabou de chegar, trazido por um entregador.

— Cuidado com o gato! — alertou Eve ao ver que Summerset dera um passo à frente e Galahad cruzou seu caminho. Para sua surpresa e relutante admiração, Summerset quase perdeu o equilíbrio ao evitar o rabo de Galahad por milímetros, para em seguida colocar o enorme buquê sobre a mesa da saleta de estar em um

canto do quarto.

Galahad deu um pulo, cheirou as flores, tornou a descer e circulou o mordomo, esfregando a cabeça em sua perna.

— As flores são para a senhora — disse Summerset e, como Eve o observava, ignorou o gato. — Meu dever é trazê-las e aqui estão.

— Quem as enviou? Elas não têm o estilo de Roarke.

— Certamente que não! — fungou Summerset, mais ou menos como Galahad fizera, enquanto analisava o elaborado arranjo com ar de desdém. — Um conhecido seu, um desses malfeitores com quem a senhora convive, talvez considere isto um tipo aceitável de suborno.

— É, pode ser. — Ela pegou o cartão, abriu o envelope e rosnou de raiva, fazendo o gato pular e ir se esconder entre as pernas de Summerset. — Ricker, aquele filho-da-mãe!

— Max Ricker? — exclamou Summerset, e seu ar de nojo se tornou áspero gélido e cortante. — Por que ele lhe mandaria flores?

— Para me deixar furiosa — explicou Eve com ar distraído, e então sentiu um arrepio de medo na boca do estômago. — Ou enfurecer Roarke. Leve essas flores daqui. Jogue-as fora, coloque-as no reciclador de lixo. Livre-se delas, rápido, e não conte nada a Roarke. — Agarrou a manga de Summerset. — Não conte a Roarke!

Eve fazia questão de nunca pedir nada a Summerset. O fato de ela fazer isso naquele instante, e com tanta urgência na voz, fez um alarme soar na cabeça do mordomo.

— O que Max Ricker representa para a senhora?

— Um alvo. Leve esse troço para fora daqui. Onde está Roarke?

— Em seu escritório do andar de cima. Mostre-me o cartão. A senhora foi ameaçada?

— Essas flores são uma isca — explicou ela, com impaciência. — Para Roarke. Desça de elevador. Agora! Suma com elas! — Eve amassou o cartão antes de Summerset conseguir agarrá-lo de sua mão. — Vá logo!

Contrariado, Summerset segurou novamente o arranjo nos braços.

— Tenha cuidado, tenente. Muito cuidado — alertou ele, e entrou com as flores no elevador.

Eve esperou até as portas se fecharem antes de desamassar o cartão e tornar a lê-lo:

Eu não tive a chance de beijar a noiva
Max Ricker

— Pois eu vou lhe dar a chance — murmurou ela, picando o cartão em mil pedaços — assim que nos encontrarmos no inferno.

Ela jogou os pedaços rasgados na privada, deu descarga, respirou aliviada e, em seguida, se despiu. Deixou as roupas no chão, onde elas caíram, e pousou o coldre sobre a imensa bancada antes de entrar no boxe de vidro.

— Jatos a toda força — ordenou ela, fechando os olhos. — Trinta e nove graus!

Ela deixou a água açoitá-la em toda parte até sentir o calor dissipar os calafrios que as flores haviam trazido. Resolveu deixar esse assunto de lado e se focar em como conseguiria arrancar algo de Lewis na manhã seguinte.

Sentindo-se melhor, desligou os jatos, fez escorrer com os dedos um pouco da água do cabelo, virou-se... E deu um grito.

— Caramba! Puxa vida, Roarke, você sabe que eu odeio quando você chega assim, sorrateiro.

— Sim, eu sei. — Ele abriu a porta do tubo secador de corpo, sabendo que Eve preferia usar o aparelho em vez de curtir uma toalha felpuda. Enquanto o ventilador girava em torno dela, Roarke foi pegar o robe, pendurado atrás da porta.

Porém, ao vê-la sair, segurou o robe com mais força em vez de entregá-lo.

— Quem colocou essas marcas em você?

— Hein?

— Seu braço está roxo.

— Pois é. — Ela baixou os olhos e reviu Ricker com os olhos pegando fogo e os dedos enterrados em sua pele. — Devo ter esbarrado em alguma coisa. — Ela esticou a mão para pegar o robe, mas Roarke o afastou do alcance dela. — Pare com isso, não estou a fim de aturar suas taras no banheiro.

Tal afirmação geralmente o faria sorrir. Eve sentiu o estômago revirar quando os olhos dele continuaram frios e fixos nos dela.

— Isso são marcas de unhas, tenente. Quem machucou você?

— Ah, qual é?! — Tentando parecer irritada, ela pegou o robe. — Sou tira, lembra? Passo os dias enfrentando figuras desagradáveis. Você já jantou? Eu estou morrendo de fome.

Ele a deixou ir para o quarto e esperou que ela programasse algo no AutoChef, antes de perguntar:

— Onde estão as flores?

Oh, merda.

— Que flores?

— As flores que foram entregues aqui em casa ainda há pouco, Eve.

— Não sei do que você está falando, eu acabei de... Ei!

Ele girara o corpo dela tão rápido que ela sentiu-se estremecer, mas logo se viu paralisada pela fúria que enxergou nos olhos dele.

— Não minta para mim. Nunca minta para mim!

— Corta essa! — Roarke a agarrou pelos braços. Mesmo no auge da fúria, Eve percebeu que ele não a machucava e tinha o cuidado de manter as mãos longe das marcas roxas. — Um monte de flores entra nessa casa o tempo todo, como é que eu posso saber a procedência delas? Agora me solte, porque estou com fome.

— Sou capaz de tolerar muita coisa de você, Eve, e Deus é testemunha de que isso acontece o tempo todo. Só não vou aturar ficar aqui diante de você ouvindo-a mentir descaradamente. Vejo marcas roxas em seu braço, feitas pela mão de alguém. Summerset está lá embaixo jogando um monte de flores no reciclador de lixo. Sob ordens suas, eu suponho, já que ele as trouxe para cima assim que chegaram. Droga, ainda dá para sentir o cheiro delas. Do que você tem medo?

— De nada.

— Então de quem, Eve? Quem colocou esse medo em seus olhos?

— Você.

Ela sabia que não era verdade, que estava sendo cruel, e se odiou quando os olhos dele ficaram sem expressão e ele recuou um passo.

— Então, eu lhe peço desculpas.

Ela odiava quando ele usava esse tom rígido e formal. Era pior do que um grito. Quando ele se virou e se afastou ainda mais, Eve desistiu:

— Roarke. Droga, Roarke! — Ela teve de ir atrás dele e o pegou pelo braço. – Sinto muito, me escute! Sinto de verdade.

— Tenho muito trabalho.

— Não me trate com essa frieza. Não suporto quando você faz isso. — Ela passou as mãos pelos cabelos e apertou as palmas das mãos sobre a testa, que começava a latejar. — Nem sei como resolver isso, porque de um jeito ou de outro eu vou deixar você muito pau da vida.

Contrariada, ela foi para a saleta de estar, se jogou no sofá e ficou olhando para um ponto indeterminado.

— Por que não tenta a verdade?

— Então tá. Tudo bem, mas primeiro você tem que me prometer uma coisa.

— Que coisa?

— Antes de mais nada, tire esse cabo de vassoura do rabo e sente para me ouvir.

— Estou muito bem em pé, obrigado. — Ele analisou o rosto dela, calculando e especulando sobre o que poderia ter acontecido. — Você foi procurar Ricker.

— Você é vidente? — Então os olhos dela se arregalaram e ela se viu em pé,

correndo na direção dele. — Ei, ei! Você prometeu!

— Não, não prometi nada.

Ela o alcançou no corredor e pensou em tentar derrubá-lo no chão, mas acabou decidindo atingi-lo no ponto fraco.

— Por favor.

— Ele colocou as mãos em você.

— Roarke. Olhe para mim, Roarke. — Ela colocou as mãos no rosto dele e viu um ódio mortal em seus olhos, capaz de fazê-lo matar alguém em uma explosão de raiva ou mesmo a sangue-frio. — Eu servi de isca para ele e tive razões para isso. Nesse momento ele está apavorado. As flores foram só para provocar você, pois ele quer que você vá atrás dele. É exatamente isso que ele quer.

— E por que eu não atenderia ao seu chamado?

— Porque eu estou pedindo. Porque derrubá-lo é trabalho meu, e, se eu desempenhar bem o meu papel, conseguirei fazer isso.

— Às vezes você me pede coisas impossíveis.

— Eu sei. Também sei que você poderia ir ao encalço do safado e daria um jeito de acabar com a raça dele, mas isso não é certo. Você não é mais assim, Roarke.

— Não sou? — Sua raiva inicial estava cedendo.

— Não, não é. Estive ao lado de Ricker hoje e agora estou do seu. Garanto que você não é nem um pouco igual a ele.

— Poderia ser.

— Mas não é. — A crise passara. Eve sentiu que sim. — Venha se sentar comigo, vou lhe contar tudo.

Ele segurou o rosto dela e enfiou o polegar na covinha do seu queixo. Embora aquele fosse um gesto de ternura, seus olhos continuavam duros.

— Não torne a mentir para mim.

— Certo. — Ela apertou o punho dele como se fizesse uma promessa e sentiu-lhe o pulso. — Não vou mentir.

Capítulo Sete

Ela contou tudo a ele relatando todos os seus passos e movimentos com um tom muito parecido com o que usara no relatório oral para o comandante Whitney. Sem paixões, muito profissional e frio.

Ele não disse uma palavra, não emitiu som algum e alongou o silêncio até ela sentir os nervos à flor da pele. Os olhos dele não se desviaram dos dela em nenhum momento, mas não lhe transmitiram o que ele pensava. Ou sentia. Naquele instante eram só dois olhos azuis, cruéis e frios como o gelo do Ártico.

Eve sabia do que ele era capaz, quando pressionado. Ou até sem pressão, lembrou, nervosa e com o coração a galope, se acreditasse que quaisquer métodos seriam aceitáveis.

Quando ela acabou de falar, ele se levantou e foi com toda a naturalidade até o painel que escondia um bar. Serviu-se de um cálice de vinho e levantou a garrafa.

— Quer um para você? — perguntou.

— Ahn... Aceito.

Ele serviu um segundo cálice com segurança e naturalidade, como se eles estivessem ali simplesmente conversando sobre os acontecimentos domésticos do dia. Eve não era de se abalar com pouca coisa; já enfrentara o sofrimento sem tremer; encarava a dor e a morte de outros como uma espécie de rotina em sua profissão.

Mas, nossa, como ele conseguia abalá-la! Ela pegou o cálice que ele lhe trouxe e lembrou a si mesma de que não devia bebê-lo de um gole só.

— Então, isso foi tudo o que aconteceu — afirmou ela.

Ele tornou a se sentar, instalando-se confortavelmente entre as almofadas. Como um gato, ela pensou. Um gato muito grande e perigoso. Tomou o vinho lentamente, observandoa por cima da borda de cristal.

— Tenente — disse, por fim, com uma voz tão suave que enganaria qualquer um.

— Que foi?

— Você espera, honestamente, que eu não tome providência nenhuma?

Eve pousou o cálice sobre a mesinha. Não era hora de vinho.

— Sim — respondeu ela, com firmeza.

— Não se faça de burra. Os seus instintos e o seu intelecto são duas das coisas que eu mais admiro em você.

— Não faça assim, Roarke. Não leve isso para o terreno pessoal.

— Mas *é* pessoal. — Seus olhos relampejaram como uma lança de aço.

— Não, não é. — Ela conseguiria lidar com isso, tinha de conseguir Inclinando-se na direção dele, explicou: — Não é pessoal, a não ser que você deixe que ele atinja você. Ele quer que isso aconteça, quer que a coisa se torne pessoal para ele poder atacar. Roarke, você também não é burro. Seus instintos e o seu intelecto são duas das coisas que eu mais admiro em você.

— Bela rebatida, Eve. — Pela primeira vez em mais de uma hora, os lábios dele exibiram um esboço de sorriso.

— Ele não pode me ferir. — Sentindo uma abertura, Eve mergulhou nela apoiou um dos joelhos na ponta do sofá e colocou as mãos nos ombros dele. — A não ser que você deixe. Ele só pode me ferir através de você. Não permita isso. Não faça o jogo dele.

— Por quê? Você acha que eu poderia perder?

— Não. — Ela se agachou um pouco mais. — Sei que ganharia. Fico apavorada de saber que você ganharia esse confronto, mas o custo seria alto. Para nós dois, Roarke. Não faça isso. Deixe que eu resolva.

Ele ficou calado por um momento, olhando nos olhos dela, analisando o que viu e sentiu ali.

— Se ele tocar novamente em um único fio do seu cabelo ou deixar alguma outra marca em você, será um homem morto. Não, escute... — continuou ele, antes de ela ter chance de falar: — vou me manter afastado dele, por você. Mas, se ele pisar fora da linha, já era. Encontrarei o modo e o momento certo, e tudo acabará.

— Não preciso disso.

— Querida Eve. — Ele a tocou novamente, esfregando de leve o dedo ao longo do maxilar dela. — *Eu* preciso disso. Você não sabe como ele é. Por mais que tenha visto ao longo da vida e por mais que tenha feito, você não o conhece. Eu conheço.

Às vezes, Eve lembrou a si mesma, era preciso aceitar o que se conseguia.

— Você não vai atrás dele, então?

— Não agora, e isso já é difícil para mim. Portanto, deixe as coisas assim, por enquanto.

Ao levantar do sofá, Eve sentiu frieza na voz dele e praguejou baixinho:

— Você continua pau da vida comigo.

— Ah, sim, claro que continuo.

— E o que quer mais? — Exasperada, ela se colocou em pé e torceu para não se ver obrigada a socar aquele lindo rosto, na falta de uma solução melhor. —Já lhe pedi desculpas.

— Só porque eu peguei você antes.

— Tudo bem, você tem razão em quase tudo. — Sem paciência com ele nem consigo própria, ela chutou o sofá com violência. — Não sei como resolver este

problema! Amo você e isso me deixa louca. Isso já não é castigo suficiente?

Ele foi obrigado a rir. Ela parecia desnorteada.

— Puxa vida, Eve, você é mesmo uma figura!

— Isso devia ser um *handicap* para... droga! — ela reclamou entre dentes ao ouvir o comunicador tocar. Resistiu à vontade de pegá-lo e atirá-lo de encontro à parede. Tornou a chutar o sofá. — Aqui é a tenente Dallas falando. O que foi?

Emergência para a tenente Eve Dallas. Caso de homicídio. Ponte George Washington, rumo leste, pista superior. A vítima foi identificada como tenente Alan Mills, lotado na 128ª. DP, Divisão de Drogas Ilegais: A senhora deve se apresentar à cena do crime de imediato, como investigadora do caso.

— Minha nossa! Meu santo Cristo! Mensagem recebida. Entre em contato com minha auxiliar, a policial Delia Peabody. Envie-a ao local. Estou indo para lá.

Eve se sentou com a cabeça apoiada pesadamente sobre uma das mãos e o estômago revirado.

— Outro tira morto. Mais um tira assassinado.

— Vou até lá com você, tenente — disse Roarke, quando a viu balançar a cabeça. — Se quiser, eu vou sozinho, mas vou. Vá se vestir. Eu dirijo, para chegarmos mais depressa.

A ponte cintilava e seus arcos rebrilhavam de luz contra o fundo do céu noturno. Acima, o pesado tráfego aéreo seguia inabalado, quase apagando a lua que, apesar do estreito fio de um quarto minguante, tentava lançar alguma luz sobre a cidade.

A vida fervilhava ali.

Na pista superior da ponte, agora fechada para o tráfego, uma dúzia de radiopatrulhas e vários veículos de apoio se aglomeravam como cães sabujos prontos para uma caçada. Dava para ouvir as conversas nos *tele-links,* os murmúrios e as imprecações enquanto Eve abria caminho por entre policiais e civis.

Mais luzes azuis, brancas e vermelhas invadiram seu campo de visão. Ela não disse nada e caminhou, silenciosa, até o imundo veículo bege estacionado no acostamento.

Mills estava no banco do passageiro com os olhos fechados e o queixo caído sobre o peito, como se cochilasse. Do pescoço para baixo era só sangue.

Eve parou ao lado dele, cobriu as mãos com Seal-It, o spray selante, e analisou

o corpo.

É *como se ele posasse para uma foto*, pensou, encostando-se à janela aberta. Viu o distintivo jogado sobre a poça de sangue no piso do carro e percebeu o brilho difuso de moedas de prata espalhadas.

— Quem o encontrou?

— Uma alma caridosa. — Um dos policiais deu um passo à frente, como se estivesse à espera de sua deixa para falar.— Nós o detivemos. Ele está em um dos carros, vigiado por dois guardas. Parece estar em choque.

— Descobriu o nome dele ou uma declaração qualquer?

— Sim, senhora. — Com agilidade, o policial pegou um computador de mão e teclou algo. —James Stein, residente na rua 91, número 1001. Ele seguia para casa depois de trabalhar até mais tarde e viu este veículo parado no acostamento. Não havia muito movimento na ponte, segundo contou, e então ele reparou que havia alguém dentro do carro. Sentiu pena do sujeito. Parou, saiu do carro e foi até ali para ver se poderia ajudar em algo. Assim que notou que estava morto, deu o alarme.

— A que horas a ligação chegou?

— Vinte e uma horas e quinze minutos. Meu parceiro e eu fomos os primeiros no local. Chegamos às vinte e uma horas e vinte e cinco minutos e reconhecemos o veículo como sendo de um policial. Ligamos para a emergência, transmitimos o número da placa e uma descrição física do morto.

— Muito bem. Levem Stein para casa.

— Como assim, senhora? Não vai interrogá-lo?

— Agora não. Confirme o endereço dele e leve-o para casa. — Ela se virou de costas para o policial e viu Peabody e McNab saindo de uma patrulhinha.

— Tenente. — Peabody olhou para o carro de onde saltara e sua boca ficou rígida. — Estava em companhia de McNab quando recebi a mensagem. Não consegui me livrar dele.

— É... — Eve olhou para trás na direção em que Roarke estava, apenas uma silhueta recortada na luz. — Sei como é isso. Sele as mãos e grave a cena por todos os ângulos. — Ela não evitou soltar um palavrão ao ver mais um carro parar, trazendo a capitã Roth.

Eve foi se encontrar com ela.

— Quero um relatório completo, tenente Dallas.

Eve não se reportava a Roth, e ambas sabiam disso. As duas se avaliaram por um momento, sob leve tensão.

— Até agora eu sei tanto quanto a senhora, capitã — disse Eve.

— O que eu sei, tenente, é que você fez tudo errado e estou com mais um

homem morto nas mãos.

A conversa das pessoas à volta delas se transformou em silêncio tenso, na mesma hora, como se todos tivessem tido as cordas vocais cortadas pelo mesmo golpe.

— Capitã Roth, vou lhe dar um desconto por seu estresse emocional, mas, se a senhora quiser me atacar, faça isso pelos meios oficiais. Não me ataque na minha cena de crime.

— Agora, esse caso não é mais seu.

— É sim. — Eve se pôs na frente dela, impedindo-a de seguir adiante. — E como investigadora principal tenho autoridade para mandar removê-la desse local, se for necessário. Não me obrigue a isso.

— Você quer me pegar de jeito, não é, Dallas? — Roth cutucou Eve com a ponta do dedo. — Quer sair na porrada comigo?

— Não muito, mas vou sair, se tornar a colocar a mão em mim ou tentar interferir com a investigação. Agora, decida: saia da minha frente, caia dentro do trabalho ou retire-se da área cercada!

Os olhos de Roth cintilaram de ódio, seus dentes rangeram e Eve se preparou para reagir.

— Capitã! — Clooney veio vindo, abrindo passagem por entre os policiais. Seu rosto estava vermelho e sua respiração, ofegante, como se tivesse corrido. — capitã Roth, posso falar com a senhora em particular?

Roth estremeceu por mais alguns instantes, até que, por fim, pareceu cair em si. Com um curto aceno de cabeça, virou-se e voltou ao veículo que a trouxera.

— Sinto por tudo isso, tenente — murmurou Clooney. Seus olhos se desviaram e pararam, com ar triste, sobre o corpo de Mills. — Parece que o que aconteceu aqui a afetou demais.

— Eu compreendo. Por que está aqui, Clooney?

— As notícias voam. — Ele suspirou fundo. — Vou ter que bater em mais uma porta agora à noite e me sentar ao lado de outra viúva. Droga!

Ele se virou e foi até onde Roth estava.

— Ela não tinha motivos para atacá-la daquela forma, tenente — disse McNab, indignado, por trás de Eve.

Eve se afastou um pouco e olhou para a cena que Peabody gravava com todo o cuidado.

— Aquele é um bom motivo — disse ela.

Ele não concordava, mas deixou por isso mesmo.

— Posso ajudar em algo, tenente?

— Eu aviso, se precisar. — Eve deu um passo à frente e então olhou para trás

— McNab.

— Sim, senhora.

— Nem sempre você é um idiota completo.

Isso o fez sorrir. Enfiando as mãos nos bolsos, circulou por ali, foi até onde Roarke estava e o cumprimentou:

— Olá! Você também veio só para dar uma olhadinha?

— Pelo visto, sim. — Roarke estava louco para acender um cigarro, e isso o irritava. — Qual é o problema com a capitã Roth? — Ao ver que McNab encolhia os ombros, Roarke sorriu. — Ian, abra o jogo comigo. Ninguém sabe tanto das notícias quanto um detetive eletrônico.

— Isso é verdade. Tudo bem, confesso que xeretamos um pouco a vida dela assim que soubemos que Kohli era um detetive da sua divisão. A capitã é uma oficial durona. Está há dezoito anos na força. Sua ficha mostra um monte de casos solucionados e alguns elogios, além de algumas censuras por insubordinação, todas no início da carreira. Foi sendo promovida e encarou um monte de trabalho podre que ninguém queria. É capitã há menos de um ano, mas dizem que está quase perdendo o cargo desde que o caso Ricker não deu em nada.

Ambos olharam para o local onde Eve e Roth haviam se desentendido.

— Então é isso que a torna tão sensível — concluiu Roarke.

— Parece que sim. Ela teve problemas com bebida, há alguns anos. Submeteu-se a um programa de recuperação, voluntariamente, antes que a coisa piorasse. Está no segundo casamento, mas minhas fontes informam que a relação está quase no fim. Ela vive e respira trabalho.

McNab parou um instante para observar Roth conversando com Clooney.

— Se quer saber, acho-a muito ciumenta de seu espaço e também competitiva. Provavelmente a pessoa tem de ser assim para chegar à patente dela. Perder dois homens é duro, mas ter uma tira de fora assumindo o caso deve arrasar com ela. Especialmente quando se trata de alguém com uma reputação especial, como Dallas.

— E que reputação é essa?

— Dallas é o máximo! — comentou McNab com simplicidade, sorrindo de leve. — Peabody quer ser igual a ela quando crescer. Aliás, por falar em Peabody, eu queria lhe agradecer pelos conselhos que você me deu, lembra? Os toques em relação a ser mais romântico com ela e tal. Pois é... funcionou.

— Fico feliz em saber.

— Só que ela continua saindo com aquele prostituto seboso e isso me deixa pau da vida.

McNab estendeu a mão e ofereceu um chiclete de uva para Roarke, que olhou

com atenção e resolveu aceitar.

Mastigando com ar pensativo, os dois se puseram a observar suas respectivas mulheres em pleno trabalho.

Eve ignorou os curiosos. Podia ter mandado evacuar a área e deixar só as pessoas essenciais, mas lhe pareceu errado fazer isso. Os policiais estavam ali em grande número como uma espécie de homenagem ao distintivo do colega morto e também para se alegrarem um pouco pelo fato de estarem vivos.

Duas boas razões para deixá-los ali.

— A vítima foi identificada como tenente Alan Mills, da 128ª. DP, Divisão de Drogas Ilegais. Branco, cinqüenta e quatro anos.

Eve recitou os dados para a câmera que gravava tudo e levantou levemente o queixo.

— O corpo foi encontrado por um civil de nome James Stein. Estava no banco do carona do próprio veículo, parado no acostamento da ponte George Washington, rumo leste. A causa da morte ainda não foi identificada. Ele andou bebendo, Peabody.

— Como, senhora?

— Gim, pelo cheiro.

— Não sei como a senhora consegue sentir — murmurou Peabody, entre dentes —, ainda mais em meio aos outros fedores.

Com a mão protegida pelo spray selante, Eve apalpou a jaqueta de Mills e viu que sua arma ainda estava no coldre.

— Pelo visto ele nem tentou pegá-la. Por que será que ele não estava ao volante? O veículo era dele. A maioria dos tiras gruda as mãos no volante e não deixa ninguém dirigir seu carro.

Eve torceu o nariz e sentenciou:

— Tem mais um cheiro no ar além de gim, fezes e sangue.

Ela soltou o cinto de segurança e afastou as mãos, por reflexo, quando as tripas do morto escorreram para fora, transbordando das fendas na camisa.

— Oh! Minha nossa! — Peabody engasgou, ficou branca como uma vela e recuou um passo. — Dallas, eu...

— Saia daqui e respire fundo. Anda, faça isso!

— Estou bem, é só que... — Sua cabeça girava e seu estômago também. Ela conseguiu chegar à amurada da ponte sem colocar para fora os *tacos d*e queijo com feijão picante que comera com McNab.

Eve fechou os olhos por um instante e agüentou firme. Sentiu um rugir

longínquo na cabeça, como mar se quebrando. Tentou limpar a mente até ter certeza de que os barulhos que ouvia eram apenas o tráfego na parte de baixo da ponte e os veículos aéreos acima dela.

Com as mãos firmes, desabotoou a camisa de Mills. Ele fora rasgado violentamente de cima a baixo e o corte profundo ia do pescoço à virilha.

Ela gravou a cena, mas percebeu que Peabody tentava vomitar.

Sentindo-se enjoada também, ela endireitou o corpo, deu um passo atrás e deixou um pouco de ar fresco entrar em seus pulmões. Seu olhar vagou por um oceano de rostos: muitos deles sombrios, alguns horrorizados e outros assustados. Peabody não era a única e se apoiar sobre a amurada com a cabeça para fora.

— Estou bem, tenente. Já estou melhor.

Em meio ao soar dos sinos em sua cabeça, Eve conseguiu ouvir a voz fraca de Peabody.

— Venha para cá. Sente-se aqui um instantinho, querida — ofereceu McNab.

— Ei, McNab, pegue o gravador! Preciso de alguém para continuar gravando.

— Não, tenente, eu mesma farei isso. Já estou bem. — Peabody afastou as mãos de McNab, que a confortavam, e endireitou os ombros. Seu rosto estava muito pálido, inclusive os lábios. Ela sentiu-se estremecer uma vez, mas seguiu em frente. — Desculpe, tenente.

— Isso não é vergonha nenhuma. Passe-me o gravador que eu acabo de registrar a cena.

— Não, senhora. Eu agüento.

Depois de avaliá-la por um segundo, Eve concordou:

— Grave tudo. Simplesmente grave. Não pense no que está vendo.

— Como não pensar? — perguntou Peabody, mas cumpriu a ordem.

Eve ergueu a mão e quase a passou pelo rosto, mas lembrou em tempo da origem do material que a manchava.

— Onde está o legista?

— Tome, tenente — ofereceu Roarke, chegando ao lado dela e lhe oferecendo um lenço de seda branco como neve.

— Obrigada. — Eve usou o lenço sem pensar. — Você não pode ficar aqui, precisa se afastar um pouco. — Ela olhou em volta em busca de um lugar onde colocar o lenço, e acabou enfiando-o em um plástico de recolher provas.

— Você precisa de um minuto para se recompor — disse Roarke, baixinho. — Qualquer um precisaria.

— Não posso me dar a esse luxo. Se eu desabar ou mostrar fraqueza, mesmo que por um segundo, perco o controle da cena do crime. — Ela se agachou e passou uma nova camada de spray selante nas mãos. Em seguida se levantou e entregou-

lhe o lenço arruinado dentro do plástico. — Desculpe esse prejuízo.

Mostrando firmeza, afastou ligeiramente as pernas ao ver a capitã Roth ir na direção do carro da vítima em companhia de Clooney. Roth parou de repente, como se tivesse batido em uma muralha invisível, e observou o que sobrara do homem que servira sob seu comando.

— Pela santa mãe de Deus! — Foi tudo o que disse, seu único sinal de choque. Enquanto seus olhos permaneciam secos e duros, os de Clooney se encheram d'água.

— Por Deus, Mills. Nossa, veja só o que fizeram com você! — reagiu o sargento. Fechando os olhos, lutou para respirar fundo e devagar. — Não podemos contar isto à família dele. Não podemos dar detalhes. capitã Roth, temos que informar seu parente mais próximo antes que a notícia lhe chegue por alguém de fora. E precisamos ocultar os detalhes terríveis, para o bem dos familiares.

— Certo, Art. Você tem razão. — Ela olhou para Eve, que pegou o comunicador.

— Para onde vai ligar, tenente?

— Quero saber por onde andam os legistas, capitã.

— Acabei de fazer isso. Eles estarão aqui em dois minutos. Eu queria um momento a sós com você, tenente. É assunto particular. Clooney, ajude a auxiliar da tenente a proteger a cena do crime. Não quero que mais nenhum policial se aproxime daqui.

Eve e Roth se afastaram um pouco, saindo do foco dos holofotes e se misturando às sombras. O ar pareceu mais leve e o cheiro de fumaça e asfalto era como um bálsamo sobre uma queimadura.

— Tenente, eu peço desculpas pela minha explosão de agora há pouco.

— Desculpas aceitas.

— Tão depressa?

— Na mesma velocidade do seu pedido.

Roth piscou e concordou com a cabeça, lentamente.

— Detesto pedir desculpas. Não cheguei ao posto que ocupo dando vazão à minha raiva nem me desculpando por ela. Creio que você também não, tenente. As mulheres policiais são mais vigiadas e julgadas com relação às suas fraquezas.

— Talvez isso seja verdade, capitã. Não me preocupo com essas coisas.

— Então você é uma pessoa melhor do que eu, Dallas, ou então menos ambiciosa. Porque o julgamento constante do meu trabalho me incomoda muito. — Ela inspirou fundo e soltou o ar por entre os dentes, com um silvo. — Meu ataque verbal a você foi uma reação emocional, uma fraqueza imprópria e tola. Só sei dizer que reagi de forma exagerada na morte de Kohli porque gostava muito

dele. No caso de Mills, a reação teve o motivo oposto. Eu o detestava.

Ela olhou de volta na direção do carro, antes de prosseguir:

— Ele era um filho-da-mãe cruel e não escondia de ninguém sua opinião sobre as mulheres. Segundo ele, todas deviam ficar em casa cuidando dos filhos ou preparando tortas, e não na polícia, usando distintivo. Ele também detestava negros, judeus, orientais... Puxa, ele odiava qualquer um que não fosse igual a ele: um tira de raça branca, sexo masculino e muito acima do peso. De qualquer modo, estava sob meu comando e quero pegar quem o abriu de cima a baixo desse jeito.

— Eu também, capitã.

Roth balançou a cabeça e, juntas, observaram a chegada do rabecão dos médicos-legistas.

E*les mandaram Morse,* Eve notou. *Era sempre o chefe dos legistas que vinha, nos casos de policiais mortos.*

— Homicídio não é minha área de atuação, Dallas. Clooney, com seu jeito ponderado e calmo, acabou de me lembrar disso. Sei da sua boa reputação e acredito nela. Eu quero... — Parou de falar e pareceu morder a língua, impaciente. — Isto é, gostaria de receber uma cópia do seu relatório.

— Eu lhe envio amanhã cedo — prometeu Eve.

— Obrigada. — Já saindo, ela virou para trás e olhou para Eve. — Você é tão boa quanto dizem por aí?

— Não escuto o que dizem por aí.

Roth deu uma risada curta.

— Pois devia, tenente. Se quiser ser promovida, deve começar a escutar. — Estendeu a mão.

Eve retribuiu o cumprimento e ambas se separaram. Uma precisava informar a família sobre a morte do policial, e a outra tinha de se debruçar sobre ele.

Enquanto ela saía, Eve levantou a cabeça e reparou que o primeiro helicóptero da mídia já se aproximava.

Esse, decidiu, era um problema para ser resolvido mais tarde.

— Acabaram com ele, não foi? — Morse levou algum tempo para vestir um guarda-pó especial e então se pôs a aplicar spray selante nas mãos e nos pés com a maior calma do mundo, enquanto Eve esperava ao lado dele.

— Faça pesquisas sobre substâncias tóxicas. Aposto que ele estava desmaiado quando o retalharam. Sua arma continua no coldre, com o pino de segurança acionado, e não há nenhuma ferida defensiva. Dá para sentir o cheiro de gim.

— Precisaria de um bocado de gim para derrubar um homem desse tamanho sem enfrentar reação. Acha que ele foi morto sentado no banco do carro, Dallas?

— Tem sangue demais para o ataque ter acontecido em outro lugar. O

assassino o embebedou, ou dopou, sei lá. Depois, teve o cuidado de desabotoar sua camisa e furá-lo do pescoço até abaixo do umbigo. Em seguida tornou a abotoar a camisa e prendeu o cinto de segurança. Até mesmo reclinou um pouco o banco para ter certeza de que as tripas iam ficar mais ou menos no lugar até algum sortudo soltar o cinto.

— Aposto que sei quem foi esse sortudo. — Morse sorriu para Eve, mas conseguiu lhe transmitir sua solidariedade.

— Sim, fui eu que tirei a sorte grande. — Eve sabia que ia sentir os intestinos de Mills escorrendo por seus dedos durante muito tempo. — O assassino trouxe Mills até aqui e foi embora logo em seguida. Não vamos encontrar impressões digitais, é claro.

Ela olhou a área em volta, antes de continuar:

— Ele gosta de se exibir, gosta muito. Ele teve que sentar bem aqui para fazer isso, talvez tenha até praticado o crime neste local, mas não creio que seja tão audacioso. Só que ele deve ter se sentado ao volante, com o carro parado aqui, e esperado até a ponte estar vazia o bastante para sair. Devia ter outro veículo à espera dele, aqui perto.

— Um cúmplice?

— Talvez. Pode ser. Não dá para saber. Vamos verificar com os guardas da ponte e ver se eles repararam em outro carro parado no acostamento agora à noite. Ele não saiu da ponte a pé. Tinha um plano. Conhecia os passos a seguir. Consiga me o relatório toxicológico, Morse.

Peabody esperava junto da grade, com McNab ao lado. Seu rosto readquirira a cor normal, mas Eve sabia que aquelas imagens iam ficar na cabeça de sua ajudante e apareceriam quando ela fechasse os olhos para dormir, mais tarde.

— McNab! Quer me ajudar?

— Sim, senhora.

— Acompanhe Peabody e recolha as gravações do sistema de segurança nas cabines de pedágio. Quero todos os discos de todas as pistas da ponte, com imagens das últimas vinte e quatro horas.

— Todos?

— Precisamos ser meticulosos e talvez tenhamos sorte. Comece a analisá-los a partir do horário em que estamos, voltando até meio-dia, para começar. Encontre-me esse veículo.

— Fui!

— Peabody, faça uma pesquisa padrão em James Stein, o bom samaritano. Não creio que você vá achar alguma coisa, mas precisamos tirar essa hipótese do caminho. Apresente-se na minha sala às oito da manhã em ponto.

— O interrogatório de Lewis está marcado para amanhã de manhã, tenente — lembrou Peabody. — Vou chegar lá às seis e meia.

— Deixe que eu cuido de Lewis. Você vai trabalhar até tarde providenciando o que eu pedi.

— A senhora também — argumentou Peabody, com ar determinado. — Vou me apresentar na central à hora anteriormente marcada, tenente.

— Ah, então faça como quiser. — Eve passou a mão pelos cabelos e tentou reorganizar as idéias. — Peça aos policiais que chegaram à cena do crime para lhe conseguir transporte para casa. Um deles é meio exibido e precisa de uma tarefa para se mostrar eficiente.

Virando as costas, Eve foi na direção de Roarke e avisou:

— Vou ter que dispensar você.

— Pode deixar. Vou com você até a Central e de lá pego um táxi para casa.

— Mas eu não vou para a Central agora, preciso passar em alguns lugares antes. Vou pedir a uma das radiopatrulhas para levar você até em casa.

Ele olhou para as patrulhinhas com leve desdém.

— Prefiro eu mesmo procurar transporte, querida. De qualquer modo, obrigado.

Por que será que todo mundo estava discordando dela nessa noite?

— Roarke, não posso deixar você largado aqui nessa droga de ponte.

— Conheço o caminho de casa, tenente. Aonde você vai?

— Preciso resolver umas coisas antes de redigir o relatório. — A voz dele estava fria, reparou Eve, e seu olhar, distante. — Por quanto tempo você pretende continuar puto da vida comigo?

— Ainda não decidi. Assim que resolver, eu aviso.

— Você faz com que eu me sinta uma tola.

— Querida, você consegue isso sem a minha ajuda.

Culpa e raiva duelaram dentro de Eve, que olhou para Roarke fixamente.

— Ah, que se danem os outros! — disse ela, agarrando-o pela lapela do paletó, puxando-o para junto de si e beijando-o com força. — Vejo você depois — murmurou ela, ao se afastar.

— Conto com isso, tenente.

Capítulo Oito

Don Webster acordou de um sono profundo pelo que a princípio julgou serem trovões muito barulhentos. Quando a névoa se dissipou em seu cérebro, ele percebeu que o barulho vinha de alguém que tentava derrubar as paredes do seu apartamento com uma marreta.

Ao pegar a arma, descobriu que alguém socava a porta do apartamento.

Vestiu um jeans, levou a arma com ele e olhou pelo olho mágico. Um monte de pensamentos passou pela sua mente, numa mistura de prazer, fantasia e desconforto. Abriu a porta para Eve.

— Aproveitou que passava aqui perto e veio me visitar, Dallas?

— Seu filho-da-mãe! — Ela o empurrou com força e bateu a porta assim que entrou. — Quero algumas respostas e quero-as agora!

— Você nunca curtiu as preliminares, não é? —Acabou de dizer isso e se arrependeu. Tentou disfarçar com um sorriso arrogante. — Qual é o lance?

— O lance, Webster, é que temos outro tira morto.

O sorriso sumiu do rosto dele.

— Quem? Quando?

— Você é que deve saber.

Eles se encararam por alguns segundos e ele desviou o olhar.

— Pois eu não sei, Dallas.

— E o que você sabe, então? Qual é a ligação da Divisão de Assuntos Interno com tudo isso? Porque é claro que existe uma ligação, dá para sentir o fedor.

— Escute uma coisa: você vem até a minha casa, chega assim cheia de onda depois de... Puxa, depois de uma da manhã, pula na minha garganta e me joga na cara que um tira morreu? Não diz nem ao menos quem foi, nem quando aconteceu e ainda quer informações? Qual é, Dallas?!

— Foi Mills! — reagiu ela. — Detetive Alan Mills, da Divisão de Droga Ilegais, a mesma de Kohli. Quer saber como aconteceu? Alguém o cortou com uma faca do pescoço até o saco. Confirmei isso porque as tripas dele escorregaram pela minha mão quando fui examiná-lo.

— Caraca! Puxa vida! — Ele passou as duas mãos sobre o rosto. — Preciso de um gole.

Ele se afastou.

Eve o seguiu, com raiva. Ela lembrava vagamente do antigo apartamento de Webster, onde ele morava quando patrulhava as ruas. O apartamento atual era muito mais espaçoso e elegante.

Os salários na Divisão de Assuntos Internos, lembrou ela com pesar, eram muito melhores.

Ele foi para a cozinha, abriu a geladeira e pegou uma cerveja. Olhou para Eve e, após um segundo, perguntou:

— Quer uma? — Ao ver que ela olhava para ele sem mover o rosto, guardou a segunda garrafa de volta. — Acho que não. — Desatarraxou a tampa e a deixou voar antes de tomar um gole comprido. — Onde aconteceu?

— Não vim aqui para responder às suas perguntas. Não sou sua informante.

— Também não sou seu informante — rebateu ele, antes de se encostar na geladeira. Precisava reorganizar os pensamentos e controlar as emoções. Se não fizesse isso, ela iria acabar arrancando coisas que ele não estava autorizado a contar.

— Foi você quem foi me procurar — lembrou ela. — Para pescar alguma coisa ou jogar uma isca. Ou talvez seja só o menino de recados da corregedoria.

Os olhos dele endureceram ao ouvir isso, mas ele ergueu a garrafa novamente e tomou outro gole.

— Se tem reclamações a meu respeito, faça-as por escrito à Divisão de Assuntos Internos, Dallas. Quem sabe você consegue alguma coisa desse jeito?

— Pode deixar que eu resolvo meus próprios problemas. Quero saber qual a ligação entre Kohli, Mills e Max Ricker.

— Você vai mexer em casa de marimbondos e acabar sendo picada, caso se meta com Ricker.

— Já me meti com ele. Dessa você não sabia, não é? — completou ela, quando os olhos dele piscaram. — Essa informação preciosa ainda não caiu no seu colo. Estou com quatro capangas dele enjaulados na Central.

— Mas não vai conseguir mantê-los lá.

— Talvez não, mas talvez consiga arrancar mais deles do que de alguns colegas. Antigamente você era um tira, Webster.

— Continuo sendo um tira! Droga, Dallas.

— Se continua sendo, aja como um.

— Quer dizer que você acha que eu não me importo com o trabalho só porque não sou um astro da mídia nem resolvo casos famosos que o povo aplaude? — Ele pousou a garrafa na bancada com força. — Faço as coisas do meu jeito justamente por dedicação. Se todos os tiras fossem tão corretos e andassem na linha o tempo todo, como você, não precisaríamos de uma Divisão de Assuntos Internos.

— Então eles estavam envolvidos em alguma sujeira, Webster? Mills e Kohli? Eles eram sujos?

— Não sei dizer — respondeu ele, fechando a cara novamente.

— Não sabe ou não quer?

Ele a fitou fixamente. Por um breve instante ela viu arrependimento nos olhos dele.

— Não posso, Dallas.

— Existe alguma investigação da sua divisão envolvendo Kohli, Mills e algum outro policial da 128ª. DP?

— Se existisse, seria informação confidencial — respondeu ele, com cautela. — Não posso confirmar nem negar isso, muito menos discutir detalhes.

— Onde foi que Kohli arranjou tanta grana para aplicar em fundos de investimento?

Os lábios de Webster se apertaram. *Arrancar as coisas dele?*, pensou. *Ela seria capaz de bisbilhotar e desenterrar coisas com as próprias mãos.*

— Não tenho comentário algum com relação a isso.

— Quer dizer que eu vou encontrar a mesma coisa quando investigar as finanças de Mills?

— Não posso comentar nada.

— Você devia ter seguido a carreira política, Webster — disse ela, girando o corpo para ir embora.

— Eve. — Ele nunca a tinha chamado pelo primeiro nome, ao menos em voz alta. — Tenha muito cuidado — aconselhou, baixinho. — Proteja-se bem.

Ela não parou nem demonstrou ter ouvido o conselho. Ao bater a porta com força, ele esperou mais alguns segundos, sentindo um imenso conflito interno.

Foi até o *tele-link* e fez a primeira ligação.

* * *

A próxima parada de Eve foi na casa de Feeney. Pela segunda vez naquela noite ela acordou um homem do seu sono profundo. Com os olhos pesados, o rosto mais amarrotado do que o normal e vestindo um roupão azul muito usado que deixava de fora suas canelas brancas e mais finas que as de uma galinha, ele atendeu a porta.

— Puxa vida, Dallas! São duas da manhã!

— Eu sei. Desculpe.

— Entre, por favor, mas fale baixo, senão minha mulher acorda e vai achar que precisa fazer sala para você ou preparar café.

O apartamento de Feeney era pequeno e inferior ao de Webster, tanto em tamanho quanto em estilo. Uma poltrona grande e horrenda fora colocada no meio da sala de estar, voltada para um telão. As telas de privacidade das janelas estavam

fechadas, fazendo o ambiente parecer ainda menor, mais escuro e mais antigo.

Eve se sentiu à vontade na mesma hora.

Feeney se dirigiu para a cozinha, um espaço apertado dominado por uma bancada muito gasta que ocupava toda a parede lateral. Eve sabia que o próprio Feeney instalara aquela bancada porque ele se gabou disso por várias semanas. Sem dizer nada, ela se sentou em um dos bancos altos e esperou enquanto ele programava café no AutoChef.

— Achei que você fosse me procurar mais cedo, na Central. Fiquei até depois do turno, esperando.

— Desculpe, mas eu estava em outro lugar.

— Sim, eu soube. Foi atrás de Ricker. Você colocou uma garfada grande demais na boca, sabia?

— Vou engolir tudo antes de encerrar o caso.

— Cuide apenas para que ele não lhe provoque uma indigestão permanente. — Ele colocou duas canecas fumegantes na bancada e se acomodou em outro banco. — Mills está sujo.

— Mills está morto.

— Morto? Merda! — Feeney ficou calado por alguns instantes, digerindo a informação enquanto tomava um gole de café. — Ele morreu rico. Achei dois milhões e meio de dólares em várias contas até agora, e deve haver mais. Ele conseguiu escondê-las muito bem usando nomes de parentes mortos como titulares da maioria delas.

— Você consegue rastrear de onde veio a grana?

— Até agora não tive sorte. Aliás, com Kohli também não. O dinheiro foi tão lavado que ficou completamente esterilizado. O que posso lhe dizer é que Mills começou a depositar muito dinheiro em seu fundo de aposentadoria e também na carteira de investimentos duas semanas antes de a polícia acabar com os negócios suspeitos de Ricker. A grana já gotejava antes, mas foi naquela época que ela começou a entrar de verdade.

Ele coçou o rosto junto do queixo, onde a barba por fazer já despontava.

— Kohli entrou na farra depois. Meses depois. Não achei nada nas contas de Martinez. Ela parece limpa ou então tomou mais cuidado. Pesquisei Roth também.

— E...?

— Ela fez muitas retiradas nos últimos seis meses. Mordidas realmente grandes. Aparentemente ela está quase quebrada.

— Alguma das retiradas tem relação com os depósitos dos outros?

— Ainda estou procurando. — Ele soprou com força. — Estou pensando em pesquisar nos computadores deles e nos *tele-links*, mas vai levar algum tempo, pois

precisamos ter cuidado.

— Tudo bem. Obrigada.

— Como foi que Mills tombou?

Eve continuou sentada, tomou o café com calma e relatou tudo a Feeney. Continuava impressionada com a cena, mas, quando acabou de contar tudo, a coisa ficou mais fácil de encarar.

— Ele era um babaca — comentou Feeney —, mas isso não torna o caso menos horrível. Foi alguém que ele conhecia. Ninguém consegue chegar tão perto de um tira, rasgá-lo de cima a baixo desse jeito sem encontrar resistência, a não ser que esteja apagado.

— Mills andou bebendo. Meu palpite é que bebeu em companhia de alguém, como aconteceu com Kohli. Talvez tenha dado carona a um conhecido e foram tomar uns drinques. Ele ficou mamado, talvez drogado e acabou morrendo.

— Sim, provavelmente. Você fez bem em colocar McNab nas pesquisas de vídeo das cabines de pedágio. Ele vai se sair bem.

— Ele e Peabody vão aparecer na minha casa para trabalhar do meu escritório doméstico, a partir de oito da manhã. Você pode nos acompanhar nesse passeio?

Ele olhou para ela e lançou seu sorriso pesaroso de cão basset.

— Já me considero dentro desse bonde — disse ele.

Eram quase quatro da manhã quando ela chegou em casa e uma garoa de primavera começara a cair. Com o banheiro em penumbra, ela tomou uma ducha para tentar tirar do corpo a gosma da noite. Encostou a cabeça nos azulejos até parar de sentir gosto de sangue e bile.

Colocou o despertador de pulso para tocar às cinco. Pretendia atacar Lewis logo cedo, e isso significava voltar à Central dali a pouco mais de uma hora. Durante aquela hora, ela se obrigaria a dormir.

Deitou-se na cama, grata pelo calor de Roarke. Ele devia estar acordado, imaginou ela. Mesmo que tivesse pegado no sono antes de ela voltar para casa, tinha o sono leve como o de um gato e teria percebido sua chegada.

Só que ele não se virou para ela como geralmente fazia, nem esticou o braço para aninhála junto dele.

Eve fechou os olhos, ordenou à mente que desligasse e ao corpo que adormecesse.

Ao acordar, uma hora depois, estava sozinha na cama.

Já se preparava para sair com o carro quando Peabody saiu correndo de dentro de casa, atrás dela.

— Puxa, quase que eu não pego você, Dallas.

— Quase não me pega? O que faz aqui tão cedo?

— Eu acampei aqui a noite passada. Eu e McNab, por sinal. — Acampar era força de expressão, porque Peabody devia ter dormido em um quarto com o qual sonharia pelo resto da vida, pensou Eve. — Vim trazer os discos de segurança das cabines de pedágio e Roarke nos convidou a ficar, lembrando que seria mais fácil fazer isso que voltarmos ao apartamento de McNab para passar o resto da noite e depois virmos novamente para cá logo cedo.

— Roarke disse isso?

— Pois é, disse sim. — Peabody se acomodou no banco do carona e prendeu o cinto. Ele foi conosco até as cabines para recolher os discos, em seguida chamou um carro e nos trouxe até aqui com ele, a fim de todos trabalharmos.

— Todos trabalharmos... *Todos* quem?

A essa altura, o cérebro de Peabody lá estava ligado o bastante para perceber o tom de desconfiança na voz de Eve. Teve vontade de se encolher, mas seria pouco digno e ela preferiu responder:

— O grupo todo. Eu, McNab... e Roarke. Ele já prestou consultoria técnica para nós em outros casos. Então eu não achei nada demais. Fiz mal em aceitar a ajuda dele?

— Não, tudo bem. Não adiantaria você recusar mesmo.

Peabody percebeu desagrado na resposta e não gostou muito.

— Paramos de trabalhar às três da matina, tenente. — Ela tentou dar um pouco de empolgação à voz quando o carro alcançou a alameda que levava aos portões. — Puxa, eu nunca tinha dormido cm uma cama de gel. É como flutuar numa nuvem, com a diferença que a gente não atravessa direto. McNab já estava roncando mais que motor de caminhão, e eu ferrei no sono em dois segundos assim que caí na cama. Você está pau da vida com Roarke? — perguntou ela, sem parar para pensar.

— Não. — *Mas ele está pau da vida comigo*, pensou. *Continua revoltado.* — Você conseguiu ver o carro de Mills em algum dos discos de segurança?

— Puxa, nem acredito que esqueci de contar o resto. Sim, nós achamos o carro. Ele passou pela cabine automática de pedágio às oito e dezoito, e Mills já estava no banco do carona. Quem o visse pensaria que ele estava cochilando, mas ampliando a imagem dava para ver o sangue em sua camisa.

— E quem estava dirigindo, Peabody?

— Pois é, essa parte não é muito animadora. Não havia ninguém ao volante. McNab disse que vai ser preciso confirmar no computador do painel, mas o carro parecia estar no piloto automático.

— O assassino programou o carro para passar pela ponte? — Eve não havia pensado nisso. Era muito exibido e confiante aquele cara. Matou Mills em outro lugar, colocou-o no carro e programou o percurso no painel. Se o veículo caísse em algum buraco e saísse da pista, não haveria ninguém para ajeitar o rumo, mas o assassino estava pouco ligando para esse detalhe.

— Sim. Sistema de direção programada foi a conclusão a que chegamos. McNab começou a chamar o carro de Meteoro da Morte, porque Meteoro era a marca do veículo — explicou Peabody, meio sem graça. — Acho que quando a gente trabalha demais e avança noite adentro começa a inventar piadinhas idiotas para se manter acordado.

— É preciso uma senha para colocar um carro da polícia no piloto automático. Ou então autorização oficial. Todos os veículos da força têm um sistema de segurança para impedir roubo, mesmo que o ladrão seja um super-hacker.

— Pois é, foi o que Roarke disse. — Peabody bocejou e se espreguiçou. — Só que, segundo ele, quem sabe mexer em programas de computador consegue dar um jeito.

D*isso ele entende,* pensou Eve, irritada.

— Dá para verificar se mexeram no programa. — Na mesma hora Eve ligou para Feeney, pediu para ele examinar o veículo que fora levado sob custódia e fazer os testes pessoalmente. — Se não aparecer nada — continuou ela, pensando alto no instante em que entrava na garagem da Central —, é porque o assassino sabia a senha ou teve autorização especial.

— Mas ele não poderia ter conseguido autorização especial, Dallas, porque para isso ele teria de ser um... um...

— Um tira, é isso mesmo!

Peabody arregalou os olhos.

— Você não pode estar achando que...

— Escute com atenção, Peabody. Uma investigação de assassinato não começa com um corpo. Ela começa com uma lista, começa com possibilidades e ângulos. Você só consegue encerrar o caso quando faz essa lista encolher, estreitando as possibilidades e analisando os ângulos. Depois junta tudo, as provas, a história, a cena do crime, a vítima, o assassino e tenta montar o quebra-cabeça de todos os modos, até as peças se encaixarem.

"Por enquanto não comente essa possibilidade com ninguém, Peabody. Bico calado. Se montarmos as peças e descobrirmos que o assassino é um tira, seguimos em frente a partir daí."

— Tudo bem. Só que alguns dos detalhes desse caso estão me deixando enjoada.

— Eu sei. — Eve estacionou o carro. — Vá lá dentro e leve Lewis para a sala de interrogatório.

Ela tomou um café, respirou fundo para enfrentar o que vinha pela frente e comprou na máquina automática do corredor um pacote de biscoitos dinamarqueses de cereja. O troço tinha gosto de cola misturada com serragem e era aromatizado artificialmente, mas pelo menos servia para forrar o estômago.

Foi caminhando até a sala de interrogatório com outra caneca de café que pegou em seu cubículo — café de Roarke, na verdade —, pois sabia que aquele cheirinho era capaz de fazer qualquer homem rastejar pedindo um gole. Acomodou-se em uma cadeira, toda sorrisos, enquanto Peabody assumia o seu posto de vigia ao lado da porta, com a cara muito séria. Depois de ligar o gravador, Eve declarou em voz alta todos os dados sobre o caso e por fim se dirigiu ao preso:

— Bom-dia, Lewis. Está fazendo uma manhã maravilhosa lá fora.

— Ouvi dizer que está chovendo.

— Ué, mas você não sabe que a chuva faz muito bem para as flores? E você, dormiu bem esta noite?

— Dormi sim, muito bem.

Ela tornou a sorrir e tomou um golinho de café. Ele estava com olheiras profundas e Eve duvidava muito que tivesse conseguido dormir mais do que ela.

— Pois é, como estávamos dizendo da última vez que nos vimos...

— Não sou obrigado a lhe dizer porra nenhuma sem a presença do meu advogado.

— E por acaso eu lhe pedi para me dizer alguma *porra?* Peabody, volte um pouco a gravação e confirme se em algum momento eu pedi ao interrogado para me dizer alguma *porra*.

— Essa merda não cola comigo. Não tenho nada a declarar. Vou permanecer calado. É um dos meus direitos como civil.

— Então se agarre a esses tais direitos civis, Lewis, enquanto tem chance, porque eles não vão servir de nada na colônia penal espacial de Omega. É para lá que eu vou mandar você. Vou dedicar a minha vida a instalar você na menor cela de concreto que existir no lugar. Pode permanecer calado e deixe o blablablá comigo. Vou enumerar seus crimes. Número um: participação na tentativa de seqüestro de uma policial.

— Vocês não podem provar isso. Nós nem tocamos em você.

— Quatro homens armados em dois veículos perseguiram de forma implacável uma pobre policial indefesa e ultrapassaram as fronteiras do Estado em

alta velocidade. Você não devia ter saído do seu Estado, garotão. Isso tornou o seu crime federal, e eu aposto que o FBI vai adorar colocar as mãos em você. E com a bela ficha corrida que você tem, eles não precisam de muito para condená-lo. Só as armas escondidas já vão ser o bastante para lhe garantir uma passagem só de ida para Omega. Sem falar nas drogas ilegais.

— Não consumo drogas.

— Mas elas estavam no veículo que você dirigia. Esse foi outro erro. A lei é clara: se você fosse um passageiro, talvez conseguisse diminuir um pouco a pena, mas sendo o motorista, não sei não... Portar armas ilícitas e drogas ilegais tornou você o meu otário favorito. Ricker não vai aparecer aqui nem para te dar um até-loguinho quando você for acorrentado no foguete rumo à prisão.

— Não tenho nada a declarar.

— Já ouvi isso. — Ele estava começando a suar. — Aposto que o advogado lhe fez um monte de promessas. Posso até enumerá-las. Você vai cumprir pena, mas serão poucos anos, e eles vão compensar tudo. Alguns figurões serão comprados, para lhe garantir um presídio tranqüilo e confortável. Serão só cinco anos, no máximo sete, mas você sairá da prisão rico. Aposto que foi mais ou menos essa a proposta que lhe fizeram.

Eve percebeu pela preocupação nos olhos de Lewis que ela chegara mais que perto. Acertara em cheio.

— É claro, meu jovem — continuou ela —, que esse advogado é um monte de merda mentiroso, e aposto que você é esperto o bastante para ter sacado isso durante a noite. Depois que o cara está lá dentro, malandro... Já era! E se você ficar putinho com o acordo não cumprido e começar a espalhar merda pra todo lado, um dos seus colegas de prisão vai receber uma mensagem especial. Veneno polvilhado no seu purê de batata reidratado; uma facada nos rins durante o banho de sol; um acidente no chuveiro, talvez uma escorregada no sabonete que acaba em pescoço quebrado... Você nem vai perceber e de repente estará mortinho.

— Mas, se eu abrir o bico aqui, morro antes mesmo de chegar lá.

P*ronto,* percebeu Eve, inclinando-se levemente na direção dele. *A primeira rachadura.*

— Temos um sistema de proteção para testemunhas.

— Foda-se o seu sistema. Ele acha quem ele quiser, em qualquer lugar.

— Mas não tem poderes mágicos. Estou lhe oferecendo um bom acordo, Lewis. Você me dá o que eu preciso e eu lhe consigo imunidade, liberdade e uma vida nova no lugar de sua escolha, dentro ou fora do planeta.

— E por que acha que eu acreditaria em você?

— Porque eu não tenho motivos para querer você morto. Só isso já basta, não

é?

Lewis continuou calado, mas lambeu os lábios.

— Eu tenho a impressão de que Ricker não é muito equilibrado, Lewis. Ele lhe parece um cara equilibrado? — Eve esperou um pouco enquanto ele analisava a questão. — Ricker vai convencer a si mesmo que foi você que estragou tudo. Não importa que tenha sido ele quem mandou vocês atrás de mim. Não importa o fato de ele ter sido burro, pois vai culpar você por me deixar escapar e ainda ser preso. Você sabe disso. E sabe também que ele é meio maluco.

Lewis matutara a noite toda sobre isso, virando-se sem parar na cama dura e estreita da cela escura. Já chegara à mesma conclusão por conta própria e não gostou do olhar traiçoeiro de Canarde. Todo mundo sabia que Ricker não perdoava erros de empregados.

— Não quero nem ir preso.

— Vamos tentar conseguir isso.

— Tentar? Tô fora! Primeiro eu quero imunidade irrestrita. Não abro a boca até ver a papelada do promotor assinada. Quero o pacote completo, Dallas: uma nova identidade, um novo rosto e cento e cinqüenta mil dólares em grana viva.

— Quer também que eu lhe consiga uma linda esposa e dois filhinhos de cara rosada, já que estou nessa?

— Rá-rá, muito engraçado! — Ele já começava a se sentir melhor, pelo menos melhor do que durante a noite. — Consiga-me o acordo com o promotor e todo o resto. Só depois eu converso com você.

— Vou correr atrás, então. — Ela se levantou. — De qualquer modo, você precisará passar pela audiência. Fique frio e permaneça calado, alegando seus direitos. Se Canarde sentir cheirinho de algo errado, vai correndo entregar você a Ricker.

— Sei como as coisas funcionam. Consiga-me o acordo.

— Você mandou bem, Dallas — comentou Peabody, ao saírem pelo corredor.

— É. — Eve já ligava para o promotor, mas fechou a cara ao ouvir uma voz gravada, muito antipática, que lhe informou o horário de funcionamento da promotoria. —Já vi que vou ter que acordar mais um! Vamos para a minha casa agitar as coisas e mexer alguns pauzinhos. Quero ver a gravação do carro antes de reunir todo mundo para discutir estratégias.

— Todo mundo?

— Feeney vai entrar nesse bonde.

Eve esperava encontrar Roarke sentado junto do computador do escritório dela, fazendo algumas mágicas eletrônicas em companhia de McNab. Ao encontrar McNab sozinho, ficou surpresa, irritada e desapontada. Ao olhar para a porta que ligava o escritório dela com o de Roarke, viu que a luzinha vermelha da fechadura estava acesa.

Ela não pretendia bater nessa porta.

— Não consigo mais do que já temos aqui, tenente — informou McNab. — Remasterizei a imagem, que ficou clara como cristal, mas tudo o que se vê é um cara morto passeando de carro.

Eve pegou a imagem que ele imprimira para ela em alta definição e analisou Mills.

— Pegue a gravação a partir desse instante e trabalhe nela. Quero que você congele as imagens e amplie cada carro, van ou moto que tenha passado no intervalo de tempo desde a passagem de Mills pelo pedágio até o momento em que a área foi bloqueada.

— Todos os veículos que passaram pela pista de cima da ponte George Washington durante mais de uma hora?

Eve lançou-lhe um olhar frio.

— A ordem é essa, detetive. Qual foi a parte que você não entendeu?

— Nenhuma não, tudo bem. — Mas ele se permitiu soltar um longo suspiro.

Eve foi até o *tele-link*, entrou em contato com o consultório psiquiátrico da dra. Mira e marcou uma hora para o dia seguinte. Mira era a melhor montadora de perfis criminais em todo o departamento. Depois de hesitar por um instante, Eve ligou para o comandante.

— Senhor, solicitei ao capitão Feeney e ao detetive McNab que me dessem assistência nas pesquisas eletrônicas do caso que estou investigando.

— Você tem autoridade para requisitar qualquer ajuda da DDE que julga necessária. Esse é o procedimento padrão, tenente. O que conseguiu até agora sobre o homicídio de Mills?

— Prefiro fazer o relatório pessoalmente quando conseguir mais dados, senhor. Nesse meio tempo, gostaria que o senhor colocasse a detetive Martinez, da 128ª. DP, sob vigilância.

— Você acha que ela tem ligação com essas mortes?

— Não tenho dados que confirmem isso, senhor, mas acho que Martinez pode estar ligada aos crimes ou ser um alvo. Pretendo entrevistá-la com mais calma, mas, enquanto isso não acontece, eu estou preocupada com a sua segurança.

— Muito bem, tenente. Vou providenciar isso.

— Comandante, o senhor foi informado de alguma investigação da corregedoria envolvendo Kohli, Mills e/ou Martinez?

Os olhos dele se estreitaram.

— Não, tenente. Você sabe algo sobre isso?

— Não exatamente, mas estou preocupada.

— Está anotado. Quero um relatório seu antes do meio-dia. A mídia anda farejando alguma coisa e já está agitada. Dois tiras assassinados viram uma notícia suculenta.

— Sim, senhor.

A ligação seguinte foi para Nadine Furst, do Canal 75. Eve pegou a repórter ainda em casa.

— Oi, Dallas, que coincidência você ligar! Acabei de receber uma dica interessante de uma das minhas fontes. Quem anda matando tiras por aí?

— Se quer saber, apareça em minha sala às... — Eve olhou o relógio e calculou o tempo — dez e meia em ponto. — Isso daria tempo para ela passar os dados para Feeney, correr para a audiência de Lewis e voltar à Central. — Só vou lhe informar o que eu puder, mas vai ser em primeira mão e antes de qualquer entrevista coletiva.

— Sei... E quem eu vou ter de matar para conseguir isso de você?

— Não levamos nossas condições tão longe assim. Quero apenas que você plante uma história... Algo que tenha vazado para os meios de comunicação, por assim dizer. Obtida de uma fonte policial anônima, é claro. Você se apavora com facilidade, Nadine?

— Não. Já namorei um dentista. Nada me assusta.

— Você é quem sabe, mas é melhor proteger seu lindo traseiro, porque a notícia envolve Max Ricker.

— Minha nossa, Dallas! Abra logo o jogo comigo! Você conseguiu alguma coisa contra ele? Já está tudo confirmado? Que cheirinho é esse que estou sentindo? Puxa, acho que é um Emmy de melhor reportagem do ano. Não, não pode ser um Pulitzer.

— Menos, Nadine. Não se empolgue. Dez e meia em ponto. Se eu ouvir alguma coisa a respeito por aí antes dessa hora, o acordo está desfeito e eu ainda coloco a sua bunda na reta.

— Você esqueceu de dizer "a sua linda bunda" — lembrou Nadine. — Estarei aí às dez e meia em ponto!

Eve desligou, refletiu sobre o que estava prestes a fazer e então se virou para Peabody e McNab, que olhavam fixamente para ela.

— Que foi? Algum problema?

— Não, senhora. Estamos trabalhando — assegurou McNab. — J pesquisamos os primeiros dez minutos.

— Pois trabalhem mais depressa.

— Se pelo menos tivéssemos tomado café...

— Vocês estão aqui na minha casa há oito horas. Provavelmente não sobrou nada na despensa. — Eve tornou a olhar para a sala de Roarke, que continuava trancada. Era tentador, muito tentador. Quando estava quase lá, mudou de idéia ao ver Feeney chegando.

— Vasculhei tudo. — Ele colocou os discos sobre a mesa, sentou em uma cadeira e esticou as pernas. — Fiz diagnósticos eletrônicos e análises computadorizadas; rodei tudo de frente para trás, de baixo pra cima e dos lados. O programa não foi adulterado, disso eu tenho certeza.

— Então o piloto automático foi ligado com a senha de Mills? — perguntou Eve.

— Não. Se tivesse sido, daria para descobrir quem a usou, pela contra-senha — Feeney remexeu no bolso em busca do seu saquinho de amêndoas. — Usaram um código de liberação de emergência. É um código já desativado, mas ainda funciona nos veículos antigos. É o mesmo código que o serviço de manutenção utiliza para transferir veículos ou fazer diagnósticos em radiopatrulhas fora de serviço. Implantaram um sistema novo há alguns anos, mas as viaturas antigas ainda aceitam o código velho. Só que o cara teria que ter um cartão mestre para ativar tudo, porque ele não burlou o sistema.

— Mas o cartão mestre de Mills não foi usado e estava no bolso dele.

— Pois é — suspirou Feeney —, você me disse isso. Só sei que o assassino seguiu o caminho oficial em todas as etapas. Dá para acompanhar o que ele fez como se fosse um mapa.

Eve concordou com a cabeça, pois isso encaixava com o que ela já imaginava. Ignorou a fisgada incômoda que sentiu na boca do estômago, mas viu refletidos no rosto de Feeney os seus próprios receios e conflitos.

— Muito bem, Feeney. Quer dizer que é grande a chance de estarmos lidando com um policial, reformado ou da ativa.

— Que droga, não é? — reagiu ele, mastigando uma amêndoa.

— As duas vítimas conheciam o assassino ou não viam nele nenhuma ameaça. — Ela foi para trás da mesa e ligou o telão. — Kohli — começou, detalhando um diagrama. — Dele seguimos para Mills; de Mills vamos para Martinez. Roth tem ligações com todos três. No centro de tudo, temos Max Ricker. Quem mais se liga a eles? — Como resposta a isso, pegou a lista de nomes da força-tarefa da Divisão de Drogas Ilegais que tinha trabalhado no caso Ricker. — Quero

uma varredura completa em todos esses nomes.

Ela parou por algum tempo e olhou para os rostos à sua volta.

— Por fora e pelo avesso — recomendou. — E quero que esse trabalho seja feito sem dar na vista. Concentrem-se nos dados financeiros. Tanto Kohli quanto Mills tinham fundos de investimentos incompatíveis com o salário que ganhavam. Sigam a grana.

— Esse trabalho fede — comentou McNab. Seus olhos ficaram frios e duros ao analisar a lista de nomes. — Tenente, se esses dois eram corruptos e levavam grana de Ricker ou de alguém ligado a ele, por que matá-los? Por que outro tira aceitaria esse trabalho sujo?

— Você acha que existe honra entre bandidos, McNab?

— Não, quer dizer, mais ou menos. O que estou perguntando é: qual o motivo disso?

— Proteger a si mesmo, tirar o próprio traseiro da reta. Culpa, talvez... ou remorso. — Eve ergueu os ombros. — Pode ser que Ricker tenha simplesmente pagado a mais alguém para limpar a área. Trinta moedas de prata — refletiu mais uma vez. — Ricker adora prata. Pode ser que o assassino nem esteja nessa lista, mas talvez o próximo alvo esteja. Trinta moedas de prata — repetiu. — O símbolo da traição. Talvez o assassino quisesse que nós soubéssemos que eles eram tiras corruptos, só que precisamos saber o porquê. Comecem pesquisando quantos mais dessa lista são corruptos.

— Você vai jogar merda no ventilador — avisou Feeney. — Muita gente não vai gostar nada dessa lama toda atingindo o distintivo da polícia.

— Ele já está sujo de sangue, Feeney. Agora vou para a Central e depois tenho de comparecer no tribunal. É melhor vocês trabalharem daqui de casa, por hoje. Vou arranjar mais um computador para vocês poderem trabalhar em rede.

A luz da fechadura na porta da sala de Roarke continuava vermelha. Eve não pretendia se humilhar batendo nela na frente dos colegas. Em vez disso, saiu de sua sala, seguiu pelo corredor e, engolindo o orgulho, bateu na porta externa.

O próprio Roarke abriu a porta, já de pasta na mão.

— Tenente! Eu já estava de saída.

— É, eu também. Minha equipe vai ficar reunida para trabalhar aqui em casa hoje. Seria proveitoso se eles tivessem mais um ou dois computadores.

— Summerset lhes fornecerá qualquer coisa que pedirem.

— Tá bem... É que... — Ela parou de falar.

Ele tocou o braço dela, virou-a para a frente e ambos caminharam rumo à escada.

— Há mais alguma coisa? — quis saber Roarke.

— É difícil me concentrar no trabalho sabendo que você continua mordido comigo.

— Imagino que sim. O que você gostaria que eu fizesse a respeito disso?

Essa frase foi dita de forma tão descontraída que ela sentiu vontade de chutar a perna dele.

— Eu disse que sinto muito, droga!

— Ah, disse? Puxa, que falta de consideração a minha continuar assim... Qual foi mesmo a palavra que você usou? Mordido.

— Você é muito melhor nessas coisas do que eu — disse ela, com ar sombrio. — Nesse ponto, nós não estamos no mesmo nível.

— As coisas boas da vida quase nunca estão no mesmo nível. — Ele não conseguiu mais resistir diante do sofrimento dela e parou no meio da escadaria. — Eu amo você, Eve. Nada vai mudar isso, nem poderia. Mas, que diabos, às vezes você me irrita profundamente.

A onda de alívio que ela sentiu ao ouvi-lo dizer que a amava se misturou com a irritação por mais aquela reclamação por ela ter feito o que achou melhor.

— Escute, Roarke, eu só fiz aquilo porque não queria que você se envolvesse em...

— Ah. — Ele colocou o dedo indicador sobre os lábios dela, a fim de silenciá-la. — O problema todo está justamente na declaração que você acaba de fazer. Como provavelmente você e eu também estamos sem tempo agora para conversar sobre isso, por que não tira um tempinho entre suas batalhas em prol da justiça ao longo do dia para pensar no assunto?

— Não fale comigo como se eu fosse uma debilóide.

Ele a beijou, o que já era alguma coisa. Mas foi um beijo muito rápido, antes de continuar a descer a escada.

— Vá trabalhar, Eve. Mais tarde nós conversamos sobre isso.

— Por que ele dá sempre a palavra final? — resmungou ela, ouvindo-o trocar algumas palavras com Summerset antes de abrir a porta e sair.

Eve ficou olhando para os degraus, repetindo toda a cena mentalmente e relembrando as coisas mordazes, espertas e enérgicas que *devia ter dito* se tivesse tido mais tempo para planejar o diálogo.

— Tenente. — Summerset a esperava junto do pilar ao pé da escada, segurando a sua jaqueta de couro. Aquilo era uma coisa que ele nunca fizera. — Vou providenciar para que seus colegas recebam o equipamento que solicitaram.

— Tá legal. Ótimo.

— Tenente.

Ela enfiou os braços pelas mangas da jaqueta com irritação e rangeu os

dentes.

— O que foi agora, droga?

Ele nem ao menos piscou.

— Com relação às suas atitudes na noite passada...

— Não comece a me empentelhar a vida, seu nariz-de-machadinha. — Ela empurrou o mordomo e abriu a porta da rua.

— Na minha opinião, tenente — continuou ele, impassível e com o mesmo tom calmo na voz —, a senhora agiu de forma correta.

Se ele a tivesse atingido com uma arma de atordoar, o espanto de Eve não teria sido maior. Ela abriu a boca e olhou para trás.

— O que foi que você disse?

— Creio que a senhora é dotada de ótima audição e detesto repetir as coisas. — Dito isso, ele saiu pelo corredor, deixando-a para trás, de queixo caído.

Capítulo Nove

Nadine Furst chegou na hora marcada e pronta para entrar no ar. Eve não havia concordado com uma entrevista ao vivo, mas também não a negou. Um pequeno detalhe que Nadine não deixou de reparar.

Elas eram amigas, o que já não as surpreendia tanto quanto no início. As duas se prepararam para a transmissão exclusiva da sala de Eve com o ritmo suave de quem já tinha prática naquilo. Não haveria grandes revelações. Nadine sabia muito bem que Eve Dallas nunca fornecia munição pesada, a não ser que a divulgação fosse do interesse dela.

Mesmo assim, a entrevista com a investigadora principal do caso do momento e os dados precisos e cuidadosamente editados fariam com que Nadine conseguisse um alto índice de audiência muito maior do que os concorrentes.

— Pelas informações já disponibilizadas para o público — concluiu Nadine —, parece que o detetive Kohli e o tenente Mills foram mortos em circunstâncias completamente diferentes. Foi o fato de ambos pertencerem à mesma delegacia e ao mesmo esquadrão que a levou a acreditar que suas mortes tinham ligação uma com a outra, tenente Dallas?

E*sperta*, pensou Eve. Ela sabia que Nadine fizera uma pesquisa rápida e abrangente sobre as duas vítimas e certamente descobrira que os dois homens haviam trabalhado juntos no caso Ricker. Mas a repórter era engenhosa o bastante para não citar o suspeito sem receber sinal verde de Eve.

— Essa ligação e outras provas que a polícia ainda não pode divulgar nos levam a crer que tanto o detetive Kohli quanto o tenente Mills foram mortos pelo mesmo indivíduo. Além de ambos estarem lotados na 128ª. DP, os dois policiais trabalharam juntos em alguns casos específicos. Esta será nossa linha de investigação. A polícia de Nova York e a Secretaria de Segurança Pública usarão todos os meios ao seu alcance para caçar, identificar e levar aos tribunais o assassino de dois de seus servidores.

— Obrigada, tenente. Aqui é Nadine Furst, transmitindo ao vivo da Central de Polícia para o Canal 75. — Ela ativou a vinheta da estação, acenou para a operadora de câmera e se recostou na cadeira, muito à vontade.

P*arecia*, pensou Eve, *uma gata se preparando para engolir um canário gordo.*

— Vamos lá, Dallas! — começou.

— Vamos lá aonde, Nadine? Estou sem tempo agora. Preciso comparecer no tribunal.

Nadine se levantou da cadeira em um salto.

— Dallas...

— Venha comigo, Nadine. Podemos conversar pelo caminho — ofereceu Dallas, de forma casual, olhando sem expressão para a operadora de câmera.

— Claro — concordou Nadine. — Está um belo dia para uma caminhada Lucy, vá para a emissora e não se preocupe comigo, pois voltarei de táxi.

— Tá legal. — Sempre afável e claramente consciente de que algo rolava ali, Lucy foi embora, levando o equipamento.

— Abra o jogo — exigiu Nadine, quando se viu a sós com Eve. — Ricker.

— Aqui não. Vamos dar uma volta.

— Hein? A história de sair andando por aí era séria? — Nadine olhou para seus sapatos estilosos de saltos altíssimos e pouco práticos. — Droga! O que eu preciso aturar para garantir ao público o direito de ser bem informado.

— Você só usa esses instrumentos de tortura porque eles fazem suas pernas parecerem sexy.

— Acertou na mosca! — Resignada, Nadine seguiu Eve para fora da sala. — E aí...? Como andam as coisas na sua vida?

Eve pegou a passarela rolante para o andar inferior e se surpreendeu ao notar o quanto estava perto de contar a Nadine os problemas entre ela e Roarke. Afinal, Nadine era mulher e Eve achou que precisava conversar com alguém do sexo feminino sobre estratégias de relacionamento e outras coisas desse tipo.

De repente lhe ocorreu que Nadine, apesar de ser bonita, inteligente, charmosa e dona de ótimo senso de humor, não era exatamente uma vencedora na corrida dos relacionamentos amorosos bem-sucedidos.

— Vai tudo ótimo, Nadine.

— Puxa, você levou um tempão para responder. Algum problema no paraíso?

Seu tom de solidariedade foi o bastante para Eve chegar mais perto de contar tudo.

— Estou só um pouco distraída — disse ela, por fim.

Ela colocou o pé na calçada e optou por pegar o caminho mais longo rumo ao tribunal. Queria respirar um pouco de ar, precisava de mais tempo e desejava a relativa privacidade da multidão anônima das ruas.

— Você vai ter que dizer que soube de tudo através de uma fonte anônima da polícia, Nadine.

— Aceito a condição, mas vou logo avisando que, depois dessa entrevista exclusiva ao vivo, vai ser facílimo descobrir que essa fonte foi você.

— Puxa, sério mesmo?

Nadine analisou o rosto da amiga.

— Dallas, desculpe por estar um passo atrás nessa história, mas acho que

entendi. Você quer que alguém saiba ou pelo menos suspeite que você foi a fonte da informação que vou receber.

— Não vou lhe dar informação nenhuma, apenas suposições. Você faz o que quiser com o material. Você já descobriu, e eu não vou perder meu tempo repetindo, que Kohli e Mills participaram da mesma força-tarefa que desbaratou a organização criminosa de Max Ricker.

— Sim, isso eu já sei. Por outro lado, havia mais de dez policiais e oficiais envolvidos naquele caso. Ricker não presta, mas é forçar uma barra achar que ele vai sujar as mãos para eliminar esse monte de tiras. Para lucrar o quê? Saciar a própria irritação? Ele perdeu uma grana preta, mas escapou ileso.

— Tenho motivos para acreditar que havia ligação entre ele e pelo menos uma das vítimas. — *Mantenha tudo meio vago*, disse Eve para si mesma. *Deixe a repórter desencavar o resto*. — Quatro homens foram presos, vão se apresentar em uma audiência preliminar agora de manhã e todos são empregados de Max Ricker. Foram autuados por vários crimes, inclusive perseguir perigosamente o carro de uma oficial da polícia. A mim, parece que, se Ricker é arrogante o bastante para mandar capangas atrás de uma policial em plena luz do dia, ele não hesitaria em eliminar tiras.

— Ele mandou os caras atrás de você? Dallas, na condição de repórter essa informação me deixa incrivelmente interessada e empolgada. — Ela colocou a mão no ombro de Eve. — Como sua amiga, porém, devo lhe dar um conselho: tire férias correndo! Vá para algum lugar longe, muito longe daqui.

Eve parou ao pé da escadaria do tribunal.

— Nadine, a sua fonte não pode informar o nome de um suspeito de assassinato ou de conspiração para assassinar dois policiais da força de Nova York. Por outro lado, ela pode lhe contar que a polícia está analisando de perto e com muito interesse as atividades, ligações e negócios de um tal de Max Edward Ricker.

— Você não vai conseguir agarrá-lo, Dallas. Ele é como fumaça, muda de lugar e some.

— Pois espere só pra ver — convidou Eve, subindo as escadas com pressa.

— Vou esperar mesmo — murmurou Nadine. — E também vou morrer de preocupação, droga.

Eve empurrou as portas do tribunal e tentou não suspirar com força ao ver as filas para a revista de segurança. Pegou a fila mais curta, para policiais e funcionários, seguiu devagar e acabou de ser liberada quando o caos se instalou.

Ela ouviu gritos vindos do segundo andar, onde ia acontecer a audiência de

Lewis. Correndo até lá, abriu caminho à força por entre a multidão de advogados e funcionários do tribunal, que já começavam a se amontoar para ver o que acontecia.

Lewis estava estendido no chão com o rosto cinza e os olhos virados para cima.

— Ele acabou de desmaiar — informou alguém. — Passou mal e desmaiou nesse instante! Alguém aí, ligue para os paramédicos. Chamem uma ambulância!

Eve já xingava baixinho quando se lançou em frente e se ajoelhou ao lado dele.

— Dona, a senhora precisa se afastar — avisou um policial.

Eve olhou para ele e se identificou.

— Sou a tenente Eve Dallas e este preso está comigo.

— Desculpe, tenente. Já pedi socorro médico.

— Ele não está respirando. — Eve se colocou sobre a barriga dele, abriu-lhe a camisa e começou uma manobra de ressuscitação cardiorrespiratória. — Afaste essas pessoas e cerque a área.

— Cercar a área...?

— Sim, cerque a área! — ordenou ela mais uma vez e fez respiração boca a boca em Lewis, mesmo sabendo que era inútil.

Ela continuou tentando salvá-lo até os médicos chegarem e o declararem morto. Revoltada, ela pressionou o guarda:

— Quero o seu relatório! Conte-me tudo o que aconteceu desde o instante em que vocês o tiraram da cela.

— Tudo correu dentro do regulamento, senhora. — O policial parecia ofendido com Eve, que o culpava pelo coração de um preso ter parado de bater ou algo assim. — Devido à gravidade das acusações, o preso foi algemado e transportado para cá.

— Quem estava no camburão?

— Apenas eu e meu parceiro. As ordens eram que o preso não tivesse contato algum com nenhum dos outros três detidos. Nós o acompanhamos do carro até este local.

— Vocês não utilizaram o elevador de segurança?

— Não, senhora. — Ele recuou um pouco diante disso. — O elevador estava lotado, tenente, e nós o trouxemos pela escada. Ele não nos deu problema algum. Seu advogado já estava aqui e nos pediu para esperarmos um instante antes de entrar, enquanto ele terminava de atender um cliente pelo *tele-link*. Ficamos no corredor por alguns segundos, até que, de repente, o acusado cambaleou e caiu desmaiado. Parecia sufocado, e, enquanto meu parceiro tentava ajudá-lo, eu

mantive a multidão afastada. Logo depois a senhora chegou.

— Em que delegacia você está lotado — ela olhou para o nome dele bordado no uniforme —, policial Harmon?

— Estou lotado na Central. Divisão de Segurança, senhora.

— Quem se aproximou ou entrou em contato com o preso?

— Ninguém, senhora. Meu parceiro e eu ficamos ao lado dele o tempo todo, como manda o regulamento.

— Você está me dizendo que ninguém chegou perto desse cara antes de ele cair no chão.

— Ninguém. Isto é, passamos pela fila de liberação na entrada tribunal e havia algumas pessoas na fila, enquanto outras circulavam à nossa volta. Só que nenhuma delas se comunicou com o preso, nem teve contato físico com ele. Uma pessoa pediu informações ao meu parceiro, perguntando onde ficava o tribunal civil.

— E essa pessoa que pediu informação, ele chegou perto do preso?

— Ela, senhora. Era uma mulher. Parecia aflita e parou diante de nós, no corredor.

— Você deu uma boa olhada nela, Harmon?

— Sim, senhora. Vinte e poucos anos, loura, olhos azuis e bonita de corpo. Estava chorando, senhora, embora tentasse disfarçar, entende? Estava visivelmente aflita e, quando deixou a bolsa cair, alguns objetos pessoais se espalharam pelo chão.

— Aposto que você e seu parceiro foram solícitos e a ajudaram a recolher as coisas que haviam caído.

O tom de Eve colocou Harmon em estado de alerta e ele começou a sentir um leve enjôo.

— Senhora, esse episódio todo levou menos de dez segundos. O preso estava algemado e não saiu de nosso lado nem por um instante.

— Deixe-me lhe mostrar uma coisa, Harmon; depois, conte tudo para o seu parceiro, quando ele acabar de se exibir para a platéia. — Eve mandou os paramédicos se afastarem. — Venha cá — ordenou ao policial, agachando-se novamente ao lado do corpo. — Você está vendo essa marquinha vermelha em forma de círculo sobre o coração do morto?

Ele precisou olhar com atenção, mas, como estava apavorado, só faltou colar o nariz, de encontro ao peito de Lewis.

— Estou vendo sim, senhora.

— Sabe o que é isto, policial Harmon?

— Não, senhora. Não sei.

— É a marca de uma seringa de pressão. Sua loura chorosa assassinou a sangue-frio o preso que você escoltava, e bem debaixo do seu nariz.

Eve mandou vasculhar cada metro quadrado do prédio em busca de uma mulher com a descrição que Harmon lhe dera, mas sabia que seria inútil, e estava certa. Solicitou uma equipe para registrar e investigar a cena do crime e ofereceu a si mesma o prazer de interrogar Canarde.

— Você sabia que ele ia entregar o ouro, não sabia?

— Não faço idéia do que está dizendo, tenente. — De volta à Central e analisando as pontas das unhas com descontração, Canarde se sentava tranqüilamente na sala de interrogatório 3. — Devo lembrá-la de que me apresentei voluntariamente para prestar esclarecimentos. Não estava nem perto de meu desafortunado cliente esta manhã, e a senhora ainda precisa estabelecer a causa da morte dele. Ela pode ter sido natural.

— Sei. Um homem saudável com menos de cinqüenta anos cai duro, fulminado por um infarto? Muito conveniente, ainda mais sabendo que o gabinete do promotor estava pronto para lhe oferecer imunidade total em troca da apresentação de provas contra outro de seus clientes.

— Se a imunidade lhe foi prometida, tenente, eu não fui informado disso. Na qualidade de advogado do falecido sr. Lewis, eu teria de receber um comunicado e tal oferta deveria ser feita em minha presença.

Ele tinha dentes miúdos e perfeitos, e fez questão de exibi-los ao esgarçar os lábios em um sorriso.

— Tenente, eu creio que a senhora passou por cima ou certamente em torno de um procedimento legal padrão. A estratégia parece não ter funcionado muito bem para o meu cliente.

— Tem razão. Pode informar ao seu cliente, Canarde, que o que ele conseguiu fazer foi me deixar mais revoltada do que nunca, e eu trabalho melhor quando estou revoltada.

Canarde lançou outro dos seus sorrisos de cobra.

— O meu cliente, tenente, já não está vivo para se importar. Agora, se a senhora me der licença, preciso fazer o meu trabalho com relação à trágica morte do sr. Lewis. Acho que ele tem uma ex-esposa e um irmão. Vou oferecer minhas condolências a ambos. E, se por algum capricho do destino a senhora estiver certa a respeito de o sr. Lewis ser induzido a ir para o túmulo mais cedo, vou aconselhar sua família a processar o Departamento de Polícia da Cidade de Nova York por negligência e morte criminosa. Será um prazer enorme representá-los nessa ação.

— Aposto que ele não vai nem precisar pagar seus honorários, Canarde. Ele lança um peixe para o ar, você pula, se mexe todo e mergulha no lodo para recuperar a comida, se for necessário.

O ar de diversão desapareceu de seus olhos, embora sua boca continuasse a sorrir. Ele se levantou, acenou com a cabeça e se retirou da sala.

— Eu devia ter adivinhado — lamentou Eve, junto ao comandante. — Devia ter imaginado que Ricker tinha fontes no Departamento de Polícia e no gabinete do promotor.

— Você se protegeu ao máximo. — Uma raiva lenta e quente borbulhava por dentro de Whitney. Ele usaria isso como combustível. — Apenas o pessoal necessário foi informado dos nossos planos Para garantir imunidade ao acusado.

— Mesmo assim a coisa vazou. Agora, com Lewis eliminado desse jeito, nunca conseguirei fazer com que os outros três se voltem contra Ricker. Nem sei se vou conseguir fazê-los pegar pena máxima. Preciso de uma alavanca, comandante, algo que atinja Ricker e o tire do prumo. Consegui fazer isso uma vez e posso repetir a dose. Só que preciso de algo, qualquer coisa, por mínima que seja, para trazê-lo até aqui e interrogá-lo.

— Isso não vai ser fácil. Ele está muito bem protegido de tudo o que está acontecendo. Com relação a Mills, você tem certeza de que ele estava levando grana por fora, Dallas?

— Tenho, senhor. Certeza absoluta. Quanto a ligar essa grana a Ricker, isso está difícil. Feeney está investigando e ainda temos vários ângulos a pesquisar.

— A partir de agora eu quero atualizações diárias sobre cada passo que você e sua equipe derem. Cada passo, tenente.

— Sim, senhor.

— Quero os nomes de todos os tiras que vocês andam investigando, os que já saíram da lista negra e os que ainda estão sob suspeita.

— Sim, senhor.

— Se você acha que o departamento tem outros policiais envolvidos nisso, além de Kohli e Mills, a Divisão de Assuntos Internos deverá ser informada imediatamente.

Os dois se olharam por um instante, diante de um impasse.

— Senhor, eu esperaria um pouco antes de informar à DAI, pelo menos até obter provas substanciais daquilo que, até agora, não passa de suspeita do envolvimento de outras pessoas.

— E quanto tempo acredita que vá levar esse período de espera?

— Talvez vinte e quatro horas, comandante.

— Um dia, Dallas — sentenciou ele, concordando. — Nenhum de nós pode se dar ao luxo de esperar mais.

Eve não perdeu tempo, entrou em contato com Martinez e solicitou um encontro fora da área de trabalho, pois achou que isso tornaria tudo mais fácil.

Ela se encontrou com Martinez em um pequeno café a meia distância entre os locais de trabalho de ambas. Longe o bastante dos dois lugares, para garantir que não haveria tiras por perto.

Martinez chegou com dez minutos de atraso, o que deu a Eve a oportunidade de observála melhor e tirar conclusões. Pela sua linguagem corporal, ficou claro que as defesas de Martinez estavam levantadas.

— Tive que pedir algumas horas, a fim de resolver assuntos pessoais, para poder vir aqui. — Com os ombros tão duros quanto o tom de voz, Martinez se sentou diante de Eve. — Não posso ficar muito tempo.

— Ótimo. Meu relógio está correndo também. Quer café?

— Não bebo café.

— E como consegue viver?

Martinez exibiu um sorriso amargo, fez sinal para o andróide que servia de garçom e pediu água.

— Não pegue água da torneira! — avisou ela. — Vou descobrir na mesma hora e juro que queimo seus circuitos. Agora vamos deixar de papo furado — continuou, virando-se novamente para Eve. — Você me procurou para tentar pescar alguma coisa contra Kohli e Mills, mas não vai conseguir. Está a fim de desencavar sujeira para a DAI e isso faz meu estômago revirar.

Eve pegou o café e observou Martinez por sobre a borda da caneca, com toda a calma.

— Muito bem, você resumiu tudo. Agora me conte onde conseguiu essa informação.

— As notícias correm quando um tira sai à caça dos colegas. Está tudo ligado à 128ª. DP. Já estamos com dois presuntos. Acho que você devia estar mais interessada em descobrir quem acabou com eles do que em remexer estrume antes mesmo de eles serem enterrados.

Eve respeitava esse tipo de fibra, mas ter gênio estourado não ia ajudar Martinez a subir de posto.

— Não importa o que você tenha ouvido nem o que pense. Encontrar o assassino é a minha prioridade.

— Tô sabendo, a sua prioridade é acobertar o seu marido.

— Como disse?

— Ele é o dono da boate Purgatório. Talvez estivesse rolando algo estranho por lá e Kohli descobriu. Como ninguém por lá imaginava que fosse tira, não tiveram cuidado ao contratálo. Então, quando ele chegou perto demais, foi eliminado.

— E Mills?

Martinez deu de ombros.

— Você é a única que vê ligação entre as duas mortes, tenente.

— Sabe de uma coisa, Martinez? Quando eu conheci você e Mills, achei que ele fosse o boçal da dupla. Agora aqui está você, arrasando com minha auto-estima ao provar que meu senso de julgamento não está com nada.

— Você não é meu comandante. — Martinez tinha olhos pretos, mas eles pareciam flamejar de ódio. — Não preciso ficar aqui ouvindo desaforos.

— Então aceite um conselho de quem já está na força há mais tempo. Aprenda o momento certo de atacar e de esperar. Você está aqui há menos de cinco minutos e já me contou muito mais do que eu perguntei.

— Não lhe contei porra nenhuma.

— Contou sim. Contou que há rumores na sua delegacia. Contou que andam dizendo, um boato provavelmente plantado pela mesma fonte, que há indícios de que Kohli e Mills eram corruptos. Pergunte a si mesma de onde vem esse boato. Quem lucraria ao colocar tiras de sobreaviso ou olhando para mim com desconfiança? Pense, detetive.

Eve tomou mais um pouco de café, para dar à detetive um tempo para raciocinar.

— Eu não preciso proteger Roarke — continuou. — Ele sabe fazer isso sem a minha ajuda há muito tempo. Ninguém, a não ser que esteja envolvido no caso, tem motivos para suspeitar ou sabe que parte da minha investigação é levantar os podres das duas vítimas.

— As notícias correm — repetiu Martinez, mas seu tom já não era tão confiante. Ela pegou a água no instante em que foi servida.

— É verdade — concordou Eve —, especialmente quando alguém quer que elas corram. Você acha que eu plantei três milhões de dólares nas contas de Kohli e de Mills só para acobertar meu marido? Acha mesmo que eu andei desviando toda essa grana para as contas deles durante meses só para criar um escândalo envolvendo colegas de farda?

— Você é que está me dizendo que essa grana estava lá.

— Isso mesmo, eu estou dizendo.

Martinez não retrucou nada por um instante e ficou simplesmente olhando para Eve. De repente, fechou os olhos.

— Droga, que inferno! — reagiu ela. — Não vou entregar um colega. Faço parte da quinta geração de policiais na família. Tem havido um tira na minha família há mais de cem anos. Isso tem muita importância para mim. Precisamos proteger uns aos outros.

— Não estou pedindo para você julgar ninguém. Peço apenas que raciocine. Nem todos de nós respeitam o próprio distintivo. Dois homens da força-tarefa da qual você fez parte estão mortos. Ambos tinham mais dinheiro guardado do que aquele que a maioria dos policiais acumula durante a vida toda. Agora estão mortos. Alguém chegou perto deles, perto o bastante para eliminá-los antes de terem a chance de piscar. Você está preparada para ser a próxima?

— A próxima? Você acha que eu posso ser um alvo? — O ódio voltou aos olhos de Martinez. — Na certa também me acha corrupta.

— Não encontrei nada que me faça pensar assim. Bem que procurei.

— Sua vaca desgraçada! Eu ralei muito para me tornar detetive e agora você quer me atirar aos lobos da Divisão de Assuntos Internos?

— Não estou atirando você para ninguém. Só que, se não agir de forma correta comigo, você vai se enforcar por conta própria. De um jeito ou de outro. Quem está por trás disso? — quis saber Eve, inclinando-se para a frente. — Aja como uma detetive, por Deus, e raciocine comigo. Quem tem ligação com Kohli e Mills e possui grana suficiente para transformar um tira em informante?

— Ricker. — Os dedos de Martinez agarraram a toalha com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. — Droga!

— Vocês o tinham na palma da mão, não foi? Foram fazer aquela batida sabendo que tinham tudo para efetuar sua prisão, conseguir seu indiciamento e sua condenação. Tomaram todo o cuidado.

— Levei meses para armar tudo. Convivi com o caso vinte e quatro horas por dia, de domingo a domingo. Certifiquei-me de que nada ficara de fora. Não apressei as coisas. No fim, tudo se desmanchou e eu não consegui entender por quê. Vivia me dizendo que o filhoda-mãe era muito esperto e se protegera demais. Mesmo assim... uma parte de mim, lá no fundo, sabia que devia haver alguém dele infiltrado em nosso grupo. Só podia ser! Só que não quis especular isso a fundo, e continuo não querendo.

— Mas agora vai especular!

Martinez levantou seu copo e bebeu água como se estivesse com a garganta pegando fogo.

— Por que estou sendo vigiada?

— Você percebeu que estava sendo seguida, não foi?

— Sim, percebi. Imaginei que você fosse aparecer para me pegar a qualquer momento.

— E se eu descobrir que existe alguma ligação entre você e Ricker, é exatamente o que vou fazer. No momento, porém, a vigilância é apenas para a sua proteção.

— Quero que mande parar. Se eu resolver colaborar com você, preciso me movimentar sem ninguém fungando no meu cangote. Tenho cópia de todos os dados, todas as anotações e todos os passos que levaram à batida final na operação contra Ricker. Depois que o caso se desmontou eu procurei em toda parte, revi tudo com atenção, mas, no fundo, não queria encontrar nada de comprometedor contra os colegas. Mas agora eu quero.

— Preciso de cópias desse material!

— É o meu trabalho.

— E quando nós o agarrarmos vou providenciar para que você receba o mérito devido.

— Isso é importante para mim. Meu trabalho é importante para mim. Esse caso em especial. Minha capitã me disse que eu perdi a objetividade. Ela estava com a razão — acrescentou Martinez, com um sorriso meio torto. — Perdi mesmo. O fato é que eu me alimentei daquele caso no café da manhã durante meses e dormi com ele todas as noites. Se tivesse me mantido distanciada, talvez percebesse o que ia acontecer. Talvez notasse que Mills começou a se meter em tudo e passou a dar as ordens. Na época, eu achei que tudo aquilo se devia ao jeito machista dele.

— Devemos apoiar o trabalho uns dos outros. Você não tinha motivos para desconfiar do colega.

— O funeral de Kohli está marcado para depois de amanhã. A mim parece que ele estava, sem sombra de dúvida, ligado a Ricker. Vou cuspir no seu túmulo. Meu avô morreu no cumprimento do dever, durante as Guerras Urbanas. Salvou duas crianças. Elas eram um pouco mais velhas que eu e escrevem para a minha avó todo ano no Natal, e mais uma vez no aniversário do dia em que foram salvas. Nunca esquecem. Não se trata de receber o mérito ou os louros, Dallas. A questão aqui é ser uma boa profissional.

Eve concordou e, depois de um instante de hesitação, inclinou-se novamente e resolveu contar:

— Martinez, eu convenci um dos capangas de Ricker a depor contra ele. O acordo estava sendo costurado através do gabinete do promotor e ele ia conseguir imunidade. O rapaz tinha uma audiência marcada para a manhã de hoje. Ao se

encaminhar para a sala do tribunal, escoltado por dois guardas, foi atingido. Está morto. Rápido assim, como um estalar de dedos. Existe vazamento de informações e eu não sei nem mesmo por onde começar a estancá-los. Quero que você saiba, antes mesmo de embarcar nisso, que talvez eu não consiga deixar tudo abafado. Talvez nem mesmo consiga deixar seu nome fora do rolo, e isso colocará você na linha de fogo.

Martinez afastou seu copo vazio, concordando com a cabeça.

— É como eu disse, Dallas. A questão aqui é ser uma boa profissional.

Eve passou o resto do dia revisando dados, até seus olhos começarem a arder. Foi novamente falar com Patsy Kohli, a pretexto de mantê-la informada. Depois de vinte minutos de papo, convenceu-se de que a sofrida viúva não tinha conhecimento de nada.

Pelo menos, isso foi o que a sua intuição lhe disse, avaliou Eve, ao entrar no carro para ir embora. Já não tinha certeza de poder confiar na própria intuição.

Estava com uma nova lista na cabeça, que vinha sendo atualizada regularmente por McNab. Alguns tiras estavam limpos, enquanto outros continuavam sob suspeita.

Como a Central era mais perto, Eve passou em sua sala e analisou uma série de probabilidades, cruzando os novos dados com a lista atualizada de nomes.

Por mais malabarismos que fizesse, não descobriu nada conclusivo. Nem iria descobrir, refletiu, enquanto não cavasse mais fundo. Eles teriam que vasculhar a vida dos policiais listados como abutres sobre carne. A cada vez que limpassem alguém, colocariam mais peso sobre os que sobrassem.

Eve sabia o que era passar por uma investigação interna. Sabia, por experiência própria, como era ter os cães farejadores da Divisão de Assuntos Internos mordendo-lhe os tornozelos. Sair do sufoco limpo e inocentado não tirava o gosto amargo no fundo da garganta.

O problema era que ela não podia cavar mais sem dar na vista. A não ser que utilizasse o sistema ilegal e não registrado que Roarke tinha em casa. Só que ela não saberia utilizá-lo sem a ajuda dele. Não tinha a habilidade de penetrar em todas aquelas camadas de proteção por conta própria.

E não podia pedir ajuda a ele depois de ter criado a maior confusão para deixá-lo fora disso.

Apoiou a cabeça nas mãos em concha e não foi surpresa sentir que ela latejava; na verdade, foi quase um prazer. Uma dor de cabeça forte seria um bom motivo para deixá-la infeliz.

Por fim, resolveu ir embora. A caminho de casa, passou pelo gigantesco anúncio luminoso que exibia Mavis. Sem pensar duas vezes, pegou o *tele-link* e ligou para a velha amiga, mesmo sem ter muita esperança de encontrá-la em casa.

— Alô. Ei! Oi, Dallas!

— Adivinha quem está bem na minha frente, Mavis.

— Um anão pelado com um braço só.

— Acertou! Puxa, você é boa nisso! A gente se fala mais tarde.

— Espere, espere! — Dando risinhos, Mavis se levantou e ficou de frente para a câmera do aparelho, como se isso pudesse lhe oferecer um ângulo melhor de Eve. — Conte logo! O que está bem na sua frente?

— Você. Um milhão de vezes maior que a própria vida, cheia de cores e em plena Times Square.

— Uau! Demais, não é? Mil vezes mais que demais! Vivo inventando desculpas para descer até aí só para olhar o anúncio. Quero dar um beijão estalado, molhado e meloso no seu maridão. Leonardo diz que não sente ciúme, diante das circunstâncias, mas eu queria uma autorização sua.

— Não sou eu que decido quem Roarke vai beijar ou não.

As sobrancelhas de Mavis, naquele dia tingidas de magenta, se ergueram até quase encostar no cabelo pintado de azul-rei.

— Ôô... Vocês tiveram alguma briga?

— Não. Sim. Não. Ah, sei lá o que foi que nós tivemos. Só sei que ele mal está falando comigo. Será que você... não, deixa pra lá!

— Será que eu o quê? — Mavis tapou a câmera com a palma da mão e sussurrou alguma coisa com outra pessoa na sala. Eve revirou os olhos, irritada com isso. — Desculpe! É que Leonardo está desenhando uma nova roupa. Ei, por que não aparece aqui em casa?

— Mas vocês estão ocupados.

— Nada disso! Dê um pulinho até aqui, Dallas. Você nunca mais apareceu no seu velho apartamento. E está em Times Square, que fica pertinho daqui! Eu estava justamente pensando em preparar alguns drinques. A gente se vê daqui a pouco.

— Não... eu... — Eve bufou diante da tela apagada e quase tornou a ligar se desculpando e dizendo que não ia. Por fim encolheu os ombros, mas logo se empertigou ao lembrar o tom frio e distante que Roarke usara ao falar com ela pela manhã. — Ah, ele que se dane! — resmungou. — Vou dar só uma passadinha lá.

Capítulo Dez

Mavis Freestone e seu namorado, Leonardo, moravam juntos no apartamento conjugado que Eve ocupava antes de se casar.

Muita coisa acontecera em pouco mais de um ano.

Eve tinha morado ali e vivia muito contente com suas poucas peças de mobília, nada de decoração e um AutoChef com o estoque quase no zero o tempo todo. Ela costumava achar seu estilo de vida simples, e não sem graça.

Por outro lado, comparada ao estilo de Mavis, até uma viagem aos anéis de Saturno agarrada à cauda de um cometa seria considerada sem graça.

No instante em que Mavis abriu a porta, Eve foi atingida por uma onda de cores vivas. Rojões coloridos. Todos os tons da paleta de um pintor tinham sido alçados à categoria de "cores berrantes", em padrões e texturas que chocavam a visão.

E Eve colocara os olhos só em Mavis.

A sala do apartamento estava enfeitada com quilômetros de tecido. Alguns deles, Eve imaginava, formavam instalações artísticas; outros representavam o trabalho de Leonardo. O sofá cheio de calombos que Eve deixara no local ao se mudar para a casa de Roarke estava coberto agora com um material cor-de-rosa brilhante e cheio de nervuras que brilhava como vidro polido. Como se isso não fosse o bastante, havia pilhas de almofadões espalhados, em cores contrastantes, que pareciam escorrer pelo chão, onde mais mantas e pedaços de pano estavam jogados, servindo como tapetes.

Contas, lantejoulas, fitas e só-deus-sabe-mais-o-quê desciam pelas paredes cintilando alegremente a partir do teto que havia sido pintado em um tom de prata reluzente e cravejado de estrelas vermelhas.

Até as mesinhas de centro e laterais eram revestidas de tecido, como blocos de pano de formas tão estranhas que poderiam ser devolvidos por defeito de fábrica. Eve percebeu que não havia uma única superfície rígida ou um ângulo reto em todo o lugar.

Mesmo preocupada com o fato de que permanecer naquele ambiente por muito tempo poderia lhe provocar um AVC, Eve reconheceu que tudo ali combinava perfeitamente com a sua amiga mais antiga.

O efeito poderia ser resumido como "um alvorecer em meio a uma tempestade multicolorida... em Vênus".

— Fiquei tão feliz por você vir! — Mavis arrastou Eve para dentro do cômodo psicodélico e executou um rodopio cheio de charme. — Então, o que achou?

— Do que você está falando, exatamente?

— Da minha roupa nova!

Pequena, magra e com a compleição de uma varinha de condão, Mavis girou o corpo novamente, exibindo uma roupa curta. *Não dava para chamar aquilo de vestido,* decidiu Eve. Era uma fantasia, imaginou, feita de listras diagonais que iam do roxo-escuro ao rosa-choque e vice-versa. O corpete estava poucos centímetros acima dos mamilos, deixando os ombros de Mavis completamente de fora, lindamente adornados com tatuagens em forma de violetas.

Mangas — só podiam ser mangas, porque se fossem luvas de cano longo teriam dedos — desciam-lhe pelos braços. Botas compridas com altíssimos saltos agulha e o mesmo padrão de listras subiam-lhe pelas pernas, agarradas à pele, até quase a virilha.

— É... — Eve não sabia que palavra usar. — Surpreendente!

— Isso mesmo! TMQD. Totalmente mais que demais! Trina vai colocar meu cabelos do mesmo jeito, listrados. Leonardo é um gênio perfeito! Ei, Leonardo Dallas chegou! Ele está lá dentro preparando uma rodada de drinques espertos — ela informou a Eve. — Você chegou na hora certa. Detesto beber sozinha, e você sabe que Leonardo não agüenta nem uma dose sem cair duro.

Ela manteve o papo animado, empurrando Eve na direção do sofá cor-de-rosa.

— Pronto, aí vem ele! — anunciou Mavis, com a voz se transformando num arrulho: — Obrigada, amorzinho!

Leonardo, um gigante com tranças grossas e brilhantes, olhos dourados e o tom de pele lindamente cobreado das pessoas de raça mista, irrompeu na sala. Ele se movia com uma leveza inesperada para alguém com quase dois metros de altura e trajava um casacão azul-rei que lhe descia até os tornozelos. Sorriu embevecido para Mavis e os piercings de rubi ao lado da boca e sob a sobrancelha esquerda pareceram flertar com ela quando cintilaram.

Ele arrulhou de volta:

— De nada, minha pombinha. Olá, Dallas. Preparei um lanchinho, caso você ainda não tenha jantado.

— Ele não é TMQD?

— Com certeza! — concordou Eve ao ver Mavis se aninhar nos braços de Leonardo. Mesmo com as botas de salto alto ela mal chegava à altura do peito dele. — Não precisava ter todo esse trabalho, Leonardo.

— Trabalho nenhum! — Ele pousou uma bandeja cheia de petiscos e bebidas — Foi ótimo você aparecer, pois assim Mavis não Precisa ficar sozinha cm casa. Eu tenho um compromisso.

Mavis lançou-lhe um olhar de adoração. O plano deles era passar a noite

juntos em casa, sossegados, o que era raro acontecer. Quando Mavis lhe contou que Eve estava chegando e havia algo errado em sua voz, Leonardo concordou na mesma hora em sair de casa, a fim de deixá-las a sós.

Ele era, pensou Mavis com um longo suspiro apaixonado, um homem perfeito.

— Só vou ficar um tempinho — começou Eve, mas Leonardo já pegava Mavis nos braços e lhe aplicava um beijo longo e apaixonado de um jeito tão íntimo que Eve franziu a testa e desviou os olhos para não constrangê-los.

— Divirta-se, minha pombinha.

Ele lançou um sorriso aberto para Eve, como despedida, e conseguiu sair do apartamento sem derrubar nada no chão.

— Leonardo não tinha compromisso nenhum — adivinhou Eve.

Mavis começou a protestar, mas então sorriu, deu de ombros e serviu a primeira rodada de drinques.

— Eu disse a ele que íamos fazer um clube da Luluzinha hoje à noite, só nós duas. Ele nem esquentou. E então...? — Mavis passou para Eve uma taça quase do tamanho de uma tigela, cheia de um líquido verde-esmeralda até a borda. — Quer conversar um pouco sobre algumas coisas antes da primeira dose ou prefere ir direto ao assunto?

Eve abriu a boca, surpresa, mas logo tornou a fechá-la. Já fazia muito tempo desde a última vez em que passara a noite bebendo em companhia de Mavis.

— Vamos beber um pouco enquanto eu lhe conto tudo.

— Ótimo! — Mavis brindou de leve com Eve, encostando as duas taças, e matou o primeiro drinque de uma série de muitos.

* * *

— Então... — Mavis já estava na terceira dose e consumira quase todos os salgadinhos de soja, queijo e milho que Leonardo colocara na imensa bandeja. — Deixe-me organizar esse monte de informações. Você saiu para encarar um bandido que teve negócios com Roarke no passado sem contar a ele o que pretendia fazer.

— Era assunto da polícia. Esse é o meu trabalho.

— Certo, certo, estou só conferindo. Então o bandidão mandou alguns bandidinhos atrás de você.

— Mas eu consegui lidar com eles.

Mavis fitou Eve com olhos de bêbada e perguntou:

— Você quer a minha opinião ou a sua?

— Tudo bem, já calei a boca — resmungou Eve, servindo-se de outro drinque.

— Quando você voltou para casa, recebeu flores do bandidão e um cartão em estilo "baba-ovo". — Quando Eve abriu a boca de novo, Mavis levantou um dedo com a unha pintada de roxo. — Você sacou na hora que isso era para deixar Roarke puto e mandou Summerset se livrar das flores. Mas Roarke tinha visto elas chegarem e foi saber qual era a sua. E aí você entrou numa de "Dãhh... Que flores?".

— Eu não disse "dãhh". — Os drinques estavam começando a fazer efeito. — Eu nunca disse nada disso. Eu acho. Bem, talvez tenha dito "Hein?...", o que é completamente diferente de "dãhh".

— Xapralá! Saqualé? Lembra aquela palavra que significa mentira, mas é mais suave do que isso? — Mavis fechou um dos olhos, tentando manter o outro em foco. — Fingimento! Você fingiu que não sabia de nada porque não queria que Roarke saísse para esmagar o bandidão como se ele fosse um inseto e acabasse se enrolando com a lei.

Eve preferia a palavra "mentira" a "fingimento", mas resolveu deixar de lado.

— Mais ou menos — concordou.

— Pois é, foi burrice.

— Burrice? — A boca de Eve se abriu de espanto. — Você tá me dizendo que eu fui burra? Você é minha amiga, devia me dizer que eu agi certo. É assim que funciona.

— Dallas. — Mavis inclinou o corpo para trás e se deixou escorregar graciosamente até o chão. — Você não levou em consideração o fator masculino. Os caras têm pinto. Você nunca pode esquecer o fator "pinto" quando lida com um homem.

— Do que você está falando? — Eve se deixou escorregar no chão também, sugando o restinho do drinque que bebia. — Eu sei que Roarke tem pinto. Ele o usa todas as vezes que tem chance.

— Pois é. O pinto dos homens está conectado diretamente ao ego. É um fato científico... embora talvez seja o contrário. — Encolhendo os ombros, Mavis bebeu de um gole só o último drinque. — Isso é um mistério para todas as mulheres. O fato é que você não confiou nele para cuidar de si mesmo.

— Mas ele também não confiou em mim para cuidar de mim mesma.

— Dallas, Dallas... — Balançando a cabeça para os lados, lentamente, Mavis deu um tapinha na coxa de Eve. — Dallas... — disse uma terceira vez, com muita pena. — Vamos tomar mais uns drinques. Precisamos de todos eles para quando chegar a parte em que todos os homens são porcos machistas.

Em meio à segunda rodada de drinques, Eve se largou no chão olhando para a infinidade de contas que escorriam do teto prateado.

— Se os homens são porcos, Mavis, por que quase todas as mulheres querem ter um?

— Porque as mulheres têm fraquezas no nível emocional. — Mavis deu um soluço, baixinho. — Até mesmo você.

— Eu, não! — protestou Eve, rolando de lado e fitando Mavis com os olhos quase fechados.

— Você sim! Primeiro ele fisgou você pelos hormônios. Quer dizer... Puxa vida, Eve, o cara é um... Deixe-me pensar um instantinho... O cara é um banquete sexual. É... Gostei dessa expressão! Depois ele cativou sua mente, porque é um sujeito inteligente, interessante, misterioso e todos aqueles troços que você curte. Por fim, o golpe final foi quando ele arrombou seu coração. Como escapar? Quando um cara fisga você assim por todos os lados, ele simplesmente gira o molinete e puxa.

— Eu não sou a porra de um peixe!

— Todas nós somos peixes — explicou Mavis, com ar pomposo — nesse imenso oceano da vida.

Eve já tomara tantos drinques que achou essa frase irresistivelmente engraçada e caiu na gargalhada.

— Você é uma idiota, Mavis! — conseguiu dizer quando recuperou o fôlego.

— Ei! Não sou eu que estou em crise emocional. — Colocando-se de quatro Mavis foi engatinhando e tascou um beijo estalado no rosto de Eve. — Pobrezinha Mamãe vai lhe explicar como fazer para consertar as coisas.

Ela saiu de gatinhas em busca de mais drinques, voltou se arrastando e serviu a bebida nas taças, conseguindo, espantosamente, não derramar uma única gota.

— Como é que eu faço, Mavis? — perguntou Eve.

— Trepe com ele até explodir.

— Só isso? Esse é o grande conselho da mamãe?

— É o único conselho. Como os homens são porcos e possuem o fator pinto, normalmente esquecem o motivo de estarem putos quando você arma uma noite especial de transas loucas.

— Então eu vou ter que usar sexo para consertar as coisas? — Em algum ponto do seu cérebro adulterado pelo álcool, Eve sentiu cintilar a noção de que aquela idéia tinha algo de errado, mas não conseguiu descobrir exatamente o quê. — Talvez funcione — decidiu.

— Funciona sim, eu garanto. Só que...

— Eu sabia que tinha um "só que..." na história. Senti que devia haver.

— Pois é. Sexo vai funcionar como um... Como é que se chama? Remendo Vocês têm alguns problemas para resolver, Dallas. Você precisa descobrir o porqué de ter feito isso nas costas dele. Não que haja algo de errado nisso, às vezes a gente simplesmente faz o que é necessário, mas o que temos aqui são dois cabeças-duras batendo um contra o outro. — Ela demonstrou o que queria dizer batendo as mãos uma contra a outra, o que a fez entornar um pouco do drinque. — Opa!

— Você está me chamando de cabeça-dura?

— Claro que sim. É por isso que eu te amo. E quando vocês dois batem as cabeças-duras um no outro, de vez em quando uma das duas racha.

— Ele mal está falando comigo.

— Ah, que maldade! — Mavis matou mais uma dose e abraçou Eve com força — Quer um pouco de sorvete?

— Vou acabar vomitando! Qual o sabor?

Acabaram de volta ao chão com duas tigelas cheias de sorvete de chocolate com flocos crocantes e cobertura de creme cor-de-rosa.

— Eu não estava errada — argumentou Eve, entre uma colherada e outra.

— Claro que não! Somos mulheres, nunca estamos erradas.

— Até Summerset ficou do meu lado, e ele me odeia.

— Não, não odeia.

— E eu amo o filho-da-mãe idiota.

— Óóóó, que gracinha. — Os olhos de Mavis ficaram marejados, transbordando de sentimentos. — Se você confessasse isso a ele, vocês dois iriam se relacionar melhor.

Eve levou alguns instantes para entender.

— Não estou falando de Summerset. Eu, hein! Estou falando de Roarke! E amo *esse* filhoda-mãe idiota. Era de esperar que ele me desse uma colher de chá quando estou com um caso martelando a minha cabeça, sem saber o que fazer.

— Mas você sempre sabe o que está fazendo. É por isso que se tornou a tenente Eve Dallas.

— Não estou falando do trabalho, Mavis. Quando se trata de trabalho, eu sempre sei o que estou fazendo. O problema é Roarke, esse lance de casamento e esse troço de amor. Puxa, você deve estar bêbada.

— É claro que estou bêbada. Nós duas acabamos com o estoque de drinques que Leonardo, ele não é uma gracinha?, preparou especialmente pra gente.

— Tem razão. — Eve deixou a tigela de sorvete de lado e colocou a mão sobre o estômago. — Preciso ir lá dentro um instantinho para vomitar.

— Vai fundo! Eu também preciso ir. Assim que você acabar, me avise.

Assim que Eve -se levantou meio grogue e saiu da sala cambaleando, Mavis simplesmente se encolheu toda, enfiou um dos almofadões cor-de-rosa sob a cabeça e mergulhou em sono profundo.

Eve lavou o rosto, analisou seu reflexo pálido e notou os olhos inchados e vermelhos. Parecia uma molenga, pensou. Molenga, meio idiota e pra lá de Marrakech de tão bêbada. Sentindo um leve arrependimento, pegou a embalagem de Sober-Up de Mavis. Depois de olhar por alguns instantes para as pílulas antiporre, decidiu tomar apenas uma. Não estava preparada para abrir mão por completo do pilequinho.

Ao encontrar Mavis dormindo no chão, deu um apertão carinhoso no ombro da amiga. Quando conseguiu apenas um ronronar sexy como resposta, desistiu de carregá-la para a cama. Em vez disso, arrancou um dos muitos panos jogados sobre o sofá e o colocou sobre a amiga adormecida, para protegê-la.

Quando tornou a se levantar, sua cabeça girou.

— Opa, ainda estou meio bêbada. Ótimo!

Ao sair do apartamento, flexionou os ombros como um boxeador preparando-se para uma luta. Ela enfrentaria Roarke, decidiu. Estava mais que preparada para isso.

O ar fresco da rua a atingiu com força, fazendo-a recuar um pouco. Ficou ali parada, respirando lentamente, e por fim se pôs a caminhar em linha quase reta rumo ao carro. Foi esperta o bastante para ligar o piloto automático e deixar o veículo levá-la para casa em segurança.

Ela ia colocar tudo em pratos limpos, disse a si mesma. Sim, era isso mesmo. E se tivesse de arrastar Roarke para a cama a fim de resolver tudo, ela... Estava disposta a aceitar numa boa.

Isso a fez quase se engasgar de rir, até que se recostou no banco e resolveu curtir o passeio.

Nova York parecia tão alegre, reparou. As carrocinhas de lanches estavam funcionando a pleno vapor e o movimento de pedestres era imenso. Os trombadinhas, pensou, com uma pontada de carinho, estavam fazendo a farra, esvaziando os bolsos dos turistas e dos desavisados.

A fumaça engordurada que subia dos cachorros-quentes de carne de soja cozidos demais misturada com o vapor das cebolas reidratadas subia em espirais diante do carro. Duas acompanhantes licenciadas trocavam tabefes na esquina da Sexta Avenida com a rua 62, enquanto um cliente interessado em quem vencesse a

briga torcia com muita animação. Um táxi da companhia Rápido fez uma manobra perigosa ao ultrapassar outro veículo, não conseguiu e os carros bateram de leve. Os dois motoristas voaram porta afora como se impulsionados por molas, com os punhos cerrados.

Nossa, ela adorava Nova York.

Em seguida viu um bando da gangue Pure Sect, todos de cabeça raspada invadindo o território da gangue vizinha, já preparada para uma batalha campal. Um dirigível publicitário passou ao longe, piscando e apregoando as delícias de um pacote turístico para a estação espacial Vegas II. Quatro dias e três noites em quarto duplo com passagem de ida e volta pelo preço absurdamente baixo, baixíssimo, de 12.085 dólares por pessoa.

Imperdível.

O dirigível continuou seu caminho rumo ao centro da cidade enquanto o carro de Eve seguiu em direção contrária.

O número de pedestres diminuiu e a sofisticação das ruas aumentou. As carrocinhas de lanches haviam desaparecido por completo.

Bem-vindos ao mundo de Roarke, pensou ela, achando isso muito engraçado, por algum motivo.

Ao se aproximar dos portões da mansão, uma figura pulou na frente do carro. Eve deu um grito, mas, felizmente, o computador percebeu a obstrução no caminho e freou bruscamente. Eve se sentiu levemente irritada ao ver Webster surgir das sombras.

Baixou o vidro da janela e lançou-lhe um olhar furioso.

— Você quer se matar? Esta é uma viatura oficial andando no piloto automático!

— Ainda bem, porque você me parece meio desorientada. — Sonolenta, pensou ele. Sonolenta, com a cara amassada e muito sexy. — Voltando de uma farra na cidade?

— Pode pegar no meu pé, Webster. O que quer de mim?

— Precisamos conversar. — Ele olhou para os portões. — Não é nada fácil passar por esse sistema de segurança. Que tal me dar uma carona lá pra dentro?

— Não quero você na minha casa.

O sorriso que ele pregara no rosto se tornou mais duro.

— Só dez minutinhos, Dallas. Prometo não roubar a prataria.

— Tenho uma sala na Central de Polícia. Marque uma hora.

— Se não fosse tão importante, você acha que eu estaria aqui circulando em frente à sua casa, me arriscando a ser capado?

Ela preferia não entender a lógica disso. Preferia estar sóbria o bastante para

levantar o vidro e deixá-lo do lado de fora. Fez um sinal com o polegar na direção do banco do carona. Quando ele deu a volta no carro para entrar, Eve lembrou que durante as últimas horas a palavra assassinato nem passara perto da sua cabeça.

— É melhor que seja importante, Webster. Se você estiver me enrolando, vou fazer muito pior do que capar você.

Eve ficou de frente para a entrada. A identificação do seu carro foi feita eletronicamente e os portões se abriram sem ruídos.

— Segurança reforçada demais para uma residência — comentou ele.

Ela fingiu que não ouviu, mas preferia ter tomado dois comprimidos de Sober-Up, em vez de um, para estar com a mente absolutamente clara.

Eve deixou o carro ao pé da escadaria no alto da alameda e subiu na frente dele, rumo à entrada. Webster tentava ao máximo não deixar o queixo cair, de espanto, mas não conseguiu segurar um assobio baixo quando a porta de frente se abriu.

— Tenho uma reunião — anunciou Eve quando Summerset surgiu no saguão pronto para falar alguma coisa.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, ela seguiu pela escada que ia para o segundo andar. Webster ficou um pouco atrás, analisou o elegante mordomo de cima a baixo e observou rapidamente os ambientes do andar térreo.

— Que lugar, hein, Dallas? Estou tentando imaginá-la neste palácio. Você nunca me pareceu o tipo de mulher que curte vida de princesa.

Ao entrar no escritório, que Roarke mandara construir como cópia exata do cantinho de trabalho que Eve tinha em seu apartamento antigo, ele concordou com a cabeça.

— Aqui, sim, é a sua cara — elogiou ele. — Móveis simples e práticos.

— Agora que aprovou meu ambiente de trabalho, abra o bico. Tenho muita coisa para fazer.

— Mas teve tempo de sair hoje à noite para tomar umas e outras.

Ela colocou a cabeça meio de lado e cruzou os braços.

— Você acha que tem algo a ver com o que eu faço no meu tempo livre depois do trabalho?

— Não, foi só uma observação. — Ele circulou por toda a sala, pegando e recolocando no lugar vários objetos a esmo, e quase deu um pulo ao ver o enorme gato enroscado em uma poltrona reclinável, observando-o com olhos bicolores quase fechados.

— Guarda do palácio?

— Acertou em cheio! Uma palavra minha e ele enterra as garras no seu olho e come sua língua. Não me obrigue a mandá-lo atacar você.

Ele riu e tentou relaxar.

— Tem café por aqui?

— Tem. — Eve permaneceu imóvel, onde estava.

Ele tornou a rir, mas dessa vez foi um riso curto de resignação.

— Eu ia dizer que antigamente você era mais amigável, mas isso não é verdade. Tem alguma coisa nesse seu jeito bravo e invocado que sempre me atraiu, Dallas. Eu devo ser doente.

— Vá direto ao assunto ou vá direto para a rua.

Ele concordou com a cabeça, mas levou algum tempo antes de começar a falar. Foi até a janela e olhou para fora.

— Sua linha de investigação está violando as normas da Divisão de Assuntos Internos.

— Ah, que pena! Agora você me deixou péssima com a notícia.

— Eu os alertei sobre você, mas ninguém me ouviu. Achavam que você não ia muito longe. — Ele se virou e a encarou de frente. — Vim aqui para ordenar que você desista do caso Ricker.

— Você não tem autoridade nenhuma para me dar uma ordem dessas.

— Pedir, então — consertou ele. — Estou pedindo que você desista de sua investigação sobre Max Ricker.

— Pedido negado.

— Dallas, se você der algum passo na direção errada, poderá estragar uma investigação da corregedoria que está sendo montada há meses.

— Uma investigação interna?

— Não tenho autorização para confirmar nem negar isso.

— Então vá embora.

— Estou lhe oferecendo uma ajudinha. Se você recuar agora, nós dois poderemos conseguir o que buscamos.

Eve encostou o quadril na quina da mesa.

— Eu estou em busca de um assassino de tiras. O que você busca?

— Você acha que não me importo com isso? — A voz dele se alterou e seus olhos brilharam de raiva. —Acha que não ligo para os dois homens que tombaram?

— Não sei dos seus interesses, Webster. Por que não abre o jogo?

— Meu interesse é fazer bem o meu trabalho — rebateu ele. — É me certificar de que ele vai ser feito de forma rápida e limpa.

— E Mills e Kohli não eram tiras limpos.

Ele fez menção de falar, mas enfiou as mãos nos bolsos.

— Não posso comentar sobre isso, Dallas.

— Não preciso dos seus comentários. A Divisão de Assuntos Internos deve

ter motivos para querer manter essa informação oculta, por enquanto. Tudo bem. Aliás, eu também quero. Mas isso não vai ficar oculto até o fim não. A ligação deles com Ricker vai explodir a qualquer momento. Quantos tiras mortos eu devo acobertar enquanto vocês ficam de sacanagem fazendo investigações internas? Vocês sabiam que eles dois estavam levando grana por fora e os deixaram agir soltos.

— As coisas não são assim, preto no branco.

— Vocês sabiam! — repetiu Eve, começando a se alterar. — Sabiam que Ricker os tinha na palma da mão e também sabiam que eles o ajudaram a escapar numa boa das acusações que o colocariam na cadeia pelo resto da vida. Desde quando vocês sabiam de tudo?

— Saber não é o mesmo que provar, tenente.

— Papo furado, Webster. Papo furadíssimo! Em poucos dias eu levantei dados que poderiam ferrar aqueles dois e fazê-los perder o distintivo. Vocês os deixaram agir soltos por algum motivo. Agora quer que eu saia de campo e deixe Ricker em paz. Como é que eu vou saber se você também não está na lista de pagamento dele?

Os olhos de Webster cintilaram de indignação e ele pulou sobre ela, puxando-a da mesa e agarrando-a com os dois braços.

— Dizer isso é muita baixaria, Dallas!

— A Divisão de Assuntos Internos sabe dar aulas, quando o assunto é baixaria.

— Por acaso você gostaria de trabalhar com um tira pouco confiável? Um cara capaz de hesitar um décimo de segundo, em uma batida, o suficiente para mandar você para o beleléu? Existe um motivo para o que fiz e eu não devo explicações a você. Você costumava ser mais objetiva, Dallas. Quando foi que perdeu o faro? Foi quando casou com Roarke?

— Vá embora. Agora!

Mas ele não foi. Não conseguiu.

— Mills era escória. Você quer correr o risco de destruir o caso que estamos montando há meses só para pegar o assassino dele? Mills era o tipo de sujeito que trairia um colega de farda por qualquer merreca.

— E agora está morto. É esse o senso de justiça da Divisão de Assuntos Internos? Permitir que um tira tenha as tripas arrancadas por ser corrupto? Se Ricker foi o mandante daquilo, certamente utilizou outro tira para o trabalho. Isso deixa as coisas equilibradas em seu mundo?

— Isso é chute seu — argumentou ele, piscando depressa. — Pura especulação.

— Não, não é! — Eve o observou com atenção. — Estou sendo muito objetiva Vocês sabiam de tudo. Sabiam de tudo, a começar por Kohli, e foi por isso que vocês...

Ela parou de falar subitamente e começou a juntar os pedaços soltos de informação, formando outro quadro em sua cabeça. Seu estômago se retorceu.

— Kohli! — continuou Eve. — Você não falou dele, só de Mills. Porque Koh não era escória. Agora eu acertei, não foi, Webster? Kohli foi apenas uma ferramenta. Vocês armaram tudo. Vocês o usaram.

— Deixe isso quieto.

— *Aqui* que eu vou deixar quieto — disse ela, com um gesto obsceno. Sua fúria era uma força viva que parecia apertar-lhe o cérebro. — Ele se fez de corrupto para vocês. Ele não estava embolsando grana, *vocês é* que estavam dando, para fazê-lo parecer sujo; para ele conseguir informações para vocês, para ele descobrir os contatos de Ricker dentro da polícia.

Ela fechou os olhos, compreendendo tudo.

— Vocês o escolheram porque ele era um cara limpo. Mais que isso, era um cara normal, quase invisível. Um cara correto com grande senso do que é certo e errado. Vocês o convenceram, vocês o recrutaram — murmurou Eve, abrindo os olhos novamente e analisando o rosto de Webster. — Seu histórico na Polícia Militar pesou a favor dele. Kohli era bom para receber ordens. Vocês provavelmente lhe ofereceram pagamentos extras, o ajudaram a economizar para uma casa maior, para a mulher ficar em casa cuidando dos filhos. Armaram um pacote completo, apelando para seu senso de dever, para seu espírito de chefe de família. Até que Ricker descobriu tudo. Ele já passara um monte de tempo por lá e teve de ser eliminado quando a coisa desmoronou. Vocês o puseram nessa armadilha.

— Ninguém colocou uma arma na cabeça dele, obrigando-o a aceitar a missão. — O tom de voz de Webster parecia tão ríspido quanto a culpa que o corroía. — Havia um problema sério na 128ª. DP. O perfil de Kohli era perfeito para o que precisávamos. Tudo o que ele tinha de fazer era dizer "não" quando foi sondado.

— Mas vocês sabiam que ele não se negaria *justamente* por se enquadrar tão bem no perfil. Droga, Webster, que droga! Ele foi morto porque alguém acreditou na armação. Alguém o matou por ser corrupto.

— E agora você vai me dizer que nós deveríamos ter adivinhado isso? — Ele estava tão furioso quanto ela, e isso, misturado com a culpa, tornava tudo ainda mais amargo. — Aconteceu sem ninguém esperar. Ele estava trabalhando, Dallas, e sabia dos riscos. Todos nós sabemos.

— Sim, nós sabemos dos riscos e convivemos com eles. Ou morremos por causa deles. — Eve chegou mais perto até ficar com o rosto a um palmo do dele. — Você me usou do mesmo jeito, Webster, e sem ninguém pedir. Você me procurou, muito amigável, como se fosse algo extra-oficial, só para atirar sujeira no meu colo, pois sabia que eu ia investigar nos lugares certos e acabaria por encontrar a grana que Kohli guardou, exatamente como você mandou que ele fizesse. Sabia que eu ia pesquisar e descobrir que ele era corrupto. Você me fez vasculhar a vida de um tira bom e jogar lama na ficha dele.

— E você acha que isso não me deixa enojado?

— Não sei o que é capaz de fazer você ficar enojado.

Ela ia virar de costas para ele, mas ele a agarrou pelo braço.

— O nome dele vai ser limpo no momento certo, Dallas. E ele vai ganhar uma promoção póstuma. O Estado vai cuidar muito bem da família dele.

Eve cerrou o punho, ao lado do corpo, mas não o usou. Em vez disso, olhou com frio desdém.

— Saia da minha frente. Vá embora da minha casa.

— Pelo amor de Deus, Dallas, ninguém imaginou que isso fosse acontecer.

— Mas você agiu assim que teve chance, e o cadáver dele ainda nem tinha esfriado.

— Não foi escolha minha. — Enraivecido, ele segurou o outro braço dela e a sacudiu com força. — Eu nem devia estar aqui neste momento. Não devia estar lhe contando tudo isso.

— Então por que veio?

— O pessoal lá de cima vai arrumar um jeito de tirar você do caso, ou, se for do interesse deles, vão colocar você bem no caminho de Ricker. De um jeito ou de outro você vai andar por aí com um alvo desenhado nas costas. Eu me importo com você.

Ele a puxou para junto dele e ela estava chocada demais para impedir esse movimento.

— Ei! — Foi a reação de Eve.

— Eu me importo com você. Sempre me importei.

Ela tentou afastá-lo colocando as duas mãos em seu peito e sentiu o bater descompassado do seu coração e o calor que vinha de sua pele.

— Por Deus, Webster, você ficou louco?

— Gostaria que você tirasse as mãos da minha mulher antes de eu quebrá-las! — disse Roarke, da entrada da sala. — Mas se preferir me encarar, Webster, por mim tudo bem.

Capítulo Onze

A voz de Roarke parecia rígida, porém calma. Mesmo assim não enganou Eve nem por um segundo. Ela sabia o som da selvageria quando o ouvia, por mais elegante que fosse a embalagem. Do mesmo modo que reconheceu o brilho azul frígido nos olhos dele.

Sentiu uma fisgada de medo, como um soco no plexo solar. Como resultado, sua voz soou aguda e entrecortada ao se desvencilhar de Webster e se colocar deliberadamente entre ele e seu marido.

— Roarke. Webster e eu estamos em uma reunião de trabalho e esta é uma desavença profissional.

— Não me parece. Vá procurar algo para fazer, Eve. Longe daqui.

A sensação de ter sido insultada trabalhou duro para jogar o medo para longe, mas não conseguiu. Eve sentiu os músculos tremendo e se viu encerrando a noite com a prisão de seu marido por assassinato.

— Ei, se liga! — Ela fez o possível para se manter firme. — Você teve uma impressão errada do que viu aqui.

— Não, não teve. Pelo menos, não de minha parte — disse Webster, afastando-se de Eve para encarar Roarke. — Eu não me escondo atrás de mulheres. Quer sair no braço aqui mesmo? — perguntou a Roarke, com um aceno de cabeça. — Ou prefere lá fora?

Roarke sorriu, parecendo, na avaliação de Eve, um lobo antes do ataque.

— Vai ser aqui e agora!

Eles pularam um sobre o outro. Pareciam, Eve lembraria mais tarde, quando seu cérebro voltou a se conectar, dois cabritos monteses em plena luta na época de acasalamento. Por um instante ela se viu atônita para fazer mais do que arregalar os olhos.

Viu Webster voar pelo escritório e aterrissar pesadamente sobre uma mesa que se destroçou sob seu peso. Galahad deu um pulo, bufou com força e cravou as garras nos ombros do homem caído.

Ele se levantou mais que depressa, sangrando. Os punhos voaram com o som terrível de osso contra osso. Uma luminária se espatifou.

Eve gritava com uma voz esganiçada que não se parecia em nada com a dela. Em desespero, pegou a arma, verificou rapidamente se ela estava no nível mínimo de atordoamento e atirou uma rajada para o alto.

A cabeça de Webster foi lançada para trás com o deslocamento de ar, mas Roarke mal se abalou e seu punho, em pleno ar, conseguiu alcançar o queixo do

oponente, fazendo-o cair novamente.

Mais uma mesa se foi, espalhando lascas de madeira para todos os lados. Dessa vez Webster ficou caído. Ou teria ficado, se Roarke não o levantasse pelo colarinho.

— Roarke. — Com a mão firme, Eve manteve a arma apontada. — Já chega. Largue-o, senão eu atordôo você. Juro que faço isso!

Os olhos dele se encontraram com os dela, ambos flamejantes. Ele largou Webster, que, quase inconsciente, ficou encolhido no chão. Quando Roarke partiu na direção de Eve, Summerset entrou na sala.

— Vou encaminhar o convidado até a porta.

— Sim, boa idéia! — disse Roarke, sem tirar os olhos de Eve. — E feche a porta! Vai me atordoar, é? — murmurou ele, já a meio metro dela.

Eve recuou, mas sentiu os nervos se esticando.

— Vou sim, se você não se acalmar! Preciso ver se ele está muito machucado.

— Não, isso você não vai fazer! É melhor atirar em mim — sugeriu ele, com uma pontinha do sotaque dos becos de Dublin. — Faça isso!

Eve ouviu a porta ser fechada e trancada. O medo estava em sua garganta, deixando-a ainda mais furiosa quando ela recuou mais um passo.

— Não estava rolando nada aqui. É um insulto você achar que estava.

— Querida Eve, se eu achasse que havia algo de sua parte rolando aqui, ele não teria ido embora respirando. — Não houve mudança na expressão dos seus olhos quando ele esticou a mão e agarrou a arma dela. — No entanto, você bem que se colocou entre mim e ele.

— Justamente para evitar isso... — Ela levantou os braços. — Essa explosão de testosterona! Droga, você acabou com a minha sala e agrediu um policial sem motivo só por eu estar discutindo um assunto profissional com um colega.

— Um colega que já foi seu amante. Além do mais, o que eu vi aqui foi uma coisa pessoal, da parte dele.

— Tudo bem, pode ser. Talvez. Mas isso não é desculpa. Se eu pulasse em cima das suas ex-amantes, teria que arrebentar a cara de todas as mulheres de Nova York e do resto do universo.

— Isso é completamente diferente.

— Por quê? — Nessa ela o pegou, pensou Eve, satisfeita. — Por que é diferente quando se trata de você?

— Porque eu não convido ex-amantes para vir à minha casa, nem as deixo colocar as mãos em mim.

— Não foi isso que aconteceu. Foi...

— Além do mais — ele a agarrou pela blusa com tanta força que ela de

repente se viu na ponta dos pés —, você é minha!

Os olhos dela só faltaram pular das órbitas.

— O quê?! O que foi que você disse?! Quer dizer que eu sou uma... uma propriedade sua? Um dos seus malditos hotéis?

— Isso mesmo! É como se fosse!

— Não gosto disso. Nem um pouco! — Ela tentou se desvencilhar dele e o empurrou, girando o corpo, mas tudo o que conseguiu foi rasgar a camisa dele à altura do ombro. Sinais de alarme dispararam em sua cabeça quando ela tentou se livrar das garras dele com outra manobra, mas acabou com as costas coladas nele e os braços imobilizados.

— Você quebrou um monte de regras em pouquíssimo tempo, tenente. — A voz dele estava quente no ouvido dela. Quente e perigosa. Erótica. — Você acha que eu sou um homem que aceita mansamente seus comandos? Acha que amar você me transformou num animal domesticado e sem presas?

Para provar o contrário, ele enterrou os dentes de leve na garganta dela.

Eve não conseguiu raciocinar, não com a névoa vermelha que lhe encobriu o cérebro. Mal conseguia respirar.

— Me solta! Estou revoltada demais para aturar você essa noite.

— Não, o termo não é revoltada. — Ele a girou de frente para si, atirou-a com as costas contra a parede e levantou-lhe as duas mãos acima da cabeça. O rosto dele, com as suas feições de anjo condenado, estava colado nela. — Você está intrigada. E excitada, ainda que contra a vontade. Sua pulsação está acelerada e você está trêmula. Um pouco disso é medo, mas muito pouco, só para aumentar o clima.

Ele estava certo. Ela quis maldizê-lo por isso, mas a excitação se infiltrava por dentro dela, fazendo-lhe o corpo formigar.

— Você está me machucando. Solte minhas mãos.

— Não, não vou soltar. Talvez eu tenha sido muito suave e tolerante com você. Fui muito frouxo, para não machucá-la. Já se esqueceu das promessas que fez ao se casar comigo, Eve?

— Não. — Os olhos dela vagaram pelo rosto dele e se fixaram em sua boca. Puxa, ela queria aquela boca sobre a dela.

— Você é minha, e vai dizer isso bem alto antes que esta noite termine. — Mantendo as duas mãos dela presas com a mão esquerda, deixou a direita solta e rasgou-lhe a blusa de cima a baixo. — E agora eu vou ter o que é meu.

Ela resistiu, mas por puro orgulho ferido, e o orgulho é sempre mais fraco que o desejo. Ela remexeu o corpo com selvageria e conseguiu firmar um dos pés atrás do dele, em uma tentativa de fazê-lo perder o equilíbrio. Ele simplesmente

contrabalançou o movimento com o próprio peso e deixou-se cair no chão com ela por baixo dele.

O choque da queda para trás tirou-lhe o fôlego, mas o joelho dela se ergueu em um gesto instintivo de defesa. Ele colocou o corpo de lado, sem soltar-lhe as mãos, deixando-a imobilizada por completo. Ela corcoveou por baixo dele, xingando e balançando a cabeça para os lados, enquanto sua boca descia lentamente na direção dos lábios que ela cerrara.

Ele atacou primeiro a garganta. Violou-a, sentindo-lhe a pulsação sob os próprios dentes e lábios que se apertavam.

Ele poderia ter se segurado. O verniz de comportamento civilizado com o qual ele se revestira era firme e estava quase sempre sob controle. Mas o animal dentro dele tinha se enfurecido, rugia, e Roarke o queria solto. Além do mais, o aroma dela, um cheiro de fêmea, invadira seu sangue.

Roarke era forte. Ele já tentara impor sua força e sua vontade sobre as dela, mas sempre como uma espécie de jogo sensual. Mas *não dessa vez*, foi só o que ela conseguia pensar.

N*ão dessa vez.*

Ele segurou um dos seios dela e em seguida o cobriu com a mão inteira, achando a pele quente e úmida. Ela emitiu um som fraco, entre um grunhir e um gemido, e, quando ele amassou os lábios contra os dela, ela o mordeu.

A fisgada de dor lancinante só serviu para ativar o desejo primai que aumentava por dentro dele. Ao levantar a cabeça, seus olhos estavam selvagens e ferozes.

— *Liomsa*.

Ele já tinha dito essa palavra para ela uma vez, no dialeto que usava quando era jovem. *Minha.* Ela lutou e ainda tentava escapar, mas quando os lábios dele tornaram a invadir os dela, quentes, duros e sedentos, ela se deixou arrebatar.

Um desejo em estado puro, cheio de ganchos primitivos que a arranhavam por dentro, se impôs. De repente ela queria isso. Queria de verdade. Seu corpo se arqueava não mais em protesto, mas em reivindicação, e sua boca se uniu à dele com força selvagem.

Ele soltou-lhe um pouco as mãos, mas só para puxá-la um pouco mais para cima e arrancar-lhe o que sobrara da blusa por sobre a cabeça. As correias que prendiam o coldre se embaraçaram no processo, prendendo as mãos dela como se fossem algemas. O medo tornou a inundá-la. Ela estava sem defesa.

— Agora diga o mesmo para mim. Vamos, Eve. Diga! — Suas bocas se fundiram, mas logo em seguida a dele começou a descer-lhe ao longo da garganta até alcançar os seios. Os dentes dele se banquetearam. E suas mãos também.

Com um grito lancinante, a cabeça dela tombou para trás. Uma sensação de prazer revestido de lâminas afiadas pareceu fatiá-la, deixando em pedaços os restos de seu orgulho.

De repente, ela rolava com ele no chão coberto de pedaços de madeira destroçada, em movimentos ferozes demais para serem aplacados.

Ela se livrou do coldre e rasgou a camisa dele. Queria carne e pele, a pele dele. Queria apalpá-lo e sentir-lhe o gosto. Cada vez que respirava fundo parecia um sugar desesperado em busca de ar.

As mãos dele a invadiram, tomando posse de tudo e apertando-a em toda parte ao se mover, errantes, por todo o seu corpo. Os dedos dele, longos e hábeis, continuaram a excitála cada vez mais, sem clemência, até que ela se viu louca para ter mais. Ele arriou as calças dela pelos quadris abaixo, arrancou-as fora, atirou-as longe... E usou sua boca sobre ela, de forma implacável.

A sensação de prazer lancinante jorrou por dentro dela como uma inundação que foi inchando e transbordou pelos poros. Debatendo-se, trêmula, ela enterrou as unhas no tapete em busca de algo que pudesse ancorá-la. Mas sentiu-se em pleno ar, voando, catapultada e fora de controle.

Mesmo assim ele não parou.

Não conseguiu parar.

Os sons baixos e desesperados que ela emitia o inflamavam ainda mais, como que se lhe chicoteassem o sangue em uma febre de ganância. Cada golfada de ar que lhe entrava nos pulmões estava embebida dela, estava encharcada do cheiro forte dela; cheiro de mulher, cheiro da *sua* mulher.

Ela teve mais um orgasmo brutal e arrasador. Seu grito chocado o excitou ainda mais e as unhas que ele sentiu enterrando-se em suas costas lhes proporcionaram um prazer insano.

— Diga! Diga isso de volta! — exigiu ele com a respiração entrecortada ao ver que os olhos dela pareciam cegos ao sentir-se à beira de um novo orgasmo. — Droga, eu quero ouvir isso da sua boca!

De algum modo, através da loucura que a envolvia, ela o compreendeu. Não era rendição o que ele queria. Era aceitação. A garganta dela ardia, seu organismo suplicava para que ele entrasse dentro dela. Ao se abrir para ele e erguer um pouco o corpo oferecendo-se por completo, ela não conseguiu pronunciar a palavra em celta.

— Meu! — foi o que ela disse. — Você também é todo meu. — Sua boca se ergueu para receber a dele, enquanto ele se lançava com lenta determinação para dentro dela.

* * *

Ela estava deitada de barriga para cima ao lado dele, enfraquecida e estupefata. Seus ouvidos tilintavam, tornando impossível pensar. Tentou se reconhecer naquele corpo que reagira de modo tão primitivo. Mais que isso, queria simplesmente ficar ali, curtindo os ecos das sensações que ainda ondulavam por dentro de seu corpo e por baixo de sua pele.

Quando se virou meio de lado, pensou em se colocar de barriga para baixo, na posição em que sempre ficava quando a exaustão a vencia. Mas ele a arrancou do chão e a pegou nos braços, avisando:

— Ainda não terminamos.

Deixando o caos do escritório dela para trás, ele a levou para fora do aposento e a carregou para a cama.

Quando Eve acordou, com a luz do dia já se insinuando através da clarabóia de vidro que ficava sobre a cama, seu corpo pulsava com pequenas dores em milhares de lugares. E ele se fora.

Ela permaneceu onde estava, sobre o colchão que fora muito bem usado, entre os lençóis completamente amarfanhados, e deixou-se invadir pelo cabo-de-guerra entre o pesar e o prazer que sentia ao mesmo tempo. Nada fora resolvido, percebeu. Nada estava equilibrado. Ela se levantou e foi para o chuveiro perguntando a si mesma se eles haviam conseguido consertar alguma coisa ou tinham piorado a situação.

Conseguiu se aprontar para o dia de trabalho sem olhar para o próprio reflexo no espelho uma única vez. Seu coldre, acompanhado da arma, estava sobre a mesinha da saleta de estar. Enquanto o prendia, especulou sobre em que momento Roarke o teria colocado ali.

Com o coldre preso, sentiu-se mais firme. Pelo menos até entrar no escritório e ver Peabody olhando para a destruição quase total de seu local de trabalho.

— Ahn... que farra, hein, tenente?

— Tivemos um incidente — explicou Eve, chutando um pedaço da luminária do caminho e indo para sua mesa. Tudo o que queria nesse momento era manter o controle da situação. — Recebi informações que precisam ser analisadas. Sente-se.

Peabody pigarreou e levantou uma das cadeiras caídas. Que ela lembrasse, aquela era a primeira vez que a tenente começava os trabalhos da manhã sem uma caneca de café na mão. Mesmo assim, Peabody se sentou e pegou sua agenda eletrônica.

— Uma operação da Divisão de Assuntos Internos chegou ao meu conhecimento — começou Eve, contando à ajudante tudo o que ela precisava saber.

Ao acabar, Peabody apoiou a agenda sobre o joelho e comentou:

— Se quer saber minha opinião, senhora, essa história fede.

— Sua opinião foi anotada, policial, e posso informar que concordo com ela.

— Eles estão obstruindo as investigações de dois assassinatos, com essa retenção de dados pertinentes aos casos. Nem mesmo a DAI tem esse direito.

— Não, não tem, e pretendo resolver isso. Nesse meio tempo, gostaria que você entrasse em contato com a dra. Mira e pedisse que a consulta com ela seja transferida para cá. Não quero a DAI xeretando meus passos. Chame McNab. Quero uma análise mais profunda da lista da 128ª. DP, e quero que isso também seja feito a partir daqui. Até descobrirmos oficialmente qual foi o primeiro elo dessa cadeia, não vamos entregar nada de bandeja à corregedoria.

— Nada de solidariedade com aqueles ratos canalhas — murmurou Peabody.

— Deixe os sentimentos pessoais de lado. Há tiras morrendo, não podemos nos perder em ressentimentos. — Mas Eve também sentia isso, de forma forte e profunda. — Quero informar pessoalmente o comandante Whitney sobre esse novo desdobramento. Voltarei em duas horas, mas ligarei avisando, caso eu me atrase.

— Sim, senhora. Quer que eu limpe tudo por aqui?

— Isso não é trabalho seu — reagiu Eve, apertando os olhos logo em seguida e respirando fundo. — Desculpe o mau jeito. Não se preocupe com a bagunça, a não ser que algo atrapalhe o seu trabalho. Avise Mira de que a consulta com ela é prioritária. Consiga o máximo de material possível sobre a lista da DP, antes da consulta. — Eve hesitou, mas encolheu os ombros ao se encaminhar para a porta e pediu: — Gostaria muito que você informasse Roarke de que ainda hoje liberaremos a boate Purgatório para funcionamento.

Roarke não queria saber de Purgatório e não pensava nem mesmo no tempo que imaginava ter de passar lá um dia, pagando seus pecados. Também não ficou surpreso ao encontrar Don Webster à sua espera na recepção, quando chegou ao escritório para trabalhar.

Caro, a administradora de assuntos pessoais de Roarke, uma mulher excepcional, de grande eficiência e agudíssima percepção, encaminhou-se para a entrada e se colocou entre os dois homens.

— Sua agenda está lotada esta manhã, Roarke, mas este cavalheiro deseja vê-lo e mostrou-se relutante em marcar hora para o fim da semana.

— Vou recebê-lo agora. Obrigado, Caro. Entre, Webster.

Ele apontou o corredor que levava à sua sala e sentiu uma leve satisfação ao ver que o visitante exibia uma imensa marca roxa que lhe descia do olho direito até o maxilar, além de um corte ainda não tratado junto da boca.

As costelas de Roarke também latejavam de tanta dor, mas ele se recusara a cuidar disso, por uma questão de orgulho. Ao entrar em sua sala, dirigiu-se diretamente para a escrivaninha, mas não se sentou. Com as mãos nos bolsos, o corpo apoiado nos calcanhares balançando de leve para a frente e para trás, olhou de alto a baixo para o seu adversário.

— Quer lutar mais um round, colega?

— Quero isso mais do que ver o dia nascer amanhã de manhã replicou Webster, mas balançou a cabeça para os lados ao perceber o brilho de fúria nos olhos de Roarke. — Só que sou obrigado a deixar a oportunidade passar. Odeio dizer isso, mas você teve todo o direito de arrancar meu couro ontem à noite.

— Nesse ponto — disse Roarke, baixinho — estamos totalmente de acordo. E se eu tornar a encontrar suas mãos no que me pertence você vai perdê-las. Isso é uma promessa.

— Acho que ela mesma ia cuidar disso sem ajuda, se você chegasse cinco minutos depois. Puxa, cinco *segundos* depois. Quero que saiba disso.

— A fidelidade de Eve a mim não foi questionada em nenhum momento.

— Certo. — Webster sentiu diminuir parte do peso que carregava no ombro desde a noite anterior. — Eu não queria que você ficasse com a impressão de que ela... droga! — Ele passou a mão pelos cabelos. — Tivemos um desentendimento profissional do qual eu me aproveitei como chance de chegar nela. Esse é um problema que eu tenho — continuou Webster, tentando se explicar. — Acho que estou apaixonado pela sua mulher.

— Isso, sem dúvida, é um problema. Mesmo assim, sou obrigado a admirar a coragem de você dizer isso na minha cara. — Analisando a situação, Roarke escolheu uma cadeira para sentar e pegou um cigarro. Ao perceber o curto olhar que Webster lançou, ergueu uma sobrancelha. — Aceita um? — ofereceu.

— Puxa, eu não fumo há cinco anos. Mais três meses, vinte e seis dias e... acho que perdi a conta das horas. Aceito sim, e que se foda! — Pegou um cigarro, acendeu-o e tragou com força até ficar quase vesgo. — Eu não conheço você — continuou Webster —, mas sei tudo a seu respeito.

— Posso dizer o mesmo — replicou Roarke. — Você acha que Eve nunca me contou que vocês passaram uma noite juntos?

Fazendo o melhor que pôde em uma tentativa de encolher os ombros, Webster também se sentou.

— Eu nunca significuei nada para ela. Sabia disso na época e continuo sabendo agora. Conheço a sua fama, Roarke. Se você quiser vir atrás de mim, é isso que fará. Estarei preparado, se for o caso. Só não queria que Eve sofresse por isso.

— Uma tentativa de protegê-la, como essa, faria Eve chutar seu saco até fazê-lo tocar no queixo.

Pela primeira vez Webster sorriu, mas praguejou em seguida ao sentir o corte no lábio arder como fogo.

— Pois é, mas eu sou assim — pressionou o dedo, de leve, sobre a ferida. — Quando eu piso na bola, não gosto que ninguém pague o pato por isso.

— Não importa o que você sabe ou ache que sabe sobre mim, entenda uma coisa: eu não agrido mulheres, particularmente quando elas não fazem mais nada além de ser como são.

Lembrou do jeito que lidara com Eve na noite anterior, mas deixou isso de lado sem hesitar. Pensaria no assunto mais tarde.

— Tentar pegar você deixaria Eve infeliz — continuou Roarke. — Bem que eu poderia arriscar, mas não vejo motivo para isso.

Webster olhou com atenção para o cigarro e disse:

— Você não é como eu esperava.

— Mas poderia ser.

— "Poderia ser" não significa droga nenhuma. — Evitando dar um suspiro, Webster deu uma última tragada. — O que conta é o que você é. Isso aqui... — apontou para a bochecha roxa — é algo que me fará lembrar disso. — Ele apagou o cigarro antes de se levantar. Olhando Roarke de frente, estendeu a mão. — Obrigado por ter me recebido.

Roarke se levantou. Sentiu uma ponta de pena e outra de respeito. Ambas inesperadas. Aceitou o cumprimento e sorriu.

— Eu também estou com uma marca roxa do tamanho de um prato de sobremesa nas costelas e meus rins parecem ter sido atingidos por um tijolo.

Apesar do lábio aberto, Webster sorriu.

— Obrigado. — Dirigiu-se para a porta, mas virou-se para trás e despediu-se dizendo: — Vocês combinam um com o outro, sabia? Você e Dallas. Puxa vida vocês combinam muito.

Era verdade, pensou Roarke ao ver a porta se fechar. Só que ter a certeza disso nem sempre era confortável.

O comandante Whitney não explodiu quando Eve lhe passou a informação que motivara a visita, mas foi por pouco.

— Você consegue provar tudo isso, Dallas?

— Não, senhor. Pelo menos por enquanto. Mas minha informação procede e é precisa. Minha fonte é fidedigna e incontestável.

— E que fonte é essa?

Eve considerou a pergunta, lutou consigo mesma, mas não teve saída.

— Sinto muito, senhor, mas não posso revelar o nome da minha fonte.

— Assim você vai tornar mais difícil a minha missão de pular no pescoço do pessoal da DAI.

— Sinto muito, comandante.

— Se eu confrontá-los com esses dados — continuou ele, tamborilando na mesa —, eles vão negar tudo, protelar as coisas e prevaricar. E se, como você afirma, essa operação aconteceu já há algum tempo, eles certamente se mostrarão relutantes em abrir o jogo, mesmo para mim.

Ele se recostou com os olhos semicerrados, em concentração, e disse por fim:

— Política é um joguinho sujo, mas sou muito bom nele.

— É verdade. — Eve se permitiu um quase imperceptível sorriso. — O senhor realmente é.

— Esteja preparada para se apresentar à torre a fim de discutir esse assunto, tenente — disse ele, referindo-se ao gabinete do secretário de Segurança. — Vou colocar a bola em jogo.

— Estou à sua disposição, comandante. No momento, e até que a minha investigação avance a um ponto satisfatório, estarei trabalhando com minha equipe em meu escritório doméstico.

Ele concordou com a cabeça, já se virando para o *tele-link*.

— Está dispensada, tenente.

Quando Eve se encaminhava pela garagem rumo ao seu carro, Carmichael chamou-a.

— Tenho uma coisinha que talvez possa interessar a você. Eu já tinha interrogado quase todas as testemunhas da minha lista quando descobri algo interessante através de uma das garçonetes do Purgatório.

— Descobriu o quê?

— Essa garçonete já cumpriu uma pena leve por pequenos golpes. Nada de grave, só uns contos-do-vigário. Mas ela desenvolveu um olho bom para identificar tiras. Afirma ter sacado que Kohli era tira, mas não esquentou com isso. Também não deu importância a outra pessoa da polícia que ia visitá-lo de vez em quando e bebia *uísque sours* servidos por ele.

— Que outra pessoa era essa?

— Foi exatamente a pergunta seguinte que eu fiz a ela — disse Carmichael, com um sorriso. — A resposta foi "uma tira loura e muito bonita". Quando eu insisti um pouco mais, ela me ofereceu uma descrição muito clara da capitã Roth, da 128ª. DP.

— Filha-da-mãe.

— É... A descrição genérica encaixava em um monte de tiras, mas eu me liguei naquilo, peguei algumas fotos misturadas, entre as quais uma da capitã, e levei para a garçonete escolher. Ela pegou a certa logo de cara.

— Obrigada, Carmichael. Não comente isso com mais ninguém por enquanto, certo?

— Tudo bem. Estava a caminho de sua sala, para deixar a gravação do depoimento. — Carmichael pegou um disco no bolso. — Quer ficar com ela?

— Quero. Obrigada.

Eve enfiou o disco no bolso da jaqueta e correu para o carro. Teria de arrumar tempo para fazer uma visitinha à 128ª. DP.

— Peabody! — chamou ela pelo *tele-link*, já a caminho da delegacia. — Levante todos os dados de Roth e cave o mais fundo que puder. Não se preocupe em dar na vista, dessa vez isso é exatamente o que queremos.

— Sim, senhora. A sua consulta com a dra. Mira está marcada para as dez e meia da manhã em seu escritório doméstico, tenente.

— Vou tentar não me atrasar. Pesquise o que eu mandei e deixe quantos rastros quiser.

Eve não esperava uma saudação calorosa ao entrar na 128ª. DP. Conseguiu apenas alguns olhares frios e pragas sussurradas. Um policial metido a engraçadinho imitou um porco.

Em vez de ignorá-lo, Eve foi direto até sua mesa e sorriu, dizendo:

— Vejo que você tem talentos ocultos, detetive. Costuma se apresentar em festas infantis?

— Não tenho nada a conversar com você — reagiu ele, fazendo bico.

— Ótimo, porque eu também não tenho nada para conversar com você. — Ela manteve os olhos fixos nos dele, até que ele desistiu de encará-la e virou o rosto. Satisfeita, Eve seguiu direto para a sala da capitã Roth.

Era uma sala grande, de canto. Eve imaginou que ela tivesse sido conquistada com mérito e luta. Havia duas janelas, uma mesa de madeira maciça e uma linda planta em um dos peitoris.

A porta era de vidro. Através dela, Eve notou que a capitã a viu chegando e se levantou para recebê-la. Eve nem se deu ao trabalho de bater.

— Como ousa vasculhar minha vida pessoal sem me notificar primeiro? — começou Roth. — Você passou dos limites, tenente.

— Uma de nós duas certamente passou. — Eve fechou a porta ao entrar. — Por que todo esse medo do que eu possa encontrar em seus arquivos pessoais, capitã?

— Não estou com medo. Estou furiosa. Alertar uma colega é questão de cortesia profissional, que pelo que eu vejo você ignorou solenemente em sua vendeta pessoal para manchar minha divisão. Pretendo denunciar sua conduta imprópria ao comandante Whitney, e em seguida irei até o próprio secretário de Segurança, na torre.

— É um direito seu, capitã. Assim como também é direito meu, na condição de investigadora principal de dois assassinatos, perguntar o porquê de a senhora deixar oculto o fato de ter visitado o detetive Kohli na boate Purgatório. Várias vezes, por sinal — acrescentou ao ver que Roth demonstrou medo.

— Sua informação é inexata.

— Não creio. Podemos conversar aqui ou na Central de Polícia, capitã. Ofereço-lhe o direito de escolha... como cortesia profissional.

— Se acha que eu vou deixá-la arruinar a minha carreira, está enganada, tenente.

— Se acha que eu vou permitir que se esconda atrás de sua patente, capitã, está enganada também. Onde a senhora estava na noite em que o detetive Kohli foi assassinado?

— Não sou obrigada a responder às suas perguntas insultantes.

— Mas responderá se eu rebocá-la para interrogatório, e eu farei isso.

— Eu não estava nem mesmo perto da boate Purgatório na noite em que Kohli foi assassinado.

— Então prove.

— Ah, eu quero que você torre no inferno! — Roth deu a volta na mesa e ficou andando quase a esmo, fechando as telas de privacidade da sala a fim de impedir a visão de quem estava na sala de ocorrências. — O lugar onde eu estava naquela noite é um dado pessoal.

— Nada é pessoal em uma investigação de assassinato.

— Sou tira, tenente. Uma boa tira. Sou melhor trabalhando atrás de uma mesa do que nas ruas, mas considero-me uma tira excepcional mesmo assim. O fato de eu tomar um drinque eventualmente não tem nada a ver com a morte de Kohli nem com minha posição como capitã desta divisão.

— Então por que omitiu informações relevantes?

— Porque eu não devia beber. —A cor voltou ao seu rosto, juntamente com um ar mortificado. — Tenho problemas de dependência de álcool, e já participei de um programa de reabilitação. Você certamente já descobriu isso — murmurou, voltando para trás da mesa. — Não vou permitir que uma ou outra recaída coloque em perigo o meu trabalho. Eu nem sabia que Kohli fazia bico como barman da boate Purgatório ao entrar lá pela primeira vez. Voltei várias vezes porque ele era um rosto familiar. Não mencionei o fato porque me pareceu irrelevante.

— Até parece, capitã!

— Tudo bem, droga, eu estava me protegendo. Por que não deveria fazê-lo?

As duas estavam novamente em posição de ataque, com Roth defendendo seu território, atrás da mesa. Ela faria o que fosse necessário para garantir o que construíra na carreira.

— Sei muito bem que você anda insinuando que Kohli era corrupto, tenente, bem como Mills, mas não admito que diga por aí que eu também era.

— Eu descobri vários depósitos de valores elevados na contas de seu marido.

— Droga. Vou entrar em contato com meu advogado. — Ela pegou o *tele-link*, mas seus punhos se fecharam de raiva. A sala permaneceu em silêncio e Eve a viu lutar em busca de autocontrole. — Se eu ligar para ele, a coisa se torna oficial. Agora você me pegou de jeito, tenente.

Ela respirou fundo e expirou lentamente antes de continuar:

— Alguns meses atrás eu suspeitei que o meu marido estava envolvido com outra mulher. Os sinais eram claros. Distração, desinteresse por mim. Ele chegava tarde em casa e faltava a compromissos. Eu o questionei e ele negou. Alguns homens têm a capacidade de distorcer as coisas de tal forma que, no fim, parece que a culpa foi da mulher, mesmo quando ela sabe, no íntimo, que não foi. Em suma, tenente, meu casamento estava se despedaçando e eu não conseguia impedir isso. Você trabalha na polícia, é mulher como eu e também é casada. Sabe o quanto isso é difícil.

Eve não respondeu, nem Roth esperava que o fizesse.

— Eu estava chateada, tenente, mal-humorada e distraída. Convenci a mim mesma que não haveria mal algum em tomar um drinque ou dois e acabei na boate Purgatório. Kohli estava no bar. Nós dois fingimos que não era nada de especial estarmos ali. Nesse meio tempo o meu casamento continuava desmoronando. Descobri também que meu marido andava não só rolando nos lençóis de outra mulher como também estava transferindo de forma metódica o dinheiro de nossa conta conjunta para outra só dele. Antes de conseguir impedi-lo, ele me arruinou financeiramente, me fez voltar a beber e prejudicou meu desempenho profissional.

"Há duas semanas eu consegui me reerguer. Dei-lhe um chute bem merecido na bunda e voltei ao programa de reabilitação. No entanto, eu não informei nada disso ao meu psicólogo, o que é uma violação das regras da polícia. Desde esse dia eu não voltei mais à boate Purgatório, nem tornei a ver o detetive Kohli fora do trabalho."

— Capitã Roth, eu me solidarizo com suas dificuldades pessoais durante esse período, mas preciso saber onde a senhora estava na noite da morte de Kohli.

— Até a meia-noite eu estava em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos em uma igreja no Brooklyn. — Lançou um sorriso tênue. — A possibilidade de eu cruzar com alguém conhecido lá é muito pequena, e era exatamente isso que eu queria. Depois da reunião, fui tomar café com vários participantes. Nessa hora nós trocamos histórias sobre a nossa guerra pessoal. Voltei para casa sozinha, por volta das duas da manhã, e fui direto para a cama. Não possuo álibi para a hora do crime.

Mais calma agora, Roth olhou fixamente para Eve.

— Tudo o que eu lhe contei é extra-oficial e não poderá ser usado como prova, pois você não me alertou sobre meus direitos e deveres. Se me prender, tenente, vou tornar tudo muito difícil para você.

— Capitã, se eu decidir prendê-la, garanto-lhe que tudo ficará muito mais difícil para você.

Capítulo Doze

Eve precisava de algum tempo para absorver as recentes informações, acessar dados e encaixar as novas peças do quebra-cabeça em seus lugares. Precisava também avaliar se desejava destruir a carreira de uma colega de farda sem se certificar de que ela fora apenas descuidada.

Por baixo de tudo, temia que o fato de seu casamento também estar em dificuldades a tornasse solidária demais com uma suspeita em potencial.

Faria a consulta com a dra. Mira, pesquisaria os novos dados e rodaria o programa de probabilidades. Tudo dentro dos procedimentos regulamentares.

Ao entrar em seu escritório doméstico, viu Mira sentada em uma poltrona na sala impecavelmente arrumada, enquanto Peabody e McNab trabalhavam de costas um para o outro em seus próprios teclados.

— Desculpe deixá-la esperando, doutora.

— Está tudo bem. — Mira pousou na mesinha lateral uma xícara do que Eve imaginou que fosse chá. — Peabody me avisou que talvez você se atrasasse um pouco.

— A senhora se importa se formos para outro aposento?

— Nem um pouco. — Mira se levantou, elegante como sempre em um terninho verdefolha. — Eu sempre aprecio a chance de conhecer novas partes da sua casa.

Embora não tivesse certeza de aquele ser o lugar apropriado para uma consulta profissional, Eve a encaminhou a uma das salas de estar do segundo andar. Mira olhou em volta e suspirou, admirada.

— Que espaço adorável! — murmurou a médica, analisando as cores suaves, as curvas graciosas da mobília e o brilho de madeira e vidro. — Meu Deus, Eve, aquele é um Monet?

Eve olhou para o quadro, imagens em tons suaves que pareciam fluir para formar um jardim.

— Não faço a mínima idéia — confessou.

— É sim, certamente — garantiu Mira, depois de se aproximar mais a fim de apreciar a pintura de perto. — Puxa, eu invejo a sua coleção de arte.

— Não é minha.

Mira se virou, sorrindo.

— Eu a invejo mesmo assim. Posso sentar?

— Sim, claro. Desculpe a distração. Desculpe também por eu ter despejado tantos dados sobre a senhora assim, em cima da hora.

— Nós duas estamos acostumadas a trabalhar sob pressão. O impacto desses assassinatos criou ondas que estão se irradiando por todo o Departamento de Polícia. Ficar no centro dessas ondas como você está é uma posição muito difícil.

— Como a senhora disse, estou acostumada com a pressão.

— Sim. — *Mas há algo a mais por trás disso, pensou Mira.* Ela conhecia Eve bem demais para deixar passar pequenos detalhes. Por ora isso poderia esperar. — Concordo com a sua avaliação de que as duas vítimas foram mortas pelas mesmas mãos. Não obstante o método ser diferente, existe um padrão. As moedas, as próprias vítimas, a brutalidade, a segurança na execução do ato.

— Foi outro tira — disse Eve. — Ou alguém que já foi um.

— Muito provavelmente. Seu assassino tem ódio, mas é controlado o bastante para se proteger, removendo do local todas as provas. A raiva é pessoal. Diria que é quase íntima. Isso combina com o seu perfil de uma relação entre dois tiras.

— E o motivo dos crimes foi ele achar que Mills e Kohli eram corruptos ou o fato de *ele* ser?

— Creio que a primeira opção. Não se trata de proteção a si mesmo. Deve ser um ato de retaliação. Seu assassino é uma pessoa metódica e se enxerga como um justiceiro. Deseja que as vítimas sejam rotuladas de Judas e quer que os seus crimes sejam revelados.

— Mas, então, por que ele simplesmente não as denuncia? Os dados estão lá para quem quiser procurar.

— Isso não é o bastante. A perda do distintivo, a vergonha, tudo isso seria simples demais. A punição deve vir da parte dele. Ele, ou ela, já foi punido de algum modo, provavelmente no próprio trabalho, de uma forma que considera injusta. Talvez tenha sido acusado, ou acusada, de algum delito que não cometeu. O sistema falhou com ele e já não é mais confiável.

— As vítimas conheciam o assassino... ou assassina?

— Sim, estou certa que sim. Não só porque elas pareciam despreparadas para o ataque, mas também porque, psicologicamente, essa ligação aumentava a raiva. Provavelmente as vítimas já trabalharam com quem as matou. Possivelmente algum ato dos que morreram foi, pelo menos na concepção do assassino, responsável pela injustiça que sofreu. Quando você o achar, Eve, encontrará ligações entre eles.

— A senhora o vê em uma posição de autoridade?

— O distintivo é um símbolo de autoridade.

— Em posição de comando, então?

— Possivelmente, mas não alguém cuja confiança exista a partir do comando. Sua confiança vem da raiva, e essa raiva, em parte, vem da desilusão com o sistema

que ele representa. O mesmo sistema que suas vítimas juraram representar.

— O sistema esculhambou com ele, e ele resolve esculhambar com o sistema. Por que colocar a culpa nessas vítimas em especial?

— Porque elas lucraram com as falhas do sistema, enquanto ele perdeu.

Eve concordou com a cabeça. A coisa começava a fazer sentido.

— A senhora deve saber que a 128ª. DP está com sérios problemas internos e possui ligações com o crime organizado e com Max Ricker.

— Sim, seu relatório foi bem claro quanto a isso.

— Devo lhe contar outro detalhe, doutora. Descobrimos que o detetive Kohl estava limpo. Foi apenas uma ferramenta da corregedoria, que efetuou uma operação para apresentá-lo como corrupto.

— Oh! — reagiu a médica, com olhos sombrios. — Entendo...

— Não sei se o assassino já tomou conhecimento desse estratagema, mas duvido muito. Qual será a sua reação quando descobrir que Kohli estava limpo?

Mira se levantou. Seu treinamento e sua posição a levavam a se colocar na mente dos assassinos. Ao fazer isso, ela circulou ao longo das largas janelas do aposento e olhou para os jardins externos, onde um mar de tulipas rosadas dançava ao sabor da brisa. Enxergou além dos movimentos de cor e forma, quase do mesmo jeito que Monet fazia ao refletir suas impressões a óleo.

Não havia nada mais repousante, pensou, que um jardim bem cuidado.

— A princípio, ele não vai acreditar — sentenciou ela. — Ele não é um assassino e sim um servo da justiça. Quando se convencer de que errou, ficará furioso. O ódio é sua salvação. Novamente o sistema o terá traído, levando-o a sacrificar um inocente. Alguém terá de pagar. Talvez alguém da Divisão de Assuntos Internos, onde tudo começou. Talvez você, Eve — afirmou ela, tornando a se virar —, pois você terá sido a pessoa que, mesmo indiretamente, lançou esse horror em seu rosto. Ele se sentirá duplamente motivado, então. Por ele e por Kohli. Logo depois de entender isso e aceitar, ele tornará a matar. E vai continuar matando até ser pego.

— E como faço para ele se voltar para mim, especificamente?

Mira caminhou para uma poltrona e se sentou.

— Você acha que eu a ajudaria a fazer isso, mesmo que pudesse?

— É melhor saber quem é o próximo alvo do que tentar adivinhar.

— Sim, sei que você pensa desse modo — confirmou Mira, com ar plácido. — Especialmente se tiver a chance de se colocar como alvo. Só que você não consegue direcionar a mente dele, Eve. Ele possui uma lógica própria e já deve ter escolhido a próxima vítima. Essa nova informação, quando chegar ao seu conhecimento, talvez altere seus planos. Ele sentirá pesar e reavaliará suas prioridades.

— Ele tem uma consciência, então — afirmou Eve, franzindo o cenho.

— Oh, sim, e Kohli pesará nela. A lembrança de Kohli vai cobrar uma atitude dele. Mas em quem ele colocará a culpa? Essa resposta eu não tenho como lhe oferecer.

— Por que diabos ele não vai atrás de Ricker?

— Talvez faça isso, mas antes precisa limpar sua própria casa.

— E como fazemos para proteger e investigar cada tira de uma delegacia? — murmurou Eve. — Como conseguir isso quando todos olham para mim como se eu fosse a inimiga?

— É isso que a incomoda? A rejeição pelos colegas de farda?

— Não! — garantiu Eve. — Com isso eu sei lidar.

— Então, já que não há mais nada em que eu possa ajudá-la com relação ao perfil do assassino, gostaria que você me contasse o que a está perturbando.

— Estou com um monte de coisas na cabeça. — Para acabar com a consulta, Eve se levantou. — Obrigada por dedicar um pouco do seu tempo para vir até aqui, doutora. Sei o quanto é ocupada.

Eve não era a única teimosa da sala.

— Sente-se — ordenou a doutora. — Ainda não terminei.

Um pouco surpresa pelo tom autoritário, Eve se sentou.

— Mas a senhora disse...

— Eu pedi para você me contar o que a está perturbando. Você está triste, distraída, e suspeito que a causa seja pessoal.

— Se for pessoal — disse Eve, com frieza —, aqui não é o lugar para discutirmos o problema.

— Seus pesadelos aumentaram? Você teve novas lembranças do passado?

— Não. Droga! Isso não tem nada a ver com meu pai, com meu passado, com nada disso, e é assunto meu.

— Quero que entenda uma coisa, Eve. Eu me preocupo muito com você.

— Dra. Mira...

— Quieta! — O comando, dado por uma voz calorosa e agradável, não aceitava argumentação. — Eu me preocupo com você de um jeito muito especial. Por mais que isso possa incomodá-la, Eve, enxergo você como uma espécie de filha, e é uma pena que isso a deixe sem graça — completou, com mais suavidade ao ver o embaraço no rosto de Eve. — Você não conhece os meus filhos, mas garanto que eles sabem o quanto sou inflexível quando se trata da felicidade deles. E embora eu tente não interferir, sempre saberei a causa.

Eve estava boquiaberta e se viu presa de um turbilhão de emoções que lhe fecharam a garganta. Ela não tinha mãe, nem lembranças de uma. Também não

tinha defesas contra a ajuda que a mulher à sua frente oferecia, observando-a com atenção e parecendo tão determinada a assumir o papel de mãe.

— Não posso falar disso.

— É claro que pode! Se não é o passado, o problema está no presente. Se é pessoal, só pode ser... Roarke. Vocês tiveram algum desentendimento?

O termo, tão singelo e civilizado, provocou uma reação que Eve não esperava. Ela caiu na gargalhada. Riu, riu muito, até sentir as costelas doendo e perceber, chocada, que seus risos se pareciam perigosamente com soluços.

— Não sei o que tivemos, doutora. Para encurtar a história, ele nem está falando comigo.

— Eve. — Mira esticou o braço, pegou a mão de Eve e a apertou com força. O gesto destruiu as últimas defesas.

Eve colocou os sentimentos para fora e contou tudo, desde o momento em que entrou no quarto e viu Summerset meio torto pelo peso de tantas flores.

— Fui ver Mavis — continuou Eve. — Nós ficamos de porre. Isso parece idiota, mas...

— Pelo contrário — acudiu a médica —, me parece perfeitamente sensato. Você buscou uma amiga em quem confiava, alguém que conhece você e Roarke e está, ela própria, comprometida em uma relação de amor linda e monogâmica. Beber demais foi uma válvula de escape, e escolher fazer isso com Mavis foi uma boa solução.

— Ela me disse que eu deveria... — Eve não conseguiu repetir a frase explícita de Mavis. — Seduzi-lo.

— Um conselho muito sensato, mais uma vez. O sexo abre as portas para a comunicação e alivia as tensões. Não funcionou?

— Para falar a verdade, eu nem tive chance de tentar. Apareceu um indivíduo aqui em casa, que eu não posso dizer quem é porque tem ligação com o caso e uma ligação ainda mais antiga comigo. Ele estava à minha espera no portão. Eu o convidei para entrar e o trouxe até meu escritório a fim de discutir o caso e... puxa... não sei o que deu nele, mas acho que ele tentou me agarrar, se é que me entende. Eu já ia repeli-lo de forma violenta, mas Roarke apareceu e...

— Nossa! Suponho que ele não tenha gostado nem um pouco. — Eve ficou olhando para a médica por um instante, atônita pela elegância da frase. Receou cair na risada novamente e receou mais ainda não conseguir parar de rir.

— Ahn... Pode-se dizer que foi isso mesmo. Eles trocaram algumas palavras e de repente estavam se atracando. O pior é que eu fiquei boquiaberta e paralisada por alguns instantes. Eles quebrando tudo, o sangue dos dois começando a escorrer e eu ali parada, feito uma idiota.

— Não por muito tempo, imagino.

— Não, mas mesmo assim... Bem, o fato é que acabei sacando a arma.

— Por Deus, Eve!

— Ela estava em modo de atordoar. — Eve encolheu os ombros, na defensiva. — Dei uma rajada de advertência, que Roarke ignorou. Infelizmente, para o outro indivíduo, ele se distraiu e Roarke o colocou a nocaute. Summerset apareceu, ajudou o visitante a ir embora e eu ameacei Roarke de atirar se ele não acabasse com a cena. Falei sério.

— Certamente que sim.

— Roarke nem esquentou. Acabou me encurralando em um canto da sala e eu nem consegui... Ahn... Depois ele... hummm, ele...

— Oh. — Mira Sentiu uma fisgada na barriga. —Já entendi.

— Não, não, ele não me agrediu, nem nada desse tipo.

— Não foi isso que eu pensei. Ele... fez amor com você.

— Não. A coisa não foi assim muito amorosa. Ele simplesmente se apossou de mim. Eu estava disposta a resistir, disse a mim mesma que não ia aturar aquilo, mas fiquei... droga, fiquei excitada, e ele sentiu. Começou a me rasgar as roupas. Nós lutamos um pouco e de repente estávamos no chão. Eu também rasgava as roupas dele e voávamos um para cima do outro como dois animais no cio, ou algo assim terrível. Não consegui impedi-lo, nem a mim mesma, nem quis impedir nada, porque estava tão excitada que o deixaria me comer viva, se ele quisesse.

— Uau, puxa vida! — exclamou a doutora, depois de alguns segundos.

— Eu não deveria ter lhe contado tudo isso. — Mortificada, Eve apertou os olhos com força. — O que eu estava pensando?

— Não, não, querida, eu é que peço desculpas, porque a minha reação mostrou-se pouco profissional. Foi uma reação de mulher, entende? — A doutora refletiu e chegou à conclusão de que seu marido ia ficar muito satisfeito com os efeitos colaterais daquele desabafo de Eve.

— O problema é que eu não o deixei simplesmente se apossar de mim, eu o ajudei a fazer isso. E gostei. — Ela baixou os olhos arrasada, fitando as mãos vazias. — Só pode ser algo doentio.

— *Não* curtir o que você acabou de me descrever é que seria doentio. Aproveitar plenamente esse momento foi perfeitamente saudável. *Extremamente* saudável, devo acrescentar. Eve, vocês se amam. O sexo apaixonado...

— Mas a coisa ultrapassou muito o nível de paixão.

— Por favor, minha cabeça só consegue lidar com informações até certo ponto. — Dessa vez, Mira riu abertamente. — Você e Roarke são duas pessoas fortes, teimosas, cheias de energia e loucamente apaixonadas. Ele ficou zangado

devido à sua tentativa de protegê-lo, mesmo correndo riscos pessoais. Se ele tivesse feito o mesmo, você também ficaria brava.

— Mas...

— Você sabe que é verdade. Do mesmo modo que sabe que faria tudo de novo, se necessário, e ele também. Você arranhou o ego dele, e isso é sempre perigoso de se fazer com um homem, especialmente um homem como ele. Para piorar, antes de ele conseguir trabalhar tudo isso por dentro, dá de cara com você sendo abordada por outro homem.

— Mas ele devia saber que eu jamais teria...

— Ele sabia, é claro. Mas não dá para se segurar diante de duas agressões ao ego. Pense por um momento e responda com sinceridade. Você gostaria que ele se segurasse?

— Eu... acho que não — admitiu ela, a contragosto. Em seguida expirou com força, surpresa ao se sentir muito melhor. — Não, eu não gostaria que ele se segurasse.

— É claro que não. E a reação dele, sendo o homem que é, foi física. A luta reafirmou seu ego. Defesa de território, Eve. Esta mulher é minha!

— Foi isso mesmo que ele disse — murmurou ela.

— É natural que tenha dito. Você é dele. Do mesmo modo que ele é seu. De repente você está ali em pé, apontando sua arma para ele. Nossa, que imagem expressiva! Ele, por sua vez, metaforicamente falando, também sacou a arma dele.

— Dra. Mira! — exclamou Eve, com vontade de rir. — Essa afirmação não foi muito elegante.

— Deixe pra lá. O fato é que vocês dois reagiram de forma natural diante das circunstâncias e se lançaram em uma sessão de sexo animal, suarento e selvagem, que sem dúvida os deixou muito satisfeitos.

— Pois é, era o que eu esperava, mas ainda não tínhamos relaxado totalmente quando ele me pegou do chão, me carregou para a cama e fez tudo de novo.

Mira a olhou espantadíssima e exclamou:

— Ele faz alguma dieta especial? Que vitaminas ele toma?

Eve sentiu um sorriso se abrir e isso aliviou a tensão da musculatura que se instalara desde cedo.

— Obrigada, doutora. Acho que eu nem precisava ter feito daquele jeito, depois de encher a cara e tomar sorvete em companhia de Mavis.

— Isso foi um bônus. Esse homem ama você com tudo o que tem e com tudo o que é. Isso significa, Eve, que você pode magoá-lo. Espere um tempinho e vá conversar com o seu marido hoje mesmo.

— Farei isso.

— Agora eu preciso voltar ao consultório. — Mira se levantou. — Pretendo terminar minhas atividades mais cedo hoje e ir para casa a fim de atacar o *meu* marido.

Achando divertido ouvir isso, Eve observou Mira, cheia de dignidade e graça caminhar até a porta.

— Doutora!

— Sim?

— Sabe aquela história de a senhora se sentir como se fosse minha mãe? Foi meio estranho, mas eu gostei.

— É bom para mim também. Até logo, Eve.

Com as baterias recarregadas, Eve entrou em sua sala e ordenou a Peabody e a McNab que fizessem um intervalo de vinte minutos Porém, ao ver que McNab foi direto para a pequena cozinha instalada em seu escritório, expulsou-o dali.

— Aqui não! Vão lá para baixo, lá para cima, lá para fora, qualquer lugar longe daqui. E fiquem longe dos quartos! — acrescentou ao notar o brilho nos olhos dele.

Ela se acalmou e entrou em contato com Feeney. Se ela fosse convocada para prestar esclarecimentos na torre, ou quando isso acontecesse, queria que ele estivesse ao seu lado.

— Computador, rodar o programa de avaliação utilizando os dados disponíveis e analisar a probabilidade de a capitã Eileen Roth ser a culpada dos homicídios em foco.

Processando...

Eve caminhou por todo o aposento enquanto o computador analisava os dados e porcentagens. Sentia-se recarregada, sem dúvida. E também inquieta, energizada e pronta para ir em frente.

Pensou na capitã Roth, tentando desesperadamente equilibrar a vida pessoal e a profissional. Falhando em uma e colocando a outra em risco.

— Isso não vai acontecer comigo! — decidiu.

Não importa o que custasse, pensou, ela ia fazer com que funcionasse. Dos dois lados.

A análise requisitada está encerrada... Com os dados disponíveis, a probabilidade de a capitã Roth ter cometido os crimes em foco é de 67,3%.

Baixa, pensou Eve, *mas não a ponto de ser desprezada*.

— Computador, refazer a pesquisa com dados adicionais. Informar exclusivamente para mim os resultados obtidos. Considerar o alcoolismo recorrente da capitã Roth, um casamento desfeito e a crise financeira. Além disso, Roth sabia que o colega morto era barman da boate Purgatório e esteve no local do crime várias vezes nas semanas anteriores.

Processando... Os dados adicionais fazem aumentar a probabilidade para 80,1%.

— É, faz diferença. Isso a coloca na minha curta lista de suspeitos, capitã. Quem mais podemos colocar nessa lista?

Antes de passar para a pesquisa seguinte, seu *tele-link* tocou.

— Alô, aqui fala a tenente Eve Dallas!

— Martinez falando, tenente.

Ouviu-se um ruído de fundo muito grande. Tráfego aéreo e movimento de rua, reconheceu Eve. Martinez não estava ligando da sua sala de trabalho.

— Achou alguma coisa para mim?

— Sim. Há alguns furos nos bancos de dados, informações que não batem com meus registros pessoais. Eu voltei às fontes, revisei tudo, cruzei as referências, mas não consegui descobrir quem mexeu nos arquivos. Certamente alguém fraudou os números, mexendo um pouquinho aqui e ali.

— Consiga-me cópias de tudo. Um amigo meu da Divisão de Detecção Eletrônica certamente descobrirá. Ele é muito discreto, mas parece um cão de caça e vai farejar tudo o que está errado.

— Mas eu não queria enviar essas coisas pelo sistema on-line da Central de Polícia.

— Mande direto para o meu computador pessoal de casa. — Eve recitou um código de identificação para transferência segura de arquivos.

— Anotei. Mais uma coisa, tenente. Tínhamos combinado que eu não seria mais seguida.

— Eu mandei pararem de segui-la.

— Bem, confirme isso, porque eu continuo sendo seguida por outros caras, e eles também são policiais. Dá para sacar de longe.

— Continue com a sua rotina. Não entre em contato comigo através de nenhum meio oficial.

— Sei como a coisa funciona, tenente.

— Ótimo. Se precisar falar comigo, ligue para a minha casa ou para meu *tele-link* pessoal. Anote os números — Eve recitou tudo pausadamente. — Não se

arrisque, não se meta a heroína e não confie em ninguém.

— Eu não confio. Nem mesmo em você, tenente.

— Ótimo! — murmurou Eve ao desligar. — Pelo menos assim você vai continuar viva.

Ela se afastou do *tele-link*, começou a analisar relatórios, viu os dados que Peabody levantara e descobriu três suspeitos em potencial na 128ª. DP. Como queria dar uma olhada em cada um deles, pediu fotos de identificação, parou para olhá-las e exibiu um sorriso ao se fixar em um dos policiais.

— Ora, ora... aqui está o nosso porquinho que faz "oinc-oinc". Jeremy K Vernon. Não gostei da sua cara, Jerry. Vamos procurar mais detalhes seus e, se o sistema me dedurar, que se dane!

Ela vasculhou seus dados financeiros, mas não viu nada que lhe chamasse atenção. Fez nova busca para ver se ele era titular de outras contas com variações do seu nome e tentou achar contas numeradas com algarismos combinados pela data do seu nascimento, endereço, delegacia ou número do distintivo.

Estava absorta nisso quando Peabody entrou de volta.

— Você sabia que tinha paella no AutoChef da sua cozinha? Com moluscos maravilhosos? Nunca tinha comido paella no almoço.

— Nham-nham. — Eve nem se deu ao trabalho de levantar os olhos. — Entre no outro computador e copie todos os dados do detetive Jeremy Vernon.

— Você pescou algum peixe?

— Acho que sim... parece que encontrei uma azeitona nessa empada. Quantos tiras possuem contas bancárias numeradas em outra cidade? — Dessa vez ela levantou a cabeça, olhando para Peabody com ar de curiosidade.

— Não olhe para mim. Depois de pagar as contas que vencem dia 5 e separar dinheiro para condução e comida me sinto afortunada quando sobra grana para comprar roupa íntima, por exemplo, coisa da qual, por falar nisso, estou precisando desesperadamente. Ter uma vida sexual agitada é ótimo para colorir a vida, mas é preciso ter calcinhas e sutiãs decentes.

— Detetives ganham mais que policiais de rua — especulou Eve —, mas, a não ser que o salário tenha subido muito desde que eu era recruta, esse cara não teria condições de possuir aplicações que somam mais de trezentos mil dólares. E pode não ser só isso. Parentes mortos — murmurou. — Mills usava identidades de parentes mortos. Onde diabos está McNab?

— Continua enchendo a barriga. Você sabia que também tem bolo de morango na cozinha? Não me faça ir chamá-lo. Sou fraca para doces e o bolo me pareceu delicioso.

Eve se virou. Nunca tinha usado o interfone doméstico, mas essa lhe pareceu

uma boa oportunidade para começar. Colocou o volume no máximo e esbravejou:

— McNab! Quero ver sua bunda magra na minha sala. Agora mesmo!

— Não é exatamente magra, Dallas. É mais do tipo musculosa informou Peabody, o que lhe garantiu um olhar assassino vindo de Eve.

— Já disse que não quero saber de detalhes.

— Eu estava só comentando — resmungou Peabody. — Quer que eu faça uma busca nos antepassados desse cara?

— Deixe isso por conta de McNab. Ele é mais rápido do que nós duas juntas.

Delegar funções, pensou Eve, era um bom modo de equilibrar suas prioridades. Ela se levantou e ordenou:

— Quero que vocês dois caiam dentro da pesquisa e depois troquem as letras dos nomes dele. Procurem por contas com movimento recente. Se os nomes não resultarem em nada, partam para números. Data de nascimento, falecimento, identidade, carteiras de motorista ou qualquer coisa que venha à cabeça de vocês. Todas as combinações. Vou tirar uma hora para resolver assuntos pessoais.

Eve já estava saindo quando McNab entrou às pressas.

— Caraca, Dallas! Parecia que eu estava ouvindo Deus! Quase pulei de susto.

— Tem restos de morango na sua boca. Limpe tudo e caia dentro.

— Aonde ela vai? — quis saber McNab, quando Eve saiu ventando.

— Tirou uma hora para resolver assuntos pessoais.

— Dallas? Tirando hora para assuntos pessoais? Puxa, talvez tenha sido a voz de Deus que eu ouvi, afinal, anunciando o fim do mundo.

Isso fez Peabody dar uma risada leve, mas ela andava boazinha demais com McNab e resolveu impedir que o riso virasse gargalhada.

— Ela tem direito a uma vida pessoal, como todo mundo, McNab. E se você não colocar essa bunda magra em ação, ela vai dar um chute tão grande nela quando voltar que você vai parar em Nova Jersey.

— Eu ainda nem tomei café. — Ele foi até a mesa e deu uma olhada ali antes de ir para a cozinha do escritório. — Quem ela está pesquisando?

— O sujeito da foto. Quer uma varredura na vida financeira dele.

— Ei, eu conheço esse cara! Vernon.

— Conhece?

— Bem, eu me lembro dele. Certa vez participei de uma batida para apreensão de drogas ilegais, no tempo em que ainda usava uniforme. Ele é um babaca.

— Por que diz isso? Qual o motivo de ele não ter sido devidamente apreciado por sua mente brilhante?

McNab olhou para Peabody de cara feia.

— Ele se acha o rei da cocada preta e se veste como um pavão.

Deu em cima das acompanhantes licenciadas que prendemos na batida. Contou a maior vantagem depois, mas na verdade a operação foi café pequeno. Prendemos umas prostitutas, alguns manés e apreendemos dois quilos de Exótica Pela versão dele parecia até que havíamos desmontado um imenso cartel. Ainda por cima tratava os guardas como escravos. Soube que uma das prostitutas o denunciou por assédio sexual. Ele foi chamado para depor e levou um esporro.

— Que grande profissional, hein?

— Pois é, funcionário do mês. Ouvi dizer que ele gostava de fazer batidas para apreensão de Exótica porque conseguia ficar com alguns gramas para consumo pessoal. Vamos lá, velho Jerry. Como dizem por aí... Tudo o que vai, volta.

Ele esqueceu o café, flexionou os dedos de forma dramática e pôs-se a trabalhar.

Capítulo Treze

Os escritórios de Roarke no centro da cidade ficavam em um elegante arranha céu preto que se erguia como uma lança atravessando a abóboda azul do céu. A torre de ébano era uma das imagens favoritas nos cartões-postais e *holocubos* para turistas de Nova York.

Por dentro ela era igualmente sofisticada, beirando a ostentação com seus canteiros de flores impressionantes, pequenos lagos, plantas tropicais, imensos mapas animados e oceanos de lajotões brilhantes.

Nem todas as salas comerciais do prédio negociavam produtos e serviços de Roarke, mas ele era dono de quase tudo, inclusive lojas, restaurantes e sofisticados salões de convenções e galerias de arte.

Ele trabalhava no último andar, que Eve conseguia acessar através de um elevador privativo. Ela chegou sem avisar e com cara de quem pretendia comprar briga feia.

A recepcionista sorriu para ela. Como era uma funcionária esperta e experiente, manteve o sorriso de boas-vindas grudado no rosto mesmo depois de notar a expressão de poucos amigos que Eve exibia.

— Tenente Dallas, que prazer revê-la! Receio que Roarke esteja cm uma reunião especial e não possa ser contatado. Se houver algo que eu possa fazer para...

— Ele está na sala dele?

— Sim, mas... Oh, tenente! — Ela se levantou correndo da cadeira ao ver que Eve passou direto por ela e seguiu em frente. — Por favor, a senhora realmente não pode...

— Pois veja se eu posso ou não.

— Trata-se de uma reunião *muito* importante. —A recepcionista arriscou a integridade do rosto atraente ao se colocar no caminho de Eve. — Se a senhora puder esperar pelo menos dez minutos... Eles devem estar prestes a interromper os trabalhos, pois já é hora do almoço. Posso lhe trazer um café enquanto a senhora espera. Um café com biscoitos e bolinhos.

Eve olhou para a linda recepcionista por um instante.

— Qual é o seu nome?

— Loreen, tenente.

— Pois bem, Loreen. Eu não quero café nem bolinhos. Mesmo assim obrigada. Não se preocupe que eu direi a Roarke que você tentou me impedir de entrar. Agora saia da frente.

— Mas eu...

— Vou dizer a ele que você tentou com muita determinação — acrescentou Eve, simplesmente empurrando Loreen para o lado e escancarando a porta da sala.

Roarke estava diante de sua mesa, recostado na cadeira, parecendo descontraído, tranqüilo, com controle absoluto da situação, tendo atrás de si uma vista estonteante da cidade. Ouvia com muito interesse a apresentação de uma das seis pessoas sentadas à sua frente, todas vestidas com ternos sóbrios. Seu olhar se desviou na direção da porta que se abriu subitamente e Eve teve a satisfação de ver que um ar de surpresa tomou conta de seu rosto por breves instantes.

Ele se recuperou na mesma hora.

— Senhoras e senhores... — Com uma graça preguiçosa, ele se levantou. — Esta é a minha esposa, tenente Eve Dallas. Eve, estes são os representantes advogados e consultores financeiros do Porto Espacial Green Space para produtos agrícolas. Caro, a minha assistente administrativa, você já conhece.

— Olá... Oi! Prazer em conhecê-los. Precisamos conversar, Roarke.

— Com licença, senhores. — Ele foi até a porta, pegou Eve pelo braço e conduziu-a para fora com firmeza.

— Sinto muitíssimo, senhor — desculpou-se Loreen, quase gaguejando. — Não consegui impedi-la.

— Não se preocupe com isso, Loreen. Ninguém consegue. Está tudo bem pode voltar para a sua mesa.

— Sim, senhor. Obrigada. — Com óbvio alívio, Loreen saiu com a intensa determinação de uma mulher que escapa de um prédio em chamas.

— Essa não é uma boa hora para conversarmos, Eve.

— Então você tem que torná-la conveniente, porque eu tenho coisas para dizer e vou dizê-las agora. — Ela olhou para as pessoas atrás dele. — Você quer que eu as diga diante dos representantes, advogados e consultores financeiros do Porto Espacial Green Space para produtos agrícolas e de Caro, a sua confiável assistente administrativa?

Ele não se importou com o estado em que ela estava, nem com a posição em que o colocava. Sua mão permaneceu, como forma não muito sutil de advertência, sobre o braço dela.

— Conversaremos em casa — sentenciou ele.

— Não temos feito muito disso ultimamente. Quero conversar agora! — Ela ergueu o queixo, em um desafio não muito sutil. — E se você achar que pode convocar a segurança do prédio para eles me fazerem mudar de idéia, vou inventar uma desculpa e rebocar você até a delegacia, para depoimento. Aliás, gostei dessa idéia. Fiz um intervalo no meu horário de trabalho — informou ela, com a voz mais

baixa agora. — Faça o mesmo no seu.

Ele analisou o rosto dela. Se tivesse visto só ira, teria contrabalançado a raiva dela com a dele e a teria enfrentado ou deixado de lado. Mas percebeu algo mais.

— Poderia nos dar dez minutos, Caro? — Quando a mão dele desceu pelo braço de Eve, com suavidade, quase como uma carícia, ela sentiu uma fisgada no estômago junto com o alívio. — Gostaria que você acompanhasse a minha esposa até a sala de conferência C, por favor, Caro.

— Certamente. Por aqui, tenente. Eu poderia lhe oferecer um café?

— Quando eu apavorei Loreen com a minha chegada súbita, ela também me ofereceu café, mas o dela vinha acompanhado de biscoitos e bolinhos.

O sorriso de Caro permaneceu educado ao conduzir Eve através dos corredores, mas seus olhos brilharam com humor.

— Vou cobrir a oferta dela, tenente. Tenho certeza de que a senhora ficará muito confortável aqui. — Abriu uma das folhas de uma porta dupla e convidou Eve a entrar em uma sala quase aconchegante, dotada de duas saletas de estar confortáveis, um cintilante bar de madeira polida e uma vista espetacularmente sublime de Manhattan.

— Isso não se parece com nenhuma sala de conferências que eu tenha visto na vida.

— É surpreendente o modo como os negócios podem ser fechados de forma mais satisfatória em um ambiente confortável. Que tipo de biscoitos e bolinhos a senhora gostaria de experimentar, tenente?

— Hein? Ah, sei lá! O que estiver à mão. Você teria permissão para me contar do que se trata essa reunião tão importante?

— Certamente. — Com ar plácido, Caro programou o AutoChef atrás do bar. — O Green Space está quase falindo, embora eles neguem o fato. Os custos de manutenção de seu porto espacial foram muito mais elevados que os lucros nos últimos três anos. A produção deles está baixa, embora a qualidade de seus produtos permaneça em nível altíssimo. Sua sobrecarga com transporte de mercadorias, em particular, está devorando grande parte dos lucros e fazendo as despesas gerais alcançarem níveis estratosféricos.

Caro pegou um conjunto de pires, xícara de porcelana com café fumegante e uma linda bandeja com vários bolinhos e biscoitos folheados e amanteigados.

— Então Roarke está lhes oferecendo um contrato para transporte das mercadorias?

— Possivelmente, mas imagino que antes de vir aqui encontrá-la, daqui a minutos, ele não só terá feito isso como também estará com o controle total do porto, além de uma equipe altamente especializada pronta para reestruturar o

Green Space a partir do zero, por assim dizer.

— Mas, Caro, eles vieram aqui para negociar o controle do porto?

— Não. — Ela colocou a bandeja sobre a mesa. — Mas o farão antes de a reunião terminar. Há mais alguma coisa em que eu possa lhe ser útil, tenente?

— Não, obrigada. Caro... Ele sempre ganha?

O sorriso de Caro não se modificou nem por um décimo de segundo.

— Sempre, tenente. — Foi a resposta que deu, sem piscar. — Chame Loreen se precisar de mais alguma coisa. — Ela caminhou até a porta e então girou o corpo de volta, exibindo um sorriso ainda mais caloroso. — A senhora o surpreendeu, tenente. Isso não é fácil de conseguir.

— É, eu sei — murmurou Eve quando Caro fechou a porta silenciosamente. — E você ainda não viu nada!

Ela se sentia agitada, irritada, e não tinha a mínima vontade de comer biscoitos e bolinhos. Mesmo assim colocou um na boca, sabendo que a energia do açúcar só poderia ajudar. Em seguida, comeu outro.

Estava lambendo os farelos do polegar quando Roarke apareceu. Olhando-a fixamente, ele fechou a porta atrás de si ao entrar.

E*stava revoltado,* ela percebeu. *Não apenas surpreso, mas muito revoltado. Ótimo!* Quando se lida com o homem mais rico e potencialmente mais perigoso do mundo, é bom ter todas as vantagens que se puder arrebanhar.

— Estou com pouco tempo, então vamos direto ao ponto — anunciou ele. — Se você veio até aqui em busca de um pedido de desculpas com relação a ontem à noite, não irá conseguilo. Existe algo mais que você deseje discutir? Há outras pessoas me esperando.

É assim que ele faz, refletiu Eve. *Serve para negócios e relacionamentos. Marque um traço bem claro na areia, com toda a frieza, e em seguida intimide o oponente.* Roarke era muito bom nisso, mas havia um monte de salafrários cumprindo pena e que poderiam confirmar que Eve Dallas era superfera em conversas cara a cara.

— Vamos direto ao ponto, e, como eu também estou com tempo curto, vamos começar do início, para facilitar. Visitar Ricker era o meu trabalho e não vou pedir desculpas por tê-lo feito.

— No quesito pedido de desculpas nós estamos empatados, então — disse ele, inclinando a cabeça.

— Muito bem. Não sei se eu teria lhe contado sobre o contato que eu tive com ele. Provavelmente não, se eu conseguisse evitar. Também não tencionava lhe contar dos capangas que ele mandou atrás de mim, pois consegui lidar com eles.

Ele podia sentir a raiva subindo-lhe pelo estômago até a garganta, mas continuou calado. Simplesmente foi até o bar e se serviu de uma xícara de café,

antes de falar:

— Não tenho reclamações sobre o seu trabalho, tenente. O fato, porém, é que Ricker e eu tivemos ligações no passado. Você sabia disso porque eu mesmo lhe contei.

— Exato, contou mesmo. E eu disse que iria marcar um encontro com ele.

— Mas não deixou claro que faria esse movimento de imediato, sem preparação e sem me avisar antes.

— Não tenho que avisar nada com relação ao meu trabalho. Devo simplesmente fazê-lo. E estava preparada, sim. Descobri em menos de cinco minutos que o maior desejo dele era atingir você. A opção de me usar para isso não podia cair de bandeja no colo dele.

Roarke analisava o lindo desenho em sua xícara de porcelana e ao mesmo tempo acalentava a vontade quase irresistível de atirá-la contra a parede.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesmo.

— Pois eu também sou. O que isso prova? Por acaso você me conta sobre seus planos de monopolizar o mercado de brócolis?

— Como disse? — perguntou ele, olhando-a com certo interesse.

Puxa, como ela odiava quando ele usava esse tom de adulto conversando com criança idiota. E ele sabia disso.

— Esse acordo com o pessoal do Green Space? Por acaso você conversou comigo sobre isso?

— E por que conversaria? Você desenvolveu um súbito interesse pelo mercado de verduras?

— Comprar essa empresa é um negócio de vulto, e esse é o seu trabalho. Mas você não me consultou a respeito. Eu também não preciso consultá-lo a respeito de meus assuntos profissionais.

— São coisas completamente diferentes.

— Não vejo por quê.

— Porque os advogados do Green Space não vão colocar a minha cabeça a prêmio.

— Do jeito que você negocia, bem que gostariam. Mas tudo bem, você tem suas razões. Por outro lado, lidar com criminosos faz parte da minha vida. Você se casou com uma policial. Assuma o ônus disso.

— Eu assumo, mas o caso aqui é diferente. É a minha cabeça que ele quer. A sua seria apenas um prêmio extra.

— Eu sei, já saquei isso. Saquei assim que recebi as flores. Por que você acha que eu entrei em pânico? — Ela deu alguns passos e espalmou as mãos sobre o bar. — É isso mesmo. Entrei em pânico e não gostei disso. Ao ler o cartão, fiquei

chateada, mas logo percebi o que você poderia fazer, o que ele esperava que você fizesse, e então resolvi me livrar delas. Tirá-las dali para que você não as visse, nem soubesse delas. Talvez não estivesse raciocinando direito, talvez tenha sido uma reação impensada. Tive medo por sua causa. Por que não me é permitido sentir medo por você?

Ele não tinha resposta para isso e, colocando o café de lado, lutava para colocar os pensamentos em ordem.

— Você mentiu para mim — reclamou ele.

— Eu sei e já pedi desculpas. Só que faria o mesmo novamente. Não conseguiria evitar. Não me importo se isso deixa o seu pinto em segundo plano.

Ele a encarou com firmeza, sem saber se ria ou continuava sério.

— Você realmente acha que isso tem a ver com ego e poder?

— Você é homem, não é? Descobri através de uma pessoa com autoridade no assunto que o que eu fiz mexeu com o seu ego, o que é o mesmo que lhe dar um chute no saco.

— E quem seria essa autoridade no assunto? — quis saber ele, com um ilusório tom doce na voz.

— Mavis. — Ela notou o brilho nos olhos dele e estreitou os dela. — Isso faz sentido, e eu também conversei com Mira. Tinha todo o direito de falar com alguém, já que você estava me dando gelo.

Ele refletiu um pouco. Precisava se movimentar. Foi até a janela e ficou olhando lá para fora até que a razão conseguiu penetrar na névoa da raiva.

— Tudo bem. Você tinha todo o direito e motivo para conversar com suas amigas. Mas o fato de minha reação ter a ver ou não com ego não é o que está pegando aqui, Eve. Você não confiou em mim.

— Você está errado. — Se o ataque ao ego dele o fizera sentir isso, ela tinha de consertar as coisas. — Totalmente errado. Eu nunca confiei mais em alguém em toda a minha vida do que em você. Não me dê as costas, por favor, não faça isso! Eu tive medo — disse ela, quando ele se virou novamente para ela. — Não sei lidar muito bem com o medo. Nunca permito que ele entre, mas ele me pegou de surpresa. Eu não estava errada, nem você. Simplesmente estávamos certos em níveis diferentes.

— Essa é uma análise precisa e surpreendente dos fatos. Eu mesmo já tinha chegado a essa conclusão antes de dar de cara com aquela pequena cena ontem à noite. — Ele foi na direção dela até os dois ficarem face a face. — Espera que eu aceite dois chutes no saco, Eve, e depois vá sentar mansinho e obediente como um cachorrinho de madame?

Em outras circunstâncias ela teria rido dessa imagem. O homem diante dela

nunca se mostraria manso. Sempre faria o que bem quisesse, quando quisesse, e aceitaria as conseqüências.

— Aquilo era assunto de trabalho — garantiu ela.

— Não me insulte — reagiu ele, pegando o queixo dela com dedos fortes e firmes.

— Pelo menos era para ser. Não sei como chegou àquele ponto. Webster tinha informações confidenciais, do tipo que poderiam queimá-lo por passá-las para mim. Estávamos conversando sobre o assunto, discutindo tudo, e de repente eu... Sei lá que diabo deu nele!

— Eu sei que você não sabe — murmurou Roarke, não exatamente surpreso. Eve às vezes era absolutamente desligada, e isso era frustrante, embora confortador.

— Ele me pegou desprevenida — continuou ela —, mas eu saberia lidar com ele. De repente você entrou na sala e os dois começaram a se atracar como dois cães raivosos disputando um osso. Isso é que é insulto!

— E você apontou a arma para mim! — Isso ele não podia perdoar. Talvez nunca conseguisse.

— Apontei mesmo. — Ela afastou a mão dele do seu queixo. Você acha que eu sou idiota para me meter no meio de dois malucos que tentam quebrar a cara um do outro? A arma estava em modo de atordoar.

— Ah, que bom, então de que eu estou reclamando, não é verdade? A arma estava só em modo de atordoar. — Ele teve de rir. — Por Deus, Eve!

— Eu jamais a teria usado em você. Provavelmente. E se tivesse de usá-la, eu sentiria muito. De verdade. — Ela tentou abrir um sorriso e pensou ter visto uma sombra de riso no rosto dele também. Isso a fez decidir sorrir abertamente.

— Lá estava você, depois que a luta acabou, muito suado, descabelado, com cara de maluco. E tremendamente sexy. Quis pular em cima e te morder bem aqui — disse ela, passando o dedo pelo músculo lateral do pescoço dele. — Não era a reação que eu esperava, mas, antes de eu conseguir atacar, você já estava me pressionando contra a parede.

— Dar uma surra de sexo em você foi a mais agradável das duas opções.

— Por que você não estava na cama hoje de manhã? Por que só me tocou duas vezes desde que eu entrei aqui hoje?

— Eu disse que não ia pedir desculpas pelo que aconteceu entre nós ontem à noite e não vou fazê-lo. Não consigo. Por outro lado... por outro lado — repetiu ele, tocando-a então, passando os dedos de leve pelas pontas do seu cabelo —, eu não lhe dei escolha, Eve. Se não foi de forma física — apressou-se ele, antes que ela reclamasse —, pelo menos de forma emocional. E fiz de propósito. Aquilo me

proporcionou maus momentos desde então e eu tive preocupações sobre ter feito você lembrar da sua infância.

— Minha infância?

Eve não fazia idéia do que a expressão confusa que apareceu em seu rosto fazia por ele. O quanto ela o aliviava e suavizava toda a raiva e as arestas internas.

— Estou falando do seu pai, Eve.

Nesse instante o ar confuso dela se transformou em choque.

— Não! Como você pode pensar uma coisa dessas? Eu desejei você. Puxa você sabia disso! Não existe nada entre nós dois que me possa fazer lembrar de... — Ela sentiu calafrios ao pensar naquelas imagens, mas enfrentou-as. — Não havia amor na minha infância nem paixão, nem mesmo carência. Ele me estuprava porque podia fazê-lo. Ele estuprava uma criança, a própria filha, porque era um monstro. Ele não consegue me atingir quando estou com você. Não deixe que ele o atinja, Roarke.

— Não vou pedir desculpas. — Ele levantou a mão e passou os dedos de leve sobre a face dela. — Não estaria sendo sincero. Mas afirmo que amo você, e nunca fui tão sincero.

Ele a puxou para dentro de seus braços. Ela pressionou o rosto sobre o ombro dele e deixou-se ficar ali.

— Eu fiquei tão arrasada...

— Eu também. — Ele passou os lábios de leve sobre os cabelos dela e sentiu que o seu mundo estava novamente em equilíbrio. — Senti saudades de estar com você assim.

— Não vou deixar meu trabalho estragar as coisas entre nós.

— Não é preciso o trabalho fazer isso, nós conseguimos estragar por conta própria. — Ele a afastou um pouco e beijou-a de leve. — Mas isso anima um pouco as coisas, não é?

— Ela foi embora — suspirou Eve, dando um passo para trás.

— Ela quem?

— Uma dor de cabeça lancinante que eu acalentei por dois dias. Agora ela foi embora. Acho que a dor de cabeça era você.

— Querida, como você é romântica!

— Sim, sou uma doçura. Estraguei o acordo que você estava fazendo com o Green Space?

— Ora, o que são algumas centenas de milhões no grande esquema das coisas? — Ele pensou levar a brincadeira adiante, mas ela pareceu abalada e ele consertou: — Brincadeira, querida! Está tudo sob controle.

— Que bom você ter reencontrado o senso de humor. Olhe, preciso ir agora,

porque está rolando um monte de coisas. Se quiser falar mais dos brócolis, podemos fazer isso mais tarde.

— Acho que já conversamos tudo o que era preciso a respeito de brócolis.

— Ótimo. Sabe, Roarke mesmo sabendo que viramos dois pombinhos novamente, é muito difícil pedir isso, mas o fato é que eu... Eu preciso de ajuda nesse caso. Aquele tipo de ajuda que só você sabe dar.

— Ora, tenente, agora você me fez ganhar o dia.

— Sabia que sim, embora eu não me empolgue nem um pouco com isso.

O comunicador dela tocou. Eve o atendeu e ouviu a auxiliar de Whitney mandando que ela fosse diretamente para a torre da Secretaria de Segurança.

— Entendido! — respondeu. — Acaba de tocar o sinal para o próximo round — disse ela a Roarke.

— Aposto em você.

— Eu também. — Ela se colocou na ponta dos pés e o beijou com força antes de ir a passos largos em direção à porta. — Por falar nisso, campeão, você me deve uma nova luminária.

Eve estava muito animada e pronta para a batalha ao entrar na torre. O secretário Tibble comandava tudo dali, com mão firme e, às vezes, de forma implacável.

Muitos tiras o temiam. Eve o respeitava.

— Tenente Dallas. — Ele não estava atrás da mesa e sim à frente dela, em pé. Seu estilo e postura a fizeram lembrar Roarke. Ficar em pé deixava o secretário com controle sobre as pessoas sentadas na sala e o colocava por cima da situação que as trouxera até ali.

Ao seu sinal, ela se sentou entre o comandante Whitney e o capitão Bayliss da Divisão de Assuntos Internos. A capitã Roth se mantinha rígida, sentada ao lado de Bayliss. Feeney estava reclinado, ou pelo menos parecia reclinado na cadeira mais distante, ao lado de Roth.

— Vamos começar analisando algumas informações que chegaram ao meu conhecimento, relacionadas a uma investigação interna que diz respeito diretamente à Divisão de Drogas Ilegais da 128ª. DP.

— Secretário Tibble, declaro meu protesto contra o fato de que tal investigação tenha sido iniciada e tenha prosseguido sem o meu conhecimento — afirmou Roth.

— Protesto anotado — disse ele, concordando com a capitã. —Entretanto, devo lembrá-la de que está dentro da alçada da corregedoria conduzir uma

investigação sem informar ao capitão do esquadrão. — Contudo — continuou ele, desviando o olhar duro para Bayliss —, deixar de informar o comandante ou a mim pela operação constitui um abuso da sua autoridade.

— Senhor. — Bayliss fez menção de se levantar, mas Tibble o mandou tornar a sentar.

B*oa atitude, secretário,* pensou Eve. *Mantenha esse rato em seu lugar.*

Bayliss se manteve sentado, mas um leve rubor se espalhou por suas faces.

— A Divisão de Assuntos Internos tem certa autonomia para manobras irregulares ou procedimentos técnicos incomuns quando avalia determinada investigação como totalmente sigilosa. Após considerarmos certas informações, suspeitarmos de alguns vazamentos e confirmarmos outros, foi decidido que esta operação seria mantida sob conhecimento exclusivo da DAI e alguns oficiais escolhidos.

— Entendo. — Tibble se inclinou na direção da mesa de um jeito que fez Eve reprimir um sorriso leve que começava a se formar. — Posso saber, capitão, quem decidiu isso?

— A decisão foi tomada entre mim e vários membros da minha divisão, todos altamente graduados.

— Entendo — repetiu o secretário. — E vocês decidiram deixar a cadeia oficial de comando fora dessa panelinha.

— Sim, senhor — sustentou o capitão, de forma dura e teimosa. — Tínhamos razões para crer que os vazamentos de informação poderiam vir de alguém hierarquicamente superior a nós na cadeia de comando. Ao informarmos outros departamentos, iríamos comprometer o sucesso da operação antes mesmo de ela ter início.

— Diante disso, devo entender que a sua divisão suspeita do comandante Whitney?

— Em absoluto, senhor.

— Talvez, então, eu seja um dos alvos da sua investigação interna.

Bayliss abriu a boca, mas, espertamente, tornou a fechá-la, a fim de dar tempo ao cérebro de se conectar com a realidade.

— Senhor, asseguro-lhe que o senhor não está sob suspeita.

— *Não estou mais,* você quer dizer? — Tibble terminou a frase, com voz suave. — Isso é um alívio, capitão. O problema é que mesmo depois que ficou estabelecido que nem eu nem o comandante éramos suspeitos de infrações ou crimes que exigissem a ação da Divisão de Assuntos Internos, você continuou nos escondendo informações a respeito da operação.

— E promoveu uma caça às bruxas — disse Roth, em voz baixa, o que lhe

valeu um olhar fulminante de Bayliss.

— Pareceu-nos desnecessário informá-los, senhor, uma vez que a operação foi bemsucedida.

— Será que eu devo lhe explicar, *capitão*, o porquê de essa sua avaliação estar equivocada?

Bayliss não se constrangeu diante do olhar penetrante.

— Não é necessário, senhor. Lamento pelo erro e, conforme suas ordens, todos os registros, documentos e notas referentes à operação citada já estão em seu poder.

— Inclusive, eu presumo, todos os dados relacionados às investigações de homicídio que estão sendo feitas pela tenente Dallas?

A teimosia se instalou como concreto no rosto de Bayliss.

— Não creio que esses dois assuntos tenham ligação entre si.

— É mesmo? A senhora tem alguma opinião a esse respeito, tenente Dallas?

— Sim, senhor. Na minha opinião, o capitão Bayliss acaba de cometer outro erro de julgamento. Dois policiais, ambos da 128ª. DP, foram mortos em menos de uma semana pelo mesmo assassino Um deles, o tenente Mills, estava sob investigação da DAI e há provas de que ele era culpado de receber suborno, falsificar provas e sabotar o trabalho da polícia. O detetive Kohli, por sua vez, foi plantado pela DAI e concordou em passar por um policial corrupto que também embolsava dinheiro. Apesar de esta parte da operação ser aceitável, a investigação a respeito da sua morte foi prejudicada pelo acobertamento da verdadeira situação de Kohli. Não existe precedente aceitável que dê à DAI a autoridade para comprometer uma investigação de assassinato a fim de proteger uma operação interna.

— Eu também não conheço tal precedente. O senhor conhece, capitão?

— Nossa investigação estava em um ponto delicado. — Bayliss começava a demonstrar irritação e se virou na cadeira a fim de olhar para Eve de cara feia. — Escutem... Kohli entrou na operação sabendo de tudo, ninguém o pressionou. Ele queria o trabalho extra e também o pagamento adicional. Não tinha motivos para acreditar que a sua vida estivesse em perigo e imaginava que conseguiria, através da sua função na boate Purgatório, entrar em contato com Ricker.

Eve teve vontade de saber o que Ricker tinha a ver com a boate Purgatório mas não ousou perguntar. Pelo menos não naquele momento.

— E depois que ele foi morto, capitão?

— Não podíamos modificar esse fato, mas achamos que, se mantivéssemos o disfarce de Kohli e deixássemos vazar para a investigadora do seu assassinato que ele era corrupto, iríamos ter a chance de descobrir quem deixava vazar as

informações na 128ª. DP.

— Você usou um dos meus homens! — reagiu a capitã Roth. — Você acha que o único esquadrão com um Mills em suas fileiras *é o m*eu? Policiais corruptos não são exclusividade do meu departamento.

— Mas existem vários lá...

— Eu recebi informações falsas — interrompeu Eve. — Isso é uma violação do regulamento. Além do mais... e também ainda por cima, por baixo e independentemente de qualquer outra coisa... tentar colocar a investigação de uma colega em um beco sem saída utilizando para isso um policial assassinado e mantê-lo rotulado como corrupto é desprezível. Pelo que me concerne, Kohli morreu no cumprimento do dever e merece muito respeito!

— Tenente — murmurou Whitney, sem censura na voz. — Você já disse o bastante.

— Não, senhor, estou muito longe de falar tudo o que deve ser dito aqui! — Quando Eve levantou da cadeira, o secretário Tibble não se manifestou. — A Divisão de Assuntos Internos tinha um objetivo louvável, a princípio, porque, quando um tira se torna corrupto, suja a imagem de todos nós. O problema é que, quando um soldadinho de sala acarpetada decide por si só o rumo das coisas, utilizando sua patente para ordenar que subordinados fraudem procedimentos, e tenta prejudicar uma investigação de homicídio para beneficiar seus propósitos escusos, ele se torna tão sujo quanto os tiras que caça.

— Você está passando dos limites, tenente! — reagiu Bayliss, pondo-se de pé — Acha que pode apontar o dedo dessa forma para mim? Eu, que passei quinze anos mantendo a polícia limpa? Você não é nenhuma florzinha pura, Dallas. As ligações de seu marido com Ricker estão enterradas, mas podem ser desenterradas. Você nem mesmo devia estar investigando este caso, para início de conversa.

— Pare de fazer ameaças à minha tenente, Bayliss — disse o comandante Whitney, com a voz calma. Em seguida, ergueu a mão para interceptar Feeney, que se levantara da cadeira com raiva e já voava sobre o capitão Bayliss. — Exijo que interrompa os comentários sobre a vida pessoal dela ou sobre suas habilidades profissionais, Se eu fosse dado a indiretas e alfinetadas, diria, com prazer, que você só consegue alcançar metade da integridade da tenente Dallas, mas *é* claro que não farei isso por questão de respeito. Secretário Tibble gostaria de fazer uma declaração.

— Pois não, comandante — assentiu Tibble, espalmando as mãos sobre a mesa.

— Depois de rever a documentação a mim enviada com considerável atraso pela Divisão de Assuntos Internos, minha opinião é que o capitão Bayliss excedeu

seriamente os limites da sua autoridade e deverá receber sanções disciplinares. Sendo assim, enquanto tais dados estão sendo analisados e confirmados, e até ser decidido se essa investigação interna deve ou não ser cancelada, a minha recomendação é que o capitão Bayliss seja colocado de licença, afastado de suas funções.

— Há tiras passando informações a Ricker — argumentou Bayliss — e estou prestes a desbaratar todo o esquema.

— Mesmo que seja como diz, capitão, não pode haver lei sem ordem. — Tibble o observou longamente. — Especialmente em se tratando daqueles que juraram manter a lei. Você deverá entrar de licença, com pagamento integral e sem corte de benefícios. Uma ação disciplinar contra você não está descartada, dependendo de nova avaliação. Aconselho-o a entrar em contato com o seu representante sindical e/ou um advogado. Está dispensado!

— Secretário Tibble...

— Dispensado, capitão! Não me ofereça a chance de externar meus comentários pessoais sobre seu comportamento, pois eles não vão agradá-lo.

Bayliss rangeu os dentes, mas se virou para ir embora. Seus olhos lançaram faíscas sobre Eve no instante em que saiu da sala, pisando duro.

— Algo a declarar, capitã Roth?

— Sim, eu gostaria de falar, se o senhor me permitir. — Ela se levantou rapidamente. — Solicito que o senhor me disponibilize toda a documentação relacionada à investigação contra meu esquadrão, secretário. Meus homens estão sob suspeita e meu departamento está sob ataque.

— Capitã Roth, seu departamento está uma bagunça. Solicitação negada. Dou-lhe um prazo até o meio-dia de amanhã para receber um relatório completo da situação no seu esquadrão. Vou acompanhar pessoalmente todos os desdobramentos do que acontece lá e espero-a amanhã aqui em meu gabinete, ao meio-dia, com o relatório e uma análise pessoal completa.

— Sim, senhor. Secretário Tibble...

— Pode falar, capitã.

— Aceito toda a responsabilidade por esta situação. Mills estava sob meu comando e eu não mantive o pulso sobre ele. Se depois desta situação ser resolvida o senhor desejar a minha carta de demissão, eu...

— Não devemos colocar o carro na frente dos bois, capitã. Espero-a amanhã ao meio-dia.

— Sim, senhor.

Quando ela saiu, Tibble tornou a se inclinar sobre a mesa.

— Agora, tenente... Até que ponto você está enterrada nessa lama e quem é o

seu informante? Você deverá me dar o nome dessa pessoa, se for ordenada a fazê-lo. Digamos que isso seja uma ordem.

— Senhor, lamento muitíssimo não poder cumprir essa ordem, caso ela seja dada. Não posso divulgar o nome do meu informante.

Tibble olhou para Whitney e comentou:

— Estou vendo que vou ter que lhe pagar cinqüenta dólares, Whitney Tenente Dallas, o seu comandante apostou comigo, e eu fui tolo o bastante para aceitar a aposta, que você não revelaria esse nome. Soube ainda que você andou investigando a fundo a capitã

— Sim, senhor. Dei início a essa pesquisa como parte da minha investigação sobre os homicídios de Kohli e Mills. Creio que eles foram mortos por um colega de farda.

— Sei que essa é sua teoria. Trata-se de uma linha de investigação muito séria.

— Sim, senhor.

— Você suspeita de Roth?

— Ela é a capitã do esquadrão. Seria negligência minha não considerá-la suspeita. Já a interroguei, analisei seus dados e rodei o programa de probabilidades.

— Qual foi o resultado?

— Na faixa dos 60%.

— Baixa, mas preocupante. Não vou tomar mais do seu tempo, nem do meu, avaliando passo a passo o seu trabalho. Entretanto —- ressaltou ele —, com relação ao resto, tenente, preciso saber se o seu marido realmente tem ligação com Max Ricker, em nível pessoal ou profissional, e se tal ligação deve ser motivo de preocupação para este gabinete.

— Meu marido não tem ligação profissional com Max Ricker no momento, senhor. Algum tempo atrás, há mais de dez anos, eles trabalharam juntos.

— E em nível pessoal?

Essa era mais difícil de responder.

— Tive a impressão, senhor, durante a entrevista que conduzi com Ricker, que ele alimentava rancores pessoais contra Roarke. Ele não afirmou isso abertamente, mas deixou subentendido. Roarke é um homem bem-sucedido e muito glamourizado pela mídia — explicou ela, à falta de um termo melhor. — Isso provoca ressentimentos em certos tipos. Entretanto, não vejo razão para que potenciais mágoas que Ricker sinta por Roarke devam preocupar o secretário de Segurança.

— Você é honesta, Dallas. De uma forma cuidadosa e... quase política. Sei que o fato de eu declarar isso lhe soa como insulto.

— De certa forma — Eve conseguiu dizer.

— Existe algum conflito interno ou sentimento de lealdade de sua parte que a impeça de caçar um assassino que poderá ser um colega de farda, mesmo sabendo que as vítimas eram, aparentemente, corruptas?

— Não, senhor. É uma questão de lei e ordem, secretário Tibble. Tenho consciência de que devemos manter a lei, mas não julgar nem condenar, pois isso não é função nossa.

— Boa resposta. Ela faz jus ao seu comando, Jack. — Eve não conseguiu esconder sua surpresa ao ver o secretário elogiando-a abertamente. — Tenente, relate tudo o que descobrir ao seu comandante e mantenha-o informado do desenrolar do caso. Agora, pode voltar ao trabalho.

— Sim, senhor. Obrigada, senhor.

— Ah, mais uma coisa! — disse ele ao vê-la já na porta. — Bayliss adoraria ver você espetada e assada lentamente sob o calor de brasas.

— Sim, senhor, estou ciente disso. Ele não é o primeiro a sentir isso a meu respeito.

Quando a porta se fechou, Tibble foi para trás da mesa.

— Que bagunça, hein, Jack? Vamos empunhar algumas pás para começar a limpar a casa.

Capítulo Quatorze

— Bom trabalho, Dallas — elogiou Feeney, enquanto descia com Eve até o térreo. — Agora eu preciso alertá-la sobre o que eles não disseram. Se Bayliss — conseguir seu cargo de volta, vai mandar chumbo grosso sobre você.

— Não vou deixar Bayliss, um rato em forma de gente, me tirar o sono. Estou com dois tiras e uma testemunha no necrotério. Até eu chegar ao fundo disso, Bayliss pode bufar as labaredas que quiser.

— Se essas labaredas a atingirem, poderão fritar seu traseiro. Fique esperta. Vou para a sua casa trocar de lugar com McNab por algum tempo.

— Encontro você lá. Preciso dar uma passada na casa de Kohli para trocar mais algumas palavrinhas com a viúva. Vou convocar Peabody para ir lá comigo. Você conhece um detetive da Divisão de Drogas Ilegais chamado Jeremy Vernon?

Feeney apertou os lábios, tentando ativar a memória, mas não teve sucesso.

— Não — respondeu. — Esse nome não me diz nada.

— Ele é cheio de onda... e tem uma gorda conta bancária. Provavelmente vou convocá-lo para trocar umas idéias comigo, mais tarde. Quer participar desse papo?

— Claro! Eu adoro ver você em ação na sala de interrogatórios.

Ele se separaram. Eve seguiu em meio ao movimento intenso de pedestres, típico da hora do almoço, em direção ao seu carro. Esperou um maxiônibus passar antes de sair da vaga e ligou para sua auxiliar.

— Estou indo à casa de Kohli, Peabody. Encontre-me lá. Quero esclarecer mais algumas coisas com a viúva.

— Já estou indo. Dallas, McNab acabou de encontrar mais três contas pertencentes ao detetive Vernon. Já descobrimos mais de dois milhões e seiscentos mil dólares e o valor continua aumentando.

— Olha só! Isso não é interessante? Escute... Feeney está indo para aí. Quero que McNab continue passando pente fino nos dados financeiros de Vernon. Faça-o olhar tudo e verificar com atenção se o filho-da-mãe não ganhou algum prêmio de loteria nem recebeu herança de um daqueles parentes mortos. McNab deve monitorar a grana e tentar localizar sua origem. Não quero que Vernon tenha espaço para rebolar no anzol na hora que eu fisgá-lo.

— Sim, senhora. Vou me apresentar na residência dos Kohli assim que o nosso maravilhoso sistema municipal de transportes me levar até lá.

— Pegue um táxi. Coloque na conta de despesas pessoais.

— E eu tenho uma conta dessas, por acaso?

— Sem drama, Peabody! Coloque na minha conta, então. Ande logo.

Eve desligou e deixou a mente vagar pelas pontas soltas do caso enquanto atravessava a cidade.

Havia um problema de corrupção na 128ª. DP. Existia outro na Divisão de Drogas Ilegais e, provavelmente, em diversos lugares. As pistas apontavam para Max Ricker, e dois dos detetives da força-tarefa organizada para pegá-lo estavam mortos. Um deles recebia grana de Ricker.

A Divisão de Assuntos Internos montara uma operação clandestina não autorizada, envolvendo o outro tira morto, que aceitou parecer corrupto para funcionar como isca.

Na boate Purgatório, lembrou, valorizando esse detalhe. Um lugar que pertencia a Roarke. O que será que Ricker tinha a ver com a boate de Roarke?

Será que Bayliss fora pescar por lá, tentando desenterrar outras ligações com Ricker? O cara parecia um fanático, mas tentar fazer justiça daquele jeito seria forçar a barra demais.

Mesmo assim, a DAI enviara Webster, uma velha ligação de Eve, para lhe repassar informações falsas sobre Kohli.

A capitã do esquadrão perdera o controle sobre os homens que comandava ou então fazia parte da rede de corrupção. Ou havia um problema grande por lá ou ela mesma era o problema. De um jeito ou de outro, Eve tinha uma oficial de alta patente em sua curta lista de suspeitos de homicídio.

Ricker era uma das chaves, talvez *a mais* importante. Ele atraíra os tiras certos e evidentemente sabia quais membros do departamento abordar. Seus negócios, Eve imaginou, dependiam muito deles. Se ela os descobrisse e os prendesse, será que ele apareceria em cena? Ou viria atrás dela?

Por mais que ela se alegrasse com tal possibilidade, além de ser uma chance de tirar os tiras sujos do bolso dele, tudo isso eram objetivos secundários. O foco principal era vasculhar os tiras envolvidos, a fim de achar o assassino.

Retaliação por alguma perda ou traição foi o que Mira tinha sugerido. Não vingança, e sim *retaliação*. A diferença entre as duas era a outra chave para o mistério. Esfregar o distintivo com sangue para purificá-lo.

Um fanático?, questionou-se ela. *Isso formava um paralelo interessante com Bayliss. Alguém que deixava as regras de lado quando lhe interessava.*

Ela conseguiu uma vaga a menos de um quarteirão da casa dos Kohli e ao nível da rua. Ficou satisfeita com isso.

Assim que acabou de estacionar, um carro freou ao lado do dela. Distraída, ela olhou para o veículo sem demonstrar interesse. Porém, quando todas as portas do carro se abriram ao mesmo tempo, seu instinto a alertou. Ela saltou já rolando no chão e, quando deu uma volta completa, já estava com a arma em punho.

Eram quatro deles e Eve notou de imediato que estavam mais preparados e com armas mais pesadas do que os capangas que Ricker mandara atrás dela na primeira vez.

— Não vale a pena transformar a rua em praça de guerra, tenente — disse o homem mais distante, à sua esquerda, com a voz muito calma e educada, mas empunhando uma pistola a laser de cano longo por baixo do elegante sobretudo de tecido leve.

Pelo canto dos olhos, Eve reparou que o último à direita começava a se aproximar dela, fechando a roda. Ela pensou em fazer um disparo em semicírculo com a arma de atordoar. Seu dedo coçava no gatilho.

Um menino aparentando dez anos de idade apareceu nesse exato momento, vindo por trás do grupo com sua bicicleta motorizada muito usada. Um dos bandidos o arrancou da bicicleta com força e o ergueu no ar. A bicicleta continuou seu caminho sozinha e, em meio aos gritos da criança, o homem encostou a arma na sua garganta.

— Vai ser ele ou você, tenente?

Isso foi dito sem nenhuma emoção, e a enfureceu.

— Largue o menino! — Muito devagar, ela apertou o botão que desligava a arma.

Os olhos do garoto estavam arregalados de terror. Ele emitia pequenos sons agudos, como os de um gato sendo estrangulado. Eve nem se atreveu a olhá-lo fixamente.

— Entre no carro, tenente. Depressa e em silêncio, antes que civis inocentes sejam feridos.

Ela não teve escolha e agiu depressa, como ele ordenou. A arma pareceu ganhar vida sozinha em sua mão e ela atirou, acertando em cheio, entre os olhos, o homem que segurava o menino. Eve viu o instante em que o menino caiu no chão, ouviu com alívio seus gritos de terror e, mergulhando para se proteger, atirou novamente na direção dos bandidos.

Rolou para baixo do carro e agarrou o menino pelo pé, arranhando as pernas dele ao puxá-lo com força para junto dela, sob o veículo.

— Fique quieto e cale a boca! — ordenou ela, girando o torso mais uma vez para proteger o menino com o próprio corpo. Tentavam sair pelo outro lado quando ouviram o zunido de outra arma sendo disparada e uma voz que ordenava:

— Larguem as armas! Larguem tudo nesse instante ou o que sobrou do cérebro de vocês vai escorrer pelas orelhas!

Era a voz de Webster. Eve saiu debaixo do carro com a rapidez de um relâmpago, fez mira sobre um dos homens na altura da barriga, atirou uma vez e o

viu tombar na calçada. Foi até ele, levantou sua cabeça para ver se ainda estava vivo e deixou-a cair novamente no cimento. Em seguida olhou para cima e viu Webster diante do último homem ainda em pé, que erguera as mãos bem alto.

— Você anda me seguindo novamente, Webster?

— Precisava falar com você.

Ela se levantou, franziu o cenho, sentiu dor e reparou no corte profundo em seu joelho.

— Sua língua tem estado solta ultimamente, não é mesmo? Conseguiu acertar um deles?

— Consegui! — Ele sorriu de leve ao ouvir as sirenes. — E o reforço já está chegando. Tomei a liberdade de solicitar algumas viaturas.

Eve saiu mancando, recolheu as armas e observou os três homens caídos. Depois voltou, agachou-se junto do meio-fio e espiou por baixo do carro.

O garoto calara a boca, graças aos céus. Grossas lágrimas lhe escorriam pelo rosto sardento.

— Pode sair. Está tudo bem agora.

— Quero a minha mãe.

— Tudo bem, nós vamos encontrá-la. Venha cá.

Ele engatinhou, temeroso, e passou a mão sob o nariz que escorria.

— Quero ir para casa! — pediu.

— Sim, nós vamos já, já. Você se machucou?

— Não. — Seus lábios tremiam. — Minha bicicleta ficou amassada?

— Não faço idéia. Vamos pedir a alguém para procurá-la.

— Eu não devia andar com ela na rua, só na calçada. Bem que minha mãe avisou.

— Pois é! Da próxima vez, escute os conselhos da sua mãe. — Eve chamou um policial assim que a primeira radiopatrulha parou. — Mande alguém pegar a bicicleta motorizada do garoto. Informe o seu nome a este policial — Eve pediu ao menino. — Ele vai levar você para casa. Se a sua mãe quiser conversar comigo... — Ela procurou nos bolsos e se mostrou levemente surpresa ao ver que não esquecera seus cartões em casa. — Peça para ela ligar para esse número.

— Tá legal! — Ele fungou mais uma vez e avaliou Eve de cima a baixo, dessa vez mais com interesse do que medo. — Você também é uma policial?

— Sou. — Ela pegou as algemas no bolso de trás, para provar. — Viu só? Sou uma policial de verdade.

Ela virou o primeiro agressor de barriga para cima, verificou sua pulsação e abriu uma das suas pálpebras. Não iria precisar de algemas para aquele ali.

— Você não podia ter arriscado um tiro apenas para atordoar — disse

Webster, por trás dela. — Você teve de usar força máxima para garantir a segurança do civil que ele ameaçava.

— Sim, eu sei o que eu tive de fazer, Webster — reagiu ela, em tom amargo.

— Se você tivesse hesitado, não tivesse uma mira tão boa ou abaixado a arma, aquele menino não estaria voltando para casa agora.

— Sei disso também. Obrigada por me ajudar.

Ele concordou com a cabeça e deu um passo atrás, enquanto Eve organizava a cena a ser analisada e pedia a um dos guardas para manter distante a multidão que se aglomerava.

Os paramédicos chegaram e logo atrás da ambulância parou um táxi. Peabody saltou lá de dentro como uma mola e correu até onde estava a sua tenente. Para surpresa de Webster, ela balançou a cabeça para os lados no momento em que Eve a mandou se afastar. Então ele presenciou o que lhe pareceu ser uma rápida troca de desaforos entre as duas, em voz baixa. Por fim, Eve jogou as mãos para cima em sinal de desistência e foi arrastando a perna de leve até a ambulância, a fim de fazer exames.

Com ar divertido, ele foi até Peabody.

— Como conseguiu fazê-la ir até os paramédicos?

Peabody se mostrou surpresa ao vê-lo e não disfarçou. Em seguida encolheu os ombros e disse:

— Eu ameacei contar tudo a Roarke.

— Como assim?

— Lembrei à tenente que se ela fosse para casa sem se tratar, Roarke iria ficar pau da vida e cuidaria pessoalmente dela. Provavelmente iria lhe enfiar um analgésico poderoso pela goela abaixo. Ela odeia quando ele faz isso.

— Então ele consegue lidar com ela.

— Eles conseguem lidar um com o outro. Funciona para ambos.

— Eu notei. Será que você me daria um minutinho para eu conversar com ela?

— Não sou eu quem decide isso. — Mas Peabody se afastou e foi supervisionar o transporte dos suspeitos.

Webster foi caminhando com toda a calma até a ambulância, se agachou e observou o corte profundo que estava sendo tratado.

— Até que não foi tão ruim. Só que as suas calças já eram. Perda

— Foi apenas um arranhão.

— Mas entrou um monte de cascalho miúdo na ferida — avisou o paramédico.

— Entrou um monte de cascalho na ferida — imitou Eve, com voz afetada, amarrando a cara enquanto ele fechava o corte. — Eu odeio vocês, paramédicos.

— Eu sei. Meu parceiro me pagou vinte paus para eu vir tratar da senhora no lugar dele. — O rapaz acabou o serviço enquanto ela se manteve ali, com cara irritada. Em seguida, ele deu um passo para trás. — Prontinho! Quer que eu coloque um band-aid colorido?

Como seus lábios tremiam, Eve não se arriscou a xingá-lo. Simplesmente se pôs em pé e comentou:

— Foram os vinte dólares mais fáceis que você ganhou na vida, meu chapa!

Ela se afastou dali, mancando um pouco, mas Webster saiu em seu encalço e acompanhou-lhe o passo.

— Agora que já acabou de se divertir, Dallas, podemos trocar umas palavrinhas?

— Preciso visitar uma pessoa, depois vou enjaular esses caras, interrogá-los e ainda tenho que preparar um relatório completo. — Ela suspirou. — O que você quer de mim agora, Webster?

— Pedir desculpas.

— Tudo bem. Desculpas aceitas. —Antes de ela conseguir escapar novamente, ele a segurou pelo braço. — Webster! — reagiu Eve.

— Só um instantinho. — Com toda cautela, ele se afastou um passo e enfiou as duas mãos nos bolsos. — Eu passei dos limites ontem à noite e sinto muito. Deixei você numa situação delicada. Estava revoltado comigo mesmo mais do que com você, e isso me serviu de desculpa para... Tudo bem, vou ser franco, droga. A verdade é que eu nunca superei o fim do nosso lance.

Se ele tivesse dado um chute na cara dela, Eve não ficaria tão chocada.

— O quê?! Do que você está falando? Que lance?

— Ai, essa doeu! Acho que agora é o meu ego que vai ficar mancando por duas semanas. Digamos que você me marcou. Não fiquei pensando sobre você a cada minuto do dia durante os últimos anos, mas às vezes acontecia isso. E quando você passou por aquele problema no inverno passado, lembra? Nós voltamos a nos encontrar e eu senti de novo os antigos sentimentos. O problema é meu, e não seu.

Ela analisou o que ouvira, pensou em algo interessante para dizer, mas sua mente deu um branco.

— Não sei o que se deve dizer em um momento desses.

— Nada. Só queria esclarecer as coisas e tirar você da minha cabeça. Roarke teve todo o direito de tentar quebrar meus dentes. — Como se estivesse conferindo, Webster passou a língua sobre eles. — Aliás, quase conseguiu. Tudo bem. — Deu de ombros. — Eu queria apenas esquecer tudo, se por você estiver tudo bem.

— Sim, vamos fazer isso, então. Agora eu preciso...

— Tem mais uma coisinha, já que estou dando uma faxina na consciência. Eu segui ordens quando falei com você sobre Kohli. Não me agradou fazer aquilo. Se que você participou de uma reunião na torre com o secretário de Segurança e Bayliss.

— Seu capitão é um babaca.

— Sim, ele é mesmo um babaca. — Ele sugou o ar com força. — Escute Dallas, entrei para a corregedoria porque desejava fazer um bom trabalho e acreditava que se deve manter a casa limpa de corrupção. Não vou entoar o velho refrão sobre abuso de poder, mas...

— Ótimo, porque eu conheço esse refrão de cor e salteado, e sei a letra completa da canção que fala do seu capitão.

— Sim. Mas eu não fui procurá-la em casa ontem por estar ligado em você não. Toda essa operação e a direção que ela tomou começaram a me incomodar. Bayliss me mandava ver tudo em perspectiva, em vez de me ligar nos detalhes, mas se não reparamos nos detalhes de que adianta o trabalho?

Ele olhou a ambulância que ia embora, devidamente escoltada.

— Eu estou encaixando alguns detalhes, Dallas — continuou ele — e está se formando um novo quadro. Sei que você vai sair à caça de um assassino e isso vai colocá-la frente a frente com Ricker.

— Agora que você descobriu? Conte-me algo que eu não saiba.

— Então tá... farei isso. — Ele a encarou. — Quero entrar no caso.

— Pode esquecer.

— Se você acha que não pode confiar em mim, está enganada. E se acha que eu vou tornar a deixá-la constrangida está enganada também.

— Não estou preocupada com os constrangimentos que você possa me trazer. De qualquer modo, mesmo que eu topasse deixar você entrar no caso, não tenho autoridade para isso.

— Você é a investigadora principal do caso e pode escolher a equipe.

Ela deu um passo para trás, enfiou os polegares nos bolsos da calça e o avaliou dos pés à cabeça, com ar de insulto.

— Quando foi a última vez em que você trabalhou nas ruas, Webster?

— Já faz um bom tempo, mas isso é como transar. A gente nunca esquece os movimentos básicos. Acabei de salvar o seu traseiro, não foi?

— Eu já estava me salvando sozinha, mas obrigada mesmo assim. Agora me diga por que diabos acha que eu lucraria em colocar você na minha equipe.

— Tenho informações. E posso conseguir mais. Talvez esta seja a minha última missão na Divisão de Assuntos Internos. Estou pensando em pedir transferência, talvez voltar para a Divisão de Homicídios ou para o Departamento

de Crimes Violentos. Sou um bom tira, Dallas. Nós já trabalhamos juntos antes e eu me saí bem. Você podia me dar uma chance. Preciso me redimir.

Havia um monte de motivos para recusar aquele pedido, mas outros para contrabalançar a idéia.

— Vou pensar no assunto — disse Eve.

— Para mim, já vale. Você sabe como me encontrar. — Ele foi saindo, mas de repente girou o corpo, deu dois passos de volta e sorriu para ela. — Não esqueça que vou dividir o pódio com você pela prisão desses idiotas.

Eve ficou ali, franzindo a testa enquanto Webster se afastava e analisou a proposta dele por todos os ângulos.

— Já terminamos tudo aqui, tenente. — Peabody, ardendo de curiosidade, veio chegando. — Os guardas vão levar o único agressor a se manter em pé para indiciação. Todas as armas foram confiscadas. O morto já está a caminho do necrotério e os outros devem estar chegando ao hospital, sob escolta. Peguei o nome e o endereço do garotinho. Quer que eu relate tudo à Secretaria de Apoio ao Menor, a fim de eles mandarem uma assistente para acompanhar as declarações dele à senhora?

— Não, espere um pouco. Vamos mandar outra policial fazer isso mais tarde. Já que a força máxima foi usada, acho que será mais limpo e mais fácil se não for eu a pessoa a interrogá-lo. Vou requisitar isso assim que eu voltar para a central e fizer meu relatório oral ao comandante Whitney, depois de conversar com a escória humana que está na cadeia. Vamos em frente agora. Precisamos fazer a visita para a qual viemos até aqui.

— Como está a sua perna?

— Ótima. — Como Peabody a examinava com atenção, Eve fez um esforço para não mancar.

— Foi uma tremenda sorte Webster estar por perto, não foi?

— Sim, pura sorte. Vamos mudar de assunto.

— A senhora é quem manda.

— Isso mesmo! Tente ter sempre isso cm mente — disse Eve, com leve irritação ao entrar na casa dos Kohli. — E nunca mais venha me importunar sobre receber assistência médica imediata, muito menos diante de uma platéia de policiais e civis boquiabertos.

M*as bem que funcionou,* pensou Peabody, mas era esperta o bastante para se manter calada.

Uma mulher que Eve não conhecia abriu a porta do apartamento dos Kohli.

— Sim?

— Sou a tenente Dallas, da polícia de Nova York. — Eve ergueu o distintivo à

altura dos olhos. — Gostaria de conversar com a Sra.

— Ela está indisposta.

— Desculpe vir perturbá-la em um momento tão difícil, mas sou encarregada do caso do marido dela e preciso fazer algumas perguntas à Sra. Kohli, para ajudar na minha investigação.

— Quem é, Carla?

Patsy Kohli veio até a porta dar uma olhada.

— Ah, é a senhora, tenente — reagiu com indignação ao escancarar a porta, enquanto a outra mulher tentava acalmá-la em voz baixa. — Como ousa aparecer aqui? Como tem a coragem de vir até o meu lar e me olhar cara a cara?

— Patsy, por favor! Você devia estar descansando. — Vá embora! — disse a mulher para Eve. — Por favor, vá embora!

— Não, não, eu quero que ela entre — afirmou Patsy. — Tenho umas verdades para jogar na cara dela.

Quando Eve entrou, o sargento Clooney veio lá de dentro e se juntou ao grupo reunido à porta.

— Patsy, você precisa se manter calma — alertou ele.

— Devo ficar calma quando for enterrar meu marido amanhã e esta mulher está tentando manchar o nome dele? Arruinar sua reputação? Destruir tudo o que ele trabalhou para construir?

Não havia lágrimas, mas fúria. Eve preferia desse jeito.

— Sra. Kohli, a senhora está enganada.

— Acha que eu não *ouvi* o que estão dizendo por aí? Acha que eu não sei? — Lançou um olhar de desdém para Eve, que se virou para Clooney. — Não, eu não soube de nada por intermédio dele. Pelo contrário, ele veio me dizer que a senhora está apenas cumprindo o seu dever. Mas eu sei muito bem o que anda fazendo.

— Patsy. — Clooney colocou uma das mãos nas costas da viúva e manteve a voz baixa e calma: — Você não deve assustar as crianças.

E havia um monte de crianças na casa, conforme Eve reparou. Eram dois bebês e mais um terceiro, um pouco maior, que circulava pela sala com pouca firmeza nas pernas. Isso a deixou nervosa. O menino que Peabody levara ao parquinho na visita anterior estava sentado no chão junto de uma menina mais ou menos da sua idade. Seus olhos estavam arregalados e ambos olhavam para ela.

Eve preferia os quatro homens armados dos quais acabara de se livrar.

— Carla. — Com ar controlado, Patsy virou-se para a mulher que Eve identificou como sua irmã. — Você poderia levar as crianças para o parque? Faria isso por mim?

— Não quero deixar você sozinha.

— Eu estou bem. Leve as crianças daqui. Estão trancados dentro de casa ha tanto tempo...

Eve permaneceu onde estava e observou com atenção o que lhe pareceu um circo caótico, mas muito bem ensaiado. Os bebês foram agasalhados e colocados em uma espécie de carrinho de compras, onde ficaram se remexendo de um lado para outro ao mesmo tempo em que davam socos no ar com seus punhos rechonchudos. O que já sabia andar, ou pelo menos se esforçava, tropeçou e caiu sobre o próprio traseiro acolchoado, riu muito alto de alguma coisa que só ele viu e logo um cordão de segurança já estava preso a ele, ligado a uma correia comprida e envolvendo-lhe a cintura e o peito.

As crianças mais velhas receberam a ordem de andar de mãos dadas. Houve um momento de confusão e desespero, até que a jaqueta do menino foi encontrada. O barulho alcançou um alarmante nível de decibéis, mas de repente baixou um silêncio abençoado no instante em que todo o agitado grupo saiu porta afora.

— Não vou convidá-la para sentar — avisou Patsy, com a voz dura —, nem vou lhe oferecer nada para beber. Meu marido era um homem bom. — Sua voz tremeu e quase desapareceu, mas ela continuou: — Ele era um homem honesto. Não faria nada que envergonhasse o seu nome, nem o meu ou o das crianças.

— Sei disso, Sra. Kohli — afirmou Eve, interrompendo o que já se transformava em ressentimento descontrolado. — Tudo o que eu descobri ao investigar a morte do seu marido confirma que ele era um policial íntegro.

— Então por que continua a espalhar mentiras cruéis a respeito dele? Como pode permitir que seus colegas acreditem que ele era corrupto e recebia dinheiro por fora?

— Patsy. — Antes mesmo de Eve conseguir falar, Clooney segurou a mulher pelo braço. — A tenente Dallas está apenas desempenhando as funções dela, do mesmo jeito que Taj desempenhava as dele. Venha se sentar um pouco.

— Quero respostas! — Mas ela assentiu e se deixou levar por Clooney, que foi com ela até uma poltrona. — Eu mereço respostas.

— Sim, senhora, é claro que merece. No momento, tudo o que eu descobri é que o detetive Kohli trabalhava sob disfarce, e parte do ardil exigia que ele passasse por um tira corrupto que recebia dinheiro sujo. Ele fazia parte de uma operação armada para desmantelar uma rede de corrupção no departamento. Sua morte, Sra. Kohli, na minha opinião, ocorreu no cumprimento do dever. É isso que aparecerá em meu relatório final.

— Não compreendo. — As lágrimas ameaçaram surgir quando ela baixou a cabeça e a colocou nas mãos. — Não compreendo nada dessas coisas.

— Não posso lhe explicar tudo com detalhes nesse momento, Sra. Kohli, mas

assegurolhe que pretendo achar o assassino do seu marido, e a senhora poderia me ajudar a fazer isso.

— Mas não sei como ajudar. Desculpe. Sente-se, tenente. Vou preparar um café.

— Não há necessidade...

— Tenho de prepará-lo, por favor. — Ela se levantou. — Preciso de um momento para pensar. Desculpe-me.

— Ela está agüentando tudo com bravura — murmurou Clooney, quando ela deixou a sala. — Bem demais, talvez. Imagino que seja pelas crianças. E agora isso...

— Isso o quê, Clooney? — Eve não se sentou e dedicou toda sua atenção a ele — O que você andou dizendo a ela?

— Que seu marido era um homem bom — reagiu ele. — E que a senhora está fazendo seu trabalho, tenente.

Ele parou, levantou a mão e levou algum tempo para se recompor, antes de continuar a falar:

— Escute, eu não sei onde foi que ela conseguiu a informação de que a senhora estava lançando lama no nome do marido. Ela não quer me contar. Só sei que me ligou faz algumas horas. Estava quase histérica.

O sargento pegou um caminhão pequeno que estava jogado sobre uma das almofadas do sofá e o revirou na mão.

— Crianças! — comentou ele, como se também precisasse se acalmar por um instante. — Nunca se sabe o que vamos encontrar ao sentar em um lugar onde há crianças por perto.

— O que ela queria de você, sargento?

— Apoio e consolo. O que os sobreviventes buscam depois que tudo acaba. Foi o que tentei lhe oferecer. Havia rumores no departamento nos últimos dois dias, mas eu não dei crédito a nada do que diziam. — Ele fez uma pausa. — Não a conheço, tenente, mas tento não prestar atenção a fofocas. De qualquer modo, minha função não é incitar vítimas contra ninguém, e estou tentando acalmá-la desde que cheguei aqui.

— Tudo bem. Por acaso você consegue imaginar um motivo para eu manchar o nome de um tira sério que eu nem mesmo conhecia?

— Não. — Clooney suspirou. — É exatamente isso que esto dizendo a ela o tempo todo, e a mim também. — Ele admitiu para si mesmo, embora não fosse o momento de reconhecer, que isso era também o que vinha dizendo à sua capitã. — O problema *é* que a senhora criou um gigantesco mal-estar na 128ª. DP, tenente. Isso não há como negar.

Patsy voltou com uma bandeja e a colocou sobre a mesinha.

— Taj iria gostar que eu fizesse exatamente isso — disse ela, baixinho. — Que eu cooperasse. Não sei de nada a respeito dessa... operação. Ele nunca me contou Só soube a respeito do dinheiro agora, além das outras contas que apareceram. Eu... eu achei que a senhora é que tinha colocado todo aquele dinheiro lá. Seu marido é muito rico. Fiquei furiosa.

— Agora nós duas estamos furiosas — reagiu Eve, sentando-se. — Não me agrada ser usada para trazer dor, sofrimento e acabar com a reputação do homem para quem eu jurei buscar justiça. Quem lhe disse que eu tinha colocado dinheiro naquelas contas?

— Ninguém me disse isso. Não com essas palavras. — Ela parecia novamente cansada e ficou sem graça. O calor da fúria desapareceu e a deixou vazia e confusa. — Acho que essa foi uma das coisas que as pessoas me falaram no auge da indignação. Taj tinha muitos amigos no esquadrão, eu nem sabia que tinha tantos. Eles têm sido muito gentis. A capitã dele voltou aqui pessoalmente para me assegurar que Taj teria um funeral de herói.

— A capitã Roth lhe disse que eu estava manchando o nome do seu marido?

— Não, não, pelo menos, não de forma direta. Disse-me apenas que não importa o que as pessoas falassem, eu deveria me orgulhar de Taj. Significou muito para mim ouvi-la dizer isso, frente a frente. Muita gente do esquadrão passou por aqui para prestar solidariedade e me oferecer ajuda no que pudesse.

— Mas alguém entrou em contato com a senhora hoje, não foi?

— Sim, mas ele estava apenas tentando ajudar. Queria que eu soubesse que todos os colegas de Taj o apoiavam incondicionalmente. A princípio eu não compreendi o que ele queria dizer com isso, mas então ele me aconselhou a não deixar a lama que o seu departamento jogou no nome de Taj me atingir. Disse que foi tudo uma armação. Chegou a mudar de assunto quando eu disse que não sabia do que ele falava, mas insisti e ele acabou me contando tudo.

— *Quem* lhe contou tudo?

— Não quero colocá-lo em apuros. — Ela apertou as mãos e pareceu se consumir de indecisão entre a quebra de confiança e a justiça para o marido. — Jerry Vernon. Detetive Vernon. Mas ele queria apenas me ajudar.

— Sei. Ele era amigo do seu marido?

— Não creio que ele fosse um amigo em especial. Taj não tinha muitas amizades entre os colegas. Havia pouca gente que vinha vez por outra jantar conosco, e algumas das esposas se encontravam de vez em quando.

— Ajudaria muito eu saber quem era os amigos mais chegados do seu marido.

— Ah, tudo bem. — Ela citou alguns nomes e pareceu relaxar um pouco à medida que falava.

— Você vai ferir meus sentimentos, Patsy — brincou Clooney ao se ver fora da lista.

— Claro que você é um bom amigo, Art. — Ela tomou a mão do sargento e pareceu usá-la como âncora.

— Taj era muito amigo do meu filho — explicou Clooney. — De vez em quando eles deixavam o velho aqui acompanhá-los, juntamente com outros rapazes, em uma cerveja. Basicamente, porém, Taj era um homem caseiro.

— Sra. Kohli, a senhora me disse que Taj ligou naquela noite e comentou que ia se encontrar com alguém depois da boate fechar.

— Sim, mas ele não me disse quem era, e eu também não perguntei. Acho que estava ficando farta das horas extras que ele fazia e do tempo que passava fora de casa. Cheguei a me mostrar irritada a princípio, mas ele me dobrou. Sempre conseguia me dobrar — disse ela, com um sorriso. — Prometeu que aquilo não continuaria por muito tempo e que ele estava quase alcançando o que buscava. Pensei que estivesse se referindo ao dinheiro extra para o novo apartamento que pretendíamos comprar. Depois disso me pediu para dar um beijo nas crianças por ele e despediu-se dizendo "Eu amo você, Patsy". Foram as suas últimas palavras para mim. Combina com ele o fato de falar comigo pela última vez dessa forma.

Capítulo Quinze

O agressor com jeito muito educado e que usava um sobretudo de boa qualidade atendia pelo nome de Elmore Riggs. Uma pesquisa rápida mostrou que esse era o seu nome verdadeiro. Ele tinha trinta e nove anos e nascera em Vancouver, no Canadá.

Houve uma pequena rixa entre as autoridades americanas e canadenses por conta de contrabando de explosivos entre os dois países, contravenção praticada por Riggs. Ele cumpriu pena em seu país antes de ser considerado reabilitado e conseguir transferência de residência para Nova York.

Morava em um local relativamente elegante e caro ao norte da cidade e exercia a profissão de consultor de segurança.

Um nome bonito para um assassino de aluguel, decidiu Eve. Armada com esses dados, ela seguiu rumo à sala de interrogatório para se encontrar com Feeney. Ambos pretendiam colocar Elmore Riggs nos trilhos.

Vernon apareceu diante dela assim que Eve alcançou o alto da passarela rolante.

— Você não está um pouco fora de sua jurisdição, detetive?

— Acha que consegue me assustar, tenente? — Ele deu um empurrão de leve em Eve, e isso fez com que vários policiais que circulavam por ali parassem de andar na mesma hora.

Eve acenou para eles com a mão esticada, para mantê-los afastados.

— Não sei, Jerry. Você me parece abalado.

— Todo mundo sabe que você está tentando mergulhar os tiras do meu esquadrão na lama. Você está servindo de esgoto para a Divisão de Assuntos Internos. Se acha que pode me enterrar nesse lodo como está fazendo com a imagem de Kohli e de Mills, está enganada. Já entrei em contato com um advogado do sindicato e ele vai voar em cima de você com tudo.

— Puxa, Vernon, agora você me apavorou. Vou ter de aturar um advogado sindical? — Ela estremeceu e quase sorriu.

— Você não vai se achar tão esperta assim quando levar um processo pela proa e eu começar a sangrar toda a grana do marido rico que você fisgou.

— Meu Deus, Peabody, um processo! Acho que vou desmaiar.

— Não se preocupe, tenente, que eu a amparo. — Peabody acompanhou o sarcasmo.

— Eles vão arrancar o seu distintivo, Dallas — rosnou Vernon, entre dentes — Aliás, como já aconteceu antes, só que dessa vez eles não vão devolvê-lo não.

Quando essa história acabar, você vai desejar nunca ter ouvido falar no meu nome.

— Pois estamos longe de acabar e eu já desejo isso, Jerry. — Ela sorriu para ele. — Peguei você pelo pé e, quando Ricker souber disso, quando começar a se preocupar por eu estar rastreando aquelas contas numeradas que você abriu, vai ficar muito zangado com você. Acho que o seu advogado sindical não vai poder ajudá-lo nem um pouco quando isso acontecer.

— Você não tem nada contra mim, está só tentando me assustar. Já saquei que você quer o comando da 128ª. DP. Está criando um mar de lama para Rotl levar um chute na bunda e você assumir o cargo dela, toda cheia de pose. Aliás, ela também pensa exatamente assim.

— Puxa, não esqueça de colocar tudo isso no processo. Explique a eles como eu escolhi o seu nome por sorteio e decidi dedicar minha vida a destruir você e o seu esquadrão só para poder ganhar um gabinete. Talvez essa história cole.

Ela chegou mais perto dele com os olhos soltando fagulhas e continuou:

— Só que é melhor você começar a proteger o seu traseiro, Jerry. A grana que você anda embolsando não vai ajudar muito, já que vou solicitar o congelamento de todas as contas. Enquanto estiver resolvendo esse problema, lembre-se de que eu sou a única nessa história toda que tem um leve interesse em manter você respirando. Enquanto estou atacando de frente, Ricker está vindo pelas suas costas. E existe um assassino de tiras à solta eliminando os que são corruptos. Você nem vai saber de onde veio o golpe fatal.

— Isso é papo furado.

Ele cerrou os punhos e ela ergueu o queixo.

— Eu não faria isso, se fosse você — disse ela, com suavidade na voz. — Mas, se quiser, vá em frente.

— Vou acabar com você! — Ele deu um passo atrás e abaixou os braços, colocando-os ao lado do corpo. — Você está acabada! — Ele a empurrou para o lado e entrou na passarela rolante que descia.

— Acabada não, mas quase acabando — murmurou Eve. — Vamos colocar alguns homens na cola dele, Peabody. Não quero que ele suma do mapa. — Eve flexionou os ombros com força. — Sabe qual é a minha vontade, nesse instante?

— Chutar o traseiro de alguém com toda a força, senhora?

— Isso mesmo, e já sei de quem. Vamos fazer Riggs suar um pouco.

— A senhora está mancando.

— Não estou não. E cale a boca.

Ela seguiu mancando, revoltada, até a sala de interrogatório A, onde Feeney já estava à sua espera, comendo amêndoas cobertas de açúcar.

— Por que demorou? — quis saber ele.

— Fiquei de papo, trocando beijinhos com um amigo muito querido. Riggs já convocou o advogado?

— Não, mas fez a ligação à qual tinha direito por lei. Pediu para falar com sua esposa. Quer saber de uma coisa? O sujeito é fino e educadíssimo. Um cara legal e de comportamento esmerado esse nosso rapaz.

— Ele é canadense.

— Ah. Isso explica tudo.

Eles entraram na sala onde Riggs estava, sentado em uma cadeira terrivelmente desconfortável.

— Boa-tarde, sr. Riggs — cumprimentou Eve, aproximando-se da mesa.

— Tenente! É um prazer revê-la. — Ele olhou para a perna da calça de Eve, quase em farrapos. — Uma pena o que aconteceu à sua calça. Ela lhe cai muito bem.

— Sim, eu também fiquei arrasada. Ligar gravador! — Ela leu as obrigações e direitos dele enquanto se sentava. — Nada de advogados, Riggs?

— No momento, não. De qualquer modo, obrigado por perguntar.

— Então você afirma que compreendeu todos os seus direitos e deveres com relação a esta entrevista?

— Perfeitamente. Antes de mais nada, deixe-me dizer que estou cheio de remorsos pelos resultados de minhas ações.

E*sperto,* pensou Eve. *Esse aí não é um boçal.*

— Está mesmo?

— Asseguro-lhe que sim. Arrependo-me muito do que aconteceu na manhã de hoje. Minha intenção nunca foi, é claro, provocar danos nem ferir ninguém. Percebo agora o quanto fui descuidado e tolo ao abordar a senhora daquela forma. Gostaria de lhe pedir desculpas.

— Puxa, que atitude legal a sua. Mas como é que foi acontecer esse incidente? Você, um cara fino, passeando por acaso em uma rua de Nova York, portando armas proibidas por lei e com a intenção de seqüestrar ou agredir uma oficial da polícia?

— Fui influenciado por más companhias — explicou ele, com um sorriso envolvente. — Por outro lado, não tenho desculpas para a posse de armas ilegais. Diria apenas que na minha área de atuação consultor de segurança, muitas vezes faz parte da rotina profissional entrar em rota de colisão com elementos criminosos e acabar recolhendo armas ilegais. Naturalmente, conforme eu percebo agora, deveria ter entregado essas armas às autoridades competentes.

— E onde conseguiu essas armas?

— Com o homem que a senhora matou. A propósito, fui contratado por ele,

entende? Faz poucas horas. No início da manhã.

— O cara morto contratou você?

— Sim. Eu não fazia idéia, é claro, que a senhora era uma oficial da polícia ao aceitar tal trabalho. Fui informado que a caríssima era uma mulher muito perigosa que ameaçara provocar danos físicos a ele e à sua família. Obviamente fui enganado e o meu erro foi ter acreditado nessa história sem investigá-la e sem questionar a procedência das armas envolvidas. Foi um mortal erro de julgamento de minha parte.

— Se você não sabia que eu era uma policial, por que me chamou de tenente ao se dirigir a mim?

— Não me recordo de ter feito isso.

— Muito bem. Então você simplesmente aceitou o serviço. Qual o nome do cara que contratou você?

— Haggerty. Clarence Haggerty. Pelo menos foi esse o nome que ele me informou. Imagine o meu choque ao perceber que o verdadeiro propósito da operação não era, como me foi dito, assustar, através da exibição de força, uma mulher que ameaçava a sua família.

— Estou tentando imaginar a sua aflição — disse Eve, com toda a calma. — Mas saiba que agarrar um menino inocente que passava pela calçada e encostar uma arma de atordoar em um lugar que poderia lhe provocar paralisia permanente ou matá-lo foi um jeito muito bom de me deixar apavorada.

— Tudo aconteceu tão depressa. Fiquei muito chocado quando ele agarrou o menino. Receio que a minha reação tenha sido lenta demais. Obviamente Haggerty, ou seja lá qual for o seu verdadeiro nome, não era o homem que eu supunha ser. Qualquer um que tem o sangue-frio de ameaçar a vida de uma criança daquela maneira é...

Ele parou de falar e balançou a cabeça para os lados, com tristeza.

— Fico feliz por ter conseguido matá-lo, tenente. — Ele sorriu novamente. — Não conseguiria expressar por completo a minha satisfação.

— Sim, você deve estar valsando de felicidade por ele ter morrido. — Eve se inclinou. — Você acha mesmo que essa sua versão ridícula vai convencer alguém, Riggs?

— Por que não convenceria? Se me for exigida qualquer documentação que confirme a contratação dos meus serviços para a manhã de hoje, por parte do sr. Haggerty, terei todo o prazer em fornecê-la. Guardo tudo com muito cuidado.

— Aposto que sim.

— Isso, é claro, não retira dos meus ombros a responsabilidade pelo que aconteceu. Certamente eu perderei minha licença para trabalhar na área de

consultoria em segurança. Sei também que enfrentarei algum tempo atrás das grades, ou, no mínimo, um período de prisão domiciliar. Estou pronto a aceitar a minha punição conforme a lei determinar.

— Você trabalha para Max Ricker.

— Receio que esse nome não me seja familiar. Se algum sr. Ricker me contratou como consultor em algum momento do passado, deve estar tudo em meus arquivos. Ficarei feliz em assinar uma declaração autorizando-a a vasculhar todos os meus registros, tenente.

— Você vai encarar vinte e cinco anos vendo o sol nascer quadrado, Riggs. No mínimo.

— Espero que o tribunal que me julgar não seja tão severo assim, pois eu realmente não fazia idéia das verdadeiras intenções da operação ao ser contratado. E certamente não pretendia ferir aquele jovem. Fui ludibriado. — Levantou as mãos, mas seu rosto continuava sereno. — Mesmo assim, estou preparado para pagar pelos crimes que me forem imputados.

— Pelo menos, é melhor do que acabar como Lewis.

— Como disse? A senhora parece acreditar que eu conheça algum Lewis.

— É um cara que virou comida de minhoca, e nós dois sabemos que Ricker talvez apague você também, só por garantia.

— Não compreendo o que a senhora está dizendo, tenente. Sinto muito.

— Então vamos repetir tudo, para ver se você entende melhor.

Eve trabalhou com ele por mais de uma hora. Trocou de lugar com Feeney, a fim de fazer Riggs perder o ritmo. Depois endureceu o jogo e, no fim, tornou a suavizar.

Riggs não exibiu uma gota de suor nem mudou uma única vírgula da história. Aquilo, pensou Eve, era como interrogar um andróide programado de forma perfeita.

— Levem-no daqui — ordenou Eve, irritada, e saiu da sala de interrogatório a passos largos.

— Esse cara não vai entregar o jogo — sentenciou Eve quando Feeney se encontrou com ela do lado de fora da sala. — Ricker mandou gente com cérebro dessa vez. Só que Riggs não estava totalmente no controle da operação. Ele não esperava que aquele verme agarrasse o garoto. Portanto, apesar de ele ser inteligente, talvez não se possa dizer o mesmo dos outros. Quero que você redobre a vigilância sobre os dois que estão no hospital, e, por favor, me consiga uma atualização das condições clínicas deles.

— Se Riggs conseguir um bom advogado, mantiver os depoimentos nessa linha e não fugir do figurino, ele não pega nem cinco anos de cadeia.

— Eu sei disso, e ele também. O filho-da-mãe deve estar adorando. Vamos interrogar os dois imbecis que estão no hospital para tentar equilibrar as coisas.

— Deixe que eu resolvo isso. Não precisamos investigar isso em segredo. Então eu vou trabalhar um pouco a partir da minha sala.

— Certo, Feeney. Vou fazer o relatório de tudo e depois sigo para casa. Tenho umas pesquisas a fazer por lá.

Quando Eve acabou, já passara muito do fim do turno. Ela liberou Peabody e desceu para a garagem. Sua perna doía, o que a deixava irritada. Sua cabeça também incomodava, latejando um pouco, mas isso era o de menos.

Ao chegar ao nível em que estacionara, porém, e ver as condições em que haviam deixado o seu carro, sentiu vontade de cuspir marimbondos.

— Droga! Droga!

Ela conseguira aquela máquina nova — um carro bom de verdade — havia menos de oito meses. O veículo era feio, já fora quase destruído uma vez e devidamente consertado, mas ela se acostumara com ele e o mantinha em bom estado.

Agora o capô, o porta-malas e as portas dos dois lados tinham sido amassados, os pneus, furados, e o vidro traseiro parecia ter sido atacado por armas a laser.

E tudo isso, pensou, em uma garagem da polícia cheia de câmeras de segurança.

— Uau! — exclamou Baxter, que chegava nesse instante. — Ouvi dizer que hoje à tarde houve alguns problemas com você, mas ninguém me disse que você tinha acabado com o carro. O pessoal da manutenção não vai ficar nem um pouco feliz ao saber disso.

— Eu não "acabei" com o carro. Como é que pode alguém ter entrado aqui na garagem da polícia e ter conseguido amassar o meu carro desse jeito? — Eve deu um passo em direção à viatura destroçada, mas Baxter a agarrou pelo braço.

— Mantenha distância e chame o esquadrão antibomba, Dallas. Parece que o seu inimigo é muito nervosinho e pode ter colocado uma surpresa aí dentro.

— Tem razão. Puxa, pode ser mesmo. E se ele explodir, nunca mais vão querer me dar outro carro. Eles me odeiam no Departamento de Requisições.

Não havia bomba no carro e Eve conseguiu que lhe instalassem quatro pneus novos, mas só porque foi Baxter quem ligou para a Manutenção e pediu com

jeitinho. Enquanto os pneus eram trocados e dois sujeitos com cara de poucos amigos tentavam desempenar as portas para elas poderem, pelo menos, fechar e abrir, Eve foi até a central de segurança da garagem.

Aconteceu uma queda no sistema eletrônico e nada fora gravado.

— O que eles disseram? — quis saber Baxter, quando ela voltou.

— Um bug. Quinze minutos de apagão no sistema de monitoração eletrônica. Eles não têm áudio nem vídeo desse período. Aconteceu apenas nesse andar. E eles nem repararam. — Os olhos dela se fecharam de raiva até virarem fendas estreitas. — Garanto que da próxima vez eles vão ficar mais ligados. Você não precisa me esperar, Baxter.

— Esse jogo pode ser seu, Dallas, mas todos nós somos donos da bola. Você deve cuidar dessa perna. Está mancando.

— Não estou não! — Ela expirou com força e abriu a porta do carro com raiva. — Obrigada.

— Não ganho nem ao menos um beijinho de despedida?

— Claro que ganha, querido. Venha até aqui.

— Eu não! — Ele riu e se afastou. — Você vai me dar um soco na cara.

— Vou mesmo.

— Escute, Dallas, estou indo para a parte norte da cidade comentou ele, de forma casual, a caminho do carro. — Posso ir escoltando você.

Ele não a enganou nem por um instante.

— Não preciso de babá, Baxter.

— Mas eu estou indo mesmo para perto de sua casa — repetiu ele, entrando no carro.

Eve tentou demonstrar irritação, mas não conseguiu. Durante todo o percurso para casa ela permaneceu ligada, verificando se estava sendo seguida e alerta para possíveis emboscadas. A não ser pelos ruídos estranhos que o carro fazia sempre que ela passava de cinqüenta por hora e barulhos de coisas soltas sempre que ela virava à esquerda, a viagem transcorreu sem novidades.

Ela acenou para Baxter ao chegar diante dos portões de sua casa e pensou em atacar o bar de Roarke, surrupiar uma garrafa de uísque escocês legítimo e enviar ao colega, em agradecimento pela sua gentileza.

Ela mesma precisava de um drinque, pensou, enquanto subia a escada da frente. Um cálice de vinho gelado e talvez um mergulho na piscina, para relaxar.

De repente sentiu que aquela ia ser uma longa noite.

— Suponho — disse Summerset, enquanto o gato passava por entre suas pernas e ia saudar Eve — que a senhora se envolveu em alguma espécie de acidente com seu veículo.

— Suposição errada. Meu carro é que se envolveu em uma espécie de acidente sozinho. — Ela se curvou, pegou Galahad no colo e encontrou algum conforto ao passar o rosto sobre os pêlos do animal. — Onde está Roarke?

— Ainda não chegou do trabalho. Se a senhora consultasse a sua agenda diária, saberia que ele não é esperado em casa senão daqui a uma hora. A propósito, devo avisá-la de que suas calças estão arruinadas, madame.

— Sim, todo mundo já me alertou sobre isso. — Ela pousou o gato no chão, tirou a jaqueta de couro e a colocou sobre o pilar do primeiro degrau da escada. Passou direto pelo mordomo e desceu Para a piscina.

— A senhora está mancando.

Eve o ignorou e foi em frente, mas não resistiu ao ímpeto de soltar um grito de raiva.

O mergulho e algumas braçadas ajudaram. Quando se viu sozinha e completamente nua, deu uma boa olhada no ferimento da perna. O paramédico fizera um belo trabalho, ela teve de admitir. A cicatrização estava correndo muito bem, embora a dor fosse de lascar.

Havia alguns arranhões e marcas roxas combinando com o ferimento. Alguns deles, lembrou ela, se deviam à rodada de sexo selvagem que ela curtira com Roarke. Olhando por esse ângulo, os cortes não pareciam tão feios. Sentindo-se melhor, ela vestiu um roupão e, para dar um alívio ao joelho, subiu para o quarto de elevador.

Ao sair, quase esbarrou em Roarke, que estava entrando.

— Olá, tenente. Ia descer nesse instante para me juntar a você e dar umas braçadas.

— Acabei de dar um mergulho rápido, mas posso voltar e ficar sentada apreciando o seu estilo na piscina. Se você estiver pelado.

— Podemos fazer isso mais tarde, então, de preferência juntos. — Ele a conduziu até o quarto. — O que houve com o seu carro?

— Não tenho como provar, mas acho que foi trabalho de Ricker. O pobrezinho já estava daquele jeito quando fui buscá-lo, na garagem da central. Acho que eu e Ricker continuamos pisando nos calos um do outro. — Ela foi em direção ao closet.

— Por que está mancando?

Eve revirou os olhos, mas resistiu à tentação de bater com a própria cabeça na parede.

— Machuquei o joelho. Escute, eu quero me vestir e tomar um drinque

Depois eu lhe conto tudo. — Ela começou a tirar o roupão, mas lembrou das feridas e marcas roxas. — Tive uns probleminhas hoje e caí e rolei no meio da rua. Fiquei com uns arranhões, mas não precisa se assustar.

— Tudo bem, vou tentar manter a sanidade. — Sua única reação quando ela se despiu foi um suspiro. — Quantas cores na sua pele, querida! Deite-se aqui!

— Não.

— Eve, deite-se aqui, senão eu vou ser obrigado a nocautear você. Vou tratar dos seus machucados e tudo ficará bem.

Ela pegou uma blusa.

— Escute aqui, valentão, eu perdi uma excelente oportunidade de chutar um traseiro hoje, mas posso fazer de você o meu alvo substituto. — Quando o viu se aproximar, porém, largou a blusa de lado. — Tudo bem, tudo bem. Não estou a fim de brigar, mas, antes de você brincar de médico, eu quero um drinque.

Ela foi andando meio trôpega até a cama, atirou-se nela, de bruços, e ordenou a Roarke, em um tom de voz que sabia que o deixaria revoltado:

— Quero vinho! Branco e bem gelado!

— Estamos aqui para atendê-la. — Ele serviu uma taça, dissolveu um analgésico forte na bebida, mesmo sabendo que isso iria irritá-la quando descobrisse. Pegou alguns itens para usar nos ferimentos dela, colocou-os sobre a mesinha e a virou de barriga para cima. — Sentese e nada de choramingos.

— Eu não choramingo — protestou ela.

— Apenas raramente, é verdade — concordou ele. — Mas quando resolve fazê-lo compensa a falta de choro com o exagero.

Ela pegou a taça enquanto ele passava uma haste de acelerar a cicatrização por sobre as feridas mais profundas.

— Por que não engatinha para cima da cama e vem ficar juntinho de mim, doutor?

— Pretendo fazer isso, daqui a pouco. Você acha que estou trabalhando de graça?

Ela já tomara mais da metade da taça antes de sentir os efeitos.

— O que você colocou aqui dentro? — quis saber ela. — Você colocou um analgésico no vinho? — Quando ela se preparava para pousar o vinho na mesinha, ele o pegou com rapidez, puxou a cabeça dela para trás, agarrando-a pelos cabelos, e enfiou o resto por sua garganta abaixo.

Ela engasgou, tossiu e cuspiu.

— *Odeio* quando você faz isso.

— Sim, eu sei, mas eu adoro. Vire-se de barriga para baixo.

— Não encoste em mim!

— Querida, isso é exatamente o que pretendo fazer, assim que você estiver de bruços.

Ela teve de rir. Girou o corpo e se forçou a admitir, ainda que para si mesma, que a dor já começava a ceder. Melhorou ainda mais ao sentir, entre suspiros, que a boca maravilhosa de seu marido passeava lentamente sobre suas nádegas.

— Siga em frente — incentivou ela.

— Depois. Quero que essas feridas melhorem mais um pouco.

— Eu estou bem.

— Quero fazer amor com você, Eve. — Ele a virou novamente de barriga para cima, com muito carinho, e se inclinou sobre ela. — Será lento, completo e vamos levar muito tempo. Quero que você se sinta mais do que simplesmente "bem" quando terminarmos.

— Só de pensar eu já começo a me sentir melhor. — Ela esticou o braço, mas ele pegou as mãos dela e as prendeu sobre a cabeça.

— Conte-me o que aconteceu.

— Bem, já que você não quer me agarrar, eu vou levantar e me vestir.

— Coloque o roupão novamente. Ele o estendeu para ela. — Ficará mais confortável com algo bem leve, e eu vou ter menos trabalho para despi-la depois.

Como era difícil argumentar com a lógica dele, Eve tornou a vestir o roupão e foi até o AutoChef.

— Quer alguma coisa para comer?

— O que você escolher eu aceito.

Ela programou massa para dois, com muito molho. Sentou-se ao lado dele e começou a forrar o estômago, a fim de enfrentar a longa noite que teria pela frente. Contou-lhe tudo o que lhe acontecera durante o dia.

Ele ouviu com atenção, e o fato de não fazer nenhum comentário durante o relato fez com que os nervos dela se retesassem na base do crânio. Mesmo quando a massa delicada começou a ficar com gosto de pasta de dentes, devido à tensão, ela continuou comendo.

— Há alguns ângulos que eu quero explorar, e receber apoio do secretário de Segurança me tirou um peso enorme dos ombros. Acho que me fez bem assistir às escovadas que Tibble deu em Bayliss. Ele não teve pena e eu achei isso admirável.

— Eve.

Ela levantou a cabeça e notou os olhos dele, azuis e frios como o oceano congelado. Achou estranho que enfrentar quatro homens fortemente armados, horas antes, lhe tivesse provocado apenas uma descarga de adrenalina no sangue, enquanto um único olhar de Roarke era muito mais potente.

— Ricker já a atacou três vezes. Apesar de você desaprovar e tentar me

impedir, vou lidar com ele a meu modo.

— Foram só duas vezes — corrigiu ela. — A terceira foi contra o meu carro, e eu ganhei os três confrontos. De qualquer modo — continuou ela —, eu sabia qual seria a sua reação, mas devo lembrar-lhe que, considerando o meu trabalho, eu já passei por isso antes e vou tornar a passar. O problema pessoal que existe entre vocês dois não deve entrar nessa história.

— Aí é que você se engana. — A voz dele estava terrivelmente calma.

— Já que você não concorda, quero que trabalhe comigo neste caso.

Eve conseguia sentir a fúria represada dentro dele.

— Você acha que consegue me aplacar, Eve?

— Não, claro que não. Pare de olhar para mim desse jeito. — Ela largou o garfo. — Gostaria de contar com a sua ajuda, Roarke. Pedi por ela antes mesmo de saber o que aconteceria hoje, não pedi? A única mudança foi que ele mandou outro grupo de idiotas para me pegar e quem os pegou fui eu. Ele deve estar muito puto com isso. Se nós dois o atacarmos a partir do mesmo ângulo, trabalhando juntos, poderemos conseguir o que queremos, e ao mesmo tempo.

Ela parou de falar, mas logo continuou:

— Bem... Na verdade *você* não vai conseguir exatamente o que quer, que, pelo que sei, seria comer o fígado de Ricker depois de tê-lo grelhado em fogo brando. De qualquer jeito, podemos chegar tão perto disso quanto a lei nos permite.

— A lei é o *seu* parâmetro, não o meu.

— Roarke. — Ela colocou a mão sobre a dele. — Eu consigo agarrá-lo sem a sua ajuda, mas a história não terminaria tão depressa e certamente seria muito menos prazerosa. Você, por sua vez, também conseguiria pegá-lo sem precisar de mim. Para você, talvez fosse rápido e talvez até mais satisfatório, mas pense nisso: você não se sentiria muito mais gratificado ao saber que ele levava uma vida longa e miserável na cadeia em vez de simplesmente ter sido apagado?

Ele avaliou as opções.

— Não.

— Você é assustador, Roarke. Muito assustador.

— Mas aceito trabalhar com você neste caso, tenente. E vou tentar, à medida que as coisas forem acontecendo, me conformar com o esquema. Farei isso por você e, pode acreditar, isso me custará mais do que eu consigo expressar.

— Sei disso. Obrigada.

— Não me agradeça até tudo estar resolvido. Porque se a coisa não funcionar do seu jeito vou resolvê-la do meu modo. O que você precisa de mim?

Eve soprou com força.

— Primeiro eu preciso saber o porquê de a Divisão de Assuntos Internos te

mandado Kohli trabalhar na boate Purgatório, o que rola naquela boate e quem eles queriam pegar. Bayliss mencionou algo sobre a ligação entre você e Ricker, mas você mesmo garantiu que os negócios que tinha com ele foram encerrados há mais de dez anos.

— Exato, eu encerrei a sociedade com ele e carreguei algumas das fatias mais lucrativas do negócio comigo. Desde então, eu as repassei ou ajustei, para mantê-las dentro da lei. Quanto à Purgatório, ele não tem ligação com ela, embora tivesse, no passado. Eu comprei a boate dele há cinco anos. Ou, devo dizer — acrescentou, quando o queixo dela caiu —, meus advogados a compraram dos advogados dele.

— Quer dizer que ele era o antigo dono do lugar? E você não me contou?

— Tenente, devo lembrá-la de que você não perguntou.

— Por Deus, Roarke — lamentou-se ela, erguendo-se de um salto e pondo-se a andar de um lado para outro enquanto pensava.

— Quando Kohli foi morto, eu não pensei nisso, não vi ligação nem achei que fosse relevante. A casa noturna me pertence há vários anos. Foi totalmente reconstruída, remodelada e tem funcionários novos.

— Se Ricker a usava como fachada para atividades ilegais, pode ser que alguns dos seus homens ainda a freqüentem, para negócios.

— Nunca soube disso. Se houve contatos ali, eles foram para transações sem importância.

— Um tira morreu lá. Isso tem importância.

— Concordo.

— Por que Ricker vendeu a boate?

— Minhas pesquisas, na época, indicaram que o local estava ficando muito manjado. Ricker muitas vezes se desfaz de pontos comerciais e vende imóveis quando eles já deram tudo o que tinham que dar. Isso é comum no ramo de negócios.

— Mas, se ele tem tanto ódio de você, por que lhe vendeu a boate?

— Ele não sabia que eu era o comprador, até assinarmos o contrato. Imagino que isso o tenha incomodado, mas o negócio já estava fechado. — Roarke se recostou na cadeira e pôsse a pensar. — Provavelmente ele espalhou a notícia de que rolava alguma coisa ilegal por lá ou plantou alguns dos seus homens para agitar isso. Talvez seu plano fosse o de me atacar dessa forma. Esperou até a boate reabrir, firmar-se e funcionar às mil maravilhas para então acabar com a boa fama do lugar. Ele é paciente. Alguns anos passam depressa para uma vingança dessas.

— E com as ligações que tinha lá dentro, foi fácil plantar esses boatos na polícia. A Divisão de Assuntos Internos mordeu a isca, começou a investigar e colocou Kohli trabalhando lá. Faz sentido. E cada vez mais está me parecendo que

o pobre sujeito morreu à toa.

— Você vai consertar as coisas. — Roarke se levantou.

— É. Vou consertar. Quero pesquisar alguns dados. Aliás, são dados aos quais eu nem deveria ter acesso, e ninguém pode descobrir que ando vasculhando-os.

— Tenente, com relação a isso, acho que posso ajudá-la. — Ele exibiu um sorriso.

Na sala esplendidamente iluminada de sua imensa propriedade em Connecticut, Max Ricker massacrava com violência o rosto de uma andróide de serviço doméstico chamada Marta.

Ela nunca mais seria a mesma.

Canarde, como era esperto, manteve-se longe do patrão durante esse ataque de fúria. Ele já presenciara isso antes, e nem sempre era um andróide que Ricker destruía em suas crises de raiva.

Por algum tempo, os únicos sons que se fizeram ouvir na sala foram a respiração muito ofegante de Ricker e o perturbador ruído de metal e plástico sendo destruídos. Canarde certamente já vira tudo isso várias vezes, mas tais momentos de total descontrole ficavam mais freqüentes a cada dia.

Refletiu que talvez estivesse próxima a hora de colocar em ação o seu plano de fuga meticulosamente preparado e passar o resto dos seus dias na paz e na elegância da casa que adquirira, sob nome falso, na Colônia Espacial Paradise.

Por enquanto, porém, ele ainda tinha confiança de poder amansar a tempestade.

— Uma mulher! Uma mulher sozinha e eles não conseguiram abatê-la? Não conseguiram *lidar* com ela? Pois bem, eu lhe garanto que *eu* vou lidar com *eles*.

Ele chutou longe o que sobrara da cabeça de Marta. Havia um cheiro de queimado no ar, resultado dos circuitos destruídos. Mais calmo, como sempre se sentia depois de um... desabafo, Ricker caminhou até o bar, encheu um cálice com seu drinque cor-de-rosa favorito: rum adocicado com uma dose pesada de barbitúricos.

— Um morto, você disse? — Sua voz parecia mais calma agora e seu olhar igualmente plácido se focou em Canarde. Seu tom de voz tinha a naturalidade de quem pergunta "Teremos dois para jantar?".

— Sim, apenas um morto. Yawly, que vacilou e dançou. Inns e Murdock estão feridos, no hospital. Riggs foi preso e fichado, mas, conforme instruído, contou uma linda história e vai se manter fiel a ela. É um homem inteligente.

— É um tolo, como os outros. Quero todos eliminados.

Preparado para essa hipótese, Canarde deu um passo à frente.

—Talvez seja prudente eliminar Inns e Murdock. Acredito, porém, que se você mandar matar Riggs mesmo depois de ele ter provado sua lealdade vai danificar seriamente o moral da sua organização.

Ricker tomou um gole, bem devagar, e seus olhos prateados deslizaram lentamente na direção dos do advogado.

— Acho que o que menos me preocupa nesse momento, Canarde, é o moral dos meus empregados.

— Pois não devia pensar assim — reagiu Canarde, sabendo o risco que corria — Ao demonstrar boa vontade e até mesmo complacência para com um empregado em apuros, do mesmo modo que no caso da força exibida contra a deslealdade de Lewis, você envia uma mensagem muito clara para os que trabalham em sua organização. Além disso — acrescentou —, você poderá lidar com Riggs depois de algum tempo, se desejar.

Ricker continuou a beber e foi se acalmando.

— Você tem razão. É claro que tem razão. — Seu sorriso foi breve, mas tinha um brilho aterrador. — Obrigado, Canarde Receio que essa tira irritante tenha influenciado o meu julgamento. Há coisas pelas quais vale a pena esperar.

Ele pensou em Roarke. No caso dele, houve uma espera. Longa, por sinal. No fim, ele encontrara o momento e o lugar certos para atacar.

O problema é que era mais difícil de esperar e ver as coisas com clareza quando praticamente dava para sentir o gosto de sangue.

— Canarde, assegure ao sr. Riggs que a sua lealdade é muito apreciada e será devidamente recompensada.

Ele foi até as portas de vidro que iam do chão ao teto e olhou por um instante para os destroços da andróide espalhados pelo chão. Por alguns segundos sua mente se mostrou vazia, e em seguida pareceu intrigado com alguma coisa. Por fim, afastando os pensamentos, abriu as portas e foi para o pátio que dava para os jardins da propriedade.

— Levei uma vida construindo tudo o que eu tenho e um dia passarei para o meu filho. Um homem deve deixar um legado para o futuro. — Ele quase sussurrava agora e seu tom era de devaneio. — Mas tenho alguns objetivos antes desse momento chegar. Um deles, que pretendo alcançar em breve, é destruir Roarke. Quero tê-lo de joelhos diante de mim e vou conseguir isso, Canarde, pode ter certeza.

Tomando mais um pouco do seu drinque cintilante, olhou para os campos ao longe, mostrando-se muito satisfeito e ainda cheio de energia.

— Vou conseguir isso — repetiu —, e a tira dele vai estar lá me implorando

por misericórdia.

Capítulo Dezesseis

No aposento lacrado onde ficava o escritório particular de Roarke, o equipamento era topo de linha, muito caro e sem registro. Os olhos poderosos do CompuGuard, o sistema de monitoramento eletrônico do governo, eram completamente cegos para ele. Nenhum sinal gerado ou pesquisa feita a partir dali poderia ser detectado por sistemas externos.

Por outro lado, nas mãos de um homem com os talentos de Roarke, nenhum dado conseguia ficar oculto.

Apesar de apenas Eve e Summerset, além de Roarke, terem acesso a esse cômodo secreto, e embora a finalidade do lugar fosse apenas tratar de negócios, a sala era charmosa, dotada de generosas janelas, protegidas por telas de privacidade, e tinha um lindo piso de lajotões.

Eve sempre achou que o painel de controles em forma de U a fazia lembrar a ponte de comando de uma espaçonave bem projetada. E quando Roarke se colocava atrás dos controles parecia o próprio capitão.

Ali Eve podia descumprir as regras. Ou deixar Roarke descumpri-las para ela.

— Primeiro a capitã Roth — começou Eve. — Quero confirmar a história do marido sugar o seu pé-de-meia, planejado para a aposentadoria, e gastar tudo com "a outra". O nome dela é Eileen Roth. Seu endereço é...

— Não precisa informar.

Ele curtia trabalhos desse tipo quase tanto quanto os olhares de irritação que Eve lhe lançava quando ele circulava livremente pelos muros e obstáculos que nem mesmo os cérebros mais bem-dotados da Divisão de Detecção Eletrônica conseguiam ultrapassar. Ele jogou os dados em um telão em vez de mandar o computador lê-los em voz alta.

— Esse pé-de-meia não é grande coisa — comentou ele —, mas me parece suficiente para garantir uma vida boa para o marido e "a outra". Ele é um escritor desempregado. Certas mulheres se sentem atraídas por artistas atormentados, sujeitos muito pálidos com jeito de Byron ou outro desses poetas clássicos.

— É mesmo? — perguntou Eve, em um tom mais seco que pó.

— Com certeza! Tenho experiência de vida e vejo que ela não foi a primeira a cair na rede dele — acrescentou, jogando mais dados em outro telão. — Ele já passou por dois casamentos e morou com mais três mulheres. Sempre repete esse padrão de raspar a poupança de suas parceiras pouco antes de cair fora.

— Era de supor que ela fosse esperta o bastante para não cair nesse tipo de golpe. Puxa vida, ela é uma policial!

— O amor é cego — explicou Roarke.

— *Aqui* que é cego! — reagiu Eve, com um gesto obsceno. — Eu consigo sacar tudo sobre você, não consigo?

O sorriso dele foi curto e lindo.

— Ora, tenente, assim meu coração dispara de emoção. — Ele a pegou pela mão e beijoulhe os nós dos dedos com ardor.

Era bom, pensou ele, os dois estarem novamente se entendendo.

— Ela fez dois pagamentos a um tal de Lucius Breck — reparou Eve. — Três mil dólares de cada vez. Quem é esse cara?

Como Eve não percebera que Roarke já alimentara o sistema com os dados dele, quase pulou de susto ao ouvir a voz educada do computador responder:

Lucius Breck, psicólogo especializado em usuários de drogas. Seu consultório particular fica na Sexta Avenida, 529, Nova York. Mora na rua...

— Deixa pra lá! Isso bate com a história que ela me contou. Caramba, ela está quase falida e continua pagando os olhos da cara para um psicólogo particular quando poderia se consultar com profissionais da polícia sem pagar nada. O pior é que ela vai sair perdendo, de um jeito ou de outro. Não vai conseguir manter o comando do seu esquadrão quando essa merda toda bater no ventilador.

A*inda por cima ela acha que eu quero o lugar dela*, pensou Eve, balançando a cabeça. *Não, obrigada*. Eve iria usar as insígnias de capitã, um dia, mas não se imaginava largando o trabalho de rua para consegui-las.

— Você não consegue achar mais nenhuma conta que tenha ligação com ela?

— Não posso encontrar o que não existe — lembrou Roarke, de forma sensata. — Como você pode ver por si mesma, a sua capitã Roth está à beira da falência. Ela pegou dinheiro emprestado do fundo de aposentadoria para poder pagar os honorários de Breck. Tirando isso, suas despesas mensais são moderadas.

— Quer dizer que ela está limpa, mas seu esquadrão está sujo, o que pode significar um motivo para os crimes. Ela estava hierarquicamente acima das duas vítimas e visitou Kohli na boate Purgatório. A probabilidade de ela ser a assassina continua baixa, mas isso pode mudar se eu adicionar o seu perfil psicológico, tirado dos arquivos do departamento, e as minhas impressões pessoais.

— E quais são elas?

— Ela é durona, tem um temperamento explosivo e anda muito ocupada subindo na carreira, mas esqueceu alguns detalhes. Escondeu erros pessoais em um esquema tático para proteger sua posição, e talvez tenha escondido outras coisas também, de membros da sua equipe, para não ser afastada do cargo. O

primeiro crime mostrou muita raiva, e, como eu disse, ela tem um gênio forte.

Eve se virou para Roarke.

— Encontre o detetive Jeremy Vernon. Já tenho o bastante para levá-lo a interrogatório, mas ainda quero deixá-lo sofrer um pouco antes.

— O que você precisa que eu pesquise?

— Quero fazer uma ligação entre o dinheiro dele e Ricker. O que eu descobri através do seu equipamento não poderá ser usado como prova, mas eu posso fazê-lo pensar que sim. Se eu desmontar Vernon, terei mais cordas para puxar. Ele tem ligação com as duas vítimas, e também com Roth e Ricker.

— Mas Ricker certamente se protegeu por todos os lados. Qualquer dinheiro que ele tenha colocado na conta de alguém deve ter sido muito bem lavado.

— Mas você consegue rastrear isso?

As sobrancelhas dele se ergueram, em protesto.

— Espero que você tenha perguntado isso apenas por perguntar. Vou levar algum tempo, mas chegarei lá.

— Então por que não começa logo? Posso usar o computador secundário para conferir alguns nomes?

— Espere um pouco. — Ele emitiu alguns comandos que ela não conhecia e marcou alguma coisa manualmente. O computador obedeceu às ordens recebidas e fez um ruído constante. —A máquina vai fazer uma varredura automaticamente, através das primeiras camadas — explicou ele —, e tão rápido quanto eu. Quais são os outros nomes?

— Rue MacLean — informou Eve, olhando para ele.

Se Roarke ficou aborrecido ou preocupado, não demonstrou.

— Você suspeita dela?

— Ela é a gerente da boate Purgatório. Sabe ou deveria saber tudo que rola por lá. Você acabou de me dizer que Ricker era dono do lugar e sabemos que a Divisão de Assuntos Internos suspeita, ou suspeitava, de uma ligação entre eles. Se Ricker estava fazendo negócios por lá, Rue devia ter conhecimento disso. É claro — concluiu Eve — que você também já pensou nessa hipótese.

— Dei uma pesquisada nela, ontem. Olhei com atenção. Computador, mostre os resultados obtidos para Rue MacLean na tela três. Pode analisar os dados por você mesma — disse ele a Eve. — Eu não vi nada que fizesse soar o meu alarme, pelo menos não muito. A verdade, porém, é que se ela trabalha para Ricker certamente tomaria todos os cuidados, pois ela me conhece.

— Acha que ela se arriscaria?

— Não acredito, a princípio.

Eve olhou primeiramente os dados financeiros.

— Caramba, Roarke, o salário dela é uma fortuna!

— Isso sempre inspira lealdade. É ela quem dirige a boate, e faz por merecer o salário que ganha. Você vai verificar que ela gosta dos benefícios financeiros do seu emprego e não desvia grana do caixa. Passou as férias em Saint Barthélemy no inverno passado. Ricker tem uma base de operações perto dali. — Ele parou por um momento para se servir de conhaque. — Pretendo perguntar muita coisa a ela amanhã.

— Perguntar assim, diretamente?

— Exato. E vou descobrir se ela estiver mentindo.

Eve analisou o rosto dele: frio, duro e implacável. Sim, ele descobriria, e que Deus ajudasse Rue MacLean se ela mentisse.

— Preferia que você não fizesse isso. Deixe que eu pergunto.

— Mesmo que ela tenha, de algum modo, ligação com Ricker, você terá um material muito fraco para poder trabalhar. Ela é minha funcionária e sou eu que lido com quem trabalha para mim.

— Mas se você a assustar...

— Se ela tiver motivo para se assustar, não terá para onde fugir. Nesse caso, será toda sua, para interrogatório. Há mais algum nome?

— Você não está cooperando.

— Pelo contrário. — Ele espalmou a mão e indicou a sala e o equipamento trabalhando sem parar. — Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, tenente. Você quer pegar um assassino ou simplesmente Max Ricker?

— Estou atrás de um assassino — rebateu ela —, e como Ricker tem envolvimento no caso pretendo enjaular os dois.

— Por ele ter ligação com o caso ou por ter tido, no passado, ligação comigo?

— Os dois. — Ela trocou o peso do corpo de uma perna para a outra e, inconscientemente, assumiu posição de ataque. — E daí?

— Nada. A menos que, quando chegar a hora H, você pretenda se colocar entre nós dois. — Ele analisou o conhaque, pensativo. — Mas não devemos nos preocupar antes do tempo. Outros nomes?

Ela não queria nem pensar nisso, pois pretendia alcançar Ricker antes de Roarke.

— Tenente Don Webster — afirmou Eve.

— Ora, ora... isso não é interessante? — Um sorriso forçado apareceu no canto de sua boca. — De que você suspeita em relação a ele? Acha que ele é o assassino ou um alvo?

— No momento, nenhum dos dois, o que é o mesmo que ambos. Ele me seguiu hoje. Talvez tenha sido, conforme disse, apenas para me pedir desculpas

por sua idiotice. Ou quem sabe tudo tenha sido planejado. Quero avaliar todos os fatos antes de decidir confiar nele.

Sem dizer nada, Roarke digitou algo, e todos os dados de Webster apareceram no telão.

— Você já tinha vasculhado a vida dele?

— E você achou que eu não faria isso? — perguntou Roarke, em um tom frio. — Webster me parece limpo como cristal. O que, pelo padrão que você usou com a capitã Roth, o coloca na lista de suspeitos.

— Exceto por uma coisa. — Eve caminhou até a tela e franziu o cenho enquanto analisava os dados. — Ele sabia a respeito de Kohli e ajudou a montar todo o esquema. Por que eliminaria um tira íntegro? Pelas provas recolhidas, seguindo meus instintos e o perfil oferecido por Mira, estou à caça de alguém em busca de retaliação. Alguém que anda eliminando tiras que saíram da linha. Webster era um dos poucos que sabiam que Kohli era íntegro. Por tudo isso eu não acho que tenha sido Webster, caso ele esteja limpo.

— E se não estiver?

— Então vou ter que forçar a barra para achar que talvez Kohli tenha morrido por ter descoberto que Webster era corrupto. Que pagamentos são esses aqui? Transferências mensais constantes nos últimos dois anos para a conta de uma tal LaDonna Kirk.

— Webster tem uma irmã, divorciada. Ela está na faculdade de medicina e recebe ajuda dele.

— Humm... Isso pode ser fachada.

— Não, é verdade. Já confirmei. Ela está entre as dez melhores alunas da turma, por sinal. Quanto a ele, de vez em quando gosta de fazer apostas — continuou Roarke, tomando o conhaque devagar. — Aposta pouco e segue um padrão típico de quem joga por diversão. Compra ingressos para a temporada completa do campeonato de futebol e tem uma quedinha por ternos caros feitos sob medida por um alfaiate famoso que, na minha opinião, não é dos melhores. Não guarda muito dinheiro na poupança, mas vive dentro de suas posses. O que não é difícil, pois o salário dele é o dobro do seu, querida, apesar de ele ter a mesma patente que você. Eu reclamaria disso.

— Um piloto de escrivaninha — disse Eve, com óbvio desdém. — Quem diria você o pesquisou a fundo.

— Prefiro que nada me escape.

Ela decidiu, diante das circunstâncias, mudar de assunto:

— Ele quer entrar.

— Como é que é?!

— Entrar *no caso*, Roarke. Quer que eu o deixe participar das investigações Sentiu-se usado e acha um abuso a forma como tudo foi armado. Eu acredito nele.

— E quer a minha opinião sobre deixá-lo entrar no caso ou não?

Relacionamentos, pensou Eve, desgostosa, muitas vezes eram terríveis de aturar.

— Quero saber se vamos ter problemas por aqui, se ele entrar no caso.

— E se eu disser que sim?

— Ele fica de fora. Seria muito útil, mas eu não preciso especificamente dele.

— Querida Eve, você não precisa se preocupar em... — Ele se lembrava muito bem da frase e do tom que ela usara. — Deixar o meu pinto em segundo plano, se isso adiantar o seu lado. Espere um instantinho, preciso dar uma olhada nisso aqui — disse ele, quando o sistema parou de zumbir. — Há mais nomes para pesquisar?

— Alguns.

— Fique à vontade. — Ele apontou para o computador secundário e voltou a sentar diante do console principal.

Casamento, pensou Eve ao sentar diante do monitor, era um quebra-cabeça que ela provavelmente nunca conseguiria montar. Havia peças demais. E os formatos das peças mudavam o tempo todo. Roarke pareceu aceitar numa boa a idéia de ela trabalhar ao lado de Webster, um homem que ele espancara alegremente no dia anterior.

Ou talvez não aceitasse e sua concordância tranqüila fosse apenas um estratagema.

Ela teria que analisar o assunto com calma, depois.

Resolveu voltar ao trabalho. Pelo menos aquilo era algo que ela compreendia. Pesquisou os nomes que Patsy Kohli lhe fornecera. Tiras que eram amigos do seu marido. O detetive Gaven, o detetive Pierce e o guarda Goodman, além do sargento Clooney.

— Na primeira passagem, todos pareceram absolutamente imaculados. O detetive Arnold Gaven colecionava elogios na ficha e exibia um grande número de casos resolvidos. Tinha um casamento sólido, uma filha de cinco anos e era o arremessador titular do time de softbol da polícia.

O detetive Jon Pierce tinha um histórico parecido. A única diferença é que era pai de um menino de três anos.

O guarda Thomas Goodman era dois anos mais novo que os outros e sonhava com um distintivo de detetive. Casara recentemente e era diácono de sua igreja.

R*eligião*, pensou Eve. *Trinta moedas de prata*.

Clooney era um veterano com vinte e seis anos na ativa e estava lotado na 128ª. DP havia doze anos. Fora parceiro de patrulha da capitã Roth por algum

tempo, reparou Eve, intrigada. Depois disso, Roth subiu de patente e o deixou comendo poeira na corrida rumo ao pódio. Isso poderia incomodar muito certos indivíduos.

Clooney tinha uma esposa e, embora ela aparecesse com um endereço diferente do dele, não havia registro de separação legal nem divórcio. O filho dele, Thadeus, fora morto no cumprimento do dever ao tentar evitar um roubo.

Entrou em uma loja no instante exato em que acontecia um assalto, reparou Eve, com a testa franzida. De acordo com testemunhas, ele sacara a sua arma e servira de escudo humano para um civil, mas foi atacado pelas costas. Recebeu muitas facadas e foi declarado morto em plena cena do crime.

Seus agressores limparam o caixa da loja de conveniência vinte e quatro horas e fugiram. O caso permanecia em aberto.

Thadeus Clooney deixara uma esposa e uma filha pequena.

O sargento Clooney sofrera uma grande perda. Uma perda irreparável. Será que algo assim seria capaz de transformar um veterano com vinte e seis anos de polícia e ficha impecável em um assassino?

Mas por que culpar outros policiais pela sua tragédia?

Por último, Eve pesquisou o capitão Boyd Bayliss.

Puxa, o cara era limpeza total, pensou, analisando os dados. Pelo menos na superfície. Freqüentador assíduo da sua igreja, voluntário em sua comunidade, presidia duas organizações com fins de caridade e tinha dois filhos estudando em escolas particulares sofisticadas. Era casado há dezoito anos com uma mulher que possuía muito dinheiro e boa posição social.

Nunca tinha trabalhado nas ruas, observou Eve. Desde o tempo de recruta usando uma farda da qual logo se livrara, ele sempre desempenhara funções internas: trabalhou na parte administrativa e, depois, como organizador das provas coletadas nas cenas dos crimes. Foi também assistente de oficial. Um burocrata de nascença.

Mas era inteligente. Subiu rápido na carreira e logo se transferiu para a Divisão de Assuntos Internos.

Foi lá, analisou Eve, que ele encontrou sua vocação.

O interessante é que essa não tinha sido a primeira vez que ele recebeu uma sanção oficial. Ele já fora advertido antes pelo uso de métodos indevidos. A verdade, porém, é que, não importavam os meios, ele sempre encontrava a sujeira que procurava. O departamento fizera vista grossa algumas vezes e ele recebeu algumas broncas por sua atuação, mas nunca teve a ação reprimida.

Ele sempre burlava os regulamentos: armava ciladas, instalava grampos ilegais e montava tocaias. Sua tática favorita era jogar os próprios colegas uns

contra os outros.

Tiras contra tiras. Seria um salto muito grande passar de destruidor de carreiras para destruidor de vidas?

O mais interessante é que ela descobriu que, logo depois do fracasso no desbaratamento das operações de Ricker, Bayliss sofreu uma censura e recebeu mais uma sanção por tentar desacreditar o sargento encarregado das provas.

Ele fora tão longe no ataque ao sargento que chegou a ameaçar a sua esposa e filhos, além de convocar sua vítima para interrogatório na DAI e mantê-lo lá, sem representante nem advogado, por mais de quatro horas.

A Receita Federal, por sua vez, recebera uma denúncia anônima; embora ninguém conseguisse, à época, provar que a denúncia partiu de Bayliss ou de alguém de sua equipe, ela resultou em uma auditoria completa na vida financeira do sargento. Nada de suspeito foi encontrado, mas o processo acabou custando ao pobre policial milhares de dólares em honorários advocatícios, sem falar no tempo que ele perdeu.

Eve resolveu que valia a pena olhar Bayliss mais de perto e também o sargento molestado, cujo nome era Matt Myers.

Ela queria pesquisar mais a fundo, mas faltavam-lhe as habilidades técnicas para isso. Olhou para Roarke, mas percebeu pela sua expressão concentrada que ele não queria ser interrompido.

Em vez de se humilhar tentando acessar os arquivos pessoais de Bayliss, tentou outro caminho.

Entrou em contato com Webster.

— Eu quero saber detalhes sobre Bayliss — disse ela, sem rodeios, assim que ele atendeu o *tele-link*. — Descreva-o para mim.

— Um fanático disfarçado de justiceiro. Um disfarce no qual eu embarquei, confesso, durante muito tempo. Trata-se de um homem dedicado à sua missão em particular. E tem carisma ainda por cima. É como o profeta de uma nova religião.

Eve recostou na cadeira e murmurou:

— É mesmo?

— E como! Deixa seus homens muito empolgados e isso os leva longe, antes de eles perceberem que estão atolados até o joelho em um poço de merda. Por outro lado, ele já expôs muitos casos de corrupção e tirou um monte de tiras sujos da polícia.

— Não importam os meios para conseguir isso.

— Isso mesmo — suspirou Webster, esfregando a nuca. — Isso é verdade, em especial de um ano para cá. Seus métodos vinham me deixando pouco à vontade. Tenho quase certeza de que ele tem pastas, arquivos muito completos, sobre todos

os tiras do departamento. Não que ele compartilhe os podres que descobre comigo, mas o fato é que ele passa dos limites, atropela a privacidade das pessoas e as regras de procedimento. Eu costumava achar que tudo isso era justificável.

— E o que o fez mudar de idéia?

— O sargento Myers. Ele era o responsável pelos registros de provas no caso Ricker, quando elas desapareceram ou foram adulteradas. Nossa, Bayliss o perseguiu de forma implacável. Tinha certeza de que Myers trabalhava para Ricker, embora não houvesse provas disso, abertas ou ocultas. Meu palpite *é* que ele decidiu tirar Myers da operação, fosse ele culpado ou não, mas o cara se segurou com firmeza. Não cedeu nem se demitiu. Quando ficou provado que o pobre não tinha culpa de nada, ele se transferiu para outro departamento, no Queens. Bayliss nunca esqueceu isso e ficou fumegando por ter sido repreendido pelo secretário de Segurança.

— Tibble lhe deu uma esculhambação?

— Foi o que disseram, na época. Logo depois do esporro, ele deu início à operação com Kohli. Talvez tenha achado que aquilo o reabilitaria e limparia sua barra. Não sei, Dallas, ele é um sujeito difícil de decifrar.

— Você acha que Myers ainda está vivo, morando e trabalhando no Queens?

— Que eu saiba, sim. — Os olhos de Webster se arregalaram. — Por Deus, Dallas, você não acha que Bayliss possa estar por aí matando um monte de tiras, acha?

— Matá-los seria um jeito de afastá-los da polícia, certo? — argumentou ela. — De um jeito ou de outro. Você me disse que queria entrar no caso, Webster. Estava falando sério?

— Sim, sim, claro que estava.

— Então aqui vai a sua primeira missão: verifique tudo sobre Myers e certifique-se de que ele não sofreu nenhum acidente nos últimos tempos. Se ele ainda estiver vivo, descubra se andou visitando nossa bela Manhattan recentemente.

Webster não trabalhava na Divisão de Homicídios havia muito tempo, mas ia pegar o ritmo depressa. Concordou com a cabeça.

— Ele teria um monte de motivos para se ressentir de tiras corruptos. Sob que ângulo você está trabalhando, Dallas?

— Sob vários deles ao mesmo tempo. No momento, vou solicitar um mandado para acessar os arquivos pessoais de Bayliss.

— Só acredito que você vai conseguir isso quando vir o papel na sua mão — murmurou ele.

— Pois quando eu estiver com esse papel na mão — continuou ela, com tom

frio —, quero que você vasculhe a vida dele. Vamos manter contato.

Eve desligou e se virou para Roarke, que olhava fixamente para ela.

— Você acha que Bayliss está por trás disso? — perguntou ele.

— Existem imundícies de todo tipo por aí, e ele tem sujeira por baixo das unhas bem tratadas. Qual será a distância entre arruinar vidas e carreiras deliberadamente e matar pessoas? — Ela encolheu os ombros. — Webster pode se manter ocupado procurando dados sobre Myers, e vamos ver aonde isso nos leva. Não posso afirmar que Bayliss seja a minha primeira escolha como assassino. Não creio que ele tenha estômago para enfrentar sangue. Além do mais, ele sabia que Kohli não era corrupto. De um jeito ou de outro, porém, ele tem alguma ligação nessa história.

— Então basta acessar seus dados pessoais.

— Para você seria assim simples, mas eu vou tentar um mandado e fazer isso do jeito certo. Se vou convocar Bayliss para interrogatório, e pretendo fazê-lo, quero que esteja tudo conforme o figurino.

— Então aproveite a viagem e peça outro mandado para Vernon.

— Já está na minha lista — disse ela, e então se levantou da cadeira, lentamente. — Você conseguiu descobrir a origem da grana?

— Consegui sim. Através de uma rota complicada, tediosa e muito bem coberta, cheguei até as Empresas Max Ricker. Não há provas de que Ricker tenha transferido dinheiro pessoalmente para Vernon, mas certamente a operação envolve a sua corporação. Ele não é tão esperto quanto era antes — murmurou Roarke. — Nem tão cuidadoso. Antigamente eu teria levado o dobro do tempo para rastrear esse dinheiro até ele.

— Talvez você é que seja mais esperto do que era antes. — Eve foi até o console principal e analisou a tela, apoiando a mão no ombro de Roarke. O que viu foi um punhado de contas, nomes e companhias. Mas um nome em especial atraiu a sua atenção e a fez dar um pulo.

— Canarde! Estou lendo certo? Ele é um dos advogados da fábrica Northeast uma subsidiária das empresas Max Ricker?

— Exato!

— E será que estou entendendo direito? Canarde autorizou a transferência eletrônica de fundos das Empresas Ricker para a Northeast e os repassou através da subsidiária para um cassino no satélite Vegas II, onde Vernon os retirou aparentemente como se o dinheiro fosse lucro de jogo.

— Estou orgulhoso de você. — Roarke pegou a mão que repousava sobre seu ombro e aplicou-lhe um beijo na palma.

— Obrigada, mas você deixou tudo esquematizado nesse telão de um jeito tão

claro que até um debilóide conseguiria ligar os pontinhos. Eu queria uma chance de enquadrar Canarde, aquele filho-da-mãe convencido, e agora eu a tenho. Só que não posso usá-la — disse ela, desapontada, enquanto andava de um lado para outro pela sala secreta. — A não ser que Vernon o entregue de bandeja.

Pois ela conseguiria que ele o entregasse, prometeu Eve a si mesma, afastando-se um pouco do console, a fim de que a tela do seu comunicador mostrasse apenas uma janela ao fundo. Em seguida, entrou em contato com o comandante.

Bem que ela desejaria ter dedos de aço para bater nessa porta.

Roarke permaneceu sentado onde estava, observando-a e ouvindo-a relatar o caso de forma clara, precisa, detalhada e imparcial. Ele a conhecia como a um livro aberto e já antevia os passos que planejava dar.

Não ficou nem um pouco surpreso ao vê-la pressionar Whitney e fazê-lo usar sua influência para lhe conseguir um mandado rapidamente.

— Senhor, quero investigar o capitão Bayliss ainda esta noite.

— Tenente, o capitão Bayliss ainda é um oficial de alta patente da polícia de Nova York. Convencer um juiz a emitir um mandado e intimá-lo a se submeter a um interrogatório relacionado com dois homicídios vai ser complicado.

— Eu sei. Foi por isso que liguei, comandante, na esperança de que o senhor, seguindo a hierarquia, converse com o secretário Tibble.

— Você quer que eu envolva Tibble nisso?

— Chegaram às minhas mãos informações que me levam a crer que o secretário Tibble se mostrará receptivo à sua solicitação. Não posso assegurar, a essa altura da investigação, se o capitão Bayliss é um suspeito ou um alvo. Não tenho dúvidas, porém, de que ele se enquadra em uma dessas opções. Se for um alvo, uma ação rápida poderá lhe salvar a vida. Se for suspeito, a mesma ação rápida poderá salvar a vida de outros.

— Dallas, o seu envolvimento pessoal com...

— Não se aplica a esse caso, senhor, e nada disso influenciou meu julgamento nem minhas recentes descobertas.

— Certifique-se bem disso, Dallas — murmurou Whitney. — Vou entrar em contato com o secretário Tibble.

— Obrigada, comandante. Aliás, gostaria de pedir um segundo mandado para o detetive Jeremy Vernon, da 128ª. DP, convocando-o para um interrogatório formal amanhã, às nove da manhã, relacionado à mesma investigação.

— Puxa vida! — Foi a sua primeira e única exclamação. — Você anda ocupada hein?

— Sim, senhor — disse ela, com um tom tão frio que o fez soltar uma

gargalhada curta.

— Vou conseguir os mandados, tenente. Pode contar com a minha presença e também, provavelmente, com a do secretário Tibble. Ficaremos observando os interrogatórios, mas precisamos tomar alguns cuidados antes. Devemos fazer parecer que chegamos até eles através dos registros da Divisão de Assuntos Internos.

— Compreendido, senhor. Vou aguardar o envio e a confirmação dos mandados.

— Muito bem — elogiou Roarke, baixinho, assim que ela desligou.

— Isto não está nem perto de acabar. Preciso me vestir. Obrigada pela ajuda.

— Um momentinho! — Ele se levantou e foi até ela. Tomou-lhe o rosto entre as mãos e abaixou a boca, beijando-a de leve com uma espécie de ternura desesperada.

Eve sentiu o coração acelerar em resposta a ele; no estômago, sentiu uma fisgada forte. Suas mãos foram descendo e pararam em sua cintura.

— Roarke...

— Shh... Fique quietinha aqui por um minuto. — Ele virou a cabeça meio de lado e aprofundou o beijo um pouco mais, em uma longa e preguiçosa jornada rumo à glória.

As mãos de Eve vagaram em torno do corpo dele, e seus braços o trouxeram mais para perto dela. Compreendeu que ele estava mostrando a ela, naquele instante, o outro lado da paixão. A doçura dela e suas promessas.

Ao se afastar dele, ela se viu sorrindo, embora a cabeça girasse.

— Acho que dá para ficar até mais de um minuto.

— Volte logo para casa. — Dessa vez ele pressionou os lábios sobre a testa dela. — Poderemos passar juntos o tempo que quisermos.

— Boa idéia. — Ela seguiu em direção à porta e então, rindo de leve, girou o corpo para fitá-lo mais uma vez. — Sempre que você faz o que acabou de fazer, eu me sinto meio bêbada. Acho que gosto da sensação.

Ela viu um sorriso rápido se acender no rosto dele ao cruzar o portal.

* * *

Pouco mais de uma hora depois, ela estava parada diante de outra porta, em companhia de Peabody. Bayliss morava em um bairro elegante ao norte da cidade. Sua residência de dois andares era bonita, embora exibisse pouca imaginação e não se destacasse na floresta de outras casas absolutamente iguais. Os gramados estavam rigorosamente aparados, as cercas eram de bom gosto e a segurança não

era ostensiva.

A casa, em si, estava escura e silenciosa. Exibia uma discreta placa de metal ao lado da porta de entrada, avisando que o terreno era guardado pelos sistemas de segurança da empresa Alarm Dog.

Ao tocar a campainha, seu chamado foi quase imediatamente respondido por uma voz educada que lhe exigiu identificação.

— Polícia. — Eve ergueu o distintivo. — Tenho um mandado de busca. Você deve abrir a porta.

Ela foi aberta rapidamente por uma andróide atraente, vestindo um uniforme simples de empregada.

— Desculpe, tenente, nem o capitão nem a Sra. Bayliss se encontram em casa esta noite.

— E você sabe informar onde posso encontrá-los?

— A Sra. Bayliss foi fazer compras em Paris, em companhia de sua irmã. Viajou há três dias. Não sei informar onde está o capitão Bayliss agora à noite. Ele não se encontra em casa.

— Este mandado me garante entrar nesta residência e confirmar pessoalmente a sua informação.

— Claro, tenente. Fui programada para cumprir a lei. — Ela deu um passo para trás. — A senhora descobrirá por si mesma que o capitão não está em casa.

— Mas ele esteve aqui hoje? — perguntou Eve, ao entrar.

— Oh, sim. Chegou em casa logo depois das quatro da tarde. Tornou a sair cinqüenta e oito minutos depois, e aparentemente não vai mais voltar hoje.

— E por que você tem essa impressão?

— O capitão levou sua mala de viagem.

— Onde fica o quarto dele?

— No andar de cima, primeira porta à esquerda. Quer que eu a acompanhe?

— Não. — Eve subiu os degraus de dois em dois, empurrou a porta do quarto com força e praguejou.

Ele estava com pressa, avaliou. A porta do closet estava aberta e duas gavetas também estavam para fora.

— Mais um que adora comprar roupas caras e em grande quantidade — resmungou ela. — É difícil dizer o quanto ele levou. Peabody, descubra onde a mulher dele está hospedada em Paris. Ele tem uma casa de praia para fins de semana e férias. Hamptons, eu acho. Consiga o endereço.

— Você acha que ele foi embora para se esconder?

— Só sei que foi embora — disse Eve, com voz penetrante. — Pegue os endereços. Ele deve ter um escritório nessa casa. Vou vistoriar.

Eve descobriu o escritório no primeiro andar da casa e já tinha opinião sobre o estilo de vida de Bayliss antes mesmo de entrar nele. A casa era fria e organizada, parecia uma máquina e funcionava com a precisão de um computador. Tudo estava exatamente em seu lugar.

Eve reparou que ele e a esposa não compartilhavam um quarto. Pelo menos não dormiam na mesma cama, pois o aposento que vinha depois do de Bayliss, no corredor, tinha um ar obviamente feminino e dispunha de um quarto de vestir, um closet em dois níveis e uma saleta de estar onde se via uma escrivaninha com papel personalizado elegante e o nome da Sra. Bayliss impresso no alto das folhas.

O escritório dele também era impecavelmente organizado e Eve percebeu de imediato que ele partira às pressas. A cadeira fora empurrada para trás e uma caixa de discos estava com a tampa mal colocada.

Ele estava nervoso, pensou Eve. Não foi tão esperto nem tão cuidadoso dessa vez. O que o amedrontou tanto, Bayliss?

Ela pegou o *tele-link* portátil e, usando o distintivo e a identificação pessoal, verificou todos os meios de transporte para Paris. Não encontrou nada sob o nome de Bayliss, mas ele poderia ter usado um nome falso para sair do país.

Foi até a porta, chamou Peabody com um grito e a viu vir correndo.

— Peguei todas as informações, tenente — avisou ela.

— Ótimo. Vamos aproveitar o mandado que está em nossas mãos. Quero que você entre em contato com Feeney. Este computador aqui... — disse ela, torcendo o polegar na direção da máquina. — Quero que ele seja vasculhado minuciosamente. Bayliss fugiu com muitos dados, mas Feeney vai descobrir se ainda houver algum arquivo na máquina. Enquanto ele faz isso, quero que você passe um pente-fino em toda a casa.

— Sim, senhora. Para onde a senhora vai? — perguntou Peabody, ao ver que Eve saía com ar decidido.

— Vou à praia.

Capítulo Dezessete

Eve verificou mais uma vez o fecho do seu cinto de segurança e resistiu à vontade urgente e quase desesperada de fechar os olhos com força.

— Eu não estou com tanta pressa assim — avisou ela.

Roarke ergueu uma sobrancelha e olhou para ela, enquanto pilotava o seu novo Sports Streamer aeroterrestre através do céu que começava a escurecer.

— Não foi isso o que disse quando me pediu para trazê-la aqui voando.

— Porque não sabia que você tinha um brinquedinho novo que estava a fim de experimentar. Nossa! — Ela cometeu o erro de olhar para baixo e viu a linha da costa e um monte de casas, hotéis e condomínios à beira do mar passarem como uma mancha pela janela. — Aliás, nem precisávamos viajar a essa altitude.

— Não estamos assim tão alto. — Eve tinha fobia de altura. Roarke sabia que ela ficaria muito mais à vontade assim que eles descessem e resolveu ligar o sistema antilag para diminuir a trepidação.

— Para mim isso é alto o bastante para cairmos lá embaixo resmungou ela, forçando-se a pensar em alguma outra coisa. Qualquer coisa. A verdade é que ela teria levado muito mais tempo para fazer essa viagem ao refúgio de praia da família Bayliss em seu veículo de serviço, ainda mais agora que ele fora detonado.

Mesmo se ela pegasse um dos carros metidos a besta de Roarke, a distância não poderia ser coberta tão depressa apenas por terra.

A opção mais lógica foi arrastá-lo com ela por via aérea. Isto é, a opção lógica no caso de ela sobreviver à experiência.

— Bayliss está aprontando alguma — comentou ela, reparando no leve ronronar do equipamento antitrepidação ao fundo. — Ele entrou e saiu de casa muito depressa, não reprogramou a andróide de serviço e carregou todos os arquivos pessoais.

— Você vai descobrir pessoalmente o que ele pretende em poucos minutos. — Testando os controles, Roarke fez o veículo empinar e subir mais alguns metros, antes de executar uma curva larga.

Eve olhou para ele, que lidava manualmente com os controles para em seguida emitir comandos de voz.

— O que está fazendo?

— Só verificando os sistemas. Acho que essa beleza já está pronta para ser fabricada em série.

— Como assim *pronta* para ser fabricada?

— Esse aqui é só um protótipo.

Eve sentiu a cor desaparecer por completo do rosto na mesma hora.

— Esse troço ainda está em testes?

Com os cabelos pretos drapejando ao vento que entrava pela janela, Roarke lançou um sorriso largo e satisfeito.

— Agora não. Acaba de ser aprovado. Vamos descer.

— O quê?! — Ela se segurou com mais força no banco. — Descer, como?

— Aterrissar, querida.

Se Roarke estivesse sozinho, mergulharia com ousadia, para testar a resposta da máquina, mas, em consideração à sua esposa, executou uma descida leve e suave, flutuando pouco acima da estrada.

— Acionar sistemas para continuar em modo terrestre!— ordenou.

Comando para desempenho em terra firme acionado. Flaps baixando e sendo recolhidos.

— Aterrissar!

Aterrissagem confirmada. Veículo totalmente operacional em modo terrestre.

Mal deu para sentir um solavanco no instante em que o veículo prateado pousou com suas rodas na estrada. Aliás, conforme Eve reparou, com ar amargo, a velocidade também não diminuiu.

— Baixe a velocidade, piloto. Essa é uma área residencial.

— Estamos em missão oficial. Quando a temperatura esquentar um pouco, podemos repetir essa viagem com a capota abaixada.

Se dependesse de Eve, nem que o tempo estivesse mais quente que o inferno Roarke a convenceria a viajar nesse veículo por via aérea com a capota abaixada. Mesmo assim, ela olhou para o mapa que surgiu no painel e ficou impressionada ao ver que a casa de Bayliss não só estava devidamente marcada como Roarke aterrissara o veículo a menos de dois quilômetros dela.

Até que usar a lógica, pensou, agora que se via novamente em terra firme, tinha suas vantagens.

Eve conseguiu ouvir o som do mar, um troar cadenciado das ondas que quebravam e lambiam a areia a leste. As casas, predominantemente feitas de madeira reciclada e vidro, se erguiam e se espalhavam, cada uma delas tentando sobrepujar a do lado ao exibir o máximo de deques que fosse possível sobre a areia e acima do mar. As calçadas entre as residências eram enfeitadas com capim do tipo aveia-do-mar, rosas-de-praia e exóticas esculturas com temas marítimos.

Algumas luzes eram avistadas dentro das casas, aqui e acolá, mas a maior parte delas estava às escuras. Era ali que os ricos e privilegiados de Nova York iam para escapar das loucuras da metrópole nos fins de semana ou nos verões longos e quentes.

— Como é que pode você não ter uma casa aqui? — brincou Eve.

— Na verdade eu tenho várias, mas estão todas alugadas e eu nunca tive a mínima vontade de ficar em uma delas. É comum e óbvio demais. — Ele sorriu. — De qualquer modo, se você quiser uma casa de praia aqui...

— Não. Isto aqui se parece muito com um bairro ou um condomínio fechado. Você vem aqui para descansar e acaba tendo de conversar com um monte de vizinhos, sei lá, participar de atividades comunitárias a fim de se enturmar com todo mundo e coisas do gênero.

— Nossa, que idéia terrível. — Divertido ao ouvir isso, ele diminuiu a marcha e estacionou junto à calçada, atrás de um sedã preto. — Imagino que esse seja o carro de Bayliss.

— É sim. — Eve olhou para a casa. Não era muito diferente das outras que se alinhavam ao longo da praia. Janelas e portas envidraçadas, em arco, que se abriam para deques lotados de urnas de onde transbordavam flores imensas e vasos com arbustos decorativos. A residência parecia amarelada e brilhante sob a luz do crepúsculo, e tinha três frentes no terceiro andar, envoltas por um deque que circundava toda a casa.

— Lugar muito luxuoso para um tira — comentou Eve. — Se bem que ele procurou uma mulher com muita grana para se casar. — Ela olhou para Roarke. — Casar com gente rica até que tem suas vantagens.

— Também já ouvi dizer isso.

— Se ele está lá dentro, está no escuro. Não estou gostando disso. — O plano dela era de deixar Roarke esperando no carro, algo que ela sabia que seria difícil de acontecer. Agora, porém, seu instinto lhe dizia para tentar algo diferente.

Eles saltaram do carro e seguiram pela pequena calçada que ia dar na porta da frente. Havia altos painéis em vidro jateado com imagens estilizadas de conchas nos dois lados da porta. Através dos vidros, dava para ver a sala de estar com pé-direito muito alto e paredes claras.

Por instinto, ela abriu a jaqueta de couro e colocou as pontas dela para trás, a fim de deixar a arma à mão. Tocou a campainha.

— Qualquer um pensaria que a casa está vazia, se não fosse pelo carro — comentou Eve.

— Talvez ele tenha ido dar uma caminhada pela praia. As pessoas aqui costumam fazer isso assim que chegam.

— Não, ele não estava com cabeça para caminhar molhando os pés nas ondas, de forma despreocupada — afirmou ela, balançando a cabeça. Refletiu um pouco e, se abaixando, tomou uma decisão: pegou a arma adicional em seu coldre de tornozelo. — Preciso que você dê a volta em torno da casa e vigie os fundos. A não ser que esteja em perigo, não use isto, OK?

— Conheço as regras. — Ele enfiou a arma no bolso. — Você acha que Bayliss é um cara perigoso?

— Não, não acho. Mas alguém por aí é. Vamos olhar no segundo andar. Vou dar a volta na casa pela direita. Vá pela esquerda e tome cuidado.

— O mesmo para você.

Eles se separaram, cada um confiante em que o outro conseguiria lidar com o que surgisse. Eve saiu de lado e subiu os degraus que davam para um dos deques. As portas eram enormes painéis de vidro e estavam com as telas de privacidade acionadas. Ela continuou e virou à esquerda, movimentando-se lentamente, com os olhos atentos a tudo.

O brilho no chão a fez franzir o cenho e se agachar. Água, percebeu. Alguém derramara água sobre o deque. Havia uma trilha molhada e ela resolveu seguir o caminho formado pelos respingos.

O som do mar pareceu aumentar de volume, um troar seguido de chiados sorvidos pela areia. Algumas estrelas começavam a aparecer, acrescentando um pouco mais de luz a um céu que assumia, aos poucos, um tom azul-escuro.

Com os ouvidos atentos, ela ouviu passos na escada à direita. Seus dedos dançaram, prontos para sacar a arma.

Ela já estava na sua mão quando Roarke apareceu ao lado da casa.

— Encontrei água nos degraus — ele disse a ela.

— Tem água aqui também. — Ela apontou com a mão. — As portas do deque lateral estão abertas.

Roarke fez que sim com a cabeça e seguiu para o lado direito das portas, deixando Eve no lado esquerdo. Seus olhos se encontraram, ela respirou fundo e prendeu o ar. Os dois entraram ao mesmo tempo, ele apontando a arma para cima e ela para baixo.

— Pegue a direita — ordenou ela. —Acender luzes! — Quando o ambiente clareou, ela ajustou os olhos à brusca mudança de iluminação e deu um passo para a esquerda. — Capitão Bayliss! — gritou. — Aqui é a tenente Dallas e eu tenho um mandado para entrar em sua casa. Quero que saia de onde estiver.

Sua voz ecoou pelos tetos altos e rebateu nas paredes pintadas em tom de areia.

— Estou com um mau pressentimento — murmurou ela. — Muito mau. —

Balançando a arma, seguiu a trilha de água. Viu a pasta de Bayliss aberta sobre a cama, ao lado de um paletó atirado de qualquer maneira.

Eve olhou para Roarke, que averiguava um closet do tamanho de um quarto. Ela fez o mesmo com o outro closet na parede em frente e seguiu ao longo do piso molhado até uma porta.

Fez novamente um sinal para Roarke e o esperou chegar junto dela. Com a mão livre, girou uma maçaneta e empurrou a porta, posicionando-se abaixo do braço de Roarke.

Uma música tocava a todo volume. Eve tomou um susto ao ouvir a voz de Mavis se esgoelando pelas paredes do opulento banheiro. Todo em branco e dourado, o cômodo era quase ofuscante com suas paredes imaculadamente brancas, gigantescos espelhos pias tão grandes que quase daria para tomar banho nelas.

Além da música, Eve ouviu o ruído de uma banheira de hidromassagem. Foi em frente, acompanhando o piso molhado e brilhante até chegar à ponta do aposento em forma de L.

A banheira era muito alta e branca como neve, exceto pelo file-te de sangue que escorria na parede lateral, pingando de uma única mão pendente para fora. O sangue gotejava sobre um distintivo atirado no chão.

— Droga! Maldição! — Ela pulou na direção da banheira e constatou que era tarde demais para chamar os paramédicos.

Bayliss estava no fundo da banheira, com a cabeça apoiada em um travesseiro prateado e o corpo preso ao fundo por muitas tiras de um adesivo poderoso e impermeável.

Seus olhos olhavam para ela, esbugalhados, aterrorizados e já enevoados pela morte.

Brilhando no fundo da banheira, havia moedas de prata. Eve sabia que, ao contá-las, encontraria um total de trinta.

— Eu não fui rápida o bastante. Alguém o queria morto mais do que eu o queria vivo.

Roarke ergueu a mão e a colocou na base do pescoço de Eve, massageando-o uma única vez.

— Vou pegar o seu kit de serviço.

— Obrigada. — Sua concordância tinha um tom de repulsa. — Quem fez isso já está longe, mas tome cuidado mesmo assim. — Ela pegou o comunicador. — Preciso entrar em contato com a polícia local, por questão de protocolo. Depois eu vou cair dentro. Enquanto isso, você está convocado como meu assistente provisório. Passe spray selante nas mãos quando voltar e não...

— Toque em nada — ele terminou a frase. — Que jeito horrível de morrer — acrescentou Roarke. — Ele foi mantido vivo, acordado e preso ao fundo da banheira enquanto a água subia. O banheiro é à prova de som e certamente ninguém ouviu seus gritos.

— O assassino ouviu — disse Eve e, virando-se de costas, começou a fazer ligações.

Ela gravou a cena do crime e fez algumas análises preliminares, antes da chegada da polícia local. Sabendo que iria ter de contrabalançar autoridade com diplomacia, Eve solicitou, em vez de ordenar, que o xerife mandasse alguns dos seus homens para interrogar os vizinhos.

— Não tem muita gente por aqui nessa época do ano — contou o xerife Reese — Quando junho chegar, aí a coisa muda.

— Eu imaginei isso, mas talvez tenhamos sorte. Xerife, o crime aconteceu em sua jurisdição, mas a vítima veio da minha. O assassino também. Além do mais, esta morte está ligada a uma investigação em aberto e, portanto, cai sob a minha autoridade. Mesmo assim, preciso de toda a ajuda que puder conseguir e também da sua cooperação.

— Pois a terá, tenente. — Ele a analisou por um momento. — Tem gente que acha que isso aqui é apenas um lugar atrasado do interior, longe da cidade grande, mas nós não somos caipiras. Não temos as exuberantes taxas de crime dos grandes centros, mas sabemos proceder direito quando algo assim acontece.

— Obrigada, xerife. — Ela lhe entregou uma lata de Seal-It, o spray selante. – O senhor conhecia o capitão Bayliss?

— Claro! — Reese passou selante nos sapatos e nas mãos. — Ele e sua esposa apareciam sempre. Passavam o mês de agosto aqui, quase todos os anos, e um fim de semana por mês, durante o resto do ano. E ainda vinham nos feriados, vez por outra. Davam festas e gastavam muito dinheiro em nossa pequena cidade. Não tinham muitas coisas em comum com os moradores do lugar, mas eram sempre amigáveis. Nunca causaram problemas.

Eve subiu as escadas com ele.

— Bayliss tinha o hábito de aparecer aqui sozinho, xerife?

— Não, senhora. Chegava às sextas-feiras de tardinha e eventualmente, uma ou duas vezes por ano, ficava até o domingo à noite. Saía para pescar em seu barco. Sua mulher não ligava para pescarias A senhora já informou a ela o que aconteceu?

— Soube que ela está em Paris, mas vai ser contatada. Bayliss trazia mais alguém aqui, além da esposa?

— Não. Alguns sujeitos fazem isso, trazem um companheiro de pescaria ou uma vadia qualquer, se me perdoa a expressão. As mulheres também fazem isso. Bayliss vivia firme e forte com a esposa. Nunca soube de ele trazer nenhum... entretenimento de fora.

Eve concordou com a cabeça e o levou até a banheira. Reese olhou a cena e expirou com força.

— Meu Cristo, que imagem terrível! Não me importo de dizer que fico feliz por esse caso ser seu, tenente. — Reese coçou a cabeça. — Se o assassino tentou fazer parecer suicídio, por que deixou a vítima pregada no fundo com essa fita adesiva?

— Ele não estava simulando um suicídio. Tudo o que precisava era do sangue escorrendo sobre o distintivo. É o padrão dele. Eu já gravei a cena e agora, depois de o senhor ter testemunhado o local do crime oficialmente, vou esvaziar a banheira e examinar o corpo.

— Pode fazer seu trabalho, tenente. — Ele deu um passo atrás ao ver Roarke entrar.

— Este é meu auxiliar temporário — explicou Eve. — Este é o xerife Reese Roarke.

— Eu o conheço — disse Reese. — Já o vi aparecer em muitos programas e entrevistas. Você possui algumas casas por aqui.

— Isso mesmo.

— E sempre as mantém muito bem cuidadas, devo acrescentar. Gostamos disso, muito obrigado. Aquela supermáquina parada na porta é sua?

— Sim. — Roarke sorriu de leve quando Eve desligou o motor da bomba de hidromassagem. — É um novo modelo.

— É lindo!

— Antes de irmos embora eu vou lhe mostrar as novidades desse modelo para o próximo ano — ofereceu Roarke.

— Puxa, eu gostaria muito.

— Vítima do sexo masculino, caucasiano — começou Eve —, identificada como capitão Boyd Bayliss, de quarenta e oito anos. A causa da morte parece ter sido afogamento. O corte no pulso esquerdo também seria potencialmente letal.

Eve colocou os microóculos.

— Não há marcas de protesto da vítima, nem de luta — continuou relatando, tirando novamente os óculos. — A vítima está usando uma aliança de ouro e um relógio também de ouro. Uma forte fita adesiva foi utilizada para prender a vítima no fundo da banheira pela garganta, braço esquerdo, peito, torso, cintura, quadris e também pernas e tornozelos. Não há evidências de feridas defensivas.

A água foi escorrendo pelo ralo com sons de sucção enquanto ela falava. À medida que o nível baixava, os cabelos e genitais de Bayliss pareceram flutuar rumo à superfície.

— Preciso examinar o corpo, xerife. O senhor poderia fazer a gravação disso? — Eve despregou a minicâmera da jaqueta e a estendeu para ele.

— Gosto mais do meu trabalho do que do seu, tenente. — Ele prendeu a câmera em sua lapela e se posicionou mais perto.

Eve subiu na borda da banheira e colocou uma das pernas lá dentro. Em sua mente, ela já reconstituíra todo o crime. A vítima estava inconsciente, Eve tinha certeza disso. Não seria possível carregar um homem adulto, saudável e de constituição forte para o fundo de uma banheira e prendê-lo daquele jeito sem sinais de luta.

Ela colocou um pé de cada lado da vítima, como imaginou que o assassino tivesse feito. Agachando-se, começou a trabalhar com a fita adesiva.

— É um material muito resistente. Parece o tipo de fita utilizada para empacotar cargas e pacotes pesados. Ele usou um estilete ou um bisturi para cortar a fita, pois não há fiapos. Pode também ter sido uma tesoura afiada. Foi um trabalho paciente, feito com capricho. Ele não teve pressa.

A fita emitiu um leve ruído de velcro quando Eve a despregou da superfície lisa da banheira. Ela arrancou os primeiros pedaços da fita com cuidado e colocou cada um deles em um saco plástico de provas.

Soltando a cabeça da vítima, Eve ergueu o corpo e o virou. Não viu sinal algum de golpe.

E*le foi atordoado,* pensou. *O criminoso usou uma arma, provavelmente de uso comum da polícia. Droga!*

Ela seguiu pelo corpo abaixo, entregando a Roarke os pedaços de fita adesiva que ia despregando e ensacando como provas.

Seus movimentos eram rápidos e eficientes, pensou Roarke. Seus olhos não tinham expressão. Distanciando-se o mais que podia, ela focava a mente e suas habilidades no trabalho.

Ela não considerava isso uma demonstração de coragem, mas ele sim. Ela se entregava por inteiro a uma tarefa como essa e trabalhava com tenacidade para equilibrar a balança da justiça, mesmo sendo para um homem de quem não gostava.

— Microóculos! — ordenou, e Roarke os devolveu a ela.

Com o equipamento sobre os olhos ela tornou a se agachar, examinando a pele vermelha nos lugares em que Bayliss tentara, inutilmente, lutar contra a fita. *Sim,* ela pensou. *O assassino o queria vivo e consciente enquanto a água subia. Gritando,*

implorando, engasgando-se.

Será que ele chamou você pelo nome, Bayliss? Aposto que sim.

Ela virou o cadáver de barriga para baixo e suas mãos se tornaram inconscientemente carinhosas. Nas costas e nas nádegas, ela viu marcas avermelhadas nos pontos em que o corpo fora pressionado e se agitara contra o fundo da banheira.

No quadril do morto havia uma pequena tatuagem dourada e preta. Uma réplica do distintivo que agora estava no chão, coberto com o seu sangue.

— Um tira da cabeça aos pés — comentou Eve. — Pelo menos, era assim que ele se via. Bayliss odiaria saber que morreu desse jeito. Nu, indefeso e sem dignidade.

Eve recolheu as moedas que enchiam o fundo da banheira.

— Trinta — disse ela, balançando-as na palma da mão antes de colocá-las no saco de provas que Roarke lhe estendeu. — Ele muda de método, mas o simbolismo permanece. Bayliss morreu há pouco tempo. Perdemos o assassino por pouco. O sangue mal começara a se acomodar na parte mais baixa do corpo e o que respingou ainda está úmido. Preciso do medidor biométrico para determinar a hora da morte.

— Tenente. — Roarke lhe entregou o medidor. — Acho que a sua equipe chegou.

— Hein? — Ela pegou o medidor. Ouviu as vozes meio abafadas que aumentaram de intensidade quando várias pessoas subiram a escada e chegaram ao segundo andar. — Tudo bem, já estou quase acabando. Uma hora — disse ela, com tristeza, ao ler o resultado do medidor biométrico. — Nós perdemos o assassino por menos de uma hora.

Eve já saía de dentro da banheira quando Peabody entrou pela porta.

— Apresentando-me, tenente!

— Grave tudo. Faça com que ele seja ensacado e transportado, Peabody. Peça aos peritos para darem início aos trabalhos agora mesmo. Você trouxe o pessoal da DDE?

— Sim. Feeney e McNab vieram comigo.

— Assim que eles subirem, peça para verificarem o sistema de segurança e depois os tele*links*. Precisamos fazer isso, mesmo que não encontremos nada. Obrigada, xerife. — Ela estendeu a mão para pegar a câmera que estava com ele. — Esta é a minha auxiliar, a policial Peabody. Ela vai continuar fazendo as gravações da cena do crime, se o senhor não fizer objeção.

— Nenhuma, tenente.

— Quero inspecionar a casa. Bayliss trouxe arquivos com ele e eu preciso

encontrá-los.

— O escritório fica no andar de baixo — informou Roarke, fazendo com que ela olhasse para ele. — Posso mostrar-lhe onde é.

Algo no tom de voz dele fez Eve perceber que ele não queria mais ninguém por perto. Ela esqueceu a momentânea irritação por ele ter examinado a casa por conta própria e se virou para Reese.

— Xerife, eu gostaria que seus homens começassem a entrevistar os vizinhos. Queria também, por favor, que o senhor entrasse em contato com as radiopatrulhas de ronda para sabermos se alguém notou algum veículo estranho circulando por esta área.

— Vou providenciar isso. Lá de fora, se não fizer diferença para a senhora. Preciso de um pouco de ar.

— Obrigada, xerife. — Ela saiu com Roarke e cruzaram com os primeiros técnicos e peritos que subiam a escada. — Que idéia foi essa de você sair xeretando pela casa por conta própria? Estamos aqui em missão oficial. Não posso permitir que um civil circule por aí como se estivesse em casa.

— Estava executando minhas funções de assistente temporário — disse ele, com toda calma. — Todas as outras portas e janelas estão trancadas, por falar nisso. O sistema de alarme foi fabricado por uma das minhas empresas. É topo de linha e não foi adulterado. Quem entrou aqui sabia a senha. Também já localizei o controle central de segurança — continuou ele. — Feeney vai descobrir que alguém também usou a senha para entrar nele. Sendo assim, não teremos gravações de nenhuma das atividades de hoje, dentro ou fora da casa, depois das sete da noite.

— Que rapaz ocupado, hein?

— Eu ou o assassino?

— Rá-rá. Ele não entra em pânico, não se apressa, encobre suas pegadas. E consegue fazer tudo isso apesar da raiva que circula por dentro dele. Deve ser um tira e tanto.

Ela entrou no cômodo que Roarke indicou, um espaçoso escritório com vista para o mar na parede ao fundo, totalmente envidraçada.

Ali havia sinais de pressa. Coisas fora do lugar. Um copo grosso virado sobre a mesa, com o conteúdo espalhado sobre a superfície cromada. Havia desordem nos discos ao lado do computador e uma pilha de roupas espalhadas pelo chão. Eve reconheceu o terno que Bayliss usara na reunião daquela manhã.

— O assassino o pegou aqui, logo de cara — começou Eve. — Surpreendeu-o trabalhando. Bayliss servira um drinque para si mesmo. — Ela pegou o copo e o cheirou. — Parece uísque. Ele se instalou e começou a analisar seus arquivos. Ouviu algo, levantou a cabeça e viu alguém na porta. Levantou-se na mesma hora,

derrubando o drinque. Talvez tenha tido tempo de falar o nome do assassino, mas logo recebeu uma rajada da arma de atordoar.

Ela caminhou pelo escritório e foi até atrás da mesa.

— O assassino o despiu aqui. Já tinha um plano pronto. Foi lá em cima examinou toda a casa. Puxa, talvez ele até mesmo tivesse participado de festas aqui, pois parecia conhecer bem a casa. Saiu, desarmou o sistema de segurança e levou os discos que tinham gravado a sua chegada. Será que ele trouxe aquela fita adesiva especial?

Ela começou a abrir portas e gavetas.

— Não, veja isso. Aqui está um rolo do mesmo material, ainda fechado. Ele pegou o que precisava aqui mesmo, no escritório de Bayliss. Jogou o resto do rolo de fita fora e também o estilete. Nunca os encontraremos.

— Tenente — disse Roarke, baixinho. — Verifique os discos.

— Já vou chegar neles. Em seguida ele carregou Bayliss para o andar de cima Ele é forte. Não percebi nenhum sinal de a vítima ter sido arrastada escadas acima, não há marcas roxas nas pernas nem arranhões nos calcanhares. Ele o colocou no fundo da banheira. Não o jogou lá, simplesmente deitou-o, com cuidado, pois não há marcas na pele. Depois disso, ele o amarrou com fita adesiva e usou-a também para prendê-lo no fundo da banheira. O assassino tirou os próprios sapatos para fazer isso, mas não as roupas. Não vi sinais de fricção na banheira e há muita água do lado de fora, o que mostra que o assassino não secou o próprio corpo quando tornou a sair.

Sim, ela conseguia visualizar isso. Muita paciência e, ao mesmo tempo, a raiva que o consumia por dentro. Uma paciência meticulosa cobrindo a fúria assassina.

— Então ele esperou Bayliss acordar. Quando isso aconteceu rolou algum papo. Você vai morrer por causa disso e daquilo. Merece morrer. Merece sofrer e ser humilhado. O assassino liga a água, sente os jorros quentes e ouve Bayliss implorar por sua vida. Quando a hidromassagem foi ligada, emitiu espuma e borbulhas na água quente, ele permaneceu frio. Frio como gelo. É isso que acontece quando um assassino se vê diante da vítima, que morre. Ele se mantém tão frio que nada daquilo o atinge. Ele permanece ali, acima da vítima, e observa a morte chegar.

"Isso não o empolga, não o emociona nem o deixa triste. Trata-se apenas de um serviço que precisa ser feito, e bem-feito. Existe um propósito por trás de tudo. Quando a água enche os pulmões de Bayliss, quando ele pára de lutar e seus olhos ficam fixos e arregalados, ele pega as moedas e as joga na água, por cima do corpo. As moedas de Judas.

"Então, pula da banheira, pingando, pega os sapatos e sai do mesmo jeito que

entrou. Deixa a porta aberta porque não quer que passe muito tempo antes de o crime ser descoberto. Quer que todos saibam logo. Quer que o que aconteceu seja divulgado, discutido. O trabalho não estará completo até o Departamento de Polícia saber que outro tira foi morto."

— Puxa, eu não consigo recriar a cena desse jeito, mas dá para acompanhá-la direitinho, conforme você a descreve — disse Roarke. — Acho admirável.

— Isso é básico.

— Não do jeito que você faz — murmurou ele. Quantas cenas como a que ela acabara de descrever estavam vivas em sua memória. Quantas vítimas moravam em sua cabeça e quantos assassinos?

Manter a frieza, foi o que ela dissera, a fim de impedir que aquilo penetre na alma. Esse era um dom que Eve não possuía, e o próprio fato de toda a dor atingi-la tanto é que a tornava brilhante. E assombrada por lembranças.

— Olhe os discos, Eve.

— Já os vi.

Havia dezenas de discos, e muitos dos nomes estampados nas etiquetas ela reconhecia. Todos eram tiras. Os arquivos pessoais de possíveis ratos, que Bayliss colecionava. Ela englobava desde guardas comuns até, ela notou, oficiais que trabalhavam na torre da Secretaria de Segurança.

— Pelo menos a caçada às bruxas que ele efetuava era democrática. — Eve notou que um dos discos trazia o seu nome na etiqueta. — Vamos ensacar tudo isso como prova. Vai ser um trabalho nojento e tedioso vasculhar esses arquivos todos. O computador dele ficou ligado. — Eve se sentou e observou a tela escura.

— Há um disco aí dentro — informou Roarke. — Não me parece que pertença ao arquivo da vítima.

— Você tocou nisso aqui? — perguntou ela, girando o corpo na cadeira e rangendo os dentes ao olhar para ele. — Eu o avisei para não...

— Cale a boca, Eve, e coloque o disco para rodar.

Ela ainda tinha muito mais a dizer, mas isso poderia esperar até eles estarem a sós, quando então ela poderia repreendê-lo à vontade. Virando-se para a tela, ela ordenou:

— Rodar o disco.

Um arquivo de texto apareceu silenciosamente na tela. Não havia áudio nem leitura automática, mas apenas letras frias e claras sobre um fundo cinza-escuro:

Tenente Dallas:

No papel de investigadora principal das mortes de Kohli, Mills e, agora, Bayliss, é a você que eu devo me dirigir.

Arrependo-me profundamente pela morte do detetive Taj Kohli. Fui enganado basicamente por culpa do homem que estou prestes a executar, e que vai morrer pelos crimes que cometeu Crimes contra o distintivo que usou de forma vil, em sua sede de poder. Será esse um pecado menor que o de Mills, que traiu o distintivo por dinheiro?

Se você concorda ou não com isso, não me interessa. Jurei fazer o que fiz e vou continuar fazendo.

Devido à nossa ligação, levei algum tempo para ler o dossiê que Bayliss montou a seu respeito. Se as alegações, acusações e dados que ele compilou forem baseados em fatos reais, você também desonrou seu distintivo. Não pretendo confiar nas palavras de um tira mentiroso com mente distorcida e sedento de poder, mas as afirmações que ele fez devem ser levadas em consideração.

Eu lhe dou setenta e duas horas para que você peça demissão da função que ocupa. Se estiver envolvida com Max Ricker de forma indireta, por meio de seu marido, tenente, você morrerá. Se alguma dessas alegações for falsa e você for tão habilidosa e dedicada quanto a sua reputação indica, certamente encontrará um meio de desbaratar as organizações Ricker nas setenta e duas horas que eu lhe dei. Precisará de todo o seu foco e toda a sua habilidade a fim de lograr isso. Para ser justo, e visando alcançar o meu objetivo, dou-lhe a minha palavra de que não farei nenhum movimento para atacá-la nem a mais ninguém durante o prazo que estipulei.

Acabe com Max Ricker, tenente. Ou eu acabo com você.

Capítulo Dezoito

Eve tirou cópias da mensagem, pegou o disco e os arquivos para servir de prova e passou o computador para Feeney. Ele o levou para a Divisão de Detecção Eletrônica, desmontou-o peça por peça, vasculhou todos os arquivos, escaneou e verificou tudo. Isso era *pro forma* e Eve sabia. O assassino não deixara na máquina coisa alguma que o identificasse, a não ser a mensagem dirigida a ela.

Ricker estava na lista negra de Eve, e ela pretendia mesmo agarrá-lo. Só que ele não era prioridade agora, nem poderia ser. Qualquer que fossem suas ligações com o assassino, Ricker não era a pessoa por trás daquelas mortes.

Eve lidava com um tira astuto e perigoso, e se ele queria enfrentá-la face a face, tudo bem, ele que viesse. O que ela não podia era perder o foco principal do caso. Havia muitas coisas para a sua mente processar ao mesmo tempo e ela pretendia analisar uma de cada vez, passo a passo.

Ela apressou os técnicos, ligou para o laboratório pessoalmente e enviou algumas ameaças criativas junto com as exigências de prioridade para as pesquisas das amostras que ela lhes enviava. No que dependesse de Eve, mesmo que tivesse de trabalhar vinte e quatro horas por dia, de domingo a domingo, até o caso ser encerrado, ela o faria. Do mesmo modo que todos da sua equipe.

Roarke tinha outro método de trabalho e uma prioridade diversa da de Eve, além de um estilo completamente diferente. Ele não perdeu tempo perguntando o que Eve pretendia fazer nem insistindo para que ela tomasse precauções visando aumentar a própria segurança.

Ele a deixou trabalhando na cena do crime e fez a viagem de volta para Nova York sozinho. Ao chegar, imediatamente colocou em prática seus próprios planos.

Foi direto para a boate Purgatório e entrou utilizando a sua senha. A destruição que tomara conta do local fora consertada e os sinais de reparos já podiam ser vistos. Ainda não era a elegante arena de pecados que fora, mas voltaria a ser. Muito em breve.

As luzes se acenderam, refletindo-se no piso que fora remodelado e exibia agora um padrão de círculos e quadrados prateados. Os espelhos atrás do bar tinham sido trocados por um painel azul-escuro, conforme as instruções de Roarke. O efeito obtido foi o de um ambiente etéreo e sobre-humano.

Talvez subumano e clandestino tivesse mais a ver com a sua idéia, analisou.

Foi para trás do balcão e servia duas taças de conhaque no instante em que

Rue MacLean apareceu, descendo pelos degraus largos e em curva.

— Acabei de fazer uma verificação no sistema de segurança disse ela, sorrindo um pouco. — Já está tudo funcionando. Você trabalha rápido.

— Vamos abrir em setenta e duas horas.

— Setenta e... — Ela pegou o conhaque que ele lhe serviu sobre o balcão e expirou com força. — Como conseguiremos?

— Deixe tudo comigo. Quero que você avise os funcionários amanhã de manhã. Monte os turnos ainda esta noite. Reabriremos na noite de sexta-feira com força total. — Ele ergueu a taça e a observou por sobre a borda.

— Você é o chefe.

— Sou sim. — Ele pegou o maço de cigarros e o jogou sobre a mesa, enquanto acendia um. — Como foi que ele chegou até você?

Ele reparou um leve cintilar de pânico nos olhos de Rue, mas logo em seguida ela fez um ar de desentendida.

— Como assim?

— Ele anda usando esse lugar para fazer alguns negócios. Nada muito badalado nem importante. Só o bastante para ele se sentar com ar presunçoso em sua pequena fortaleza e imaginar que está me passando para trás e me fazendo de tolo. Vai acabar cometendo algum erro, se é que já não o fez. Esse é o padrão dele, e é isso que o torna perigoso... essa falta de cuidado. Talvez o tira que foi morto aqui estivesse começando a farejar alguma coisa, nem que fosse apenas uma idéia. Foi assassinado antes de dar prosseguimento às suas suspeitas.

Ela ficou pálida, tão pálida que sua pele pareceu quase translúcida.

— Você acha que foi Ricker quem mandou matar o tira? — perguntou ela.

Ele tragou o fumo lentamente e a observou através do véu de fumaça que exalou.

— Não, não creio nisso. Pelo menos ele não o matou diretamente. Mas acho interessante o quanto tudo foi oportuno. Foi a noite errada para o tira, potencialmente foi um mau momento para mim e certamente uma péssima hora para você, Rue.

— Não sei do que você está falando.

Ela recuou um passo, mas Roarke simplesmente colocou a mão sobre a dela, no balcão, pressionando-a o bastante para alertá-la de ela não devia se afastar.

— Não faça isso, Rue — ele falou suavemente, mas ela estremeceu. — Só vai servir para me deixar mais puto do que já estou. Quero saber como Ricker conseguiu chegar até você. Só pergunto pelo fato de já sermos amigos há um tempo considerável.

— Você sabe que não existe nada entre mim e Ricker.

— Bem que torci por isso. — Ele virou a cabeça meio de lado — Você est tremendo. Acha que eu vou machucá-la? Você já me viu bater em mulher, Rue?

— Não. — Uma única lágrima, gorda e brilhante, escorreu-lhe pelo rost lentamente. — Não, eu sei que você não me machucaria. Não é o seu estilo.

— Mas é o estilo dele. Como foi que ele machucou você?

Agora era a vergonha que transbordava de seus olhos sob a forma de lágrimas, e a voz dela ficou entrecortada.

— Por Deus, Roarke. Sinto muito. Sinto de verdade. Ele me seqüestrou u dia. Fui levada por dois dos seus homens quando caminhava pela rua. Eles me levaram até ele e... Nossa, nós almoçamos juntos, fizemos uma refeição sofisticada em um lindo lugar, o solário da mansão de Ricker. Ele me disse como as coisas iam ser e o que iria acontecer se eu não colaborasse com ele.

— Então você colaborou.

— Não a princípio. — Ela olhou para o maço de cigarros de Roarke, pegou u para si mesma e tentou acendê-lo. Roarke segurou a mão dela e a manteve firme até o cigarro ser devidamente aceso. — Você sempre foi tão bom para mim, sempre me tratou com respeito e foi justo. Sei que você não vai acreditar em mim, mas a minha primeira reação foi mandá-lo para o inferno. Disse a ele que quando você descobrisse o que ele tentava fazer você iria... Bem, inventei um monte de coisas terríveis e interessantes que eu acho que você faria. Ele simplesmente ficou sentado ali com aquele sorriso cruel grudado no rosto, enquanto eu desabafava. Eu fiquei apavorada. Estava abalada pelo jeito com que ele me observava. Como se eu fosse um inseto que ele planejava esmagar quando bem quisesse. Nesse momento ele recitou um nome e um endereço. O nome de minha mãe. O endereço dela.

A respiração dela ficou ofegante ao lembrar e ela pegou a taça e bebeu vários goles longos para ajudá-la a se manter firme.

— Ele me mostrou vídeos. Ele vinha vigiando a minha mãe e eu vi cenas dela na casinha que eu lhe comprei no norte do Estado, a qual, por sinal, você mesmo me ajudou a comprar. Eu a vi fazendo compras, visitando uma amiga, cenas do cotidiano. Quis demonstrar raiva e indignação, quis me mostrar furiosa, mas não consegui superar o terror daquele momento. Eu teria de atendê-lo, ele me disse. Argumentou que não haveria mal algum em eu fazer isso, garantiu que minha mãe não seria estuprada, torturada, nem desfigurada.

— Eu teria garantido a segurança dela, Rue. Você devia ter confiado em mim para mantêla a salvo.

Ela balançou a cabeça.

— Ele sempre sabe o ponto fraco das pessoas. Sempre sabe, é uma espécie de dom. E ataca exatamente nesse ponto até a pessoa aceitar qualquer coisa para fazê-

lo parar. Então eu traí você para que ele parasse. — Limpou as lágrimas que continuavam a escorrer. — Sinto muito, Roarke.

— Ele nunca conseguirá tocar em sua mãe, eu lhe garanto. Tenho um lugar onde ela poderá ficar a salvo até resolvermos tudo.

— Eu não compreendo — disse Rue, olhando para ele fixamente.

— Você vai se sentir melhor se ela estiver em segurança, e eu preciso que suas energias estejam focadas para trabalhar na boate durante os próximos dias.

— Você vai me manter no emprego? Depois disso?

— Eu não tenho mãe, mas sei o que é amar alguém além da própria vida e o que as pessoas fazem para manter esse amor longe de qualquer perigo. Continuo dizendo que você devia ter confiado em mim, Rue, e devia mesmo, mas não a culpo pelo que fez.

Ela tornou a se sentar e cobriu o rosto com as mãos. Ele completou a taça dela com mais conhaque enquanto ela continuava a chorar baixinho. Roarke, então, abriu uma garrafa de água e a colocou diante dela.

— Vamos lá, beba um pouco de água para clarear a cabeça.

— É por isso que ele odeia você, Roarke. — Sua voz estava rouca, mas firme. — Por tudo o que você é, por tudo o que ele jamais poderia ser. Ele não consegue compreender o que vai no seu íntimo, o que faz você ser do jeito que é. Então ele o odeia. E não quer apenas que você morra. Quer vê-lo arruinado.

— Estou contando com isso. Agora, vamos combinar o que você vai fazer.

Como Eve já estava casada havia mais de um ano, pensou que conhecesse todas as nuanças do relacionamento marido-mulher. A melhor maneira de escapar de um problema com Roarke, sempre que ela lidava com algum caso complicado, era não falar com ele pelo máximo de tempo que conseguisse.

Para ganhar tempo, ela ligou para casa pelo *tele-link*, mas colocou a ligação em modo silencioso e a direcionou para o aparelho que ficava na cabeceira da cama, imaginando que Roarke provavelmente estaria trabalhando em seu escritório doméstico. Desse jeito, quando a luzinha indicando ligações externas piscasse, ele não estaria no quarto para vê-la e não atenderia a chamada.

— Oi — disse ela, lançando um sorriso rápido e casual para a tela. — Estou ligando para avisar que vou ficar trabalhando aqui na central. Não se preocupe que eu tiro um cochilo por aqui mesmo. Preciso virar a noite e tenho de dar uma passada no laboratório para pressionar Cabeção e conseguir logo alguns resultados. Torno a ligar assim que tiver chance. A gente se vê.

Ela desligou e soltou um longo suspiro, até que percebeu que Peabody a

fitava com olhar penetrante.

— Que foi? — perguntou Eve.

— Quer a opinião de uma mulher solteira sobre esse carrossel que é o casamento?

— Não.

— Você sabe que ele vai pular nas tamancas ao perceber que você ignorou as ameaças — continuou Peabody, sem ligar para a cara feia de Eve. — É por isso que você está pulando em volta dele para sair pela tangente. "Tô ocupada demais"... "Não posso conversar agora"... — Ela não resistiu e soltou uma risada de desdém — Até parece que isso vai colar, Dallas.

— Cale a boca. — Eve se remexeu na cadeira, tentou morder a língua para não perguntar nada, mas desistiu: — Não vai colar por quê?

— Porque você é esperta, Dallas, mas ele é muito mais esperto. Pode até ser que ele deixe você dançar esse tango em volta dele, mas de repente... blop!

— Blop? Que diabo é "blop"?

— Sei lá, porque não sou tão esperta quanto vocês, mas vou descobrir o que é "blop" assim que eu vir acontecer. — Peabody prendeu um bocejo quando elas entraram em uma radiopatrulha e seguiram rumo ao laboratório. — Já fazia tempo que eu não andava em uma patrulhinha dessas. — Ela deu uma palmadinha do banco duro e muito desconfortável. — Não senti saudade.

— Isso foi o melhor que eu consegui. Vou levar uma bronca por tomar posse dessa viatura no local do crime, mas o meu carro está um lixo.

— Que nada! — Peabody bocejou abertamente e esfregou os olhos. — O policial de quem você pegou o carro emprestado ficou todo prosa. Provavelmente vai pregar uma placa no painel dizendo *Eve Dallas esteve aqui.*

— Qual é, Peabody, que gozação é essa? Me dê um tempo! — A idéia, porém, a fez sorrir no instante em que elas saltaram. — Quero que você entre em contato com a Manutenção. Eles não a odeiam tanto quanto a mim... Por enquanto. Faça-os colocar a minha viatura novamente em forma.

— A coisa vai sair mais rápido se eu mentir e solicitar o serviço usando outro número de distintivo.

— Sim, tem razão. Use o de Baxter. Você está meio bêbada de sono – acrescentou, quando Peabody tornou a bocejar. — Quando acabarmos aqui, tire um cochilo de uma hora, pelo menos, ou torne um estimulante para ficar acordada, uma dose de Wake-Up ou algo assim. Preciso de você bem ligada.

— Um cochilo já me renova as energias.

O guarda na porta do laboratório passara pelo primeiro e segundo cochilos e já entrava no terceiro. Seus olhos estavam quase fechados, seu uniforme parecia

amarrotado e ele exibia um vinco de sono na bochecha direita.

— A senhora está liberada. — Foi tudo o que disse e voltou para a guarita quase dormindo em pé.

— Isso aqui parece um cemitério à noite. — Peabody sentiu o corpo estremecer. — É pior que o necrotério.

— Vamos animar um pouco as coisas.

Eve não tinha esperanças de ver Cabeção pular de alegria ao vê-la. Também não esperava ouvir duas vezes na mesma noite a voz de Mavis explodindo no ar assim que colocou os pés no laboratório principal.

O chefe do laboratório, dr. Berenski, conhecido pelo não muito afetuoso apelido de Cabeção, estava curvado sobre um compu-scope e seu traseiro magro se remexia enquanto ele cantarolava acompanhando a canção.

Nesse instante, Eve percebeu que podia pedir o que bem quisesse a ele. Tinha um bom instrumento de barganha.

— Oi, Cabeção.

— Olha o respeito! *Doutor* Cabeção, se não se importa! — Ele ergueu a cabeça e Eve confirmou sua previsão. Pular de alegria foi algo que ele não fez. Seus olhos pareciam inchados e seus lábios exageradamente grandes emitiram um rosnado. Além do mais, ela notou que seu guarda-pó estava do avesso.

— Puxa, você me tirou da cama no meio da noite. Tudo*é* sempre emergência máxima com você, Dallas. Tudo é prioridade um. Sai da minha cola! Eu lhe envio as conclusões quando chegar a alguma, nem um minuto antes. Vá ver se eu estou na esquina e deixe de bufar no meu cangote.

— É que eu me excito toda só de estar junto de você.

Ele estreitou os olhos, analisou-a de cima a baixo, com ar de dúvida. Normalmente ela vinha com duas pedras na mão e as botas prontas para lhe chutar o traseiro. Não dava para confiar em Eve Dallas quando ela chegava sorrindo e soltando piadinhas.

— Dallas, você está alegrinha demais para alguém que tem vários corpos empilhados à espera de solução e uma galera de alta patente doida para morder seus calcanhares.

— Pois é, o que eu posso fazer? Essa música me faz ter vontade de sair dançando. Você sabia que Mavis vai apresentar um show especial na semana que vem? Ouvi dizer que os ingressos já estão esgotados. Não foi você que me contou isso, Peabody?

— Fui. — Peabody estava sonolenta, mas entrou na pilha de Eve. — Única apresentação, e Mavis é demais!

— Mais que demais! — concordou Cabeção. — Consegui duas entradas. Mex

uns pauzinhos. Segunda galeria.

— Seus pauzinhos são meio fracos, hein? — Eve analisou as unhas. — Eu lhe consigo dois desses na primeira fila, junto da banda, e mais dois passes especiais para visitar os bastidores. Se você for um cara legal, é claro.

Ele ergueu os olhos de repente e seus dedos de aranha, magros e compridos, agarraram Eve pelo braço.

— Tá falando sério?

— Supersério. Se você for um cara legal, é claro — repetiu. — Se mergulhar de cabeça e me conseguir alguns resultados bem depressa, eu lhe arrumo os ingressos e os passes.

Os olhos inchados de Cabeção ficaram rasos d'água de emoção. — Sou o seu mais novo melhor amigo — declarou.

— Que gracinha! Pois então me apresente algum resultado em uma hora e os ingressos vão se materializar na sua mão. Descubra alguma coisa, qualquer coisa que me indique quem é esse cara, e eu prometo que Mavis lhe dará, de quebra, um beijo molhado na boca.

Ela deu lhe um tapinha na cabeça e saiu. Ao chegar à porta olhou para trás e o viu em pé, atônito, com a boca ainda aberta.

— Cinqüenta e nove minutos, Cabeção. Tique-taque...

Ele só faltou pular de volta ao *compu-scope.*

— Muito esperta — elogiou Peabody, quando elas saíram. —Você é muito esperta mesmo.

Ao chegar de volta à central, Eve mandou Peabody preparar o relatório preliminar descrevendo os registros e anotações da cena do crime. E fez a terrível chamada para o parente mais próximo.

Isso levou mais tempo do que ela planejara e a deixou ligeiramente deprimida. A esposa de Bayliss não tinha respostas para ela, e se havia algo oculto sob a onda de choque que inundou o rosto dela, levaria muito tempo para ser desenterrado.

A viúva não aceitou fazer a identificação do falecido marido por vídeo e foi ficando cada vez mais histérica até que sua irmã surgiu na tela do *tele-link*.

Dava para ouvir, ao fundo, os soluços de desespero da mulher, enquanto uma morena bonita e muito pálida apareceu diante de Eve.

— A senhora não está enganada, tenente?

— Não, não há nenhum engano. Posso pedir que um psicólogo da polícia francesa vá até o seu hotel para ver a Sra. Bayliss.

— Não, não é necessário, ela fica melhor comigo. Vai preferir o apoio da família. Estranhos só servirão para piorar as coisas. Ela comprou abotoaduras para ele hoje à tarde. Por Deus!

A morena fechou os olhos e respirou fundo. Parecia firme, o que deixou Eve mais tranqüila.

— Tenente, vamos marcar nossa volta imediatamente. Pode deixar que eu providencio tudo. Vou cuidar da minha irmã.

— Entre em contato comigo o mais rápido possível ao chegar, pois precisarei falar novamente com a Sra. Bayliss. Ofereça meus pêsames à família.

Eve se recostou na cadeira e ficou olhando para a tela vazia. Tentou se afastar das provas físicas para poder ver os seres humanos envolvidos naquilo. As vítimas eram tiras. Embora todos carregassem distintivos, cada um portava o seu de forma especial. Todos, disso Eve tinha certeza, conheciam o assassino. Os dois primeiros mortos o conheciam o bastante para confiar nele.

Especialmente Kohli. Um drinque depois do expediente em uma boate fechada. Isso era algo que se fazia com um amigo. Mesmo assim, ele comentara sobre o encontro com a sua mulher. Analisando ao pé da letra, talvez se referisse mais a um colega do que a um amigo. Alguém que respeitasse. Alguém de quem esperasse algum conselho, talvez? De um jeito informal, bebendo uma cerveja.

Alguém, pensou ela, do seu próprio departamento. Alguém que, pelas suspeitas de Eve, tinha algum tipo de ligação com Ricker.

— Computador, apresentar a lista de todas as pessoas que trabalharam na 128ª. DP nos últimos dois anos, incluindo os que já se aposentaram. Corrigindo a ordem... Quero a lista dos últimos *três* anos. Execute uma pesquisa cruzada de qualquer caso ou investigação relacionado com algum policial dessa delegacia e onde exista ligação ou citação a Max Ricker. Execute também outra busca e siga os mesmos parâmetros com relação a... Como é o nome do filho? Alex. Alex Ricker. Faça uma terceira busca incluindo qualquer investigação onde o advogado Canarde tenha atuado como representante, tanto em interrogatórios quanto em tribunais.

Processando... Uma solicitação multitarefa dessa natureza exigirá no mínimo quatro horas e vinte e cinco minutos para ser executada...

— Então engate uma primeira e mexa essa bunda.

Comando desconhecido para o sistema. Por favor, reapresente a ordem...

— Tá legal. Dê início à pesquisa.

Ela se abasteceu de café e deixou o computador assobiando baixinho enquanto seguia para a sala de conferências, a fim de desencavar todos os dados que conseguisse a respeito de Vernon. Eve bem que poderia rodar essa pesquisa na sua máquina, enquanto a busca multitarefa estivesse sendo processada. Seu computador era novo, uma jóia quando comparado ao barulhento e gaguejante monte de lixo que ela usava antes.

Mesmo assim, não confiava na sua sorte e não quis arriscar.

Passou mais de uma hora analisando os dados de Vernon. Pretendia arrastá-lo para interrogatório em breve, e ia ser implacável.

O café estava deixando de fazer efeito em seu organismo e as palavras pareciam enevoadas na tela quando o comunicador tocou.

— Aqui fala a tenente Dallas.

— Vou descolar um beijo de língua bem gostoso.

— Não falei nada sobre beijos de língua — avisou Eve, obrigando-se a lembrar de avisar Mavis que mantivesse a boca bem fechada quando Cabeção entrasse nos bastidores. — O que descobriu?

— Um troço que fará até o seu coração frio bater de alegria. Achei um pouco de spray selante retirado da borda da banheira.

— Caraca! Diga-me que você conseguiu uma impressão digital e eu mesma vou beijar você na boca.

— Tiras sempre querem um milagre — reclamou ele, desanimado. — O que eu achei foram alguns traços de Seal-It. Meu palpite é que o assassino usou o produto para proteger as mãos e os pés, mas passou muita quantidade. Sabe o que acontece quando você espirra uma camada exagerada do selante?

— Sei, ele fica meio gosmento. A gente esfrega os dedos em algum lugar para tirar o excesso e sempre fica um pouco de material lá. Droga, Cabeção, em que uma gosminha de Seal-It poderia me ajudar?

— Quer ouvir o que eu tenho a dizer ou vai ficar tagarelando sem parar? O assassino tirou o excesso do selante. Provavelmente isso aconteceu na hora em que estava preparando a vítima para seu último banho de hidromassagem. O que encontrei foi um pedacinho microscópico de unha, o qual, graças à minha diligência, dedicação e fantásticas habilidades técnicas, descobri que pertence ao assassino.

Eve elevou o tom de voz:

— Você já confirmou se o DNA não é do próprio Bayliss?

— Eu tenho cara de quê? De idiota?

Ela abriu a boca para responder, mas lembrou que precisava dele e pediu desculpas.

— Foi mal, Cabeção, é que a noite está sendo longa.

— Eu que o diga! O material não combina com Bayliss, é claro que eu c analisei. Trata-se de um fragmento minúsculo, o pobrezinho, retirado da parte de dentro da fita adesiva. Veio com um pêlo de Bayliss grudado nele. A primeira idéia é de que se trata de um pêlo do braço da vítima, pelo local marcado no saquinho de prova, mas junto estava esse pedacinho de unha, e não se espera achar um pedacinho da unha do cara morto na parte *de dentro* da fita adesiva, não é verdade?

— Não, não, claro que não. Caraca, Cabeção, isso é muito bom. Isso c maravilhoso! Acho que estou me apaixonando por você.

— Todas se apaixonam, mais cedo ou mais tarde. Vou enviar os dados preliminares agora mesmo. — Ele deslizou pela sala sobre sua cadeira de rodinhas favorita. — Sexo masculino, branco. Não posso afirmar mais do que isso, por enquanto. Se quiser a idade e características genéticas, isso vai levar algum tempo. Não tenho muito Material com o que trabalhar. Talvez encontre mais um pouco. Se ele deixou um fragmento de unha no local do crime, mesmo com spray selante, pode ser que eu encontre mais alguma coisa. Até agora só confirmo que o pêlo é de Bayliss.

— Continue pesquisando. Bom trabalho, Cabeção.

— É... Sabe de uma coisa, Dallas? Se você conseguir levar esse cara ao tribunal, poderemos condená-lo só com isso. Entendeu? Condená-lo!

— É, eu sei! É o tipo de prova que derruba qualquer um.

Eve desligou e se recostou na cadeira.

Um fragmento de unha. Descuido. Era o seu primeiro sinal de descuido.

Trinta moedas. Simbolismo. Simbolismo religioso. Se as vítimas eram Judas quem era a figura crística? Não o assassino, decidiu, enquanto sua mente vagava. Cristo era o sacrifício, era o puro. O Filho. Como era mesmo a expressão?...

O Filho unigênito.

Fora deixada uma mensagem pessoal para a investigadora primária. Consciência. O assassino tinha consciência e seu erro ao eliminar Kohli o perturbou tanto que ele precisava aplacar o remorso explicando o que acontecera, justificando o ato. E lançando um ultimato.

Pegue Ricker.

Tudo virava, mexia e apontava para Ricker.

Ricker. O Filho. Purgatório.

Roarke

Contas, pensou Eve. Antigas contas a ajustar.

Ela estava deitada no escuro, mas não dormia. Não era seguro dormir e se deixar esconder nos sonhos.

Ele estava bebendo, e não estava sozinho.

Ela conseguia ouvir palavras soltas quando as vozes se elevavam, e isso acontecia muito. Era na voz de seu pai que ela prestava mais atenção, porque era ele que iria entrar no seu quarto se não tivesse bebido muito. Se não estivesse bêbado. Ele chegaria na porta e ela veria a sombra dele emoldurada pela luz forte e brilhante lá de fora.

Se ele ficasse zangado com o sujeito que o visitava e não estivesse muito bêbado, talvez a machucasse. Talvez lhe desse apenas algumas bofetadas, se ela tivesse sorte.

Mas se esse não fosse um dia de sorte, as mãos dele iriam passear por ela, apertá-la e machucá-la, e o seu bafo forte, com cheiro de bala, começaria a ficar cada vez mais rápido. A camiseta rasgada que ela usava para dormir não lhe serviria de defesa. Suas súplicas e esforços só o deixariam ainda mais bravo, tão bravo que a sua respiração se tornaria barulhenta, cada vez mais barulhenta, como a de uma grande máquina.

Então ele colocaria a mão sobre a sua boca, abafando-a e cortando seus gritos enquanto enfiava a coisa dele dentro dela.

"Papai tem um presente para você, garotinha, sua vadiazinha".

Em sua cama a menina estremecia e continuava ouvindo.

Ainda não completara oito anos.

— Preciso de mais grana. Sou eu que estou me arriscando. Sou eu que estou com o cu na reta.

A voz dele estava meio engrolada, mas não o bastante. Pelo menos, por enquanto.

— Fizemos um trato — dizia a outra voz. — Sabe o que acontece com quem quer me foder? O último empregado que tentou renegociar nosso acordo não viveu o bastante para se arrepender disso. Ainda estão pescando pedacinhos dele no East River.

Essa outra voz era calma. Ela precisou esticar a orelha para ouvi-la melhor. O dono dela não estava bêbado. Não, não, ela conhecia muito bem a voz de um bêbado e esse aí não estava embriagado. Mesmo assim, o tom de sua voz a fez estremecer. Havia algo cruel por baixo do tom educado e calmo.

— Não quero problemas com você, Ricker. — Seu pai reclamou baixinho, e isso a fez se encolher toda. Se ele estivesse com medo, iria machucá-la e usaria os punhos. — Tenho despesas altas. Tenho uma filha para criar.

— Não me interessa a sua vida pessoal. Quero saber é da minha mercadoria

Providencie para que ela seja entregue amanhã à noite no lugar e hora marcados, e eu lhe pago o resto da grana.

— A mercadoria estará lá.

Uma cadeira se arrastou no chão.

— Para a sua segurança e a da sua filha, é melhor que esteja mesmo. Você é um bêbado e eu não gosto de gente assim. Apresente-se sóbrio amanhã à noite.

A menina ouviu passos e então uma porta abriu e tornou a fechar. Ela não ouviu mais nada.

De repente, o silêncio foi quebrado pelo som de vidro estilhaçado, gritos e xingamentos. Na sua cama, ela estremeceu e se preparou para o pior.

As paredes tremeram. Ele as socava com força. Era melhor do que descontar nela, foi só o que a menina conseguiu pensar. Tomara que ele continue socando as paredes e encontre outra garrafa. Por favor, por favor, Deus, faça com que ele encontre mais bebida e outra pessoa para espancar.

Por favor.

Mas a porta do quarto se escancarou. Ali estava ele, em pé. Uma sombra grande e escura com uma luz forte e brilhante iluminando-o por trás.

— O que está olhando, garotinha? Andou ouvindo minhas conversas pessoais? Anda xeretando no que não é da sua conta?

Não. Não. Ela não falou nada, simplesmente abanou a cabeça para os lados com força.

— Acho que eu devia deixar você aqui para os ratos e os tiras. Os ratos vão morder seus dedos e lhe arrancar fora os dedinhos dos pés. Depois virão os tiras. Sabe o que eles fazem com garotinhas que não cuidam da sua vida?

Ele aproximou-se dela, muito bravo, e a levantou no ar pelos cabelos. Seu couro cabeludo ardeu muito e ela gritou, apesar dos esforços para ficar calada.

— Eles colocam as crianças em buracos escuros no chão. Elas ficam lá e os insetos rastejam para dentro dos seus ouvidos. Você quer ir para esse buraco escuro, garotinha?

Ela chorava muito agora. Não queria fazê-lo, mas as lágrimas simplesmente lhe brotavam dos olhos sem parar. Ele a esbofeteou. Uma, duas vezes, quase de forma automática, e ela começou a ter esperanças.

— Levante a bunda da cama e arrume suas coisas. Tenho que ir a alguns lugares, preciso procurar umas pessoas. Vamos viajar para o sul, garotinha.

Ele sorriu, então. Um sorriso grande, cheio de dentes, que tornou seus olhos esbugalhados.

— Ricker acha que pode me amedrontar. Pois muito bem, que vá para o inferno! Peguei metade da sua grana e estou com a porra das drogas. Vamos ver

quem vai rir por último, seu Max Ricker filho-da-puta.

Enquanto a menina se arrastava para obedecer às ordens e começava a enfiar suas roupas em uma sacola, tudo o que conseguiu pensar é que estava a salvo. Pelo menos naquela noite ela fora salva graças a um homem chamado Max Ricker.

Eve acordou sobressaltada do sonho, com o coração martelando no peito e a garganta seca.

Ricker. Por Deus! Ricker e o pai dela.

Ela agarrou o braço da poltrona para não ficar tonta e se manter no momento presente. Será que isso fora verdadeiro ou simplesmente resultado de fadiga e imaginação?

Fora verdadeiro. Quando aqueles pequenos flashes do seu passado lhe apareciam em pesadelos, eram sempre verdadeiros. Ela conseguiu ver a si mesma, seus cabelos embaraçados, seus olhos imensos, seus bracinhos magros, encolhida na cama como um animal em uma caverna.

Conseguiu ouvir as vozes.

Inclinando-se para a frente, ela apertou as têmporas. Max Ricker conhecera o pai dela. East River. Estavam em Nova York Sim, certamente estavam em Nova York naquela noite. Quanto tempo passou até eles aterrissarem em Dallas? Quanto tempo se passou até a noite em que ela se vira com uma faca na mão, no instante em que o pai a estuprava?

Quanto tempo se passou até a noite em que ela o matou?

Tempo bastante para o dinheiro de seu pai acabar novamente. Tempo bastante, compreendeu ela, para Ricker montar uma caçada e enviar lobos farejando a trilha do homem que roubara o seu dinheiro.

Mas ela acabara com ele antes.

Levantando-se, Eve começou a andar de um lado para outro. O que aconteceu no passado não se aplicava à situação atual, e ela não podia permitir que aquilo interferisse com a sua investigação, nem que a influenciasse.

No entanto, era uma ironia a peça que o destino lhe pregara, fazendo o círculo reaparecer e se fechar mais uma vez. De Ricker para o seu pai. De Ricker para Roarke.

E, sem dúvida, de Ricker para ela mesma.

Que escolha lhe restava a não ser acabar com tudo novamente?

Capítulo Dezenove

Ela precisava de mais café. Precisava de mais horas de sono. Um sono sem sonhos. Precisava também do resto dos dados da pesquisa em seu computador.

Só que algo mais entrara em sua cabeça, algo que a fez deixar aquelas pistas de lado e começar a buscar outras coisas.

Ela começava a agir quando chegou a convocação para ela se apresentar na torre da Secretaria de Segurança.

— Não tenho tempo para isso. Droga de politicagem! Não tenho tempo para correr até o secretário Tibble só para lhe fornecer dados que serão repassados para a mídia.

— Dallas, apresente-se na torre. Deixe que eu acompanho as pesquisas que já estão em andamento — ofereceu Peabody.

Eve queria verificar tudo por si mesma. Era uma questão pessoal. Ali é que estava todo o problema, droga, admitiu para si mesma. Ela permitiu que tudo se tornasse pessoal.

— Vernon deve chegar para ser interrogado daqui a uma hora. Se ele se atrasar mais de trinta segundos, mande alguns guardas buscá-lo. Procure se familiarizar com o perfil dele — acrescentou, pegando a jaqueta de couro. — Entre em contato com Feeney Quero que ele e McNab acompanhem o interrogatório Quero uma sala cheia de tiras.

Ela hesitou e, antes de sair, olhou novamente para o computador. Não havia razão para perder mais tempo ali, lembrou a si mesma. Não havia razão.

— Acrescente os dados que eu estou levantando ao arquivo principal do caso e rode o programa de probabilidades dos nossos três homicídios.

— Sim, senhora. Com o nome de quem?

— Você vai descobrir — disse Eve ao sair com passos decididos. — Se não descobrir, está na profissão errada.

— Vivo sob pressão! — Peabody resmungou, sentando-se na cadeira.

Ela ia resolver isso rapidamente, disse Eve a si mesma. E ia ser direta. Tibble devia estar preocupado com a imagem pública do departamento, com as questões políticas e a lambança na Divisão de Assuntos Internos, mas ela não.

Eve tinha um trabalho a realizar, que era encerrar o caso.

Não ia grudar a bunda na cadeira e ficar quietinha ouvindo-o determinar que ela deveria marcar um horário na agenda para mais uma entrevista coletiva. E se ele achava que poderia arrancá-la da investigação só para fazer malabarismos diante da mídia, ele podia tirar o cavalinho...

P*uxa vida*.

Não ia ajudar em nada se ela chegasse ao gabinete do secretário Tibble cheia de pose e atitude daquele jeito. A lástima que sentia também não ajudaria em nada se suas suspeitas quanto à identidade do assassino fossem verdadeiras.

O trabalho dela era *encerrar* o caso. E os mortos, não importa quem fossem eles, mereciam o melhor que ela pudesse lhes dar.

Quanto a Ricker, ela também pretendia fechar esse círculo, depois.

Tibble não a deixou esperando e isso a surpreendeu um pouco. Mas essa surpresa não se comparava ao verdadeiro susto que tomou ao entrar no gabinete do secretário de Segurança e dar de cara com Roarke sentado ali, muito à vontade e com os olhos sem expressão.

— Tenente — recebeu-a Tibble, de sua mesa, convidando-a a entrar. — Sente-se. Você teve uma longa noite — acrescentou. Seu rosto estava calmo, sem emoção. Assim como o do comandante Whitney, que também estava ali, sentado e com as mãos pousadas nas coxas.

Isso, pensou Eve, era como chegar por último em uma mesa de pôquer com apostas altíssimas. E ela nem mesmo sabia o valor do cacife.

— Senhor, o relatório preliminar sobre a morte de Bayliss já foi atualizado com as descobertas preliminares do laboratório. — Ela olhou de forma significativa para Roarke. — Não posso divulgá-las verbalmente devido à presença de um civil no recinto, senhor.

— Este civil foi de muita utilidade na noite de ontem — comentou Tibble.

— Sim, senhor. — Eve também sabia como deixar suas cartas ocultas e simplesmente concordou com a cabeça. — Ele foi vital ao nos oferecer um rápido meio de transporte para a casa de Bayliss, na praia.

— Mas não foi rápido o bastante.

— Não, senhor.

— Isso não é uma crítica, tenente. Seus instintos com relação ao capitão Bayliss se mostraram corretos. Se você não os tivesse seguido, como o fez, poderíamos estar até agora sem saber do seu assassinato. Como admiro os seus instintos, tenente, eu mesmo vou seguilos. Designei Roarke para o papel de *attaché* civil temporário. Ele servirá como consultor para as investigações de Max Ricker que correm em paralelo com a sua investigação desses homicídios.

— Secretário Tibble...

— Tem alguma objeção à minha determinação, tenente? — perguntou Tibble, de forma suave. Se a cabeça de Eve não estivesse muito ocupada, explodindo, talvez ela tivesse percebido o leve tom de humor em sua voz.

— Tenho várias objeções, senhor, a começar pelo fato de que o caso Ricker

não é prioridade aqui. Estou analisando novas provas e dados que, acredito, levarão à prisão imediata do assassino no caso que investigo. A ligação com Ricker existe — continuou ela — e é um ponto-chave no caso, mas não tem peso nas novas pistas que surgiram, nem na prisão que será efetuada. A ligação, acredito eu, é mais emocional que tangível. Diante do exposto, a perseguição a Ricker é secundária e creio que ela terá continuidade depois de interrogarmos o suspeito dos homicídios. Solicito que qualquer passo rumo a Ricker seja adiado até o caso principal ser encerrado.

Tibble a observou e comentou:

— Você é um alvo agora.

— Todo tira é um alvo. O assassino está tentando desviar a nossa atenção dele e lançá-la em Ricker. Não pretendo atendê-lo e, com todo o respeito, o senhor também não deveria fazê-lo.

O calor dessa última observação fez com que Tibble erguesse as sobrancelhas. Apenas o bastante para que os cantos da sua boca se levantassem no que talvez não pudesse ser interpretado como satisfação.

— Tenente Dallas, nas análises que fiz do seu trabalho eu nunca percebi uma única mudança do foco de sua parte. Talvez eu tenha perdido algum detalhe ou talvez os assuntos com os quais lidamos aqui estejam acima do que você possa dar conta de forma humanamente razoável. Se for este o caso, posso encaminhar o caso Ricker para outro oficial.

— Este é o segundo ultimato que recebo nas últimas horas. Não gosto de ultimatos.

— Ninguém lhe pede para que goste. Exigimos apenas que faça o seu trabalho.

— Secretário Tibble — interrompeu Roarke, com a voz muito calma. — Pegamos a tenente de surpresa, depois de ela ter enfrentado uma noite muito difícil. A minha presença aqui certamente acrescenta um fator pessoal ao problema. Será que não poderíamos explicar a ela o motivo de eu estar aqui, antes de continuarmos?

O tiro certeiro que estava prestes a sair da boca de Eve, comunicando a Roarke em termos inequívocos que ela não precisava que ele a defendesse, acabou sendo impedido por Whitney, que se levantou, concordando com a cabeça.

— Acho que devemos fazer uma pausa aqui, a fim de nos acalmarmos. Eu gostaria de tomar um pouco de café, secretário. Com a sua permissão, trarei café para todos enquanto Roarke nos apresenta o plano básico, ao mesmo tempo que coloca a tenente Dallas a par de tudo.

Tibble concordou com a cabeça, fez um gesto de anuência para Roarke e se

recostou na cadeira.

— Tenente, conforme eu já lhe informei, e também aos seus superiores, eu tive, no passado, uma breve sociedade com Max Ricker. Uma sociedade — acrescentou Roarke — que desfiz assim que descobri que nem todas as atividades de Ricker eram legais.

"Tal sociedade não foi desfeita em termos amigáveis, visto que a minha saída custou a Ricker grandes perdas financeiras e um grande número de contas e clientes. Todos sabem que ele arrasta mágoas terríveis por muito menos e aguarda o momento certo para se vingar, mesmo que leve muito tempo. Isso nunca me preocupou muito, até recentemente."

Ele levantou a cabeça e olhou para Whitney, que lhe oferecia uma caneca de café. O horrível *café da polícia*, pensou Roarke, quase franzindo o cenho, mas aceitando-o sem demonstrar nada.

— Como sabe, tenente, meus advogados intermediaram a compra de um clube privê que pertencia a Ricker. Eu o remodelei, contratei novos funcionários e o rebatizei de Purgatório. Faço bons negócios com ele, negócios legalizados. Porém depois da morte de um de seus colegas naquele estabelecimento, eu descobri que Ricker vinha usando o meu clube e alguns dos meus funcionários para fazer negócios por conta própria.

R*ue MacLean*, pensou Eve. Ela sabia desde o início!

— Eram transações envolvendo drogas ilegais, a princípio — acrescentou Roarke. — Como evidentemente ele não precisaria de um lugar meu para esse fim, descobri que o seu objetivo era desenvolver tais atividades ilegais bem debaixo do meu nariz para, finalmente, forjar uma ligação minha com elas, o que causaria a mim e à minha esposa grandes problemas e muito desconforto.

— Ela traiu você! — Eve sentiu a fúria borbulhando-lhe na garganta. — Rue MacLean.

— Pelo contrário — Roarke apressou-se a esclarecer. — Ela descobriu os elementos que Ricker infiltrara na boate e relatou tudo a mim ontem à noite.

Isso era papo furado, percebeu Eve, mas resolveu deixar passar e disse:

— A Divisão de Assuntos Internos recebeu uma dica sobre essas atividades.. dica que lhe foi repassada, sem dúvida, por uma fonte do próprio Ricker... e plantou Kohli para xeretar lá. Ele tinha um bom faro e deve ter sentido o cheiro de coisa podre.

— Acredito que sim, e mais depressa do que Ricker desejava. Afinal, ele estava apenas fazendo alguns negócios. O problema é que matar um tira, ou fazer com que um tira fosse morto em um lugar que pertence a mim, muda as coisas de nível.

— Não foi Ricker — Eve disse isso sem pensar, de forma quase defensiva, mas em seguida explicou-se melhor: — Ele acendeu o pavio — murmurou ela. — Tinha ligações dentro do departamento e na 128ª. DP. Sabia os botões que devia apertar e os calos nos quais devia pisar, embora não pudesse imaginar ao que estava dando início. Ele não poderia ter adivinhado, mas adorou a história, do mesmo jeito.

Ela parou de falar, mas foi em frente ao ver o sinal de Tibble para que prosseguisse.

— Ele deve ter se distraído e ficou revoltado quando acontece a batida na sua organização, no outono passado. Aquilo mudou o equilíbrio das coisas. Martinez o tinha na palma da mão, todos os dados para pegá-lo se encaixavam. Mas Mills entrou em ação, sabotou a operação e sumiu com as provas. Ricker acabou escapando, mas a história o deixou furioso.

"Diante da necessidade de provar a todos que continuava com poder, ele contrabalançou o revés atacando a policial que investigava o caso. Os motivos disso poderão ser discutidos depois, mas na verdade não vêm ao caso. Eu posso agarrá-lo para você, Roarke, isso já não é o bastante?"

É *até demais,* ela quis dizer. Receava que fosse demais.

— Eu posso agarrá-lo sozinha — reafirmou Eve.

— Não duvido disso — admitiu Roarke. — Entretanto, posso ajudá-la a fazer isso mais rápido e sem afastar suas energias e consideráveis habilidades da investigação de homicídio ou utilizando-as ao mínimo. A boate Purgatório vai reabrir sexta-feira à noite. Ricker estará lá às dez horas.

— Por quê?

— Para tratar de negócios comigo. Negócios com os quais eu vou concordar por estar muito preocupado com a segurança da minha esposa. Eve. — Roarke murmurou. — Certamente você conseguirá engolir o seu orgulho tempo suficiente para eu armar uma cilada para Ricker e você poder chutar-lhe o traseiro.

— Ele não vai acreditar em você.

— Vai sim. Em primeiro lugar porque é verdade e em segundo lugar porque eu vou fingir que não é e ele vai achar que percebeu. Espera ser enganado por ser ele mesmo um mentiroso. Eu vou ser apenas o cara entediado que ficou cansado de andar na linha, mas vou querer lucrar um pouco nessa história. É aí que entra a grana. para ganhar muito dinheiro quando não é preciso se preocupar com os detalhes.

— Mas você já é dono de metade do universo.

— Por que aceitar metade quando dá para ter tudo? — Ele provou o café e viu que era tão amargo quanto receava. — Ricker vai acreditar em mim porque quer. Precisa acreditar que venceu. Não é tão esperto quanto foi um dia, nem tão

cuidadoso. Ele vai, no mínimo, querer ter a mim sob seu poder, para ter a chance de me destruir quando bem quiser. Poderemos fazê-lo crer que isso é possível E quando o acordo estiver fechado, ele será todo seu.

— Colocaremos um monte de homens na boate — disse Whitney, continuando a explicar o plano — e Roarke fará com que o seu sistema de segurança grave toda a conversa. A gerente da boate funcionará como elo entre os dois interessados e marcará o encontro. Preciso que você dê a Roarke todos os detalhes sobre Kohli, para que ele possa conduzir Ricker nessa direção. Se Ricke tiver qualquer envolvimento no assassinato, eu o quero preso por isso.

— Ele vai sacar que é uma armadilha — insistiu Eve. — E por que ele aceitaria discutir negócios fora do seu território? Vai exigir que a sua segurança pessoal vasculhe tudo à procura de grampos e câmeras.

— Nós vamos conversar — corrigiu-a Roarke —, porque ele não conseguirá resistir a isso e porque ainda considera aquela boate território seu. E pode mandar vasculhar o quanto quiser, pois não encontrará nada que eu não queira que ele encontre.

Eve se colocou em pé.

— Senhor, Roarke não possui a objetividade necessária para lidar com isso, pois não foi treinado. É bem possível que, sob essas condições, Ricker tente atacar Roarke, fisicamente. Além do mais, certamente um plano como esse colocará este civil em sério risco, além de lhe provocar consideráveis problemas legais.

— Pois eu lhe garanto, tenente Dallas, que o civil já se acautelou por todos os lados quanto aos aspectos legais. Já garanti a sua imunidade com relação a qualquer informação ou alegação que seja derivada das áreas discutidas em seu encontro e nessa operação, seja no passado, no presente ou no futuro. Quanto ao risco físico, creio que ele consegue lidar consigo mesmo tão bem nessa esfera quanto na área legal. Sua cooperação nesse assunto fará com que o departamento economize incontáveis homens-hora e recursos financeiros. Analisando de forma objetiva, tenente, esta é uma oferta que não podemos recusar. Caso se sinta pouco à vontade para liderar a equipe ou fazer parte da operação, basta dizer. Sob essas circunstâncias, todos compreenderemos a sua posição.

— Farei o meu trabalho.

— Ótimo. Eu ficaria desapontado se sua reação fosse outra. Coordenem as atuações de vocês dois. Tire algum tempo para relatar a Roarke tudo o que levantamos sobre Kohli e informe-se com ele sobre o esquema de segurança que foi preparado para a boate Purgatório. Quero todas as pessoas da equipe conectadas e instruídas nas próximas vinte e quatro horas. Não deve haver nenhum vazamento de informação, nenhum erro nem estratagemas jurídicos através dos quais Ricker

possa escapar dessa vez. Tragam-me a cabeça dele numa bandeja.

— Sim, senhor.

— Quero atualizações sobre a implantação da operação e desdobramentos dos casos paralelos até as dezoito horas de hoje. Estão dispensados.

Quando Roarke saiu com ela, Eve não disse nada. Não ousou fazê-lo Qualquer coisa que comentasse seria explosivo ou letal e provavelmente magoaria os dois.

— Encontre-me ao meio-dia, Roarke — exigiu ela, ao sentir que já tinha algum controle. — Estarei no escritório lá de casa. Leve seus diagramas de segurança e todos os dados pertinentes. Quero também uma lista com os nomes de todos os funcionários que estarão trabalhando na boate na noite de sexta-feira. Você já deve ter bolado algum esquema para oferecer a Ricker, e eu preciso saber de tudo com detalhes. Não quero mais nenhuma surpresa neste caso. Não fale comigo nesse momento — ordenou, entre dentes. — Não dê uma palavra. Você me armou uma cilada. Você me preparou uma tremenda cilada!

Ele a agarrou pelo braço antes de Eve ter chance de se afastar e quando ela girou o corpo com o punho cerrado, pronto para o atingir, ele disse:

— Vá em frente! — o convite foi feito com suavidade. — Pode me dar um soco, se isso a faz se sentir melhor.

— Não pretendo pagar esse mico aqui. — Ela precisou reunir todas as forças para manter a voz baixa. — A coisa já é terrível do jeito que está. Deixe pra lá. Estou atrasada para um interrogatório.

Em vez de largá-la, ele a empurrou para dentro do elevador que chegara.

— Você pensou que eu não ia fazer nada? Achou que eu ia ficar de braços cruzados, sem fazer nada?

Ela estava tremendo e percebeu isso com um choque. Que diabos estava errado com ela? Ela estava trêmula, muito cansada e à beira do pânico.

— Acho que você não tem o direito de se intrometer no meu trabalho — argumentou ela.

— Só quando interessa a você, não é? Só posso me intrometer quando isso vem a calhar. Aí, sim, eu posso me intrometer. Só quando for convidado, é isso?

— Tudo bem, certo! Tá legal, tá legal! — Ela jogou as mãos para o alto, furiosa por ele estar certo, pois isso a deixava sem razão. — Você sabe o que acabou de fazer? Sabe o que está arriscando?

— Você acha que existe alguma coisa que eu não arriscaria por você? Pois saiba que não existe. Não existe mesmo. — Ele a segurou pelos ombros, com os dedos duros e tensos.

Sempre era estranhamente fascinante vê-lo perder o controle e ouvir sua voz

chegar tão perto do tom desesperado que ele exibia. Só que Eve não estava no clima para se sentir fascinada.

— Eu estava lidando com o problema e teria resolvido tudo.

— Pois então *nós dois* vamos lidar com o problema e *nós dois* vamos resolvê-lo. Quando você decidir engolir o seu orgulho, Eve, tome cuidado para não se engasgar. — Largando a discussão nesse ponto, ele saiu do elevador quando as portas se abriram e a deixou lá dentro soltando fumaça.

Foi falta de sorte, para Vernon, o fato de Eve chegar à sala de interrogatório com esse astral e disposta a mastigar vidro de tanta raiva. Ele se levantou assim que a viu entrar pela porta.

— Você mandou os guardas irem me buscar. Mandou que eles me pegassem e me arrastassem até aqui como se eu fosse um criminoso!

— Isso mesmo, Vernon. — Ela o empurrou com tanta força que ele caiu sentado na cadeira.

— Quero a porra de um advogado.

Dessa vez ela o agarrou com uma mão só pelo colarinho e o jogou contra a parede enquanto Feeney, McNab e Peabody ficavam de lado, assistindo a tudo com diferentes graus de interesse.

— Pois eu lhe consigo a porra de um advogado. Você bem que vai precisar. Mas sabe de uma coisa, Vernon? Nós ainda não começamos a registrar oficialmente este interrogatório. Você reparou nesse detalhe? Reparou também como os meus camaradinhas aqui não estão movendo um dedo sequer para me impedir de socar a sua cara horrorosa? Vou lhe dar uma boas porradas antes de você convocar esse tal de advogado.

Ele tentou empurrá-la, mas levou uma cotovelada na barriga.

— Tire a mão de mim! — ele reagiu.

Tentou dar um soco em Eve, mas o golpe saiu de lado. O braço de Vernon fez um grande arco no ar e logo ele estava dobrado para a frente, sofrendo a dor de uma joelhada entre as pernas.

— Tenho três colegas aqui que testemunharão que você me agrediu. Só isso já vai ser o bastante para mandar você para a detenção, onde vários sujeitos grandalhões e malencarados vão disputar no palitinho a chance de passar a noite de sexta-feira com você. Aposto que você sabe o que os tais sujeitos grandalhões e mal encarados fazem com os tiras que vão para a detenção, não sabe Vernon? Pois pode ter certeza de que eles terão a chance de fazer muita coisa com você antes que eu, fisicamente arrasada pela sua agressão, consiga entrar em contato com o seu

advogado.

Cada golfada de ar que ele inspirava parecia cortar-lhe a garganta como vidro.

— Escute, Vernon, eu vim aqui disposta a pegar leve com você, mas perdi o tesão. Se você não quiser conversar comigo e com meus companheiros, vamos simplesmente fichar você por agressão e acrescentar corrupção, abuso de autoridade, recepção de propinas, ligação com membros do crime organizado e, para encerrar com chave de ouro, conspiração para assassinato.

— Isso é papo furado! — Ele conseguira voltar a respirar normalmente, mas seu rosto estava muito pálido e banhado de suor.

— Acho que não. Ricker também não vai gostar nem um pouco quando vazar a informação de que você está aqui dentro guinchando como um porquinho desmamado. E pode ter certeza de que ele vai ficar sabendo, porque eu já consegui um mandado para interrogar Canarde.

Na verdade ela ainda não conseguira, mas estava perto.

— Quando o soltarmos, pode crer que você vai achar que teria sido muito melhor ficar em uma cela brincando de papai e mamãe com um cara chamado Carlão.

— Vim até aqui disposto a fazer um acordo.

— Pode ser, mas não apareceu na hora marcada.

— Precisei resolver um lance antes.

— Não gosto da sua atitude, Vernon. Aliás, para falar a verdade eu nem preciso mais de você. Vou estar com o caso encerrado até o fim da tarde, e pretendo prender Ricker pessoalmente, só pela diversão. Você é o que eles chamam de "supérfluo".

— Você está blefando. Acha que eu não sei como é que as coisas funcionam? Também sou tira!

— Você é uma vergonha para a classe, isso sim! Não repita que *é* um tira na minha frente que eu lhe meto mais umas porradas.

Se Eve realmente ia pegar Canarde, pensou Vernon, e já estava tão perto de Ricker, então ele já era. O melhor era salvar a sua pele, e bem depressa.

— Se quiser encerrar o caso, vai precisar do que eu sei, e pode crer que eu sei de muitas coisas. Você nem arranhou a superfície do que rola na 128 DP.

— Já arranhei sim. Cheguei lá embaixo e agora estou raspando o limo que fica grudado no fundo do pote. Foi lá que eu encontrei você.

— Pois eu posso lhe oferecer muito mais. — O desespero o fez exibir um arremedo de sorriso. — Isso lhe trará até uma promoção. Sei de muitos nomes, Dallas, e não apenas na 128ª. DP. Tem gente no gabinete do prefeito, na mídia, e a lista vai subindo até chegar a Washington. Quero imunidade total, uma nova

identidade e grana suficiente para eu me estabelecer em outro lugar.

Eve bocejou, como se estivesse terrivelmente entediada.

— Por Deus, Vernon, você está me deixando com sono.

— Pois a minha proposta é essa.

— Então aqui vai a minha: Peabody, jogue esse monte de lixo no fundo da última cela da detenção e veja se o Carlão está na área.

— Acho que está sim, tenente, e ouvi dizer que anda solitário.

— Espere! Caraca, Dallas! Para que você me trouxe para interrogatório se não queria fazer um acordo? Preciso de imunidade. Se você me enjaular, eu não entrego o ouro, e nós dois sabemos disso. De que adianta eu abrir o bico para acabar com a boca cheia de formiga?

— Puxa, Vernon, agora eu me comovi com a sua situação. Tudo bem, imunidade para tudo, menos na conspiração para assassinato. Se essa acusação colar no tribunal, você afunda. Quanto ao nome novo, um rosto diferente e uma nova cidade para morar, isso é problema seu.

— Não é suficiente.

— Então tá, você é que sabe! De qualquer modo, oferecer tudo isso já ia me deixar com um gosto amargo na boca por umas duas semanas.

— Não tenho nada a ver com o assassinato dos tiras.

— Então não há com o que se preocupar, certo?

— Tenho direito a um advogado do sindicato. — Vernon parecia choramingar agora, em um tom de voz que fez Eve lembrar a voz do pai no sonho que a levara ao passado.

— Claro que tem! — Foi tudo o que disse, virando-se em direção à porta.

— Espere! Tudo bem, espere um instantinho! Advogados só servem para dificultar as coisas, certo? Vamos fazer do modo certo. Você me garante por escrito a imunidade que me prometeu e fazemos tudo do jeito certo.

Ela voltou para a mesa e se sentou, recitando:

— Depoimento do detetive Jeremy Vernon, tomado pela tenente Eve Dallas. Presentes no recinto o capitão Ryan Feeney, o detetive Ian McNab e a policial Delia Peabody. O interrogado concordou em oferecer declarações e responder a perguntas em troca de imunidade em qualquer acusação relacionada com corrupção e abuso de autoridade. Você concorda com o que acabei de dizer e vai responder de livre e espontânea vontade às perguntas que eu lhe farei?

— Concordo. Quero cooperar com a lei. Quero fazer a coisa certa. Sinto que devo...

— Já chega, Vernon! Você é um detetive de alta patente no Departamento de Polícia de Nova York, certo?

— Sim. Sou tira há dezesseis anos. Trabalhei como detetive na Divisão de Drogas Ilegais e estou lotado na 128ª. DP há seis anos.

— E você está disposto a admitir que aceitou propinas e outros benefícios ou favores para passar informações a Max Ricker, auxiliá-lo em práticas ilegais e, de modo geral, obedecer às suas determinações e ordens?

— Aceitei grana. A verdade é que tive medo de não aceitar, lenho vergonha disso, mas temi por minha vida e pelo meu bem-estar físico. Não fui só eu.

Depois que começou a abrir a boca, analisou Eve, ele parecia não querer mais fechá-la. Na primeira hora de interrogatório, Vernon recitou uma infinidade de nomes, atividades diversas e ligações de todo tipo.

Entregou uma grande quantidade de policiais da 128ª. DP, embora parecesse tentar manter o próprio pescoço acima da lama que descrevia.

— E quanto à capitã Roth? — quis saber Eve.

— A capitã? — Vernon, sentindo-se mais à vontade, riu com ar de deboche. — Ela não vê nada. Nem se interessa em ver, se quer a minha opinião. Tem suas próprias prioridades. Quer virar comandante. Tem bom jogo de cintura para tratar de política, mas o seu grande problema é não ter um pau entre as pernas, como gostaria. Vive reclamando que os caras não aceitam receber ordens dela só por ela ser mulher. Ainda por cima tem um marido inútil que só lhe causa problemas. Para piorar a situação, ela bebe muito. Ficou tão envolvida na operação que acabaria com Ricker que não desconfiou que agiam por trás dela, nem viu o que faziam bem debaixo do seu nariz. Foi muito fácil puxar o tapete dela, tá ligada? Foi só entregar alguns dados secretos da operação, "perder" algumas provas, distorcer alguns relatórios e ela se ferrou.

— Sim, ela se ferrou.

— Escute. — Vernon se inclinou para a frente. — Ricker é um cara muito esperto. Sempre soube que não precisava comprar o esquadrão inteiro. Colocou homens dele em posiçõeschave e eles filmaram" os colegas, a fim de recrutar mais tiras para o outro lado da lei. A gente sempre sabe quem topa aceitar uma grana extra e quem não topa.

— Kohli não topava.

— Kohli era incapaz de pisar fora da linha. A coisa funcionava assim: um dos caras da 128ª. ouvia algo sobre uma operação, digamos, na área da 64? Isso era fácil de descobrir, bastava xeretar um pouco. Aí vinha um outro cara que hackeava os dados e fornecia os detalhes. Depois, era só passar tudo para Ricker e embolsar uma boa grana.

Ele ergueu as mãos, sorrindo com vontade.

— Viu só? Tudo era tranqüilo e muito simples. Se o alvo da operação fosse

desbaratar um dos esquemas de Ricker, ele tinha tempo para trocar a atividade de lugar, interromper o que fosse preciso e a operação era um fracasso. Se o alvo fosse um dos seus competidores, ele podia recostar na poltrona e assistir à merda batendo no ventilador do concorrente, para depois herdar os clientes dele e talvez até a mercadoria. Ricker tem homens no controle das provas coletadas e os usa sempre que precisa. Tem gente que trabalha na mídia e conta para o público as histórias pela versão dele, e tem também políticos na manga, que mantêm o traseiro dele fora da reta. O problema é que eu venho notando, nos últimos dois anos, que o cara está meio perdido.

— Quem? Ricker?

— É. Anda consumindo muitas das drogas que distribui. Vive tomando aquele drinque esquisito dele, turbinado com substâncias ilegais, o tempo todo. A essa altura já é um doidão reconhecido, virou um viciado sem noção e sem volta. Veja só como ele anda pisando na bola de montão, cantando o número errado o tempo todo e agora apagando um tira. Dá pra acreditar?

A mão de Eve se lançou para a frente e agarrou o pulso de Vernon com força.

— Você tem conhecimento de que foi Ricker quem mandou matar Taj Kohli?

Ele queria dizer que sim. Por exibição ou algum outro motivo, ele foi se empolgando cada vez mais ao colocar tudo aquilo para fora. O problema é que, se não jogasse limpo, Eve iria descobrir tudo e acabaria arrumando um jeito de enquadrá-lo.

— Não posso afirmar que foi ele quem mandou matar, mas ouvi boatos.

— Conte que boatos são esses, Vernon.

— De vez em quando eu tomo uns chopes e curto umas acompanhantes licenciadas com um dos caras que trabalha direto com Ricker. Pode crer, Dallas, eu não era o único a achar que o cara estava perdendo o estilo, escorregando aqui e ali. Esse cara, um tal de Jake Evans, me contou, há coisa de um mês, que Ricker andava brincando com o pessoal da Divisão de Assuntos Internos, jogando os tiras uns contra os outros. Ele sabia que a DAI tinha plantado um cara na boate, para ficar de olho em tiras envolvidos em esquemas. Só que não havia esquema nenhum na verdade, sacou?

— Sim, saquei.

— Pois é. Ricker estava nessa de curtir jogadas desse tipo. Evans me contou que Ricker estava superinteressado em provocar problemas naquele lugar, naquela boate especificamente, e foi por isso que colocou alguns dos seus homens distribuindo drogas lá dentro. Só que de repente ele teve uma idéia ainda melhor, pois descobriu um jeito de colocar tira contra tira lá dentro. É uma merda dessas de trabalhar a psicologia, entende? Pelo menos, foi o que Evans me contou. Ricker é

muito bom nesses jogos psicológicos. Começou a fornecer dados adulterados para um policial, a respeito do tira que trabalhava na boate. Esse tal policial... Você está acompanhando a história?

— Estou sim. Vá em frente.

— Certo. Então, o tal policial tinha uns problemas pessoais de algum tipo, ou algo assim, e Ricker começou a deitar e rolar em cima disso, plantando dicas e dados que fizeram ele achar que Kohli estava envolvido em algum esquema sujo. Na verdade foi pior do que isso, porque a tal sujeira envolvia um lance que, no passado, tinha atingido o tal tira. Evans me contou que esse era um plano complicado, muito arriscado, e que Ricker não contava muita coisa a ele. Só sei é que Evans não estava gostando nada da história. Foi então que o homem de Ricker na Divisão de Assuntos Internos... Pois é, ele tinha um cara trabalhando para ele lá dentro também. A função dele era garantir que esses dados sobre os podres de Kohli fossem entregues de bandeja e caíssem no colo do tal tira. Acho que a coisa funcionou.

Vernon teve o bom senso de tirar o ar empolgado da cara, antes de continuar:

— Assim que Kohli morreu e todo mundo começou a comentar que ele fora apagado por outro policial, eu percebi que Ricker estava por trás de tudo.

— Qual é o nome do homem de Ricker na Divisão de Assuntos Internos?

— Não sei. Juro por Deus — garantiu ele, ao ver que os olhos de Eve se estreitaram. — Nem todo mundo que está envolvido na história se conhece. Na maioria das vezes a gente saca ou desconfia, mas nem sempre, nem com todo mundo. Provavelmente era Bayliss, tá sabendo? Bayliss está morto. Qual é, Dallas, eu já entreguei quase vinte caras. Se você apertar um pouco alguns deles, aposto que consegue outros nomes.

— Sim, pode ter certeza de que vou conseguir isso. — Eve se levantou. — Só que agora eu não tenho estômago para agüentar mais nada de você. McNab, tire essa "coisa" da minha frente e coloque-a em uma cela segura. Dois guardas o tempo todo, em turnos de oito horas. Feeney, quero que você os escolha a dedo.

— Deixe comigo.

—Tenho muito mais a oferecer, Dallas. Você bem que podia agitar uma nova identidade para mim.

Eve mal olhou para a cara dele.

— Peabody! — chamou ela. — Venha comigo!

— Ei, Dallas!

— Agradeça a Deus pelo que já conseguiu, seu babaca — murmurou Feeney enquanto Eve saía. — Você só levou um chutinho no meio das pernas. Mais um pouco aqui dentro com você, se Eve não tivesse arrancado o seu saco fora, eu acho

que eu mesmo faria isso.

— Eu não consigo nem mesmo ficar puta com essa história. — Peabody ficou parada no corredor assim que saiu da sala de interrogatório. — Meu estômago está embrulhado demais para eu ficar puta. Eu adoro ser tira, mas esse cara me fez sentir vergonha de pertencer à polícia.

— Não se sinta assim não. Ele está muito longe de você para conseguir lhe causar vergonha, Peabody. Você faz um bom trabalho, dia após dia, e não tem do que sentir vergonha. Quero que você pegue uma cópia do interrogatório e a entregue ao secretário Tibble. Graças a Deus é ele quem vai ter que descascar esse abacaxi. Tenho outro encontro ao meio-dia. Conto-lhe tudo assim que voltar.

— Sim, senhora. E quanto a Canarde?

— Ficamos à espreita. Estou guardando Canarde para degustar mais tarde.

— Quer os resultados do programa de probabilidades que você me mandou rodar?

— O resultado é alto o suficiente para podermos indiciá-lo?

— A probabilidade é de 76% usando os dados que temos. Só que...

— Só que... — repetiu Eve — ... O computador não considera problemas nem jogos psicológicos. Ele não considera a importância de Ricker jogando um tira contra outro. Vamos trazê-lo para interrogatório, mas vamos fazer isso sem alarde, depois que eu voltar.

— Ele pode voltar a atacar.

— Não, ele deu sua palavra e não vai quebrá-la.

Capítulo Vinte

Eve entrou em casa quase marchando, soltou um grunhido de desagrado ao ver Summerset rodeando a porta de entrada e subiu direto pelas escadas. Tinha muita coisa para dizer a Roarke e pretendia começar de imediato.

Soltou mais um grunhido, como uma ameaça velada, ao notar que o escritório estava vazio. Mas a porta que ligava ao escritório de Roarke estava aberta. Flexionando os ombros, foi em direção a ela e notou o tom de impaciência na voz dele ao se aproximar.

— Não é possível nem conveniente que eu faça essa viagem nesse momento.

— Mas, senhor, esta situação exige a sua atenção pessoal. Com a Tonaka fazendo uma operação tartaruga, à espera da sua aquisição pelas Empresas Roarke, além dos atrasos na liberação da Secretaria de Meio Ambiente para o setor tropical, não temos condição de cumprir os prazos sem a sua intervenção imediata. Os custos extras e as multas tornarão a situação...

— Você tem a minha autorização para resolver isso. Você é pago para lidar com essas coisas. Não posso ir ao Olympus Resort nos próximos dias, talvez leve até mais tempo para estar com a agenda livre. Se a Tonaka continuar atrasando as operações deliberadamente, faça a tartaruga deles andar mais depressa. Compreendeu?

— Sim, senhor. Se eu tivesse ao menos uma estimativa de quando o senhor virá inspecionar o local, eu poderia...

— Eu lhe darei essa informação assim que eu mesmo a tiver.

Roarke desligou, recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

Duas coisas aconteceram com Eve, nesse instante: a primeira foi a lembrança de que Roarke possuía uma vida complicada, vital, muito exigente e separada da dela, coisa da qual ela muitas vezes se esquecia.

A segunda, e mais importante, é que ele parecia cansado. Ele nunca antes lhe parecera cansado.

A raiva que ela fora acumulando ao longo do dia como um tesouro desapareceu e perdeu a importância. Eve já não queria mais esse sentimento. Mesmo assim, o instinto a fez entrar no escritório dele com a cara amarrada.

Na mesma hora ele a sentiu entrar e abriu os olhos.

— Tenente.

— Roarke — disse ela, com o mesmo tom frio e calculado. — Há algumas coisas que eu preciso lhe dizer.

— Eu sei. Prefere fazer isso em sua sala?

— Podemos começar aqui mesmo. Em primeiro lugar, mesmo do meu jeito atabalhoado eu consegui diminuir o número de suspeitos de uma das minhas investigações, a *de homicídio*, a um único nome. Esse suspeito será convocado e devidamente interrogado ainda hoje.

— Meus parabéns!

— Ainda é cedo para congratulações. Interrogar não é o mesmo que prender. Ao mesmo tempo, através de outra fonte, e seguindo à risca os procedimentos legais, eu consegui conectar Ricker... ainda de forma fraca, mas promissora... a todos os homicídios, e espero ter material para acusá-lo de conspiração para assassinato. Vou ter que forçar um pouco a barra para pedir isso ao promotor, mas talvez funcione, e certamente o que tenho vai ser o bastante para convocá-lo e levá-lo a interrogatório. Consegui tudo isso sem você agindo pelas minhas costas e passando por cima da minha autoridade, a fim de bolar uma operação com os meus superiores. Uma operação que vai colocar você em um risco considerável, não só em termos físicos como também de outras formas, que nós dois conhecemos bem. Se esse esquema for adiante, tudo o que você e Ricker conversarem será citado e divulgado no tribunal.

— Sim, eu estou perfeitamente ciente disso.

— Seu acordo de imunidade com o governo o manterá fora da cadeia, Roarke, mas poderá muito bem, e você sabe disso, abalar a sua reputação e prejudicar os seus negócios.

Apesar da fadiga nos olhos dele, Eve conseguiu perceber um certo brilho de arrogância.

— Tenente, a minha reputação e os meus negócios foram forjados pelo mesmo fogo repugnante.

— Pode até ser, mas as coisas são diferentes agora. Para você.

— Você realmente acha que eu não sei como lidar com isso?

— Não, Roarke, acho que você consegue lidar com tudo, com qualquer coisa. Acho também que não existe nada que esteja além da sua capacidade, quando a sua mente está focada em algo. Isso é quase assustador. Você me deixou pau da vida.

— Sei perfeitamente disso.

— Você sabia que isso ia me deixar revoltada. Se ao menos tivesse vindo até mim antes, com essa sua idéia...

— O tempo era curto e ambos estávamos muito ocupados. Esse caso envolve a mim, Eve, quer você goste disso ou não.

— Eu certamente não gosto, mas talvez não pelos motivos que você imagina.

— De qualquer modo, fiz o que fazia mais sentido e era a ação mais direta.

Não me arrependo.

— Não vai rolar nem mesmo um pedido de desculpas? Eu podia obrigá-lo a me pedir desculpas, meu chapa.

— Ah, é mesmo?

— Sim, é mesmo! Porque você tem um ponto fraco em relação a mim. Pode perguntar a qualquer um por aí. — Ela foi até a mesa dele e o viu levantar da cadeira. — Você também é o meu ponto fraco. Será que não sacou que esse é o motivo, ou pelo menos um dos motivos, de eu estar tão pau da vida? Não quero esse cara perto de você! Não quero nem que ele toque em você! Eu não posso tentar impedir que alguém perigoso coloque as mãos em você? Esse sentimento só pode ser exclusividade sua?

— Não. — Ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos, em uma rara demonstração de frustração. — Você tem razão.

— A outra parte do problema é o orgulho. Não tenho facilidade para engolir sapos, e com você é igualzinho. Sabe aquele troço que você disse sobre eu usar seus serviços só quando me interessa? Você tem razão, eu faço isso. Não me comprometo a mudar meu jeito de ser, mas reconheço que você tinha razão, e não fico satisfeita com isso também. E tem mais uma coisa que eu sei. Você só se afasta de mim desse jeito quando tem vontade de me dar umas porradas.

— Sim. E vivo fazendo isso ultimamente.

Ela não riu, como ele pretendia.

— Só que isso não é verdade, Roarke, e eu sei que não é. Aí é que está! — Ela deu a volta na mesa, passou pelo console e então tomou o rosto dele em suas mãos. — Eu sei que não é.

— Eve... — Ele passou as mãos pelos seus braços e foi subindo lentamente.

— Eu ainda não acabei — avisou ela. — Esse é um bom plano. Não é o melhor que eu já vi, mas podemos aprimorá-lo. Eu preferia fazer as coisas de outro jeito. Preferia que você pegasse o *tele-link* nesse instante, ligasse para a pessoa com quem você falava ainda agora e concordasse em ir até a estação espacial para resolver o diabo que fosse necessário e que, pelo jeito, ninguém mais consegue resolver. Preferia isso de verdade, Roarke, porque você significa mais para mim do que qualquer outra coisa em minha vida, antes ou agora. Só que eu sei que isso não vai ser possível. E se algo acontecer com você na boate, na noite de sexta-feira, eu...

— Não vai me acontecer nada.

— Mas se algo acontecer — repetiu ela —, vou me dedicar de corpo e alma a transformar a sua vida em um inferno.

— Parece-me justo — murmurou ele, quando a boca de Eve se ergueu para encontrar a dele.

— Uma hora — pediu ela, enroscando o corpo em volta do dele. — Vamos largar tudo isso por uma hora. Preciso estar com você. Preciso ser quem eu sou quando estou com você.

— Eu conheço o lugar perfeito para isso.

Eve adorava ir à praia — gostava do calor, da água e da areia. Conseguia relaxar ali de um modo que só raramente se permitia.

Roarke lhe daria a praia por uma hora e aproveitaria para também relaxar um pouco. Foram para a sala holográfica, onde as ilusões pré-programadas estavam ao alcance dos dedos.

A praia que ele escolheu tinha a forma de uma foice, areias brancas como açúcar, palmeiras preguiçosas que acenavam languidamente, flores imensas e muito perfumadas. Aquele era um cenário que agradaria a ambos. O calor escaldante da imensa bola dourada era compensado pela brisa que fluía do mar como uma onda, enchendo o ar com um cheiro de maresia.

— Isso é gostoso. — Eve respirou fundo e sentiu a tensão no pescoço e nos ombros começar a dissolver. Ela queria que ele também se sentisse assim. — Isso é realmente gostoso. — Pensou em perguntar se ele marcara o timer para avisá-los quando tivesse se passado uma hora, mas decidiu não estragar o momento nem o clima.

Em vez disso, despiu a jaqueta de couro e tirou as botas.

A água estava clara, com um tom onírico de azul, e uma espuma branca lambia a areia, formando uma bainha rendada. Por que resistir?

O coldre foi retirado em seguida, e depois as calças. Ela olhou para ele com a cabeça meio de lado e perguntou:

— Você não quer dar uma caidinha?

— Daqui a pouco. Quero ver você acabar de se despir. Você é tão... eficiente nisso.

Ela riu.

— Então tá... Divirta-se. — Ela tirou a blusa e logo em seguida a camiseta regata. Nua como um bebê que acaba de nascer, ela mergulhou em meio às ondas.

— Pretendo me divertir, mesmo — murmurou ele, olhando-a dar longas braçadas enquanto se afastava da praia, para então se despir.

Ela nadava como uma enguia, era rápida e corajosa. Por algum tempo ele a acompanhou, como se competissem de forma amigável. Então ele simplesmente se colocou de barriga para cima e se deixou largar na corrente, deixando a água, o sol e o momento lavarem a fadiga que o envolvia.

E esperou por ela.

Ela surgiu na água ao lado dele, balançando os pés.

— Você está melhor? — perguntou ela.

— Muito melhor.

— Você me pareceu cansado. — Ela queria afastar aquela fadiga dele. — Você quase nunca fica cansado.

— Mas já fiquei cansado sim.

Ela deixou que os dedos se entrelaçassem pelos cabelos dele.

— Se você ainda tiver fôlego, nós podemos competir, nadando até a areia — propôs ela.

— Quem foi que disse que eu não tenho fôlego para isso? — Ele estava com os olhos fechados e os manteve assim.

— Bem, você fica só aí, boiando como uma tábua de navio naufragado.

— Pois eu soube que o nome que dão a isso, em alguns lugares, é "relaxar". Mas... — Ele abaixou o braço e enlaçou-a. — Se você ainda está com toda essa energia para gastar.

— Ei! — Ela riu quando as pernas deles se enroscaram umas nas outras. — Aqui não está dando pé, é perigoso.

— Bem do jeito que eu gosto. — Sua boca, molhada e ávida cobriu a dela e ele a puxou mais para junto de si.

E ambos mergulharam.

A água estava cálida e limpa, e o sol parecia dançar na superfície. A boca dele estava sobre a dela, com suavidade, e o corpo dele era forte e firme. Pelo bem de ambos ela se deixou levar, mergulhando cada vez mais no líquido azul. Deslizando mais fundo dentro do beijo. Ao voltar à superfície, ela encheu os pulmões de ar e encostou a face na dele.

Então, as ondas foram levando-os de volta, em um ritmo constante e suave que combinava com a atmosfera do momento. Ali, com a água fustigando-lhes a pele com suaves chicotadas, estava a ternura da qual os dois tanto necessitavam. A carícia suave dos lábios dele sobre o ombro dela fez Eve sorrir e a deixou leve, como se estivesse boiando. Ela virou o rosto de frente para o dele, encontrou novamente a sua boca e se deixou intoxicar com o sabor dele.

Continuaram deslizando suavemente na direção da praia, subindo junto com as ondas, tornando a afundar e se abraçando sem parar, afastando-se um do outro apenas um segundo, antes de novas carícias.

Quando Eve sentiu a areia, ficou em pé com a água pela cintura, olhando fixamente para ele, que tracejava um caminho com os dedos sobre o rosto dela.

— Querida Eve, eu amo o seu jeito. Adoro a forma como você fica quando as

minhas mãos passeiam sobre o seu corpo.

Os seios dela, pequenos e firmes, se encaixaram perfeitamente nas mãos dele e pareceram se aquecer sob a sua pele. A água se espalhou em volta dela como pequenos diamantes que viravam lágrimas e escorriam de volta ao azul de onde tinham vindo.

— Entregue-se a mim. — Os dedos dele foram descendo pelo torso dela e pararam nos quadris. — Mergulhe fundo comigo pediu ele, penetrando-a com suavidade.

Ela perdeu o fôlego por um segundo, mas logo soltou um suspiro que se transformou num gemido. O prazer, languido e líquido, parecia lamber-lhe todos os sentidos. O sol ofuscou tanto seus olhos que ela só conseguiu ver o azul, e ele ofuscou tanto o seu corpo que ela só conseguiu sentir o êxtase.

Enquanto aquela satisfação extrema a invadia e seus joelhos cediam, trêmulos de excitação, uma onda se quebrou sobre ambos, roubando novamente o fôlego dela e lançandoos na praia.

Ele rolou com ela, sentiu a espuma da onda envolvê-la e seu corpo tremer enquanto a água os puxava de volta, para então soltá-los novamente. Ela se entrelaçou nele, em uma mistura de confiança, necessidade, convite, tudo o que ele quisesse, enquanto seguiam envoltos um no outro, rumo à rebentação.

Ele se apoderou da boca de Eve mais uma vez, com uma paciência infinita, embora a necessidade de tê-la recomeçasse a bombeá-lo por dentro, como um coração descompassado. Ele deslizou os lábios pela garganta dela, pelos seus ombros e seios, enquanto as mãos dela o acariciavam entre as pernas, provocando-o e excitando-o ainda mais.

A água se lançou sobre eles novamente, recuou, e ele acompanhou o ritmo suave, infinito, para penetrá-la novamente, e os dois se moveram em sintonia. Como em um sonho, o coração de ambos batendo harmonicamente, ele a viu arquear as costas ao ser atingida por mais uma onda.

— Roarke! — A voz dela estava rouca de paixão e sua respiração se acelerou mais uma vez. — Entregue-se a mim. Mergulhe fundo comigo.

O amor o inundou, jorrando por dentro dele, arrancando-lhe o ar dos pulmões e fazendo seu coração e sua mente pararem, como se estivessem suspensos. Com os olhos fixos nos dela, ainda e sempre nos dela, ele se deixou transbordar.

* * *

A hora acabou, mas Eve decidiu que não sentiria culpa por ter dado a eles

esse descanso. Seca, vestida e de volta ao escritório, ela pretendia contar tudo a Roarke e analisar a estrutura do sistema de segurança da boate Purgatório.

Depois, Feeney daria mais uma olhada em tudo, pensou Eve, e trabalharia em conjunto com Roarke. Ela ficaria na sala de controle, de onde dava para ver toda a boate, e poderia monitorar os movimentos e supervisionar todos os membros da equipe.

E estaria pronta para qualquer movimento que Ricker tentasse.

— Ele conhecia o meu pai.

Isso saiu praticamente sem ela perceber que estava ali, como um peso em sua cabeça.

Roarke, que estava pronto para explicar a Eve os detalhes do sistema de segurança que tinha acabado de aparecer na tela, virou-se e fitou-a com intensidade. Ela não precisava dizer o nome, não precisava dizer mais nada. Ele soube pelo seu rosto.

— Tem certeza?

— Tive um flashback ontem à noite... Isto é, hoje de manhã — corrigiu ela, sentindo-se ridiculamente insegura. — Acho que algo serviu de gatilho para a lembrança quando eu estava analisando alguns dados, e de repente eu me vi de volta ao passado.

— Sente aqui e me conte.

— Não dá para sentar.

— Tudo bem, então. Fique em pé e me conte.

— Eu estava na cama. No meu quarto. Eu tinha um quarto. Acho que nem sempre eu tive um quarto só para mim... Sei que não tive. Mas creio que havia mais dinheiro em casa naquela época. Acho que o dinheiro pertencia a Ricker. Era de noite e eu ouvia a conversa com atenção, porque ele estava bebendo na sala ao lado. Rezei para que ele continuasse a beber. Ele conversava com alguém a respeito de um acordo. Eu não compreendi direito nem me importei. Só sabia que enquanto ele continuasse a beber e a conversar não iria me atacar. Quem estava com ele era Ricker. Ele o chamou pelo nome.

Era difícil. Eve não esperava que fosse tão difícil contar isso tudo, nem que as imagens ainda estivessem tão brutalmente gravadas em sua mente.

— Ricker estava lhe explicando o que aconteceria se ele estragasse o acordo. Falavam de drogas, eu acho. Não importa. Eu reconheci a voz dele. Ao ter o flashback eu me lembrei daquela voz. Não sei se já a tinha ouvido antes. Não sei ao certo.

— Você o viu? Ele viu você?

— Não, mas sabia que eu existia. Meu pai contou a ele a meu respeito, quando

tentou conseguir mais dinheiro pelo acordo. Então ele sabia, e, assim que foi embora, meu pai entrou no quarto. Estava louco de raiva, com um ar assustador. Ele me espancou por algum tempo e depois mandou que eu fizesse as malas. Íamos para o sul, foi o que ele disse. Estava com dinheiro e tinha as drogas, ou pelo menos parte delas. Não me lembro de mais nada, a não ser que estávamos em Nova York. Tenho certeza de que era Nova York. E acho que foi dessa vez que fomos para Dallas. Só sei que depois que o dinheiro acabou nós estávamos em Dallas. Não devia ter sobrado muita grana, porque tudo o que tínhamos era aquele cômodo horrível e quase nenhuma comida. Ele não tinha dinheiro bastante para se embebedar em Dallas. Deus!

— Eve. — Ele estava ao lado dela agora, com as mãos aquecendo-lhe os braços, acariciando-os para cima e para baixo. — Fique aqui. Fique quietinha aqui comigo.

— Está certo. Vou ficar. É que a lembrança me assustou, só isso.

— Eu sei. — Ele a apertou com mais força, por um momento. E lembrou que logo depois desse flashback ela fora chamada para ir à torre.

Uma emboscada a esperava lá.

— Sinto muito — sussurrou ele, beijando-lhe os cabelos.

— É um círculo, um círculo perfeito, de elo em elo. Ricker e meu pai; meu pai e eu; Ricker e você. Você e eu. Não acredito nessas coisas, mas veja onde estamos.

— Eles não a machucarão através de mim. — Ele levantou a cabeça dela, segurando-a pelo queixo. — Eles nunca vão conseguir passar por mim para magoar você.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei, mas é verdade mesmo assim. Vamos quebrar esse círculo, e o faremos juntos. Eu sou mais inclinado do que você a acreditar em coisas como o destino.

— Só quando o seu lado irlandês vem à tona. — Eve conseguiu dar um sorriso, mas se afastou para longe de Roarke. — Será que ele soube a meu respeito? Será que conseguiu rastrear o meu passado até aquela garotinha de tantos anos atrás?

— Não há como sabermos.

— Se ele tentasse descobrir o paradeiro do meu pai, será que conseguiria descobrir quem eu sou? Será possível desencavar dados a meu respeito, de antes de eu ter sido encontrada?

— Eve, você está me pedindo para pesquisar se...

— Você conseguiria? — interrompeu ela, olhando para ele fixamente. — Se você quisesse essa informação, saberia como encontrá-la?

Ela não queria consolo, ele percebeu. Queria apenas fatos.

— Sabendo a época em que tudo aconteceu, sim. Mas eu teria muito mais recursos para pesquisar do que ele.

— Mas ele conseguiria? Tem habilidades para isso? E se ele começou a rastrear o meu pai desde que foi traído?

— É possível, mas não creio que ele perderia tempo mantendo controle sobre o destino de uma garotinha de oito anos que foi sugada pela assistência social do governo.

— Mas ele já sabia, quando eu fui encontrá-lo, que eu fora criada pelo governo. Sabia onde eu fui encontrada e em que condições.

— Porque ele pesquisou o nome da tenente Eve Dallas, e não por ter monitorado uma menina de oito anos, vítima de abuso sexual, por todos esses anos.

— Sim, provavelmente você tem razão. De qualquer modo, isso não faz diferença. — Ela parou ao lado da mesa e ergueu uma pequena caixa de madeira entalhada, para guardar miudezas, que ganhara dele. — Você conseguiria esses dados?

— Sim, conseguiria, se é o que você quer.

— Não. — Ela pousou a caixa novamente sobre a mesa. — Não é o que eu quero. Quero apenas o que está aqui. Não há nada em meu passado que eu precise saber. Não devia ter permitido que isso me afetasse dessa forma, nem pensei que fosse possível.

Ela suspirou e sorriu abertamente ao se virar para ele.

— Eu estava tão revoltada com você que nem pensei mais no assunto. Temos um monte de trabalho pela frente e pouco tempo. É melhor você vir comigo agora.

— Mas eu pensei que você quisesse aprender tudo sobre o sistema de segurança da boate.

— Eu quero, mas lá na central. Só armei esse encontro aqui para poder gritar à vontade tom você em particular.

— Que coincidência! Eu também concordei em vir para casa e me encontrar com você pelo mesmo motivo.

— Isso prova o quanto estamos ferrados.

— Pelo contrário. — Ele estendeu a mão para ela. — Eu diria que isso prova o quanto combinamos maravilhosamente bem um com o outro.

Como tentar espremer mais de duas pessoas no escritório apertado de Eve contrariava as leis da física, ela marcou a reunião com a equipe na sala de

conferências.

— O tempo é curto — começou ela, assim que todos se sentaram. — Como os homicídios e o caso relacionado com Max Ricker se entrecruzaram, continuaremos a investigação analisando os paralelos. Os resultados laboratoriais, as pesquisas de dados e os programas de probabilidades relacionados aos homicídios estão nos seus relatórios. Quanto à convocação para interrogatório, com o teste de DNA obrigatório, caso o suspeito se recuse a vir por vontade própria, ainda não a solicitei, mas isso será feito. Peabody e eu vamos buscá-lo em casa, sem alarde, após esta reunião.

— A probabilidade de ser ele é muito pequena, segundo o programa — ressaltou Feeney, franzindo o cenho ao olhar para o gráfico na cópia do seu relatório.

— Mas vai aumentar muito quando o DNA dele bater com a lasca de unha encontrada na casa do capitão Bayliss. Em consideração aos muitos anos de serviço do sargento Clooney a esta corporação, além de sua ficha impecável, seu estado emocional e as circunstâncias que existiram e foram construídas em torno dele, prefiro trazê-lo pessoalmente, e espero persuadi-lo a dar um depoimento completo por livre vontade. A dra. Mira já está de sobreaviso para lhe prestar assistência psicológica e lhe aplicar os testes necessários.

— A mídia vai deitar e rolar com essa história — comentou McNab.

Eve assentiu com a cabeça.

— Podemos lidar com a mídia, e o faremos. — Ela já decidira entrar em contato com Nadine Furst. — Um oficial veterano com ficha sem máculas cujo filho, seu único filho, seguiu seus passos. Nesta história temos o orgulho de um pai. A dedicação de um filho. E por causa dessa dedicação, por honrar o distintivo em um esquadrão onde alguns tiras, e vamos descrever como "poucos" para fins de divulgação, são corruptos, o filho se transforma em alvo.

— Só que provar tudo isso... — interpôs Feeney.

— Não temos de provar nada — interrompeu Eve. — Basta ouvir essa história para acreditar nela. Ricker — continuou ela — estava por trás de tudo. Eu nunca questionei isso. O pior é que Clooney também não. Seu filho estava limpo e pretendia permanecer assim. Fazia uma linda carreira e chegou a detetive. Não podia ser comprado. Por sua integridade, foi convocado para fazer parte da força-tarefa da operação Ricker logo no princípio, conforme descobri pelas anotações de Martinez. Ele era só mais um peão no tabuleiro, porém era um bom tira. Um tira por hereditariedade. Juntem essas peças todas — propôs ela, encostando o quadril na mesa.

— Ele é íntegro, é jovem e inteligente. É também ambicioso. A força-tarefa

para pegar Ricker é uma boa chance de mostrar eficiência e ele está disposto a aproveitá-la. Corre atrás, desencava coisas e faz pesquisas. As fontes de Ricker no esquadrão repassam essas informações ao chefão. Todos começam a ficar nervosos e Ricker decide fazer do bom tira um bom exemplo. Uma noite, esse tira íntegro e limpo passa na loja de conveniência a caminho de casa, como sempre faz depois do turno. Um assalto está acontecendo. Verifiquem no relatório: aquela loja nunca foi assaltada, nem antes nem depois daquele dia, mas isso estava acontecendo naquela noite, no exato momento em que ele chegou. O tira bom entra na loja e é esfaqueado. O dono da loja liga para a emergência, em pânico, mas a patrulhinha leva mais de dez minutos para chegar à cena da ocorrência. Os paramédicos, devido ao que foi relatado como "problemas técnicos", levam outros dez minutos para aparecer. O pobre rapaz sangra até morrer, caído no chão. Foi sacrificado.

Eve esperou alguns instantes, sabendo que todos os tiras reunidos ali na sala veriam tudo de forma tão clara quanto ela.

— A patrulhinha era dirigida por dois policiais cujos nomes aparecem na lista que Vernon me deu hoje de manhã. Homens de Max Ricker. Eles deixaram uma vítima morrer. Um colega de farda. Ricker enviara um sinal a todos na organização é isso que vai acontecer se alguém me trair.

— Tudo bem, você me convenceu — concordou Feeney. — Mas, se Clooney começou a ligar os pontinhos, por que não atacou os policiais da patrulhinha, logo de cara?

— Ele fez isso. Um deles foi transferido para a Filadélfia há três meses. Foi encontrado enforcado no quarto. Sua morte foi considerada suicídio, mas provavelmente a polícia da Filadélfia vai reabrir o caso. Trinta moedas de prata foram espalhadas sobre a cama. O outro policial se afogou, depois de escorregar e bater com a cabeça na borda da banheira em suas férias na Flórida. Morte acidental. As moedas foram encontradas lá também.

— Ele os vinha eliminando há vários meses! — exclamou Peabody, expirando com força. — Riscava um nome em sua lista e continuava trabalhando normalmente.

— Até Kohli. Foi Kohli que o fez pirar. Clooney gostava de Kohli, conhecia sua família, era muito chegado a eles. Mais que isso seu filho e Kohli eram amigos, e quando Ricker, através da Divisão de Assuntos Internos, plantou Kohli e espalhou boatos de que ele fora comprado, foi como perder o filho novamente. Os assassinatos, a partir daí, começaram a se tornar mais violentos, mais pessoais e mais simbólicos. Sangue no distintivo. Clooney não consegue mais parar. O que faz agora é em memória do filho, é pela honra do filho. Só que ao descobrir que matou um homem inocente, um tira bom, isso acaba com a sua sanidade. Era exatamente

isso que Ricker queria. Agora, ele pode se recostar e assistir enquanto destruímos um ao outro dentro da polícia.

— Só que ele não é mais tão esperto quanto já foi um dia — Roarke afirmou. — Ele não compreenderia um homem como Clooney, não saberia nada a respeito desse tipo de amor ou de dor. Foi pura sorte — garantiu. — Ele colocou as peças soltas na bandeja e a sorte ou, se preferirem, o amor foi que as uniu.

— Pode ser que sim, mas colocar as peças na bandeja é o suficiente para condená-lo. O que nos leva ao segundo desdobramento da nossa investigação. Como todos sabem, Roarke foi convocado como consultor temporário e informante da polícia para o caso Max Ricker, como civil. Peabody, você sabe o nome que os tiras usam para se referir aos civis que funcionam como informantes?

Peabody se encolheu toda.

— Sei sim, senhora. — Ao ver que Eve esperava, olhando fixamente, franziu o rosto e disse: —Ahn...*fuinha*, tenente. Os informantes são conhecidos popularmente como *fuinhas.*

— E as *fuinhas* — perguntou Roarke, com ar descontraído não são aqueles animaizinhos que adoram caçar ratos?

— Muito boa! — Feeney se inclinou e deu um tapinha nas cos- tas de Roarke — Muito boa mesmo!

— Pois nós temos um rato enorme para pegar — disse Eve, empertigando-se toda, enfiando as mãos nos bolsos e informando o plano para o resto da equipe.

Não havia dúvida alguma sobre quem estava no comando ali, avaliou Roarke, pensativo, enquanto a observava. Eve tinha controle total de tudo. Não deixou nenhum ângulo sem explorar, nenhum canto sem varrer. Caminhava com determinação de um lado para outro e sua voz era firme e objetiva.

Em alguma vida passada ela devia ter usado insígnias de general. Ou uma armadura.

E essa mulher, essa guerreira, estremecia nos braços dele. Esse era o poder entre o casal. O milagre que os unia.

— Roarke?

— Sim, tenente?

Algo nos olhos dele fizeram o coração dela estremecer de leve. Ela engoliu em seco e franziu o cenho para ele.

— Vou deixar você por conta do esquema de segurança, ao lado de Feeney e McNab. Não quero furos. Nem um buraquinho de alfinete.

— Não haverá, tenente.

— Pois cuide bem disso. Vou convocar Martinez para participar da operação e, quando acabarmos, ela receberá todos os créditos que merece. Alguma objeção?

— Ela esperou alguns segundos, mas ninguém se manifestou. — Peabody, você vem comigo.

Eve partiu em direção à porta, mas lançou um último olhar para trás antes de sair. Roarke continuava olhando para ela fixamente, com um sorriso quase imperceptível em sua boca maravilhosa e um brilho especial nos selvagens olhos azuis.

— Nossa, esse homem me dá água na boca! — exclamou Eve quase para si mesma.

— Como, senhora?

— Nada. — Arrependida, ela saiu a passos largos. — Nadinha. Minha viatura já foi consertada ou substituída?

— Dallas, o que você disse foi tão lindo! Eu nem sabia que você acreditava em contos de fadas.

— Droga, vamos ter de requisitar o veículo de algum civil. — Sorriu de leve. — Vamos usar o carro de Roarke, que está na garagem

— Uau, tomara que ele tenha vindo com o XX, modelo 6000. É o meu favorito.

— Ô sua maluca, como é que eu vou poder trazer um suspeito para interrogatório em um carro de dois lugares? Viemos em um carro de quatro portas, mas ele é espetacular. E eu sei a senha para ligá-lo. Será que Roarke vai ficar surpreso quando descobrir que o carro sumiu? Acho que...

Distraída, Eve quase esbarrou em Webster.

— Tenente, pode me dar um segundinho do seu tempo? — pediu ele.

— Estou com poucos segundos disponíveis, Webster. Fale enquanto caminhamos.

— Você vai pegar Clooney, não vai?

— Droga! — reagiu Eve. Embora ele tivesse falado isso em voz baixa, ela olhou para os lados para se certificar de que ninguém o ouvira. — O que o faz pensar assim?

— Tenho muitas fontes, lembra? — Seu rosto ficou sério e a voz permaneceu baixa: — Você deixou as migalhas de pão pelo caminho, e eu ainda sei seguir rastros.

— Você andou xeretando os meus arquivos?

— Dallas. — Ele colocou a mão no braço dela e sentiu a raiva que emanava dela. — Eu estou nisso até o pescoço. Parte do que eu fiz, seguindo ordens, pode ter servido de gatilho para o que rolou depois. Fui eu que fiz a pesquisa para confirmar a ficha limpa do filho de Clooney, e me sinto responsável. Deixe-me ir com você para pegá-lo.

Eve virou a cabeça meio de lado.

— Alguém dentro da Divisão de Assuntos Internos foi comprado por Ricker Como é que eu posso saber que não foi você?

Ele deixou cair as mãos, derrotado.

— Você não pode. — Ele soltou o ar com força. — Não há como você saber Tudo bem. — Ele deu um passo para trás e se virou para ir embora.

— Espere! Peabody. — Eve fez um gesto para a auxiliar, chamando-a de lado — Você se importa de ficar aqui com o resto da equipe, acabando de preparar a papelada?

Peabody olhou para Webster, que continuava parado com as mãos nos bolsos e um ar sofrido no rosto.

— Não, senhora.

— Tudo bem, então. Prepare a sala de interrogatório e bloqueie o vidro de observação externa. Não quero ninguém metendo o bedelho enquanto eu estiver conversando com Clooney. Vamos lhe dar toda a dignidade que pudermos.

— Pode deixar que eu cuido de tudo. Boa sorte.

— Tudo bem. — Eve caminhou até onde Webster estava. — Vamos nessa.

Ele piscou e respirou fundo.

— Obrigado, Dallas.

— Não me agradeça. Você está indo só para servir de lastro.

Capítulo Vinte e Um

Peabody voltou o mais lentamente que conseguiu. Adiou a sua volta ao máximo. Circulou pelo prédio, fazendo cera. Quando não dava mais para evitar, entrou na sala de conferências.

Uma espécie de esquema extremamente complexo estava no telão e Feeney analisava minuciosamente a imagem, como se isso fosse a foto de uma mulher nua e já com idade para casar.

— Ué, coisinha linda, o que aconteceu? — quis saber McNab, ao ver Peabody.

— Mudança de planos. Vou assistir à preparação do esquema de segurança.

— Mas Dallas não está indo pegar Clooney?

— Sim, sim, ela já está a caminho. — Peabody escolheu com muito cuidado uma cadeira, como se isso fosse questão de vida ou morte. Limpou cuidadosamente o assento e finalmente se acomodou.

— Ela foi sozinha? — A voz de Roarke a fez ter vontade de se encolher toda, mas ela olhou para um ponto indefinido acima da cabeça dele e deu de ombros.

— Não, não, ela foi com outra pessoa. Ahn... Vocês vão ter que traduzir todo o esquema para o inglês, porque para mim isso é grego.

— Quem foi com ela? — perguntou Roarke, embora já soubes- se a resposta. Isso tinha a cara de Eve.

— Com a tenente? Oh, ah, hummm... Webster.

Um silêncio pesado caiu. O silêncio que se segue a uma parede de tijolos que acaba de desabar. Peabody enfiou as mãos nos bolsos e se preparou para a explosão que viria.

— Entendo. — Quando Roarke simplesmente se virou de volta para a tela e continuou a falar, ela não sabia se devia sentir alívio ou se borrar de medo.

Webster se segurou e conseguiu evitar piadinhas sobre a sofisticação exagerada do carro. Em vez disso, simplesmente se recostou e curtiu a viagem.

Pelo menos tentou, pois seus nervos estavam à flor da pele.

— Olhe, quero deixar uma coisa bem clara. Eu não sou o homem de Ricker dentro da Divisão de Assuntos Internos. Saquei desde o início que ele devia ter alguém lá dentro, mas não faço idéia de quem seja. Mas pretendo descobrir. Faço questão disso.

— Webster, se eu achasse que você tinha o rabo preso com Ricker, você estaria, nesse instante, lá na central, andando de gatinhas e tentando catar seus

pedaços de dentes espalhados pelo chão.

— É muito importante ouvir isso de você, Dallas.

— Sei, sei, agora me poupe!

— Pois é, a verdade é que eu andei xeretando os seus arquivos. Mais tarde você pode me dar porrada por isso, se quiser. Eu sabia o número do seu distintivo e a sua senha. Foi Bayliss quem conseguiu. Sei que eu não tinha o direito de fazer isso e blablablá, mas eu fiz. Acompanhei todo o seu caminho até chegar a Clooney. Você fez um grande trabalho.

— E agora quer que eu faça uma carinha de envergonhada com o elogio e diga "Ah, obrigada, isso não foi nada..."? Escute bem: se você tentar repetir essa merda comigo, vai perder todos os dentes antes mesmo da reunião para finalizar os planos.

— Tudo bem, é justo. Reparei que você não solicitou um mandado de prisão para Clooney.

— Reparou certo.

— O que você tem é muito tênue em termos materiais, mas é o suficiente para um juiz emitir a ordem de prisão.

— Não quero uma ordem de prisão. Clooney tem direito a um pouco de consideração.

— Bayliss odiava tiras como você. — Webster olhou para as ruas de Nova York lá fora, cheias de gente muito colorida e arrogante. — Eu me esqueci como é trabalhar do seu jeito. É algo que eu não quero tornar a esquecer.

— Então me escute, para saber como vamos agir. Clooney mora no West Side em um apartamento. Mudou da casa que tinha em um bairro elegante logo depois que seu filho morreu. Por falar nisso, seu casamento também desmoronou por causa de Ricker.

— Estamos no meio do turno. Ele não vai estar em casa.

— Você não analisou direito a ficha dele. Hoje é o dia da sua folga semanal. Se ele não estiver em casa, vamos perguntar aos vizinhos até alguém nos dizer para onde ele pode ter ido. E vamos até lá encontrá-lo ou então esperamos. Deixe que eu falo. Ele vai se entregar por vontade própria. É isso que precisamos que aconteça.

— Dallas, esse cara já matou três tiras.

— Cinco. Estou vendo que você não pesquisou em todas as minhas anotações. Isso é descuido, Webster. Um tira meticuloso *é* um tira mais feliz.

Eve chegou ao prédio e estacionou em fila dupla, e só então se lembrou de que não só estava com o carrão luxuoso de Roarke como também esquecera sua luz indicadora de "policial em serviço".

Xingando baixinho, ela circulou um pouco até achar uma vaga. Deixou o carro

dois quarteirões adiante, em uma vaga elevada.

— O prédio tem um bom sistema de segurança — reparou ela, acenando com a cabeça para as câmeras e os painéis codificados. — Precisamos contornar esses obstáculos. Não quero que ele tenha tempo de se preparar para a nossa chegada.

Webster abriu a boca para lembrá-la de que eles não tinham um mandado, mas desistiu. Afinal de contas, ela era a dona do show.

Eve usou o seu cartão mestre e digitou seu número do distintivo. Um sistema mais sofisticado teria questionado a razão dessa emergência, mas isso não aconteceu e as portas externas foram destrancadas automaticamente.

— Quarto andar — informou Eve a Webster, encaminhando-se para o único elevador do saguão. — Você está armado?

— Estou.

— Eu achava que vocês, da DAI, carregavam apenas um computador de mão. Mantenha a arma no coldre.

— Ora, mas que droga! — brincou ele. — Eu estava doido para entrar chutando a porta com a arma em punho.

— DAI, idiota... DAI, idiota. Eu não sei a diferença e sempre misturo as letras. Mas chega de frivolidades. Fique aqui dentro — ordenou ela, quando o elevador chegou ao quarto andar. — Não quero que ele veja você pelo olho mágico.

— Pode ser que ele nem atenda a campainha.

— Vai abrir sim. Ele está cheio de curiosidade para me ver. — Ela apertou a campainha ao lado da porta e esperou. Percebeu que estava sendo observada pelo olho mágico e manteve o rosto sereno, sem expressão.

Alguns segundos depois, Clooney abriu a porta.

— Olá, tenente, eu não esperava... — Ele parou de falar assim que viu Webster sair do elevador e ir para junto de Eve. — Não esperava visitas.

— Podemos entrar para conversar com você, sargento?

— Claro, claro! Não reparem na bagunça. Eu estava preparando um sanduíche à moda antiga.

Ele recuou para deixá-los entrar. Era um bom tira e muito esperto, foi o que Eve lembrou sobre aquele momento, mais tarde. E foi por isso que ela comeu mosca.

Ele pegou o estilete com um movimento rápido, muito preciso apontando-o na direção da garganta de Eve. Ela também era uma tira muito boa e igualmente esperta. Poderia ter desviado do estilete a tempo, mas isso era uma coisa que ela nunca saberia com certeza.

Webster a puxou para trás e a empurrou de lado, jogando-a no chão. Esse movimento fez o corpo dele girar, deixando-o no caminho do estilete.

Ela gritou ao ver o sangue esguichar. Continuou gritando ao ver Webster cai e já se colocava de joelhos pegando a arma quando viu Clooney sair correndo para o fundo da sala. Se ela tivesse atirado nele sem avisar, pelas costas, o teria derrubado. A hesitação instintiva e a lealdade arraigada em sua mente de policial lhe custaram meio segundo a mais.

Foi tempo suficiente para Clooney pular pelo peitoril e começar a descer pela escada de incêndio.

Eve correu para Webster. Sua respiração estava curta, muito fraca, e o sangue jorrava aos borbotões pelo corte imenso que ia do ombro até o meio do peito.

— Por Deus! Por Deus!

— Estou bem, Dallas. Vá!

— Cale a boca. Cale essa boca! — Ela pegou o comunicador enquanto pulava pela sala e ia até a janela. — Emergência! Policial ferido! Policial ferido! — Informou o endereço enquanto acompanhava a fuga de Clooney. — Mande uma ambulância para o local. Policial ferido! O suspeito fugiu na direção oeste, a pé. Está armado e é perigoso. Homem branco, sessenta anos.

Enquanto falava, ela tirou a jaqueta, vasculhou o apartamento e pegou algumas toalhas.

— Um metro e setenta e cinco, oitenta quilos. Calça cinza e blusão azul. O fugitivo é suspeito de homicídio múltiplo. Agüenta as pontas, Webster, seu idiota filho-da-mãe! Se você morrer nas minhas mãos, vou ficar muito puta com você, ouviu bem?

— Desculpe. — Ele sugou o ar com força enquanto ela rasgava sua camisa e apertava as toalhas dobradas sobre o ferimento. — Puxa, isso dói pra caraca! Que diabo de... — Sua cabeça pendeu, mas ele lutava para se manter consciente. — Que diabo de faca era essa, Dallas?

— Como é que eu vou saber? Era um estilete comprido e muito afiado.

Havia sangue demais ali, era só no que Eve pensava. Era sangue demais e as toalhas já estavam empapadas. Isso era mau. Realmente péssimo.

— Eles vão costurar tudo e você ainda vai ganhar uma condecoração por causa desse arranhão. Vai poder exibir a cicatriz para as suas namoradas e elas vão dar risadinhas de admiração.

— Mentira! — Ele tentou sorrir, mas mal conseguia vê-la, porque estava ficando tudo escuro. — O cara me abriu de cima a baixo como se eu fosse uma truta.

— Cale a boca. Já mandei calar a boca!

Ele suspirou de leve e apagou, atendendo ao pedido dela. Eve o acalentou e continuou a estancar o sangue até ouvir o som das sirenes.

Eve encontrou Whitney na sala de espera do centro cirúrgico. Com a blusa e as calças ensopadas pelo sangue de Webster, o rosto dela estava pálido como o de um cadáver.

— Eu estraguei tudo! — lamentou-se ela. — Tinha certeza de que conseguiria conversar numa boa com ele, convencê-lo a se apresentar e levá-lo comigo para interrogatório. Em vez disso, o assassino continua à solta e outro tira bom está morrendo.

— Webster está recebendo o melhor atendimento possível. Cada um de nós é responsável por si mesmo, Dallas.

— Mas eu o levei comigo. — *Peabody poderia estar na mesa de operações nesse instante*, pensou Eve. *De um jeito ou de outro, não haveria vencedor.*

— Foi ele quem quis ir. Além do mais, Dallas, você conseguiu identificar o suspeito através de um magnífico trabalho investigativo. Não levaremos muito tempo para prender o sargento Clooney. Temos policiais em toda parte, ele é muito conhecido e fugiu só com a roupa do corpo. Está sem dinheiro e sem recursos.

— Um tira esperto sabe como desaparecer em pleno ar. Eu o deixei escapar, comandante. Não atirei quando tive chance, nem saí para persegui-lo.

— Se você tivesse novamente que escolher entre perseguir um suspeito ou salvar a vida de um colega, qual seria a sua decisão?

— Faria a mesma coisa. — Ela olhou para a sala de operação. — Disso eu tenho certeza.

— Pois eu também, tenente. Vá para casa, durma um pouco. Você vai precisar de todas as forças para encerrar este caso.

— Senhor, eu gostaria de ficar aqui até eles terem alguma posição sobre o estado de Webster.

— Tudo bem, então. Vamos pegar um café. O daqui não pode ser pior que o da central.

Quando Eve se obrigou a ir para casa, o seu corpo começava a ceder ao cansaço, mas a sua mente se recusava a desligar. Ela repassou na cabeça mais de cem vezes o momento em que Clooney abriu a porta. Será que havia um brilho diferente nos olhos dele? Será que ela poderia ter percebido isso e reagido um décimo de segundo antes de o estilete surgir?

Se Webster não tivesse entrado em ação, será que ela conseguiria desviar o corpo e escapar do golpe?

De que adiantava se martirizar?, perguntou a si mesma ao entrar em casa. A situação não ia mudar.

— Eve.

Roarke veio da sala de estar, onde esperava por ela. Eve já chegara em casa sangrando e exausta outras vezes, sempre coberta por um manto de desespero. E ali estava ela novamente, com todo aquele peso nas costas. Ao vê-lo, ela simplesmente exclamou:

— Oh, Roarke!

— Sinto muito. — Ele foi até ela e a envolveu com seus braços. — Sinto muito de verdade.

— Os médicos acham que Webster não vai escapar. Não disseram isso abertamente, mas dá para ver pelos rostos. Ele sofreu hemorragia maciça, com danos internos muito extensos. O estilete perfurou o pulmão, chegou a atingir o coração e só Deus sabe mais o quê. Já entraram em contato com os familiares dele e pediram que viessem depressa.

Por mais que parecesse egoísmo, ouvir isso não o consolou. Tudo o que Roarke conseguia pensar era: *Poderia ter sido você. Poderia ter sido você e era eu que estaria indo para lá às pressas.*

— Suba comigo. Você precisa se lavar e dormir um pouco.

— É... Não há mais nada a fazer por agora, a não ser tirar um cochilo. — Ela começou a se encaminhar na direção da escada em companhia dele, mas, ao chegar lá, simplesmente se sentou em um dos degraus e colocou as mãos no rosto. — Onde é que eu estava com a cabeça? Quem, diabos, eu penso que sou? Mira é a psiquiatra, não eu. O que me fez achar que eu poderia entrar na cabeça daquele homem e entender o que se passa lá dentro?

— Você consegue fazer isso, e faz. Nem sempre pode dar certo. — Ele massageou-lhe as costas. — Conte-me o que ele está pensando neste instante.

Ela balançou a cabeça e se levantou.

— Estou esgotada. Cansada demais para esse tipo de coisa.

Ela subiu os degraus e foi tirando a roupa pelo caminho, ao se encaminhar para o banheiro. Antes de entrar no boxe, Roarke a segurou pela mão, sugerindo:

— Na ducha, não, entre na banheira. Você vai dormir melhor depois.

Ele mesmo abriu a torneira. Colocou a água pelando, porque era assim que ela gostava. Acrescentou alguns sais de banho muito aromáticos, com efeito relaxante. Programou os jatos de hidromassagem. Em seguida, ele se despiu por completo, entrou na banheira com ela e a fez se recostar nele.

— Ele fez aquilo por mim. Clooney me atacou e Webster me empurrou para me tirar da trajetória da lâmina. Acabou ficando na frente dela.

— Então eu tenho uma dívida de gratidão com ele que nunca poderei pagar. — Roarke pressionou sua boca de leve sobre o alto da cabeça de Eve. — Mas você poderá, encerrando esse caso. E é isso que você vai fazer.

— Sim, vou encerrar mesmo.

— Por enquanto, repouse.

A fadiga era como um peso que a empurrava para baixo. Ela não resistiu a ela e se permitiu adormecer.

Acordou com a luz do dia entrando no quarto e o aroma forte de café. A primeira coisa que viu ao abrir os olhos foi Roarke, com uma xícara na mão.

— Quanto você me paga por um golinho?

— Qualquer coisa. Qual é o seu preço? — Ela se sentou na cama, pegou a xícara e bebeu lentamente, com ar de gratidão. Essa é uma das partes que eu mais gosto nessa história de casamento. — Ela deixou a cafeína fluir lentamente por dentro do seu corpo. — É claro que o sexo é muito bom, mas o café... O café é fantástico! E você até que vem a calhar quase o tempo todo. Obrigada.

— De nada.

Ela pegou o rosto dele e o puxou para junto do dela antes que ele tivesse a chance de recuar.

— Eu não conseguiria ter dormido tão depressa se você não estivesse comigo. — Dando um apertão carinhoso nas mãos dele, ela se virou para o console ao lado da cama e pegou o *tele-link*. — Quero saber notícias de Webster.

— Eu já liguei para o hospital. — Ela não gostaria de ser enrolada, e ele lhe contou exatamente o que sabia. — Ele conseguiu atravessar a noite, sendo monitorado. Eles quase o perderam por duas vezes e tiveram que levá-lo para mais uma cirurgia. Permanece em estado gravíssimo.

— Certo. — Ela pousou a xícara e esfregou as mãos no rosto. — Muito bem eu acho que Webster gostaria de uma revanche. Vamos fazer isso por ele.

A boate Purgatório estava impecável. Puro glamour com pitadas de pecado.

— Que reforma rápida você conseguiu fazer aqui — murmurou Eve ao caminhar pelo salão e observar as três escadas em espiral com as extremidades dos degraus ressaltadas por uma luz vermelha. Ao analisar mais de perto, reparou que os corrimões tinham a forma de serpentes. Elas subiam acompanhando a sinuosidade da escada e, a espaços regulares, cada um dos répteis escamados engolia a cauda do que vinha em seguida.

— Interessante — ela elogiou.

— Sim. — Roarke passou uma das mãos elegantes sobre a cabeça da primeira serpente. — Eu também achei. Muito prático também. Suba nos primeiros degraus.

— Por quê?

— Só para me agradar.

Encolhendo os ombros, Eve subiu os três primeiros degraus.

— E agora? — perguntou ela.

— Feeney! — chamou Roarke. — O sistema acusou a presença de armas?

— Positivo. O scanner indicou que há uma pessoa do sexo feminino portando uma pistola a laser na escada número um, e ela tem outra arma em um coldre de tornozelo.

Eve olhou na direção da sala de controles, tentando achar os alto-falantes embutidos de onde a voz de Feeney trovejava. Exibindo um sorriso, ela olhou para Roarke, que ficara ao pé da escada, e propôs:

— Não quer subir até aqui para darmos uma escaneada em você, garotão?

— Obrigado pelo convite, mas dispenso a oferta. Há scanners instalados em todas as entradas e saídas, e também nos banheiros e nas cabines privativas. Saberemos o que iremos enfrentar com relação a isso.

— E quanto a bombas? — perguntou ela, descendo de volta. — E facas?

— Dá para descobrir explosivos. Facas são mais complicadas de achar, mas, se forem de metal, o detector da entrada será capaz de descobri-las. Além do mais, uma hora antes de a boate abrir, o prédio inteiro vai ser vistoriado mais uma vez, só por precaução.

— Em que lugar você pretende conversar com Ricker?

— Dividimos a área em vinte e dois setores. Cada um deles tem um sistema de segurança individualizado, e todos estão ligados ao controle principal. Eu ficarei em uma cabine privativa no setor 12, bem ali.

Ele apontou para uma mesa localizada na ponta de uma plataforma do segundo andar. Eve deixou o olhar passear pelas barras douradas e vermelhas que subiam a partir de círculos elevados no centro do palco, formando jaulas cilíndricas.

— Pertinho da ação, hein?

— Pois é, o show deve continuar. A cabine foi preparada especialmente para atender às nossas necessidades. Sinais de áudio e vídeo serão transferidos direto para o controle.

— Ele vai querer vistoriar a cabine e instalar um misturador de sinais.

— Sim, eu sei, mas o sistema foi planejado para superar qualquer coisa que ele trouxer.

— Você é terrivelmente exibido, sabia?

— Confiante é a palavra certa, tenente. Eu mesmo projetei o sistema e já testei tudo. Duas das minhas melhores agentes de segurança estarão se apresentando no palco durante a reunião.

— Você vai colocar seguranças fazendo striptease?

— Não faça essa cara, porque elas são lindas. E se for necessário lidar com algum dos homens de Ricker, elas darão conta do recado.

— O acordo não cita leões-de-chácara. Teremos tiras à paisana em todos os setores.

Ele concordou, com satisfação:

— É claro, tenente, que eu poderia simplesmente espalhar a minha equipe de segurança sem informá-la disso. Porém, na qualidade de *attaché* civil temporário, sinto-me na obrigação de retransmitir todas as informações relevantes à chefe da equipe.

— Espertinho.

— Eu também te amo.

— O banheiro é o máximo! — relatou Peabody, ao chegar ao salão. — Espere só para ver, Dallas. As pias parecem pequenos lagos e as bancadas têm quilômetros de comprimento. Sem falar nas pinturas sexy espalhadas pelas paredes. Tem até sofás lá dentro! — De repente ela parou de falar, antes que Eve reclamasse, e pigarreou, completando: — McNab e eu terminamos a vistoria, senhora, e os dispositivos de segurança — som, imagem e scanners — estão todos operantes.

— O que não está muito operante é o seu uniforme, policial Peabody. Os botões da sua farda estão abotoados nas casas erradas.

— Os meus... — Ela olhou para baixo, ficou vermelha até a raiz dos cabelos e mais que depressa começou a ajeitar os botões de metal que McNab abotoara tortos.

— Pelo amor de Deus, Peabody, vocês parecem coelhos! Vá se recompor em algum lugar e segure seus hormônios por alguns minutos, por favor.

— Sim, senhora. Desculpe, senhora.

Peabody sumiu dali e deixou Eve olhando de cara amarrada para Roarke.

— Pensa que eu não sei o quanto você está curtindo tudo isso? — perguntou a ele. — Eu *bem que avisei* que esse lance com McNab ia acabar com a minha assistente.

— Na qualidade de membro recém-chegado ao Departamento de Polícia de Nova York, achei o procedimento deles impróprio. — Dizendo isso, ele se virou para Eve com o sorriso que tornava seu rosto incrivelmente jovem e absurdamente

belo. — Sem dúvida, foi muito impróprio. Acho que nós dois devíamos vistoriar pessoalmente todos os espaços. Agora mesmo!

— Seu tarado! — Eve colocou as mãos nos bolsos e já começava a se afastar dele, indo em direção à sala de controle, quando a porta se abriu e Rue MacLean entrou.

Ela hesitou por um segundo diante do olhar gélido que Eve lhe lançou, mas se empertigou toda e atravessou o salão. Todos se encontraram diante do bar em que Kohli servira seu último drinque.

— Como vai, srta. MacLean?

— Olá, tenente. Sei perfeitamente o que a senhora pensa de mim. Pode jogar tudo na minha cara.

— Para que gastar saliva? O sangue de um tira foi derramado neste mesmo piso. Isso diz tudo.

— Eve. — Roarke tocou no ombro dela e se virou para Rue. — Você esteve com Ricker?

— Sim, ele...

— Aqui não — alertou Roarke, apontando para uma parede lateral. Um painel de controle e um elevador secreto estavam escondidos atrás do mural que retratava a queda de Adão. A porta se abriu para o lado e uma cabine surgiu. Todos subiram silenciosamente até o escritório pessoal de Roarke.

Assim que saltou, Roarke foi até uma unidade de refrigeração por trás de um painel de vidro fumê, pegou algumas garrafas de água mineral gelada e as serviu.

— Por que não senta um pouco, Rue? Conversar com Ricker sempre deixa as pessoas abaladas.

— É verdade. Obrigada.

— Ora, como somos educados! — Furiosa, Eve recusou a água que Roarke lhe ofereceu. — Tão simpáticos e civilizados. Se quiser confiar nessa mulher, meu chapa, isso é um direito seu. Não espere a mesma consideração de minha parte. Ela traiu você.

— Isso mesmo — confirmou Roarke, colocando o copo d'água na mão trêmula de Rue. — Agora ela vai trair Ricker, e está se arriscando ao fazê-lo.

Roarke segurou a mão de Rue e, embora ela tentasse puxar a mão e se afastar, ele calmamente desabotoou o punho da blusa e arregaçou-lhe a manga, exibindo o braço que ela protegia junto do corpo.

Havia arranhões e manchas roxas do pulso ao cotovelo.

— Ele agrediu você. Sinto muito.

— Ele gosta de machucar as pessoas. Essas marcas vão sumir. Sua esposa tem razão, eu merecia uma punição muito pior que essa.

— Os dedos dele parecem garras. — Foi tudo o que Eve disse, mudando de atitude. — Por que ele os usou em você?

— Basicamente porque podia fazê-lo sem medo de represálias. Se ele não tivesse acreditado em mim, eu estaria em um estado muito pior, pode crer. Como eu fui passar informações sobre a senhora, isso o deixou de bom humor.

Ela pegou a água, mas deixou o copo de lado antes de continuar:

— Tudo aconteceu praticamente como você planejou, Roarke. Eu o procurei e pedi dinheiro para lhe passar algumas dicas. Isso o deixou revoltado, então eu deixei que ele me pressionasse um pouco, até que, por fim, cedi e contei tudo de graça. Isso também o animou.

Com ar distraído, ela tornou a abotoar o punho da blusa.

— Eu disse a ele que você anda desatento e de mau humor, Roarke. Conte que você vem tratando todo mundo debaixo de chicote para reabrir a boate a tempo, pois mantê-la de portas fechadas está lhe trazendo prejuízos imensos. Além do mais, contei que você estava uma fera porque os tiras andam bufando no seu pescoço. Para fechar com chave de ouro, contei que ouvi você discutindo com sua esposa.

— Ótimo. — Roarke se sentou no braço de uma poltrona.

— Comentei que você estava em desacordo com a investigação, contei como tudo estava péssimo para o seu lado, ainda mais pelo fato de a sua mulher estar se arriscando. Mencionei que você estava revoltado com tudo isso e andava forçando sua mulher a sair da polícia. Contei sobre a briga feia que vocês tiveram por conta disso.

"Houve trocas de palavras ríspidas sobre vocês dois estarem em lados opostos da lei e você perdeu a cabeça. Espero que não se importe, mas pintei você como um homem em crise e quase desesperado. Disse que você estava cansado de passar a vida pisando em ovos, farto de perder grana por manter seus negócios dentro da lei. Houve muitas ameaças, recriminações e a senhora chorou, tenente" — disse Rue, virando-se para Eve com um ar de satisfação.

— Puxa, obrigada.

— Ele adorou essa parte. Bem, depois que a senhora foi embora, abalada, entrei e ofereci meu ombro amigo a Roarke. Ele bem que precisava, e tomamos alguns drinques. Foi quando você me disse, Roarke, que estava de saco cheio de andar na linha o tempo todo. Andava entediado, agitado e com o casamento em crise. É claro que amava sua esposa, mas precisava urgentemente de uma válvula de escape, algum negócio novo por fora. Ela nem precisaria saber que você planejava voltar a pescar em águas ilegais, certo? Você queria muito algo para se distrair, para poder parar de se preocupar com ela. Foi nesse momento que você

teve a idéia de matar dois coelhos com uma cajadada só, propondo a Ricker um negócio que beneficiaria os dois lados. Uma sociedade discreta entre vocês dois. A maior parte do lucro poderia ficar para Ricker e, em troca, ele deixaria sua esposa em paz. Você ia continuar tentando tirá-la da polícia, mas a queria inteira enquanto a convencia a dar baixa. Comentei que você estava ridiculamente apaixonado por ela, mas que não permitiria que isso o castrasse, nem que ela o carregasse preso a uma coleira. Eu concordei com tudo e me ofereci a conversar com Ricker, em seu nome. Essa foi a parte que ele demorou mais a engolir.

Ela massageou de leve os ferimentos do braço.

— Eu o convenci de que você aceitou minha intermediação por não ser mais o mesmo, Roarke. Disse que você se tornou mole e descuidado em certas áreas. Acho que ele engoliu tudo por dois motivos: queria acreditar na minha história e não achou que eu tivesse peito de mentir para ele.

Ela pegou o copo e molhou a garganta.

— Até que não foi tão ruim quanto imaginei — disse ela. — Ele já tinha mordido a isca antes mesmo de eu girar o molinete. O advogado, Canarde, é que não gostou nem um pouco da história, mas Ricker o mandou calar a boca. Como ele continuou a falar, Ricker atirou um peso de papel nele. Errou o alvo, mas fez um rombo na parede.

— Ah, eu queria ser uma mosquinha para assistir a essa cena do alto — murmurou Eve.

— Sim, foi um momento muito bom — concordou Rue. — O fato é que Canarde calou o bico e Ricker virá aqui para conversar. Não quer perder a oportunidade de humilhá-lo, Roarke. Quer tratar você como um cigarro apagado sob os pés dele. E planeja eliminá-lo na hora, se achar que devia ter ouvido o advogado. Se não puder arruinar a sua vida, ele vai ficar feliz em simplesmente matar você. Aliás, essas foram exatamente as palavras que usou.

— Então foi perfeito — decidiu Roarke, e sentiu a emoção da caçada esquentando-lhe o sangue.

— Nem tanto. — Eve enfiou os polegares nos bolsos da frente da calça e se virou para Rue. — Por que você também não fez Roarke chorar?

Rue lançou-lhe um olhar de tanta gratidão que Eve teve a sensação de que tudo ia dar certo.

Capítulo Vinte e Dois

O tempo se escoava. Cuidar de duas operações complicadas significava horas de trabalho dobrado e preocupações também em dobro. Eve deixou a boate Purgatório nas mãos competentes de Roarke e, para mudar o foco, foi de carro até a casa de Clooney, que ficava em um bairro elegante fora do centro.

— Whitney já mandou Baxter interrogar a esposa — avisou Peabody, e recebeu um olhar frio e cortante de Eve.

— Vou conferir. Vê algum problema nisso, policial?

— Não, senhora, problema nenhum.

O tempo podia estar voando para Eve, mas para Peabody as trinta horas que ainda faltavam para a noite de sexta pareciam se arrastar como lesmas. Ela achou melhor não mencionar o carro de tocaia estacionado perto da casa térrea em estilo rancho com telhado baixo. Ele dava a maior bandeira em um condomínio como aquele, que parecia ter saído de um cartão-postal.

Clooney o reconheceria na mesma hora, é claro, se tentasse voltar para casa. Talvez a idéia fosse essa.

Sem falar nada, ela seguiu Eve pelo caminho que ia da calçada até a porta da casa e esperaram ser atendidas.

A mulher que abriu a porta poderia ser descrita como bonita, embora fosse um tipo caseiro e rechonchudo de beleza. Naquele momento ela parecia simplesmente exausta, triste e temerosa. Eve se identificou exibindo-lhe o distintivo.

— Vocês o encontraram? Ele está morto?

— Não. Não, Sra. Clooney, seu marido ainda não foi localizado. Podemo entrar?

— Não tenho mais nada a contar além do que já disse. — Mesmo assim ela se virou e as conduziu até a pequena e arrumada sala de estar, caminhando como quem carregasse o peso do mundo às costas.

Chintz e renda eram a base da decoração. Havia tapetes desbotados e poltronas velhas mas confortáveis. Um telão em modelo antigo se destacava na parede. Na mesinha lateral, uma imagem da Virgem Maria cuidava da sala com um olhar doce e sereno.

— Sra. Clooney, eu preciso saber se o seu marido entrou em contato com a senhora.

— Não. Ele não faria isso. É como disse ao outro detetive que veio me ver Acho que deve haver algum terrível engano. — Em um gesto casual, ela afastou do

rosto um cacho de cabelos castanhos, tão sem vida quanto os tapetes. — Art não anda bem, não é o mesmo há algum tempo. Só que nunca faria as coisas das quais vocês o acusam.

— Por que acha que ele não a procuraria, Sra. Clooney? A senhora é a esposa dele. Esta é a casa de vocês.

— Sim. — Ela se sentou devagar, como se as pernas não agüentassem sustentá-la por mais tempo. — É a nossa casa, só que ele não a vê mais assim. Deixou de acreditar nisso. Está desorientado. Perdeu o rumo, a esperança e a fé. Nada foi o mesmo desde que Thadeus morreu.

— Sra. Clooney. — Eve se sentou, inclinando-se para a frente em um gesto que transmitia solidariedade e confiança. — Eu quero ajudá-lo. Quero oferecer a ele o tipo de ajuda que precisa. Para onde ele iria?

— Não faço idéia. Antes, talvez soubesse. — Ela pegou um lenço muito amarrotado do bolso do vestido. — Ele parou de falar comigo, parou de me contar as coisas. Logo no início, quando Thadeus foi morto, nós nos apoiamos e choramos juntos. Ele era um rapaz maravilhoso, o nosso Thadeus.

Ela olhou para um porta-retratos com moldura de prata polida, onde se via a foto de um rapaz em uniforme de gala.

— Tínhamos tanto orgulho dele. Quando o perdemos, eu e Art apoiamos um ao outro, alimentados por esse amor e por esse orgulho. Compartilhamos esses sentimentos com a mulher de Thadeus e o bebezinho deles. Ajudou um pouco ter nosso neto por perto.

Ela se levantou e pegou outra foto. Dessa vez o rapaz aparecia ao lado de uma jovem sorridente e um bebê com bochechas rosadas.

— Eles formavam uma família linda — lamentou-se a pobre mãe, passando os dedos de leve sobre a foto antes de pousá-la novamente, sobre a mesinha.

— Então, algumas semanas depois de perdermos Thadeus, o comportamento de Art mudou. Ele ficou carrancudo e implicante. Não compartilhava mais seus problemas comigo. Deixou de ir à missa. Brigamos algumas vezes, mas depois até isso deixamos de fazer. Passamos simplesmente a viver nesta casa — disse ela, olhando para o ambiente familiar e confortável à sua volta como se ele pertencesse a um estranho. — Apenas vivíamos aqui, em vez de *morar*.

— A senhora se lembra de quando essa mudança ocorreu com o seu marido, Sra. Clooney?

— Há cerca de quatro meses. Não é muito tempo, depois de trinta anos de casados, mas me parece uma eternidade.

Esse intervalo de tempo batia com os acontecimentos, calculou Eve, encaixando no lugar certo a peça do primeiro assassinato.

— Às vezes ele nem voltava para casa, e, quando o fazia, sempre dormia no antigo quarto de Thadeus. Um dia ele se mudou daqui. Disse-me que sentia muito mas precisava acertar algumas coisas em sua vida, para poder ser um bom marido novamente. Nada do que eu lhe disse serviu para demovê-lo. Deus que me perdoe, mas a essa altura eu estava tão exausta, zangada e vazia que nem me importei em saber para onde ele ia.

Ela apertou os lábios com força e piscou depressa para dissolver as lágrimas.

— Não sei onde ele está nem o que faz desde então, tenente. Mas quero meu marido de volta. Se soubesse de algo que a ajudasse a trazê-lo de volta, eu lhe diria.

Eve foi embora, deu um giro pelas redondezas e conversou com vizinhos, mas só encontrou gente intrigada e atônita. Clooney era um bom amigo de todos, um marido amoroso, um excelente pai e um membro confiável da comunidade.

Ninguém sabia dele — ou não queria contar.

— Você acreditou nesse povo? — perguntou Peabody, quando elas voltavam para a cidade.

— Acreditei na mulher dele. Ela está receosa e confusa demais para mentir. Clooney sabe que a casa está sendo vigiada. Quanto a amigos e parentes, ele não é idiota de procurar alguém conhecido. Vamos ver... Talvez surja alguma coisa.

Mais duas horas se passaram sem novidades. Eve apertou os olhos com os dedos e pensou em pegar mais café, mas, ao se levantar para isso, viu Mira na porta de sua sala.

— Você anda trabalhando demais, Eve.

— Estou num beco sem saída. Sinto muito, doutora, mas nós agendamos algum encontro?

— Não, eu apenas achei que você gostaria de ouvir a minha opinião profissional sobre Clooney a essa altura dos acontecimentos.

— Sim, gostaria mesmo. — Ela olhou em volta e suspirou. — Esse lugar está uma bagunça. Nem deixei fazer faxina aqui nos últimos dias. Não confio em ninguém circulando pela minha sala.

— Não se preocupe com isso. — Mira se mostrou à vontade e encostou o quadril na mesa de Eve. — Creio que ele não mudará seu cronograma nem conseguiria fazê-lo. Anda está focado em você, o que significa que continuará por perto.

— Ele disse que não mataria mais nenhum tira, mas não hesitou em enfiar aquele estilete em Webster.

— Isso não foi planejado, foi um ato impulsivo. Ele queria atingir você e, mesmo assim, iria encarar isso como legítima defesa. Você estava vindo pegá-lo. Você, acompanhada de um membro da Divisão de Assuntos Internos. Creio que

ele continua na cidade e usa suas consideráveis habilidades para analisar as coisas e reorganizar as idéias. Não é o que você faria?

— Sim, era exatamente isso que eu faria se decidisse que precisava finalizar algum projeto, e morreria tentando, se necessário. — Eve meditou cuidadosamente, como se estivesse fazendo uma jornada pela mente de Clooney. — Ele não se importa de morrer, não é, doutora?

— Tem razão, eu também penso assim. Ele vai esperar até o prazo se esgotar e, se você não provar o seu valor, ele vai tentar matá-la, Eve. Ou pode ser que ele termine tudo tentando matar Ricker para em seguida, quase certamente, tirar a própria vida. Não conseguirá mais encarar sua esposa, seus colegas de farda nem o padre de sua igreja. Mas desejará estar frente a frente com seu filho.

— Não vou permitir que isso aconteça.

Eve pretendia ir direto para casa. Ligou para o hospital para saber notícias de Webster e lhe disseram que seu estado não se alterara. Mesmo assim, como acontecera com a esposa de Clooney, ela precisava conferir pessoalmente a situação.

Seguiu pelo corredor, rumo ao CTI, receando cada passo que dava. Detestava o cheiro, os sons, a *atmosfera* do hospital. Quando a enfermeira de serviço perguntou se ela era parente de Webster, para liberar a sua entrada, Eve não hesitou. Mentiu.

Momentos depois, ela se viu em um cubículo estreito que parecia ainda menor por conta da cama imensa e das máquinas. Olhou para o rosto pálido do homem deitado ali.

— Que beleza isso que você aprontou, não é? Eu não lhe disse que ia ficar muito pau da vida? Você faz idéia de como eu me sinto, vendo você deitado aí, nessa moleza? Droga, Webster!

Eve se sentiu arrasada e colocou a mão sobre a dele. Fria, notou. A mão dele estava fria demais.

— Você acha que eu tenho tempo para isso? — continuou. — Estou até o pescoço de trabalho, e você, em vez de me dar uma mãozinha, fica descansando numa boa, escondido atrás desse coma. Levante o rabo daí!

Ela se inclinou na direção dele e falou, com a voz alta e clara, bem junto dele:

— Está me ouvindo, safado? É melhor levantar o rabo dessa cama, porque um monte de tiras morreu no meu plantão nos últimos tempos e eu não vou deixar você aumentar esse número. E se você acha que eu vou colocar um raminho de flores no seu túmulo e deixar escorrer uma lágrima por você está muito enganado,

meu chapa. Eu vou é cuspir na sua cova.

Ela apertou a mão dele e esperou pela resposta que não veio.

— Babaca! — murmurou, com uma afeição que nem ela imaginou que sentisse por ele.

Em seguida se virou para ir embora e levou um susto ao ver Roarke parado na porta. Mil pensamentos passaram na sua cabeça ao mesmo tempo, e nenhum deles conseguiu sair de forma coerente.

— Eu imaginei que você viesse dar uma passada aqui — disse ele.

— Pois é, eu estava apenas... — Encolheu os ombros e os braços foram descendo até despencar dentro dos bolsos.

— Estava apenas tentando ajudar um amigo — terminou Roarke, atravessando o espaço que o separava de Eve. Colocou as mãos nos ombros dela e pousou um beijo em sua testa. O gesto foi muito carinhoso, um gesto de apoio, típico de gente casada. — Você pensou que eu não fosse gostar disso?

— Não, acho que não. É que esta é uma... uma situação meio esquisita, só isso.

— Você quer ficar na companhia dele mais um pouco?

— Não, já disse a ele tudo o que vim dizer. — Mas olhou para trás mais uma vez. — Quando ele sair dessa, vou dar uns chutes no traseiro dele, só por diversão.

— Quero assistir a essa cena. — Roarke passou o braço pelos ombros dela. — Vamos para casa, tenente. Amanhã teremos um dia muito agitado.

O dia foi realmente agitado e passou depressa demais. Do seu posto na sala de controle, Eve conseguia observar cada centímetro quadrado do clube em várias telas.

Ela reclamou da iluminação do ambiente. Achou muito escuro, mas ele a ignorou. Também deu indiretas por causa da música, que estava alta demais, mas Roarke deixou as coisas exatamente do jeito que queria. Agora, ela acabara de descobrir mais um detalhe para reclamar com ele.

A multidão.

Eve não pensou que fosse aparecer tanta gente. As pessoas entravam em grandes ondas, se comprimindo e se acotovelando para participar da reabertura da boate. Ela começou a fervilhar de raiva ao notar que Roarke sabia o tempo todo que seria assim.

— Não temos tiras em número suficiente, Feeney — lamentou-se ela. — A casa abriu há menos de uma hora e chega tanta gente por minuto que até parece que Roarke está oferecendo drinques grátis e uma sessão de sexo grupai para cada cliente.

— Pode ser que esteja mesmo. Roarke tem um talento especial para fazer bombar tudo o que toca. Estamos numa boa, Dallas. Esse esquema de segurança vai dar conta do recado. Veja só, ali tem um mané, no setor 2, mesa 6, batizando o drinque da namorada com algo suspeito. Acho que é um pouco de Exotica.

— Deixe os rapazes de Roarke cuidarem disso. — Ela pousou a mão no ombro de Feeney e ambos acompanharam a cena. — Não quero que a polícia interfira com a rotina do lugar. — Além do mais, ela queria ver se a segurança pessoal dele era boa de verdade ou não.

Era realmente boa, ela decidiu, ao ver, trinta segundos depois, um sujeito do tamanho de um armário vestido de terno preto invadir a cabine, confiscar o drinque, levantar o contraventor da cadeira com uma facilidade espantosa e expulsá-lo.

— Eficiente e tranqüilo — comentou Feeney. — Esse é o melhor modo de manter o clima estável.

— Isso não me agrada. Não gosto nem um pouco desse plano. Tem muita coisa que pode dar errado.

— Não vai dar nada errado, garota. Você é que está cheia de gueriguéris.

— Cheia de quê?

— Bicho-carpinteiro, toda cheia de tiques nervosos.

— Qual é, Feeney? Eu nunca tive um tique nervoso na vida.

— Pois está tendo hoje — afirmou ele, solenemente. Mas havia um jeito brincalhão na sua voz. — O cara sabe cuidar de si mesmo, Dallas. Ninguém faz isso melhor que ele.

— É... Isso é o que me preocupa. — Pelo monitor, ela acompanhou Roarke circulando numa boa, atravessando a massa de gente como se sua maior preocupação na vida fosse o caimento do seu terno.

E ela ali, dois andares acima e suando frio.

Ela estava assim por ser obrigada a ficar tão longe, admitiu para si mesma. Teria se sentido muito melhor se estivesse lá embaixo, no meio do agito. Como Peabody, pensou, que parecia muito à vontade no bar, à paisana.

— Peabody! Está me ouvindo?

No banco do bar, Peabody mal assentiu com a cabeça ao ouvir a voz de Eve buzinando em seu ouvido:

— Policial, espero que o drinque que está na sua mão seja um refrigerante.

Ela soltou um sorriso forçado seguido de uma careta.

Por algum motivo, isso fez com que Eve se sentisse melhor.

A campainha da sala de controles tocou. Com a mão na arma, Eve foi ver quem era através do sistema de câmeras ocultas e abriu os trincos.

— Martinez, você está fora do seu posto.

— Ainda é cedo. Podemos conversar um minutinho? Não tive a chance de dizer isso antes — continuou ela, baixando a voz —, e se as coisas correrem conforme o planejado não haverá tempo depois. Quero agradecer por você me convocar para esta operação.

— Você fez por merecer.

— Ah, isso é verdade. Mesmo assim, você não precisava me trazer. Se precisar de um favor meu ou do meu esquadrão, algum dia, você o terá.

— Mensagem recebida. Obrigada.

— Vim também para contar o que aconteceu com Roth. Ela vai receber uma censura em sua ficha. Vão mandá-la para avaliação e ela vai ter que se submeter a tratamento. Deram-lhe seis meses de licença, para depois decidirem se ela permanece no comando ou não.

Esse seria um golpe duro para uma mulher como Roth, refletiu Eve, mas disse apenas:

— Poderia ter sido muito pior.

— É. Tinha gente apostando que ela ia jogar a toalha e dar baixa, mas não rolou nada disso. Ela vai agüentar firme.

— Sim, acho que vai. Agora, se já encerrou sua sessão de fofoca, volte ao seu posto.

— Sim, senhora — brincou Martinez ao se despedir, lançando um sorriso.

Eve tornou a trancar a porta e voltou aos monitores. Sentou-se e já estava quase relaxada quando se viu tensa novamente.

— Ai, cacete! Por que não pensei nisso? Mavis está chegando. Mavis e Leonardo. — Por instinto, ou talvez por excesso de preocupação, ela avisou pelo canal de Roarke: — Mavis acaba de entrar. Ela e Leonardo estão no setor 5. Livre-se deles! Faça-os voltar para casa.

— Pode deixar que eu cuido disso — murmurou ele em resposta, e Eve não teve escolha a não ser olhar tudo sem poder fazer nada.

— Roarke! — Mavis soltou um guincho de empolgação muito agudo, lançou na direção dele o seu corpinho de fada pintado de dourado e coberto de plumas azuis e aterrissou nos seus braços. — A boate ficou melhor do que antes. Está demais! Mais que demais! Cadê Dallas? Ela vai perder uma balada dessas?

— Está trabalhando.

— Ah, que vacilona! Tudo bem, nós faremos companhia a você. Escute só essa banda! Eles vão botar fogo no lugar. Estou louca pra dançar!

— A visão do segundo andar é muito melhor.

— Mas a ação rola aqui embaixo.

— Lá em cima também é ótimo. — Ele não poderia mandá-los embora assim, sem mais nem menos e sem uma explicação. Mas poderia acalmar os nervos de Eve colocando-os o mais longe possível dos problemas. — Rue? — Ele fez sinal para a gerente. — Esses aqui são amigos meus. Consiga-lhes a melhor mesa do segundo andar, e as despesas são por minha conta.

— Puxa, um grande oferecimento. — Leonardo apertou a mão de Roarke com força. — Não precisa, meu amigo.

— Claro que precisa. O prazer é meu. Tenho que resolver alguns negócios pendentes daqui a pouco, mas quando acabar vou subir e juntar-me a vocês para um drinque.

— Ah, você é um doce mesmo. Esperamos você lá, então — despediu-se Mavis.

Ao ver que o casal subia para o lugar indicado, Roarke foi até McNab e disse:

— Fique de olho neles. Mantenha-os lá em cima até tudo ficar resolvido.

— Deixa comigo! — replicou McNab.

No palco, as dançarinas tiravam a roupa, rebolavam muito e pareciam estar adorando o exercício. Enquanto a banda apresentou uma brutal virada na percussão, uma névoa azul muito fina começou a subir do piso do palco. Circulando em volta das dançarinas, havia o holograma de uma pantera negra com uma coleira com pontas de prata muito pontiagudas. Cada vez que o animal erguia a cabeça e rugia de forma assustadora, a multidão rugia em resposta.

Roarke desviou os olhos das peles pintadas e da pantera em plena caça e observou o instante em que Ricker entrava na boate Purgatório.

Ele não viera sozinho, embora Roarke já esperasse por isso. Uns doze homens se espalharam, analisando o ambiente com olhos duros. Metade deles começou a se misturar com a multidão.

Eles deviam ser a tropa de choque, concluiu ele. Deviam estar munidos de *miniscanners* de alta potência, a fim de localizar e registrar as câmeras de segurança, os alarmes e as áreas de observação.

Eles encontrariam apenas o que Roarke decidiu deixar que eles encontrassem.

Ignorando os capangas, Roarke atravessou o mar de pessoas de pele cintilante e ficou cara a cara com Ricker.

— Vamos nessa! — disse Eve, da estação de controle. — Todos em seus postos, quero todos ligados e na posição inicial. Vamos fazer tudo conforme os planos.

Embora suasse frio durante a espera, Eve agora estava firme e forte no comando:

— Feeney, quero que você cheque as armas deles. Quero saber quem carrega

o que e quantas armas temos.

— O programa já está em campo.

E Roarke também, pensou Eve, com os olhos grudados no monitor.

— Há quanto tempo! — Roarke cumprimentou Ricker.

Os lábios do visitante se abriram de leve, mas só nos cantos.

— Sim, faz um bom tempo — confirmou ele, desviando os olhos de Roarke e avaliando todo o ambiente. — Impressionante — comentou, com um quase imperceptível toque de tédio. — O problema é que uma boate de striptease vai ser sempre uma boate de striptease, por mais sofisticada que pareça.

— E um bom negócio vai ser sempre um bom negócio.

— Pois eu soube que você anda com alguns problemas nos seus próprios negócios.

— Nada que já não tenha sido resolvido.

— É mesmo? Mas você perdeu alguns clientes no ano passado.

— Precisei... reestruturar algumas áreas.

— Ah, claro. Um presente de casamento, talvez, para a sua charmosíssima esposa.

— Deixe minha esposa fora disso.

— É difícil, para não dizer impossível. — Era bom, muito bom ouvir uma certa tensão na voz de Roarke. Em outros tempos, pensou Ricker, ele teria conseguido disfarçá-la. — Mas podemos discutir logo de cara o que você está disposto a negociar por esse tipo de consideração.

Com certo esforço, Roarke respirou fundo e pareceu se acalmar um pouco.

— Vamos usar minha cabine — propôs. — Pago-lhe um drinque.

Quando Roarke começou a se virar, um dos guardas de Ricker colocou a mão no seu braço e se pôs diante dele para revistá-lo, à procura de armas. Roarke simplesmente saiu de lado, agarrou o polegar do capanga e o torceu com força para trás.

Afinal de contas, demonstrar fraqueza demais logo de cara iria parecer suspeito.

— Torne a fazer isso e eu te arranco o dedo fora pelas juntas e te obrigo a comê-lo.

— Ora, fico feliz ao ver que pelo menos nisso você não mudou muito. — Ricker ordenou que seu homem se afastasse. — Mas você não acredita que eu vá tomar um drinque em seu território sem tomar algumas precauções básicas.

— Pois mande um dos seus técnicos passar o detector de metal e mais o que ele quiser em mim e na cabine. Se isso não o satisfizer, Ricker, vá se foder, porque agora o lugar é meu.

Um músculo na bochecha de Ricker se contraiu e ele sentiu o sangue ferver, mas concordou.

— Nunca gostei muito desse seu temperamento de irlandês estourado, por mais pitoresco que seja. Porém, como disse, o lugar é seu. Por enquanto.

— Muito bem — disse Eve. — Eles estão se encaminhando para a cabine Feeney, garantame que o sistema de Roarke vai enganar o scanner deles.

— Enganou o meu. Eu até lhe pedi para me mostrar o projeto, mas ele simplesmente sorriu. — Feeney se virou para um monitor secundário. — Olhe só, veja a varredura que eles estão fazendo, sem detectar nada, a não ser o que Roarke determinou que fosse encontrado. Muito bem, agora vamos nos acomodar para acompanhar um pouco de ingestão de álcool e muito papo.

— Peabody — alertou Eve, analisando os resultados do scanner de armas —, o seu alvo é um sujeito no fim do balcão do bar, à esquerda, mulato, usando terno preto. Um metro e setenta e cinco, uns setenta quilos, cabelo preto à altura do ombro. Está armado com uma pistola a laser de uso exclusivo da polícia. Sacou o cara?

Ao ver que Peabody concordou com a cabeça, Eve continuou:

— Todo mundo fique ligado e mantenha os alvos designados para cada um dentro do seu campo de visão, mas não façam movimentos ameaçadores *nem* se aproximem de ninguém para desarmá-lo até que eu dê ordem. — Em seguida, indicou o alvo de Martinez e dos outros.

— Seu esquadrão de capangas com cara de andróide vai ter de ficar do lado de fora da cabine e longe da mesa — avisou Roarke, quando eles entraram no elevador. — Não converso sobre negócios diante de nenhuma platéia.

— Eu também penso assim. — Ricker se moveu para a cabine privativa, se sentou e uma porta deslizante se fechou atrás dele.

Tinha tudo o que queria, tudo o que planejara ao longo dos anos. Roarke ia implorar. Roarke ia ser destruído. E se ele esperneasse muito ou durante muito tempo, o bisturi a laser escondido sob a manga esquerda de Ricker iria fazer um estrago de bom tamanho naquele rostinho jovem e bonito.

— Tremenda vista — comentou, assim que as dançarinas pularam sobre o palco. — Você tinha bom gosto para escolher mulheres e sempre teve um fraco por elas.

— É verdade. E você, pelo que me lembro, só gosta de espancá-las. Deixou marcas roxas na minha esposa.

— Deixei? — perguntou Ricker, com cara de inocente. Foi exatamente como

ele ansiara durante tanto tempo. Isso era o que estava doido para alcançar havia vários anos. — Como sou descuidado. Ela sabe que nós estamos tendo essa conversa ou ainda deixa você cantar de galo de vez em quando?

Roarke pegou o maço de cigarros e bateu com a ponta de um deles na mesa, preparandose para acendê-lo enquanto olhava para Ricker e seu risinho de escárnio. Uma luta interna transpareceu no rosto de Roarke e fez Ricker ri abertamente. Nesse momento, Roarke pegou o cardápio.

— Uísque — ordenou em voz alta, erguendo uma sobrancelha.

— Vou acompanhar você, em nome dos velhos tempos.

— Dois uísques Jameson duplos, puros. — Roarke se recostou na cadeira e finalmente acendeu o cigarro. — Vou lhe dizer uma coisa, também em nome dos velhos tempos. Meu casamento deve ficar fora do seu alcance. —A voz de Roarke pareceu mais agressiva e ele parou de falar, tentando controlá-la. — Você tentou atacar minha esposa e ela jogou na lata de lixo a escória que você mandou para pegá-la.

— Ela teve sorte. — Os lábios de Ricker se apertaram com força no instante em que pegou um dos copos de líquido âmbar servidos a partir de uma ranhura na parede. — A sorte um dia acaba.

A mão de Roarke instintivamente se lançou para a frente. Como se lembrasse de se controlar no último segundo, ele a recolheu e olhou para um capanga que já se aproximava com a mão dentro do paletó aberto.

— O que você quer em troca da segurança dela? — perguntou ele a Ricker.

— Ah, agora sim! — Satisfeito, Ricker tornou a se recostar. — Essa é uma pergunta razoável. Mas por que eu deveria lhe dar uma resposta igualmente razoável?

— Porque eu vou fazer com que isso valha a pena — disse Roarke, depressa. Depressa demais para o seu orgulho ou sua tática de negócios.

— Isso vai ser difícil. — Empolgado com o rumo da conversa e desesperado para forçar um pouco mais, ele se inclinou. — Sabe o que é, Roarke? Eu curto atacar a sua esposa.

— Escute aqui... — reagiu Roarke.

— Não, escute você! Quero que feche a matraca agora ou então eu mesmo o farei, como devia ter feito há alguns anos. Entendeu?

— Esse cara tá pedindo para ser morto — comentou Feeney.

Roarke ouviu a voz de Feeney com toda a clareza e reconheceu a verdade dessa afirmação. Cerrou os dois punhos sobre a mesa e expirou com força. Por fim, respondeu:

— Sim, eu entendi. Pelo menos me dê alguns termos para avaliar. Afinal,

somos homens de negócios. Diga-me o que você quer.

— Por favor.

C*aramba, seu canalha desprezível*, pensou Roarke. Com todo o cuidado, limpou a garganta e tomou um pouco de uísque antes de responder:

— Por favor... diga-me o que você quer.

— Assim está melhor. Muito melhor. Alguns anos atrás você acabou com a nossa sociedade subitamente, e isso me deu um prejuízo de um milhão e duzentos mil dólares, sem falar nas mercadorias, além de perder mais do dobro disso em reputação e boa vontade dos clientes. Então, para começo de conversa, quero dez milhões de dólares em dinheiro vivo.

— E o que, exatamente, você pretende me oferecer em troca desses dez milhões?

— O que exatamente, Roarke? A vida da sua mulher, ora essa! Transfira a quantia para uma conta que vou lhe informar até a meia-noite ou eu vou colocar a cabeça dela a prêmio.

— Mas você precisa me dar um pouco mais de tempo para...

— Meia-noite ou eu acabo com a raça dela.

— Até mesmo um homem como você deve sentir hesitação por mandar matar uma policial, ainda mais uma tira tão competente e importante quanto ela.

— Eu devia matar muito mais do que uma tira apenas, mas a escolha é sua. Fique com a grana e perca a mulher. — Ele passou as pontas das unhas pela lateral do copo, fazendo um som agudo e desagradável. — Essa parte não é negociável.

— Isso já seria o bastante — murmurou Eve. — Só com essas últimas palavras já dava para prendê-lo.

— Roarke vai arrancar muito mais. — Feeney se ajeitou na cadeira. — Acho que ele está só esquentando.

— Ela vale os dez milhões para mim, porém... — Roarke levantou o copo e bebeu mais lentamente dessa vez, como se estivesse calculando alguma coisa. — Acho que vamos criar mais confiança mútua se apimentarmos um pouco este arranjo. Estou interessado em mais do que um simples acordo. Tenho alguns fundos que preferia investir em algo que não precisasse passar por análises detalhadas do governo.

— Ora, então você se cansou de ser um cidadão virtuoso?

— Quer que eu seja franco? Sim. — Ele encolheu os ombros, olhou em volta e deixou os olhos fixos por mais de um segundo na dançarina que rebolava no outro lado do palco.

Ao fazer isso, sentiu no ar a satisfação que exalava de Ricker.

— Estou pensando em modificar a base dos meus negócios, fazer algumas

viagens por aí, em busca de novos mercados e riscos. Preciso de algo mais emocionante.

— E pensou em me procurar para conseguir isso? Como ousa me procurar, como se estivéssemos no mesmo nível? Você vai ter que rastejar muito antes que eu lhe entregue algumas migalhas.

— Então essa conversa não nos serviu de nada. — Roarke encolheu os ombros novamente, mas fez isso com mais insegurança e pegou o copo.

— Você antigamente "se achava" e costumava ser mais arrogante e frio. Olhe só para você. Ela sugou toda a sua energia, deixou você seco. Virou um molenga, não é? Esqueceu de como é bom dar ordens que modificam a vida de quem as recebe. Ordens que podem acabar com outras vidas? Agora mesmo eu poderia acabar com a sua com um simples estalar de dedos. — Os olhos de Ricker brilharam ainda mais quando ele se inclinou na direção de Roarke e sussurrou: — Talvez eu até faça isso, sempre em nome dos velhos tempos.

Foi terrivelmente difícil para Roarke não esmagar aquela cara de desprezo com os próprios punhos e derrubar o capanga que continuava de guarda com a mão dentro do paletó.

— Se fizer isso, você não conseguirá seus dez milhões de dólares. Aliás, não conseguirá nada de mim, Ricker. Mas talvez você tenha um pouco de razão ao me dedicar ódio, pelo jeito com que eu deixei você na mão, no passado.

— Deixou na mão? Deixou na mão?! — Ele deu um soco tão grande na mesa entre gritos, que os ouvidos de Feeney, na sala de controle, badalaram como sinos. — Você me traiu! Você me roubou! Você me jogou na cara a consideração e a generosidade que eu sempre lhe dediquei. Devia ter matado você naquela ocasião. Talvez ainda o faça.

— Se quiser alguma compensação, Ricker, pelo que eu fiz ou deixei de fazer, eu estou disposto a pagar. Estou realmente disposto. Sei do que você é capaz e respeito isso. — Para tornar a encenação mais real, Roarke simulou um leve tremor na mão ao oferecer mais uma rodada ao inimigo. — Eu ainda tenho fontes e recursos. A minha ligação com a polícia de Nova York, por si só, tem um valor inestimável.

Ricker soltou uma risada curta. Seu peito doía devido ao coração acelerado. Ele não queria tomar mais um uísque. Queria o seu maravilhoso drinque cor-de-rosa. Antes, porém, ele precisava acabar logo aquele assunto. Precisava acabar com Roarke.

— Eu não preciso da sua tira, seu idiota patético. Tenho mais de um esquadrão inteiro na palma da minha mão.

— Nenhum como ela, isso eu garanto — insistiu Roarke, mostrando-se

ansioso para negociar. — Quero que minha esposa saia da polícia, mas enquanto ela estiver lá dentro poderá ser útil. Muito útil, por sinal.

— Ela não vem sendo útil nem mesmo para o marido. Ouvi dizer que vocês estão tendo uma crise conjugai.

— Apenas algumas pedras no caminho. Tudo isso vai passar. Os dez milhões pela segurança dela vão ajudar a acertarmos tudo — afirmou Roarke, tomando o segundo copo de uísque. — Servirá para tirar um pouco da pressão, pelo menos até eu fazê-la desistir da polícia, daqui a mais algum tempo. Já estou trabalhando nisso.

— Por quê? Como você mesmo disse, uma pessoa dentro da polícia servindo de ligação é muito útil.

— Mas acontece que eu quero uma esposa dentro de casa, e não a porra de uma policial. Prefiro ter a minha mulher sempre disponível para mim, quando me for conveniente, e não correndo de um lado para outro o dia todo, investigando casos. — Franzindo a testa, ele tomou um gole mais longo. — Um homem tem direito a isso, não tem? Se eu quisesse uma tira, eu comprava e a colocaria na palma da mão, como você faz. Não precisaria me casar com uma.

Isso estava melhor ainda, pensou Ricker. Melhor até do que ele esperava. Ele ficaria com o dinheiro de Roarke, o humilharia e o teria preso a ele. E poderia manter tudo isso até matálo, quando sentisse vontade.

— Posso conseguir isso para você.

— Conseguir o quê?

— A demissão dela. Em menos de um mês ela poderá estar fora da polícia.

— E o que quer em troca?

— Esta boate. Quero-a de volta. Estou enfrentando mais um probleminha com um carregamento que está para chegar. O cliente que eu escolhi para recebê-lo está com problemas financeiros. Tire esse abacaxi da minha mão por, digamos, mais dez milhões, passe a escritura deste clube noturno para uma das minhas subsidiárias e poderemos fechar negócio.

— Qual é a mercadoria?

— Produtos farmacêuticos.

— Você sabe que eu não possuo contatos para distribuir drogas ilegais.

— Não me diga o que você não tem. — A voz de Ricker ficou mais agressiva e entrecortada. — Quem você pensa que é para tentar me esnobar desse jeito? — Ele se lançou por sobre a mesa e agarrou Roarke pelo colarinho. — Eu quero o que eu quero!

— Ele está desequilibrado. Precisamos invadir. — Eve estava prestes a sair da sala quando Feeney gritou:

— Espere um instante! Deixe o show rolar.

— Não dá para ficar aqui parada.

— Não estou esnobando você — disse Roarke depressa, com a voz nervosa. — Simplesmente ainda não montei uma estrutura para distribuir drogas ilegais.

— Isso é um problema seu. É *seu* problema! Você vai fazer o que eu disser, e do jeito que eu determinar, senão fica sem nada. Aceite o acordo desse jeito ou sofra as conseqüências.

— Deixe-me pelo menos pensar no assunto, por Deus! Chame seus homens. Não devemos criar problemas aqui dentro.

— Certo, tudo bem. Sem problemas.

B*em, ele está realmente louco,* pensou Roarke. *Louco desvairado.* Os boatos sobre a loucura de Ricker não haviam chegado nem perto da realidade.

— Vinte milhões é muita grana. Mesmo assim eu estou disposto a arriscar esse dinheiro para conseguir o que quero. E também para... pagar a dívida que tenho com você. Mas preciso saber como é que você vai conseguir tirar minha esposa da polícia sem respingar merda pro meu lado.

Agora era o resfolegar de Ricker que estava bem audível, mas ele próprio não reparou nisso. Pegou o copo de uísque e sua mão tremeu, mas ele também não percebeu. Tudo o que via à sua frente era a conquista de um sonho há muito idealizado.

— Posso arruinar a carreira dela em menos de uma semana. Na verdade, posso acabar com a reputação dela agora mesmo. Sei quais pauzinhos mexer. Esse caso no qual ela está trabalhando agora, por exemplo, é algo que me irrita. Ela me insultou. Sua esposa riu na minha cara.

— Ela lhe pedirá desculpas. — Roarke quase cantarolava, de nervoso. — Vou providenciar isso.

— Sim, ela vai ter que fazer isso mesmo. Vai ter que me pedir desculpas. Não vou tolerar ninguém rindo de mim. Muito menos uma mulher.

Ele precisava ser incentivado a falar mais, pensou Roarke. De forma suave, mas rápida.

— Minha esposa fará isso, sim. Você tem o controle de tudo. Você tem o poder.

— Exato. É claro que eu tenho. Sei disso. Se eu resolver deixá-la viver, como uma gentileza para você, vou cobrar uma taxa para tirá-la desse caso e do departamento. Vou plantar informações conflitantes, distorcer dados nos computadores certos. Isso funciona.

Roarke passou as costas da mão sobre a boca e exclamou, com ar de espanto:

— Os tiras que estão sendo mortos! Caraca, Ricker, é você quem está por trás

disso?

— E ainda vão morrer outros, antes de eu terminar. Isso me diverte, sabia?

— Não quero tomar parte nessa história de matar tiras. Eles vão acabar com você, cara.

— Não seja ridículo. Eles nunca conseguirão tocar em mim. Eu não mate ninguém. Eu simplesmente coloquei a idéia dentro da cabeça certa e a arma na mão mais vulnerável. Foi um jogo. Você não se lembra de como eu gosto de jogos? Nem do quanto eu gosto de vencer?

— Sim, claro que me lembro. Ninguém era melhor nisso do que você. Como foi que você armou esse esquema?

— Contatos, Roarke. Adoro fazer os contatos certos e depois olhar as peças se encaixando no lugar exato.

— Puxa, eu durmo com uma mulher do Departamento de Polícia e não consigo chegar nem perto disso. — A voz de Roarke se encheu de admiração. — Eu subestimei você. Puxa, você deve ter levado anos para armar tudo.

— Meses. Apenas alguns meses. Trata-se de um caso típico de escolher o alvo certo. Um tira jovem, "certinho" demais para entrar no esquema. Eliminá-lo foi muito fácil, mas a beleza do esquema foi como, fazendo as ligações certas, tudo pôde se expandir a ponto de ser fácil plantar algumas sementes no coração de um pai enlutado. Depois, foi só me recostar e assistir ao pai, um tira muito dedicado, sair matando colegas por aí. Sem parar. E tudo isso sem despesa alguma.

— Brilhante — murmurou Roarke.

— Sim, foi muito bom! O melhor é que eu posso tornar a fazê-lo na hora que eu quiser. Assassinato por procuração. Ninguém está seguro, muito menos um homem como você. Transfira a grana e, até o vento mudar, eu protegerei você. E sua esposa.

— Vinte milhões, ao todo?

— Por enquanto.

— Uma barganha — disse Roarke, baixinho, como se falasse consigo mesmo, trazendo de volta a mão que deixara embaixo da mesa, depois de passar pelo paletó e pegar uma arma. — O problema é que só a idéia de fazer negócios com você me embrulha o estômago. Ah, e avise o seu capanga para pegar leve e largar a sua arma ou eu terei o enorme prazer de usar isso aqui. Você a reconhece, Ricker? É uma das armas banidas do planeta que você traficava, alguns anos atrás. Aliás, eu tenho uma bela coleção de armas do século XX, além de uma licença para colecioná-las. Elas deixam um rombo horrível ao atingir a pessoa. Esta é uma Glock nove milímetros que pode arrancar o seu rosto fora e deixar só a caveira.

O choque de ver uma arma apontada para ele deixou Ricker sem voz. Fazia

anos, uma vida inteira, desde o último sujeito que ousara fazer isso.

— Você só pode estar maluco, Roarke.

— Na verdade, não. Minha cabeça está ótima. — Ele agarrou o punho de Ricker com a rapidez de um relâmpago e o torceu violentamente até o bisturi a laser cair de dentro da manga. — Você sempre teve uma quedinha por coisas pontudas, não é?

— Você vai ter uma morte muito dolorosa por isso. Muito dolorosa! Você acha que vai conseguir sair deste lugar respirando?

— Certamente que sim. Ah, minha esposa acaba de chegar. Ela é linda, não é? E pela quantidade de câmeras e microfones que os seus scanners vagabundos não conseguiram localizar, parece que o seu time de idiotas está neste exato momento sendo desarmado e recolhido para a detenção.

Roarke esperou até Ricker focar os olhos em um ponto além das costas dele e constatar por si mesmo.

— Um de nós realmente perdeu seu toque especial, Ricker, mas parece que não fui eu. Consegui pegar você em uma armadilha, e isso foi fácil. Brincadeira de criança!

— Por causa de uma tira. — Com olhos selvagens, Ricker se levantou, indignado. — Você me armou essa trapaça por causa de uma tira?

— Teria feito o mesmo até por um cachorro sarnento, se tivesse oportunidade. Ah, e, por favor, tente me atacar — murmurou Roarke. — Assim a coisa vai valer ainda mais a pena.

— Chega! Roarke, dê um passo para trás. — Eve abriu a porta da cabine e encostou a arma nas costelas de Ricker.

— Pode se considerar morto. Vocês dois estão mortos. — Ele girou o corpo e deu uma bofetada em Eve com as costas da mão. Ela reagiu e atirou nele, que tombou como um boneco de pano.

— Por favor, diga que a arma estava em força máxima — pediu Roarke.

— Não, ele está apenas atordoado. — Ela limpou o sangue do canto da boca com a manga e ignorou o monte de gente que se afastava dali, fugindo da confusão. No palco, as strippers continuavam a dançar normalmente.

Roarke entregou um lenço a Eve, esticou o braço e levantou a cabeça de Ricker do chão pelo colarinho.

— Não...

— Para trás — ele disse com voz ríspida ao ver que Eve se agachava para impedi-lo. — Fique fora disso até eu acabar de vez com esse problema.

— Se você o matar, tudo terá sido em vão.

Ele olhou para ela e toda a força, a garra e o perigo que ele escondera de

Ricker lhe apareceram nos olhos.

— Teria valido a pena, por tudo o que ele fez, mas eu não pretendo matá-lo. — Para provar o que dizia, ele entregou a Glock nas mãos de Eve.

Mas manteve o bisturi entre os dedos e, encostando a ponta mortífera na jugular de Ricker, disse:

— Você pode me escutar, não pode, Ricker? Sei que pode me ouvir muito bem. Fui eu que armei tudo isto, e quero que você se lembre disso quando estiver andando de um lado para outro dentro da caixa de fósforos para onde vão levá-lo. E quero que pense apenas nisso, dia e noite, com o restinho de sanidade que lhe sobrou.

— Vou te matar! — disse Ricker, com a voz rouca, embora mal conseguisse erguer a mão.

— Bem, pelo menos até agora você não conseguiu isso, não foi? Mas sinta-se à vontade para tentar novamente. Só quero que me escute, e me escute com atenção: toque nela, coloque a mão novamente no que é meu e eu sigo você até o inferno só para arrancar a pele que ainda estiver grudada nos seus ossos. Vou também tirar seus olhos fora e obrigar você a comê-los. Juro que vou! Lembre-se de como eu era e você saberá que eu ainda sou capaz disso. E até pior.

Roarke endireitou as costas, mas ainda continuava com o corpo rígido. Por fim, determinou:

— Mandem recolher esse lixo e jogá-lo fora daqui, porque esse lugar é meu.

Capítulo Vinte e Três

Eve não dormiu muito, mas dormiu profundamente, sabendo que Ricker estava na cadeia. Ele berrara muito, literalmente, chamando pelo seu advogado, assim que os efeitos do atordoamento passaram.

Como Eve agira rápido e conseguira colocar Canarde no xadrez também, o advogado de Ricker ia se ver muito atarefado por algum tempo.

Eve fez duas cópias de todos os discos gravados na operação da boate Purgatório. Lacrou todos e guardou uma cópia extra no seu escritório.

Dessa vez não haveria provas extraviadas, dados incompletos nem arquivos corrompidos.

Eles o agarraram de jeito.

Eve disse a si mesma que aquelas precauções eram suficientes, teriam de ser, e acabou desabando sobre a cama. Conseguiu se desligar de verdade, como uma placa de circuitos queimada, e acordou com um pulo quando Roarke colocou a mão em seu ombro e a chamou pelo nome.

— Que foi? — Por instinto, levou a mão até onde sua arma estaria, se ela não estivesse nua.

— Calma, tenente. Estou desarmado. E você também.

— Eu estava... Uau! — Ela balançou a cabeça para clarear as idéias. — Eu estava em outro planeta.

— Eu notei. Sinto tê-la acordado.

— Por que você já está em pé? Por que está vestido? Que horas são?

— Passa um pouco das sete e eu precisava fazer algumas ligações. Quando eu estava resolvendo esses assuntos, ligaram para cá. Do hospital.

— Webster — ela sussurrou. Esquecera completamente de conferir como ele estava na véspera, depois que a operação acabara. *E agora... era tarde demais*, pensou.

— Ele acordou do coma — continuou Roarke — e pediu para ver você.

— Acordou? Ele está vivo e acordado?

— Pelo visto, ambos. Melhorou um pouco na noite passada. Continua em estado grave, mas se mantém estável. Eles estão um pouco mais esperançosos. Eu a levo até lá.

— Não precisa...

— Eu quero fazer isso. Além do mais, se ele achar que estou defendendo a minha propriedade... — ele beliscou as costas da mão dela —, talvez isso o deixe um pouco mais animado.

— Sua propriedade uma ova!

— Minha propriedade, sim senhora! Minha propriedade exclusiva.

Ela chutou as cobertas para longe e lhe ofereceu uma visão extensa de toda a propriedade, enquanto corria para o chuveiro.

— Eu me apronto em dez minutos! — avisou ela.

— Não se apresse, porque ele não vai sair de lá mesmo.

Eve levou vinte minutos, porque Roarke a subornou com café. E presenteou a si mesma com uma segunda xícara, quando ele se sentou atrás do volante do carro.

— Devemos levar algumas flores para ele ou algo assim? — sugeriu ela.

— Acho melhor não. Um choque imenso desses pode até colocá-lo novamente em coma.

— Você é um cara muito espirituoso, mesmo de manhã cedo, sabia? — Ela provou um pouco do café e pensou um tempo antes de perguntar: —Aquela... ahn... expressão... "vou arrancar seus olhos fora e obrigar você a comê-los" é alguma espécie de praga irlandesa?

— Não que eu saiba.

— Então você inventou ali, na hora, ontem à noite? Eu já disse antes e repito agora: você é assustador.

— Eu teria sido capaz de matá-lo só por aquela bofetada, se você não tivesse se colocado no caminho.

— Eu sei. — Ela viu que precisava continuar entre eles. — Você não devia ter levado aquela arma. Portar uma arma banida em um local público. Faz idéia do número de sapateado que eu vou ter que executar para livrar a sua cara?

— Quem disse que estava carregada?

— Não estava?

— Claro que estava, mas quem vai provar? Relaxe, tenente. Você o pegou.

— Não, não fui eu. Foi você.

— Meio a meio — decidiu. — Nós não temos feito muito isso, ultimamente chegar a um meio-termo. *Nós dois* o pegamos.

— Aceito a minha parte dos louros. Mais uma coisa: aquele papo de um homem ter todo o direito disso e daquilo, e querer a sua mulher sempre disponível... Isso tudo foi da boca pra fora, não foi?

— Se eu responder, você divide um pouco desse café fumegante comigo?

— Não. — Ela manteve a xícara longe dele. — Foi da boca pra fora?

— Bem, deixe-me ver... Acho que seria legal ter uma mulherzinha doce circulando pela casa, cuidando de tudo e me esperando na porta à noitinha, depois de eu ter enfrentado um árduo dia de trabalho, com um sorriso no rosto e um drinque na mão. Não é uma imagem adorável?

Roarke olhou de lado e, ao vê-la quase rosnando, soltou uma gargalhada e completou:

— Quanto tempo agüentaríamos isso antes de matar um ao outro de tédio?

— Ainda bem que você disse isso antes de mim, pois seria uma pena eu abrir mão desse café delicioso e pelando de tão quente só para despejá-lo no seu saco. E não adianta pedir, porque eu não vou lhe dar nem um golinho.

Enquanto procuravam uma vaga no estacionamento do hospital, Eve se virou no banco e se colocou de frente para Roarke.

— Vamos levar vários dias para montar o processo contra Ricker, antes de enviá-lo para o promotor. Sua avaliação psicológica certamente será um desastre, já que ele está completamente zureta.

— Ele vai acabar em um hospício penal.

— Ah, sem dúvida que sim, e pode acreditar que aquilo lá não é moleza não. O lance é o seguinte: tenho um monte de gente para interrogar e um número incalculável de levantamentos, pesquisas para fazer, investigações sobre os negócios e as propriedades dele. Deixei Martinez ficar com a maior parte da estiva, mas mesmo assim vou ficar presa no trabalho por algum tempo. Se você puder adiar a viagem que precisa fazer ao Olympus Resort, eu gostaria de ir junto.

Ele entrou de frente em uma vaga e parou o carro.

— Você está disposta a tirar alguns dias de folga, por livre e espontânea vontade? Não só isso como topa ir a um lugar fora do planeta em minha companhia, sem que eu precise lhe dar um remédio para dormir?

— Eu disse apenas que gostaria de ir com você. Se você vai fazer o maior escarcéu por causa disso, podemos simplesmente...

— Acalme-se. — Ele se inclinou e beijou a boca de Eve, que já armava um biquinho de irritação. — Vou adiar a viagem até podermos ir juntos.

— Legal. Ótimo. — Ela saltou do carro e fez alguns alongamentos curtos com os braços. — Olhe ali! Aqui está cheio de... como é que chama aquilo?

— Narcisos — disse ele, pegando a mão dela com carinho. — São narcisos, Eve. É primavera.

— Puxa, até que enfim está parecendo primavera!

Ela caminhou de mãos dadas com ele a caminho da porta de entrada e depois até o minúsculo quarto onde o paciente descansava.

O rosto de Webster não estava tão acinzentado quanto da outra vez, mas ele também não exibia nenhum tom rosado e saudável. Parecia tão branco quanto as ataduras que lhe envolviam o ombro.

Eve sentiu uma fisgada de alarme interromper o ar alegre que preparara, pois o viu deitado ali, silencioso e imóvel.

— Eles não disseram que ele tinha acordado?

No instante em que ela disse isso em sussurros típicos de quarto de hospital, os olhos de Webster se abriram. Olharam para o nada por um instante, com o jeito vulnerável das pessoas muito doentes. Então, ao focar as visitas, deixou transparecer um leve traço de alegria.

— Oi! — cumprimentou ele.

Eve teve de chegar mais perto. A voz dele estava espantosamente fraca.

— Puxa, Dallas, não precisava trazer seu cão de guarda. Estou fraco demais para lhe passar uma cantada decente.

— Você nunca me preocupou com relação a isso, Webster — foi a reação bem-humorada de Roarke.

— Eu sei. Uma pena. Obrigado por virem me ver.

— Não foi nada — disse Eve —, era caminho mesmo.

Ele começou a rir, mas perdeu o fôlego e ficou alguns segundos ali parado, tentando recuperá-lo.

— Seu grande idiota — disse Eve, com tanta emoção que o deixou boquiaberto.

— Ahn?

— Você acha que eu não sei cuidar de mim mesma? Pensa que eu preciso de um retardado da Divisão de Assuntos Ilegais para me empurrar de lado e colocar o peito na frente de uma facada destinada a mim?

— Não. — O ar de gozação dele voltou. — Não sei o que deu em mim.

— Se você tivesse continuado a trabalhar nas ruas em vez de engordar e ser feliz atrás de uma mesa ridícula, não estaria deitado aí. Pode esperar que quando estiver novamente em forma eu vou mandar você de volta para o hospital na base da porrada.

— Vai ser divertido. Vou torcer para acontecer logo. Você o pegou? Ninguém me conta nada neste lugar.

— Não, eu não consegui pegá-lo.

— Merda! -Ele tornou a fechar os olhos. — A culpa foi minha.

— Ah, cale a boca! — Ela foi até a pequena janela do quarto, colocou os punhos cerrados nos quadris e esperou se acalmar.

Assumindo o lugar que ela deixara vago ao lado da cama, Roarke disse:

— Obrigado.

— De nada.

E isso foi tudo o que os dois precisaram falar a respeito do assunto.

— Pegamos Ricker — continuou Eve, já com menos raiva. — Ele foi preso ontem à noite.

— O quê? Como conseguiu? — Webster tentou se sentar na cama, mas mal conseguiu erguer a cabeça. Xingou o mais alto que pôde.

— A história é longa. Eu lhe conto tudo uma hora dessas. Mas nós o pegamos sim, e de jeito! Rebocamos o advogado para o xadrez também, para aproveitar a viagem, junto com uns doze homens dele.

Ela tornou a se virar de frente para ele e voltou à beira da cama.

— Pelo andar da carruagem, acho que ele vai ficar internado de vez em um manicômio penal, mas nós vamos desmontar a organização dele, peça por peça.

— Posso ajudar nisso. Quem sabe rodar uns programinhas de pesquisa ou conferir dados. Coloque-me nessa equipe, Eve. Eu vou ficar louco aqui no hospital se não tiver nada para fazer.

— Ah, pobrezinho, assim você me corta o coração! — Então encolheu os ombros. — Vou pensar no assunto.

— Ah, qual é, Dallas, você sabe que vai acabar aceitando, porque realmente está com pena de mim. — Ele conseguiu dar um sorriso. — E vou avisando a vocês dois, desde já, para não pintar nenhum clima estranho: já estou quase esquecendo você, Dallas.

— Puxa, agora eu vou poder dormir mais sossegada, Webster.

— Eu sei que vou — disse Webster —, e só precisou eu ser fatiado ao meio. Nada como um bom coma para um cara cair na real e começar a ver as coisas em perspectiva. — Os olhos dele quase se fecharam, devagar, mas ele fez um esforço para mantê-los abertos, reclamando: — Puxa, esses médicos adoram dopar a gente.

— Isso mesmo, durma um pouco. Quando se espalhar por aí que você acordou, vai chover um monte de visitas aqui. Você precisa estar bem descansado para aturar o povo.

— É... Espere só mais um instantinho. — Ele estava quase apagando, mas lutou para conseguir ficar acordado mais um pouco. — Preciso lhe fazer uma pergunta, Dallas. Você passou aqui para me ver antes?

— Antes do quê?

— Qual é, Dallas, antes de agora. Você veio até aqui e conversou comigo?

— É... Acho que eu dei uma passadinha aqui sim, para ver como era um idiota em estado de coma. Por quê?

— Porque eu tive um sonho. Acho que foi um sonho. Você estava bem do meu lado. Eu parecia estar flutuando, e você estava bem do meu lado, me dando o maior esporro. Por acaso eu alguma vez já lhe disse o quanto você fica sexy quando está dando esporro em alguém?

— Caraca!

— Desculpe, foi só um restinho de atração, não esquenta. Por acaso você disse

que ia cuspir na minha cova?

— Disse. E vou mesmo, se você me aprontar outra dessas.

Ele deu uma gargalhada leve.

— Quem é o idiota agora? Eu nunca terei uma cova para você cuspir. Hoje em dia a pessoa tem que ser muito rica ou religiosa para isso. Cremação e reciclagem, esse é o grande lance. Retorne a embalagem vazia! De qualquer modo, foi legal ouvir a sua voz. Se não fosse você, eu ia morrer de tédio ali, flutuando. Agora preciso desligar. Estou cansado.

— Sim, vá nessa. — Ao ver que ele caíra em sono profundo e sabendo que Roarke iria compreender o gesto, Eve apertou a mão de Webster.

— Ele vai ficar bem — disse ela.

— Sim, eu sei. Ele vai ficar bem — ecoou Roarke.

— Acho que ele ficou contente por você ter vindo comigo. — Ela passou a mão no cabelo. — Retorne a embalagem vazia! Que figura! Mas ele tem razão. Túmulos estão fora de moda, quase sempre, a não ser nos casos de... Caramba! — Ela girou o corpo e olhou para Roarke. — Eu sou mesmo uma idiota. Gente rica ou religiosa. Já descobri para onde Clooney foi. Sei para onde ele terá de ir, no fim. Você dirige.

Ela já saía do quarto, caminhando apressada pelo corredor.

— O túmulo do filho dele! — adivinhou Roarke.

— Sim, é isso aí. — Ela pegou o computador de mão. — Onde, diabos, ele foi enterrado? Ele só pode estar enterrado. Gente que tem estátuas religiosas em plena sala de estar geralmente gosta de enterrar seus mortos e erguer cruzes em cima do túmulo.

— Deixe que eu acho mais depressa. — Roarke pegou seu próprio computador de mão quando eles entraram no elevador. — Peça reforços!

— Não, reforços não. Pelo menos, ainda não. Preciso achá-lo antes, para ter certeza. O nome do filho era Thadeus. Thadeus Clooney.

— Já achei! A família tem três lotes no cemitério Sunlight Memorial, em New Rochelle.

— Perto da casa dele. Faz sentido. — Ela largou o computador e acionou o comunicador quando saía do saguão do hospital, já no estacionamento. — Peabody! Atenda!

— Quem é? Dallas?

— Acorde e vista-se, você acaba de entrar em serviço. — Eve entrou no carro. — Quero que peça uma patrulhinha e um policial para ir com você a um lugar. Estou seguindo um palpite que poderá nos levar até Clooney. Se for confirmado, eu aviso, mas você tem que correr.

— Aonde? Para onde você vai?

— De volta aos mortos — disse Eve. — Agite tudo depressa — acrescentou ao ver que Roarke já saía do estacionamento. — Ele já deve saber que Ricker foi preso.

— Segure-se firme — aconselhou Roarke, pisando com força o acelerador.

Os mortos repousavam sob a luz do sol ou à sombra de arbustos em suaves colinas verdes pontilhadas de lápides brancas e cinza-claro. As fileiras e mais fileiras de túmulos retos ou curvos, cheios de cruzes e placas, fizeram Eve perguntar a si mesma como é que os vivos podiam encontrar consolo ali, frente a frente com a irrefutável prova de sua própria mortalidade.

Alguns, porém, deviam obter esse consolo, pois, mesmo em um tempo em que pouca gente escolhia ser enterrada e menos gente ainda conseguia pagar pelo lote, muitos desses túmulos estavam enfeitados com flores, o símbolo da vida que era levado para os mortos.

— Para que lado?

Roarke já tinha um diagrama do cemitério na tela em sua mão.

— Para a esquerda, logo depois daquela elevação.

Eles caminharam juntos ao longo dos túmulos.

— A primeira vez que eu vi você — lembrou Eve — foi em um cemitério como este. Isso é de dar arrepios.

— Arrepiante mesmo... Combina conosco. — Ele colocou a mão no ombro dela. — Lá está ele. Seus instintos são excelentes.

Eve parou alguns instantes para avaliar o homem sentado na grama bem cuidada, diante de um túmulo cercado de flores. O marco sobre o túmulo era realmente uma cruz, pura e branca.

— Quero que você se mantenha afastado.

— Não.

Sem dizer nada, ela se agachou e pegou a arma no coldre do tornozelo.

— Espero que você não use isso, a não ser que não haja outra escolha — disse ela, entregando-lhe a arma. — Confie na minha capacidade de fazer meu trabalho. Preciso tentar conversar com ele. Quero que você me dê a chance de tentar isso. Combinados?

— Tudo bem.

— Obrigada. Ligue para Peabody e peça-lhe que venha. Preciso dela aqui.

Sozinha, Eve desceu pela suave encosta, por entre os túmulos. Ele sabia que ela estava chegando. Era um tira experiente, sabia defender seu território e ganhar tempo, mas Eve percebeu pela quase imperceptível mudança de postura no seu

corpo que ele notou a aproximação dela.

É melhor assim, pensou Eve. Ela preferia não surpreendê-lo.

— Sargento!

— Tenente. — Ele não olhou na direção dela, nem desviou a atenção do nome delicadamente entalhado na cruz branca. — Quero que saiba que estou armado. Não quero feri-la.

— Obrigada por isso. E saiba que eu também estou armada, mas também não quero ferilo. Preciso conversar com você, sargento. Posso me sentar aqui?

Só então ele olhou para ela. Seus olhos estavam secos, mas dava para ver que ele tinha chorado. Ainda havia traços brilhantes em suas bochechas. E Eve notou que a arma dele, da mesma marca e modelo da sua, estava na mão que descansava sobre o colo.

— Sei que a senhora veio para me levar, tenente, mas eu não pretendo acompanhá-la.

— Posso me sentar?

— Claro. Sente-se. Aqui é um bom lugar para sentar e refletir. Foi por isso que escolhemos este ponto. Só que eu sempre achei que Thadeus era quem iria se sentar aqui, para conversar um pouco comigo e com sua mãe. Nunca imaginei que quem iria sentar era eu. Este menino era a luz da minha vida.

— Eu analisei a ficha de serviços dele. — Eve se sentou do outro lado do túmulo. — Ele era um bom tira.

— Sim, era mesmo. Nossa, como eu sentia orgulho dele! O jeito como ele construía a sua vida, a forma como ele se dedicava ao trabalho de corpo e alma, como se tivesse nascido para ser policial. Talvez tivesse mesmo. Eu senti orgulho dele desde o primeiro momento em que os médicos o colocaram em meus braços, um tiquinho de gente que gritava e esperneava alegremente. Toda aquela vida em um embrulho tão pequeno.

Com a mão livre, ele acariciou a relva que crescera sobre o corpo do seu filho.

— A senhora ainda não tem filhos, tem, tenente?

— Não.

— Pois eu lhe digo: o que quer que a senhora sinta por alguém e por mais amor que exista em seu coração, haverá muito mais quando a senhora tiver um filho. Não dá para compreender isso até passar pela experiência. E o sentimento não muda. Por mais que eles cresçam e se transformem em mulheres ou homens feitos, o amor cresce junto. Era eu que devia estar aí, e não o meu menino. Não o meu Thadeus.

— Nós pegamos Ricker. — Eve disse isso depressa, pois viu a mão dele apertar com mais força o cabo da arma.

— Eu sei. — A mão dele tornou a afrouxar. — Vi pelo noticiário, no pequeno quarto onde tenho ficado. Meu esconderijo. Todos nós precisamos de esconderijos, não acha?

— Ele vai ser condenado pela morte do seu filho, sargento.

Ela fez questão de chamá-lo pela patente militar e continuaria a fazê-lo para ele lembrar quem era.

— Quero que saiba disso, sargento. Conspiração para assassinato. O assassinato de um policial. E ele responderá pelo outros que morreram também, sob a mesma acusação. Com tudo o que temos, ele nunca mais sairá da prisão. Vai morrer lá.

— Isso já me serve de consolo. Eu nunca achei que a senhora fizesse realmente parte da conspiração. No fundo eu sabia que não. Acho que não estive muito bem da cabeça nos últimos tempos. Quanto a Taj...

— Sargento...

— Eu tirei a vida daquele rapaz, uma vida tão inocente quanto a do meu filho. Transformei sua doce esposa em viúva e arranquei um bom pai de junto dos seus filhos. Vou levar esse arrependimento, essa vergonha e esse horror para o meu túmulo.

— Não. — Ela disse isso baixinho, mas com determinação, ao ver que ele levantara a arma e a encostava na jugular. O ponto era letal e, com força máxima, a vida dele se apagaria instantaneamente. — Espere! Você acha que essa é uma boa forma de honrar seu filho, tirando mais uma vida em cima do seu túmulo? Era isso que Thadeus gostaria que acontecesse? Era isso que ele esperaria do seu pai?

Ele parecia exausto e o cansaço transparecia no seu rosto e em sua voz.

— O que há mais para esperar?

— Eu lhe peço que me escute por um instante. Se estiver determinado a tirar a própria vida, não há como impedi-lo, mas você me deve alguns minutos.

— Talvez. O rapaz que estava em sua companhia quando a senhora foi me pegar... Naquele instante eu percebi que a senhora tinha descoberto tudo. Entrei em pânico. Pânico! — repetiu, como se fosse uma maldição. — Eu nem mesmo sei o nome do rapaz.

— O nome dele é Webster. Tenente Don Webster. Ele está vivo, sargento, e vai se recuperar.

— Fico feliz por isso. É menos uma pedra para carregar comigo.

— Sargento... — Eve tentou achar as palavras certas. — Eu sou uma policial da Divisão de Homicídios. Você já trabalhou com homicídios? — Eve sabia que não. Ela sabia tudo sobre ele.

— Não, pelo menos não diretamente. Mas um tira lida com homicídios, não

importa em que departamento trabalhe. E se ele é tira há muito tempo, como eu, pode crer que já viu assassinatos demais.

— Pois é. Eu trabalho para os mortos. Já perdi a conta do número de pessoas que morreram e tiveram a morte investigada por mim. É melhor eu nem tentar descobrir. Eu sonho com eles. Vejo todos aqueles rostos perdidos e vidas roubadas. É duro.

Eve surpreendeu a si mesma por estar lhe contando tudo isso, e ficou surpresa também por descobrir que esse era o caminho certo para alcançá-lo.

— Às vezes é tão difícil ver todos esses rostos nos meus sonhos que eu acordo com uma dor que parece vir da alma. Mas não saberia fazer outra coisa na vida. Quis ser policial desde que me entendo por gente. Essa visão estava impressa dentro de mim mesma, e isso é tudo o que eu sei fazer.

— A senhora é uma boa policial? — As lágrimas dele começaram a escorrer novamente. Por solidariedade ou simples desespero, ela não saberia dizer. — Eve. Seu nome é Eve, não é? Você é uma boa policial, Eve?

— Sim. Sou uma policial excelente.

Agora ele chorava muito e ela sentiu os próprios olhos rasos d'água.

— Thadeus queria o mesmo que a senhora, tenente. Tinha essa imagem muito clara de si mesmo. Eu gostava disso. Sim, essa era a visão que ele tinha de si mesmo. E eles o deixaram sangrar até o fim. Eles o deixaram morrer. E por quê? Pelo quê? Dinheiro. Isso estraçalhou meu coração.

— Mas pagaram por isso, sargento. Não posso lhe dizer que o que você fez foi certo, nem qual será o julgamento que receberá no fim. Só sei que eles pagaram pelo que fizeram ao seu menino e pagaram pelo que fizeram contra o próprio distintivo. Ricker vai pagar caro também, eu juro sobre o túmulo desse tira bom que está diante de nós. Ricker vai pagar caro por brincar com todos e transformá-los em marionetes, inclusive você, sargento. Ele brincou com o seu amor pelo seu filho. Brincou com o seu luto e com o seu orgulho. Agora você vai permitir que ele continue a controlar os cordões? Vai desonrar a si mesmo e o seu filho deixando-o ganhar mais uma vez?

— Qual a outra alternativa? — As lágrimas desciam-lhe pelo rosto. — Eu perdi. Estou perdido.

— Mas ainda pode fazer o que Thadeus esperaria de você. Pode enfrentar tudo de frente.

— Tenho vergonha disso — sussurrou ele. — Achei que quando tudo acabasse eu estaria contente, estaria livre. Mas estou envergonhado.

— E pode reverter esse quadro da melhor forma possível. Pode acabar com um pouco dessa vergonha. Pode vir comigo, sargento. Pode ser um tira honrado e

vir comigo, agora mesmo.

— Prisão ou morte. — Ele olhou para ela novamente. — Essa é uma escolha difícil.

— Sim, muito difícil. Mais difícil ainda é ficar vivo, sargento, para equilibrar a justiça. Deixe que o sistema julgue você. É nisso que nós acreditamos. Precisamos crer em pessoas como nós. Era isso que buscávamos quando lutamos tanto para receber um distintivo. É isso o que estou lhe pedindo que faça agora, sargento. Estou pedindo que você não se transforme em mais um dos rostos que eu vejo em meus pesadelos.

Ele abaixou a cabeça, balançou-se para a frente e para trás por alguns segundos e suas lágrimas caíram sobre as flores que tinha colocado na grama. Estendeu o braço sobre o túmulo e agarrou a mão de Eve com força. Ela permaneceu imóvel, vendo-o soluçar.

Então ele se inclinou devagar para a frente e beijou a cruz branca, murmurando:

— Sinto saudades dele. Todos os dias. — Com um suspiro, ele entregou a arma a Eve. — É melhor eu lhe entregar isso.

— Obrigada. — Eve se levantou e esperou enquanto ele também se levantava, com dificuldade.

Ele enxugou o rosto com a manga da camisa e inspirou fundo.

— Eu gostaria de ligar para a minha mulher, tenente.

— Ela vai ficar contente por saber notícias suas. Não quero algemá-lo, sargento Clooney. Quero que você me dê a sua palavra de que acompanhará a minha auxiliar e vai entrar na Central de Polícia por livre e espontânea vontade.

— Pois eu lhe dou a minha palavra. Eve... é um belo nome. Fico feliz por você ter vindo me pegar. Sempre vou me lembrar disso com gratidão. É primavera — comentou ele, enquanto os dois caminhavam colina acima. — Espero que você consiga uma folga para apreciá-la. O inverno chega rápido demais e sempre permanece por muito tempo.

Ela parou no topo da colina, onde Peabody estava à espera, ao lado de Roarke.

— Esses rostos que lhe aparecem em sonhos, tenente, já lhe passou pela cabeça que talvez eles estejam voltando para lhe agradecer?

— Não. Acho que eu nunca pensei nisso. A policial Peabody vai acompanhá-lo até a viatura, sargento. Eu estarei logo atrás de vocês. Policial, o sargento Clooney está se entregando.

— Sim, senhora. Poderia me acompanhar, sargento?

Enquanto eles se afastavam, Eve guardou a arma de Clooney no bolso da jaqueta.

— Por um momento eu achei que fosse perdê-lo.

— Não, você conseguiu pegá-lo no instante em que se sentou diante dele.

— Talvez. — Ela expirou com força. — É muito mais fácil quando eu os derrubo e coloco o pé na garganta deles, para prendê-los. Ele me deixou muito comovida.

— Sim. E você o comoveu muito também. — Ele se ajoelhou diante dela e para diverti-la, levantou a ponta da calça e enfiou a arma no coldre do seu tornozelo, com todo o cuidado. — Essa é a nossa versão pessoal de Cinderela.

A gargalhada que Eve soltou ajudou muito a diminuir o aperto que sentia no peito.

— Pois bem, meu príncipe encantado. Eu bem que gostaria de uma carona até o baile, mas você vai ter que me levar é para o trabalho mesmo.

— Será um prazer.

Eles deram-se as mãos e contornaram uma árvore onde folhas em tons de verde-claro começavam a se desenvolver a partir de brotos tenros. E os mortos, pouco a pouco, foram ficando para trás.

Fim

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Pdf* feita por Eve Dallas pelo grupo **PDL**.

Junho de 2014
LeYtor